



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

KARLA CRISTINE RODRIGUES

**UM FILHO PARA A PÁTRIA:
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM TORNO DE GENERAL TIBÚRCIO E A
ESCRITA DA HISTÓRIA DO CEARÁ (1887-1937)**

FORTALEZA

2016

KARLA CRISTINE RODRIGUES

UM FILHO PARA A PÁTRIA:
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM TORNO DE GENERAL TIBÚRCIO E A ESCRITA
DA HISTÓRIA DO CEARÁ (1887-1937)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Fonteles.

Fortaleza

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R613f Rodrigues, Karla Cristine.
Um filho para a pátria: A construção da memória em torno de General Tibúrcio e a Escrita da História do Ceará. (1887-1937) / Karla Cristine Rodrigues. – 2016.
174 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2016.
Orientação: Profa. Dra. Ana Rita Fonteles.

1. Heróis. 2. Memória. 3. Escrita da História. I. Título.

CDD 900

KARLA CRISTINE RODRIGUES

UM FILHO PARA A PÁTRIA:
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM TORNO DE GENERAL TIBÚRCIO E A ESCRITA
DA HISTÓRIA DO CEARÁ (1887-1937)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade Federal do Ceará, como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Fonteles.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Rita Fonteles Duarte (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Denis Melo

Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA)

Prof. Dr. Francisco Regis Lopes Ramos

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, que tornaram possível meu caminho desde a escola até o mestrado e por sempre torcerem por mim. Amo vocês.

Agradeço à minha irmã, minha amiga mais velha. E também, ao meu cunhadinho, Rodrigues, sempre nos motivando.

Agradeço ao Gleriston Emanuel, um lindo na minha vida!

Agradecimento, para minha vó Minerva, que sempre ficava quietinha quando notava que eu estava escrevendo. Linda!

Agradeço aos amigos da graduação, que fizeram esses 4 anos serem bem mais felizes. Leti, Ju, Mara e Ana, aprendi muito com vocês sobre História e outras coisas. E também às minhas amigas de sempre: Ingrid, Luana, Denise, Nara e Flávia.

Agradeço muitíssimo aos amigos que fizeram parte da turma de mestrado: Thiago, Daniel, Bianca, Rafael, Vagner. Todos sempre com ótimos comentários, que só ajudaram no processo de construção desse trabalho, e também, pelos momentos de “apenas jogar conversa fora” no Café Vitrola.

Agradeço aos professores que tive durante esses anos todos, seja na graduação ou no mestrado. Ana Rita e Meize, por terem ensinado tão bem como funcionava um projeto de pesquisa na prática. Aproveito para agradecer a todos que participaram do Projeto do Grupo de Estudo e Pesquisa em História e Gênero (GEPHG), no qual realmente iniciamos a pensar como historiadores: Raquel Caminha, Valesca, Daniel Preto e outros já citados antes. Nosso livro ficará sempre guardado em lugar especial.

Dois grupos foram também essenciais na trajetória até aqui. Um destes foi o Grupo de Estudo e Pesquisa em Patrimônio e Memória (GEPPM), com Gil e Ana Carla, aprendi muito com vocês e com todos que foram passando pelo grupo. Esse trabalho é um fruto desse grupo também.

Também tive o privilégio de ser bolsista do PIBID, com coordenação da Kênia e Raquel Alves. Aprendi muito sobre história, ensino e os desafios da profissão. Participar dessa bolsa contribuiu enormemente para a minha formação. É um programa cheio de possibilidades. Agradeço tanto às professoras quanto aos colegas de bolsa.

Agradecimento especial à orientadora Ana Rita, que, como sempre, muito clara e objetiva, diluiu minhas dúvidas e ajudou a construir o caminho da pesquisa. Agradeço também

à banca de qualificação: Prof. Gil e Prof. Régis, que leram com atenção meu trabalho, e ajudaram bastante a ampliar e melhorar o que estava ainda em processo.

É um momento muito feliz, concluir essa etapa, sabendo que foi tão prazerosa fazê-la. Mas, como nem tudo são flores... um “desagradecimento”, ao Governo do Estado que, durante longo período, manteve a Biblioteca Pública do Estado fechada, impossibilitando-nos de realizar pesquisas, seja em livros, seja no setor de periódicos, e, sobretudo, no Setor de Obras Raras. O que nos entristece, pois certamente, muitos trabalhos ficaram prejudicados com esse fechamento tão longo.

E um agradecimento ao Instituto Histórico do Ceará, que disponibiliza suas revistas em CDs, facilitando o acesso para o pesquisador, e também ao site da Biblioteca Nacional, (Hemeroteca Digital) que salvou muitas pesquisas com seu acervo de fácil acesso, que além, de facilitar o acesso, protege do desgaste causados pelo manuseio os documentos originais. Por mais iniciativas e plataformas assim!

E por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado.

RESUMO

Com o título “Um filho para a pátria: A construção da memória em torno de General Tibúrcio (1887-1937)”, a presente pesquisa tem como objetivo compreender os “trabalhos da memória” envolvidos na eleição e promoção desse chamado herói do Ceará - que se desenvolveu em tempo e espaços específicos. Entendo que a maneira como se elegem esses heróis deixa ver uma perspectiva própria de pensar e escrever a História, portanto, de olhar para o passado. General Tibúrcio certamente não fora o primeiro nem o último chamado de herói pelo Ceará, porém, nas ações de determinados grupos - Instituto Histórico do Ceará, imprensa, Museu do Ceará, publicações militares- notamos a intenção de torná-lo um herói cearense que representasse o Ceará (a parte) perante (o todo) a pátria Brasil. O recorte está proposto entre 1887 e 1937, fins do Império e início da República no Brasil, momento em que a República dava seus primeiros passos e buscava se consolidar e legitimar. O Ceará pretendia ter um herói que figurasse na História do Brasil. Podemos dizer que a sua figura foi promovida, logo após sua morte, quando, em 1887, a praça no centro da cidade recebe seu nome. Em 1888, ocorre a inauguração do monumento no centro da praça, sendo todo esse processo divulgado na imprensa, sobretudo, pelo jornal “Libertador” na “Coluna Monumento Tibúrcio”, escrita pelo jornal durante 1887 e 1888. Quando se aproximava o centenário de seu nascimento, que seria em 1937, teve lugar nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, e no Museu Histórico do Ceará, em 1934 e 1935, com a aquisição de “objetos biográficos” e uma tela encomendada pelo diretor Eusébio de Sousa. E finalmente, com as comemorações do centenário de nascimento, com a realização de festa na praça General Tibúrcio e organização de uma biografia, cujo título era: General Tibúrcio: Grande Soldado e Pensador. Essa biografia foi organizada por Eusébio de Sousa (Diretor do Museu e do Arquivo Público do estado.) As fontes utilizadas na pesquisa são, em resumo: Praças; Monumentos; Jornais, Biografias; Revista do Instituto Histórico do Ceará e o acervo do Museu Histórico do Ceará.

Palavras-Chave: Herói, Memória, Escrita da História.

ABSTRACT

Entitled "A son to the country: the construction of memory around General Tiburcio (1887-1937)", this research aims to understand the "memory work" involved in the election and promotion of this called hero of Ceará - which has developed in specific time and space. We understand that the way they elect these heroes lets see their own perspective of thinking and writing history, therefore, to look at the past. General Tibúrcio certainly was not the first or the last called hero for Ceará, however, the actions of certain groups - Ceará Historical Institute, press, Ceará Museum, militares publications - we were noted the intention to make it a hero from Ceará who represented Ceará (part) in front (all) the country Brazil. The proposed cut is between 1887-1937, the empire ends and beginning of the Republic in Brazil, at which time the Republic was taking its first steps and sought to consolidate and legitimize. Ceará intended to have a hero who figured in the history of Brazil. We can say that his figure was promoted shortly after his death, when, in 1887, the square in the center of the city gets its name. In 1888, the monument is inaugurated in the center of the square, and this whole process reported in the press, especially the newspaper "Liberator" in "Column Monument Tiburcio," written by the newspaper during 1887 and 1888. When the centenary of his birth was approaching, 1937, it took place in the magazines of Ceará Historical and Geographical Institute, and the Historic Museum of Ceará, in 1934 and 1935, with the acquisition of "Biographical objects" and ordered paint by the director, Eusébio de Sousa. And finally, with the birth centenary commemoration with the celebration of achievement in Praca General Tiburcio and organization of a biography whose title was: General Tiburcio: Great Soldier and Thinker. This biography was organized by Eusébio de Sousa (Director of the Museum and the State Public Archives.) The sources used in the research are, in summary: Squares; Monuments; Newspapers, Biographies; Journal of Ceará Historical Institute and the collection of Ceará Museum.

Keywords: Hero, Memory, Writing of History.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1. GENERAL TIBÚRCIO: UM HERÓI EM PRAÇA PÚBLICA | 20 |
| 1.1. “COLUNA MONUMENTO TIBÚRCIO” (1887-1888) | 20 |
| 1.1.1. TORNAR BRONZE IMORTALIZAR O HERÓI | 20 |
| 1.1.2. O JORNAL LIBERTADOR E A COLUNA MONUMENTO TIBÚRCIO | 33 |
| 1.2. EDIÇÃO ESPECIAL E ILUSTRADA DO JORNAL LIBERTADOR 8 DE ABRIL DE 1888 E A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO | 41 |
| 1.2.1. O HERÓI, A PRAÇA PÚBLICA E A MATERIALIDADE DA MEMÓRIA | 41 |
| 1.2.2. A ESTÁTUA INAUGURADA NO JORNAL (O JORNAL E A FABRICAÇÃO DO FATO) | 47 |
| 1.3. A (RE) INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA GENERAL TIBÚRCIO. 24 DE MAIO DE 1893. | 69 |
| 1.3.1. ADESÕES VIERAM DE TODOS OS LADOS: CEARÁ EM TEMPOS DE REPÚBLICA | 69 |
| 1.3.2. A (RE) INAUGURAÇÃO DE UMA ESTÁTUA | 71 |
| CAPÍTULO 2. ESCRITAS DA HISTÓRIA: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO CEARÁ, MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ E A CONSTRUÇÃO DO “HERÓI CEARENSE” | 76 |
| 2.1. GENERAL TIBÚRCIO E SEU LUGAR NAS PÁGINAS DA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DO CEARÁ | 76 |
| 2.1.1. A REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ E AS “EPHEMÉRIDES DO CEARÁ REPUBLICANO” | 76 |
| 2.1.2. RESGATAR O PASSADO: TRANSCREVER A HISTÓRIA | 83 |
| 2.1.3. UMA DATA, UM FATO E UM PERSONAGEM PARA A HISTÓRIA DO CEARÁ | 95 |
| 2.1.4. “PELA HISTÓRIA DO CEARÁ”: EUSÉBIO DE SOUSA E A “REABILITAÇÃO DO HERÓI” | 99 |
| 2.2. UM LUGAR NO RECÉM-CRIADO MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ PARA UM HERÓI ANTIGO | 103 |
| 2.2.1. MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ (MHCE) | 103 |
| 2.2.2. “UM FLRAGRANTE PRECISOSO”: O RETRATO DA PRAÇA GENERAL TIBÚRCIO NO MUSEU | 109 |
| 2.2.3. A MOBÍLIA GENERAL TIBÚRCIO: O HERÓI NO MUSEU | 111 |
| 2.2.4. O HERÓI PINTADO: INAUGURAÇÃO DA TELA GENERAL TIBÚRCIO | 115 |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 3. UMA VIDA ENCADERNADA: GENERAL TIBÚRCIO ENTRE O SOLDADO E O PENSADOR..... | 121 |
| 3.1. CENTENÁRIO DE NASCIMENTO..... | 121 |
| 3.2. UMA VIDA ENCADERNADA: “TIBÚRCIO: O GRANDE SOLDADO E PENSADOR”..... | 123 |
| 2.1.1. O GRANDE SOLDADO..... | 131 |
| 2.1.2. O PENSADOR..... | 137 |
| 2.1.3. ESCRITA DE SI: CORRESPONDÊNCIA DOS GRANDES HOMENS..... | 142 |
| 2.1.4. A MORTE DO BRAVO E A BIOGRAFIA DA ESTÁTUA..... | 153 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 159 |
| FONTES..... | 164 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 167 |

INTRODUÇÃO

A notícia recente do jornal O Povo¹ traz um título interessante: “População desconhece homenagem ao General Tibúrcio”. Segundo o jornal, mesmo quem frequenta ou passa pela praça diariamente não sabe quem é o sujeito representado naquela estátua, tendo as esculturas dos leões nas extremidades da praça, hoje, mais fama do que o próprio homenageado. No trecho de uma entrevista, percebemos esta realidade:

“A aposentada Maria Soares da Silva, 69, até então só conhecia o espaço pela alcunha que lembra as estátuas ornamentais de leões. Por causa do uso indevido da praça como banheiro a céu aberto, a aposentada acredita que não frequenta mais o lugar pelo forte mau cheiro, que aumenta próximo a estátua do homenageado.”²

A praça é conhecida como “Praça dos Leões”, ainda que o nome oficial permaneça o mesmo, desde 1887³, quando a praça ganhou o nome do general. O logradouro foi tombado como patrimônio do Estado em 1991⁴, porém, hoje, a identificação da população que reside na cidade de Fortaleza com a praça se dá por outras vias, que não passam pelo herói homenageado em 1888 com a ereção da estátua⁵. São as esculturas de leões, são as feiras de livros novos e usados que acontecem naquele espaço, é a figura da escritora Raquel de Queiroz, que também tem uma estátua na mesma praça.

Esse não é um caso especial do Ceará. Andamos pelas ruas da cidade e, muitas vezes, nos deparamos com estátuas as quais não conhecemos, não (nos) identificamos. Porém, para que ela chegasse a existir, algum grupo julgou importante e empreendeu aquela construção. Em algum momento, aqueles sujeitos foram exaltados ao ponto de serem expostos em praças públicas. O que eles têm a nos dizer sobre o passado, ou melhor, sobre o presente que os criou?

O Passado não está pronto. É a partir dessa ideia que pensamos as maneiras como os sujeitos em seus presentes se voltam para o passado na intenção de construí-lo. As frases

¹ <<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/05/01/noticiasjornalcotidiano,3431117/populacao-desconhece-homenagem-a-generaltiburcio.shtml>>>

² Jornal O Povo, 1 de maio de 2015.

³ É necessário destacar que “Através da Resolução de 29 de outubro de 1890, do Conselho de Intendência Municipal, passou a chamar-se Praça 16 de Novembro. Após seis meses, em 28 de abril de 1891, voltou a praça à antiga denominação, Praça General Tibúrcio, nome conservado até os dias atuais.” In:<<http://www2.secult.ce.gov.br/patrimonio_material/Fortaleza/Praça_GT.asp>>

⁴ Protegido pelo Tombo Estadual segundo a lei n° 9.109 de 30 de julho de 1968, através do decreto n° 21.346 de 25 de abril de 1991.

⁵ Outro trecho da notícia evidencia a fala de outro entrevistado: O vendedor ambulante Leandro da Silva, 32, ficou surpreso ao descobrir que os restos mortais do general Tibúrcio estavam embaixo da estátua. “Passo pela praça todos os dias e jamais pensei que tinha alguém enterrado aqui”.

escritas por David Lowenthal: “Passado é filtrado” e “Passado existe no presente” bem como, a frase de Deleuze “O presente é o único tempo que existe”, reforçam essa ideia. Como essa ação ocorre em um determinado presente, podemos dizer que as maneiras como se percebe o passado são também situadas historicamente.

Pensar o tempo a partir das categorias de análise desenvolvidas por Reinhart Koselleck – espaço de experiência e horizonte de expectativa - é pensar o tempo de forma relacional, entre a experiência que é o passado atual e a expectativa que é o futuro presente. Pensar a narrativa envolvida nessa relação faz com que ela seja pensada em sua historicidade.

Os “trabalhos da memória”⁶ podem ser pensados a partir dessas categorias, uma vez que é no presente que as memórias são conjugadas, mas é também sobre o passado e pelo futuro que elas são construídas. É a partir das premissas de uma “História Social da Memória” que buscamos construir as análises e compreender as fontes.

Esse é um campo dos estudos históricos que tem como foco pensar as maneiras como as memórias são gestadas e como são feitos, portanto, os “usos do passado”. A própria lembrança é um fato, e o ato de lembrar é, sobretudo, um ato de poder.

“A memória tende a proceder tronizando determinados acontecimentos ou personagens e os destaca de um contexto mais amplo, fomentando uma impressão fragmentária e descontínua do tempo vivido. Por seu turno, a história conduz a procedimentos de articulação temporal que situam o objeto celebrado numa trama mais complexa, a qual permite interpelar a própria dinâmica de fabricação de lembranças e examiná-las em cotejo com indícios verificáveis.” (RAMOS; SILVA FILHO, 2011, p.8)

Assim, o interesse de quem se preocupa em pensar sobre as memórias é compreender como elas são forjadas e promovidas, a partir de quais sujeitos, de quais suportes e em diálogo com que presente.

Essa dissertação está vinculada à linha de pesquisa “Memória e temporalidade”, uma vez que pretendemos perceber como se deu a construção da memória em torno desse personagem específico, como determinada sociedade – ou grupo - olhou para o passado e que sentidos lhe foram sendo atribuídos. Entendendo que os “trabalhos da memória” se inserem em um contexto de disputas.

⁶ O termo “trabalho da memória” é utilizado a partir da socióloga Elizabeth Jelin e também do historiador Michel Pollak. Ambos falam em termos de um trabalho da memória, portanto, pensando a memória como um trabalho, um empreendimento e seus sujeitos empreendedores da memória (JELIN, 2002) e a memória como um trabalho de enquadramento, como seleção entre o lembrar e o esquecer. (POLLAK, 1989)

A temática da pesquisa também estabelece diálogos com outros campos da História, podemos falar da chamada “Nova História Política”. Esse campo tem como objetivos principais pensar a política sob variados aspectos, ligados à criação de imaginários e mitos políticos, construções de personagens e heróis e, também, a instituição de certos rituais cívicos, compostos de suas imagens e símbolos. Aspectos que constituem uma certa cultura política e que diz muito das sociedades que as cria.

O ritual cívico nos aponta para outro campo da historiográfica privilegiado dentro dessa pesquisa: a História Urbana. Esses rituais, por muitas vezes, acontecem em espaços públicos, pois são pensados e criados, sobretudo, para serem vistos. Pensar como essas construções políticas de um herói são gestadas passa necessariamente por pensar os espaços onde elas habitam. Como citaremos mais à frente, estar em praça pública conferia ao herói outros valores.

Toda cidade é histórica. Segundo MENESES (2009, p.34): “Tudo é coisa até ter o significado atribuído por nós. Tudo tem sentido e significado, tudo tem História. Toda cidade é histórica, as cidades memorizam tempos distintos e diversos em sua paisagem.” É nesse sentido que pensamos a praça pública, fazendo parte de um todo denominado cidade, que confere à praça um significado específico.

Pensamos também as maneiras como a História se propõe (ou se propôs) pública, a partir da Escrita da História, das instituições de memória e de quaisquer outros suportes que tiveram essa intenção de publicizar a História. Como nossa pesquisa gira em torno da construção de um herói, nossa discussão passa necessariamente por compreender a produção dessas instituições, que segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães (1988), buscavam conferir “visualidade ao passado”.

O historiador define o que seria a “visualização do passado” de duas formas: a primeira, como uma narrativa sobre os eventos pretéritos que supõe um esforço de imaginação do que é narrado, construindo uma imagem, e, a segunda, os próprios projetos de patrimonialização que acontecem por meio de instituições. Para nossa pesquisa, essas duas definições são pertinentes, pois a construção do herói se apoia em diversos suportes, em que a maioria deles se enquadra em formas de visualização dos tempos passados. Até porque, foi no passado (e sobre o passado) que o herói atuou e ganhou sua notoriedade.

A ideia desse projeto de pesquisa foi sendo desenvolvida a partir, principalmente, de duas disciplinas da graduação do Curso de História da Universidade Federal do Ceará:

“Lugares de memória e o Ensino de História” e “História do Brasil 3”. A priori, a ideia era pensar as nomeações e (re)nomeações das praças da cidade de Fortaleza e, por achar a “Praça dos Leões” (nome oficial Praça General Tibúrcio) um caso curioso, pela maneira como é chamada popularmente, ela foi a primeira a ser estudada.

Ao buscar primeiramente nos jornais notícias sobre a nomeação daquela praça, encontrei a “Coluna Monumento Tiburcio”, fato que me despertou interesse, pois se tratava de uma atenção especial dada àquele local da cidade. Ao continuar a pesquisa, a figura que dava nome à praça – General Tibúrcio - começou a aparecer repetidamente em alguns documentos do período, o que acabou demonstrando um interesse a respeito daquele sujeito ou ações que buscaram conferir a ele tamanha importância.

Nesse momento, a pesquisa começou a enveredar por outros caminhos e a questão (a problemática histórica) passou a ser compreender a própria existência da praça e da estátua, bem como outras construções de memórias, que tinham como objetivo enaltecer a memória daquele general.

Podemos afirmar que a pesquisa que gerou a escrita dessa dissertação tem como objeto a construção da memória em torno de um personagem cearense, chamado por muitos, de “herói”. Aliás, nomes e adjetivos não lhe faltaram e foi também a partir deles que buscamos compreender como se deu essa construção do herói: através de quais suportes e mecanismos se buscou eleger um herói para aquele lugar. Arriscamos pensar também os porquês dessa escolha, mas, sobretudo, nos interessa perceber, os “comos”.

Buscamos perceber como a construção de um personagem passa por diversos suportes e mecanismos de memória, como por exemplo, as comemorações, as inaugurações, as nomeações, as datações. Todas ações que acabam definindo memórias e criando imagens sobre o passado.

Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, ou simplesmente o General Tibúrcio, foi atribuído como herói do Ceará logo após sua morte em 1885. Esse militar cearense havia participado da Guerra do Paraguai, ocorrida de 1865 até 1870, onde o Brasil, a Argentina e o Uruguai formavam a “Tríplice Aliança” contra o Paraguai. A Tríplice voltou vencedora e seus protagonistas vitoriosos foram recebidos com honras em seus respectivos países.

No Brasil, vivia-se ainda o Império, que chegaria ao seu fim em 15 de novembro de 1889. O fato é que o General Tibúrcio foi narrado como herói da Guerra do Paraguai e

também como “profundamente republicano”⁷. Desde de sua morte em 1885, e, após a Proclamação da República, a ele foram atribuídas ideias republicanas.

Raul Girardet propõe pensar em “narrativas que constroem uma imagem”. Quando pensamos em heróis, além de seus feitos, imaginamos também uma imagem. Narrativas que buscam, através da descrição de fatos e pessoas, gerar uma determinada imagem que resume o que é o herói. “Trata-se essencialmente de sua imagem, da representação que dela foi feita.” (1989, p. 66) Ainda para Girardet (1989, p. 82), “todo processo de ‘heroificação’ implica, em outras palavras, em uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história”.

Nesse momento em que as ideias republicanas ganhavam força e em 1889, com a concretização da República, a figura desse general foi sendo construída como a de um legítimo herói republicano. Como se o Ceará precisasse evidenciar seu lugar na História do Brasil, reafirmando⁸ sua modernidade e seu espírito avançado, exaltando um herói cearense. Não qualquer um, mas o herói de um lugar que prontamente “aderiu à marcha do progresso”, como foi o caso do Ceará.

Segundo Margareth Rago, no texto “O Historiador e o tempo”, o acontecimento histórico é singular. Devemos, portanto, nos perguntar: em que contexto esse herói é estabelecido enquanto tal? O contexto passa a ser objeto de reflexão também, é outro texto. (RAGO, 2005, p. 28)

Portanto, quando se pensa em um herói, espera-se um complemento: herói de onde e do quê. Pensar a eleição e promoção de determinado herói está intrinsecamente ligado a pensar o lugar e os sujeitos que o elege e promove. Nesse caso, é o lugar Ceará que buscamos compreender, ao estudar a fabricação de seus heróis e fatos memoráveis.

Fernando Catroga, em estudo recente, “Geografia dos afectos pátrios” (2013)⁹, traz em sua discussão a relação entre Estado, cidadão e Nação, sobretudo, quando expõe uma ideia afetiva de nação expressa no termo “patriotismo”. O título dessa dissertação é tributário a esse pensamento. Quando nos referimos a “Um filho para a Pátria” é sobre esse aspecto que estamos lidando ao pensar a eleição desse herói para o Ceará. Podemos chamar inclusive, de

⁷ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888. Dia da Inauguração do Monumento General Tibúrcio.

⁸ Colocamos em termos de “reafirmação” de uma modernidade e avanço do Ceará frente ao Brasil, pois, nesse período, o povo cearense já se colocava como lugar avançado perante suas irmãs, por afirmar ser a primeira, na época, província do país a abolir a escravidão em 1884, portanto, quatro anos antes da Abolição da Escravatura no Brasil, em 1888.

⁹ Sobre esse tema, Fernando Catroga, ministrou palestra na Universidade Federal do Ceará, Auditório da Pós-Graduação em História, na área II do Centro de Humanidades, no ano de 2013.

patriotismo em miniatura, ou como Armelle Enders denomina: “Pequenas Pátrias”. O Ceará era uma pequena pátria e, para tanto, buscava contar com/os seus heróis.

O termo pátria, vai estar presente em toda a dissertação, uma vez que, está presente na maioria das fontes utilizadas na pesquisa. Pelo recorte temporal ser um tanto longo, e abordarmos tempos distintos, devemos ressaltar que são sujeitos diferentes utilizando o termo pátria. Não obstante, apesar desse fato, encontramos uma unidade do que diz respeito ao que significa pátria, no fim do império, início e durante a república. Pátria, está atrelado ao sentido de pertencimento, o amor pela pátria, seria o amor pelo lugar, independente do período e forma de governo vigente.

General Tibúrcio não foi nem o primeiro nem o último a ocupar esse lugar, porém, encontramos nele um exemplo interessante para pensar como a escrita da História do Ceará foi pensada e como se olhava para o passado a partir das demandas do presente e também de futuro. Ainda mais, no caso de um herói que representava a República recém instaurada – ou pelo menos, era assim que algumas narrativas o qualificavam – em que a dimensão do futuro e de um tempo do progresso aparecem de forma latente. A República era “o novo”, o “avançado”, mas que buscava no passado um herói.

O caso dele não é isolado. Outros projetos de heróis que foram pensados pelo Brasil no período republicano também buscaram heróis consagrados no Império para representar um ideal de república anterior à proclamação. E não somente, do Império, mas heróis que também participaram da “Guerra do Paraguai”.

Para citar um exemplo, temos o General Osório, cuja construção da memória seguiu passos semelhantes ao processo que elegia e promovia o General Tibúrcio como herói cearense. Como indica Adriana Barreto de Souza:

“A ideia de construção de um monumento ao general Osório não era nova, tendo sido proposta pela primeira vez ainda no ano de sua morte, 1879. Os mesmos jornais que anunciaram seu falecimento e cobriram o funeral, dias depois, anunciavam a abertura de uma subscrição popular para a construção do monumento. Erigir estátuas, durante o Antigo Regime, era uma prática reservada ao culto de membros da realeza e santos (HARGROVE, 1986) Desse modo, o projeto só é recuperado em 1887, no contexto de desgaste da monarquia e avanço do liberalismo republicano.” (SOUZA, 2011, p. 75)

A partir dessa comparação, podemos perceber que o Ceará participava de um movimento mais amplo, que consistia em eleger heróis necessários para aquele novo momento, como aponta Adriana Barreto, em um contexto de desgaste da monarquia e avanço das ideias

republicanas. Percebemos novamente termos como “avanço”, pois era assim que era pensada e caracterizada a República.

E para a resposta à pergunta: herói do quê? Ao longo da sua eleição como herói, fica evidente que ele era um herói da “Guerra do Paraguai”. A nossa hipótese é de que a escolha pelo general diz respeito, entre outras coisas, a sua participação nessa guerra, cuja importância é evidenciada em todo Brasil. Então o herói do Ceará passa a ser também herói do Brasil, fato que validava a presença do Ceará na escrita da História do Brasil. Como veremos, ficou a cargo do Ceará adjetivar esse herói como nacional.

Bem como o fato de que muitos eram os discursos que atribuíam aos militares, sobretudo os remanescentes dessa guerra, os esforços pela Proclamação da República. Ainda segundo Adriana Barreto, “ao proclamar a República, sem dúvida inaugurou uma nova fase da história política do Brasil. No entanto, para além do novo regime, ele trouxe uma outra novidade - o protagonismo dos militares na arena política”. (SOUZA, 2011, p. 94) General Tibúrcio era, para o Ceará, uma ótima aposta de herói: havia participado da “grande guerra” como um militar, e havia retornado vencedor e general.

As virtudes do herói republicano ficaram muito por conta da participação nessa guerra e, sobretudo, pela profissão militar, muitas vezes chamada como a “fé de ofício”. As narrativas sobre Tibúrcio ressaltavam essa fé e sua ascensão na vida por meio unicamente do seu esforço, quando as biografias começam a contar a vida pobre de sua infância. E essa pode ser destacada como uma virtude republicana, em que as vantagens de ser da nobreza não eram as únicas maneiras de se “fazer na vida”. Tibúrcio era chamado de “soldado-cidadão”.¹⁰

A trajetória da pesquisa, no que diz respeito ao acesso aos arquivos também merece lugar na introdução. Uma pesquisa histórica não pode estar desconectada de pensar o próprio ofício do historiador, as condições nas quais esse profissional encontra os documentos.

Nessa dissertação, a diversidade de tipologias de fontes é uma característica do próprio objeto. Portanto, foram muitos lugares, onde as fontes se encontravam. Como fica visível na listagem das fontes, ao final da dissertação, as fontes foram encontradas: na Biblioteca Pública Menezes Pimentel (enquanto estava aberta para o acesso); no Instituto Histórico, através dos CDs com as edições das revistas digitalizadas; no Site da Biblioteca

¹⁰ SOUSA, Eusébio de. “Tibúrcio, O Grande Soldado e Pensador”. Fortaleza, Edições UFC, 1985. Edição Especial. (Livro.) 1ª edição 1937.

Nacional (Hemeroteca Digital); no Museu Histórico, bem como, no Boletim do Museu, e na própria cidade, como é o caso da praça e estátua.

Ao longo da dissertação, falaremos bastante, em suportes da memória. Nesse sentido, pela própria diversidade das fontes, encontraremos essa diversidade de suportes. Ressaltamos que essa é uma característica das construções de memórias, seja de um personagem, seja de um acontecimento. A memória se materializa em muitos suportes e é a partir destes que pensamos sua existência.

A dissertação está dividida em três capítulos, cujas temáticas foram escolhidas pela natureza das fontes e, sobretudo, pelo período em que foram produzidas. Entendemos o próprio documento como um fato. (GINZBURG, 2002) A repetição da temática “General Tibúrcio”, durante esses anos na escrita da História do Ceará, não denota sua importância, mas sim, a importância que se buscou conferir a esse sujeito, que a cada ereção de estátua, inauguração, reinauguração e comemoração, foi sendo transformado em herói.

No Capítulo 1 “General Tibúrcio: um herói em Praça Pública”, nosso interesse foi discutir como a figura do herói começa a ser construída, logo após a sua morte em 1885. Pensando os significados existentes na ereção de uma estátua em Praça Pública, sobretudo, por se tratar da primeira estátua fixada em espaço público na cidade, dando atenção aos sujeitos – e seus lugares de ação - que se empenharam nesse “trabalho de memória” de perpetuar a imagem do general. Nessa primeira parte do texto, a ideia foi também perceber os motivos da escolha do General Tibúrcio como herói do Ceará naquele período.

Algumas fontes estudadas nesse capítulo foram alguns jornais cearenses que circulavam no período da inauguração da estátua, como por exemplo, “Constituição” e “Gazeta de Notícias” e, para o caso do jornal Libertador, as edições anteriores e posteriores à data da inauguração também foram materiais de análise, pois esse jornal se deteve durante certo período (1887-1888) sobre a figura do General Tibúrcio, publicando a “Coluna Monumento Tibúrcio”.

Além da imprensa que noticiou a inauguração e fez do General Tibúrcio notícia, outras fontes essenciais para pensar as questões propostas para o capítulo foram a própria praça e o monumento (estátua).

Ainda nesse primeiro capítulo, foi discutida também a relação estabelecida com a estátua naquele período inicial do Regime Republicano, quando anos depois de sua ereção, em 1893, ela passa por uma reinauguração. Nosso intuito foi perceber quais discursos foram trazidos, repetidos ou até mesmo atualizados nesse momento de (re)inauguração. A fonte que

possibilitou pensar a reinauguração da estátua foi o discurso pronunciado no ato da inauguração, que teve como orador Júlio César da Fonseca Filho, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará e conhecido como republicano de longa data.

No capítulo 2, “Escritas da História: Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Museu Histórico do Ceará e a construção do herói cearense”, o intuito foi pensar como o general, já exaltado pelo Ceará em uma das principais praças da capital, passa a se estabelecer como herói nesses dois espaços de Escrita da História: o Instituto Histórico do Ceará e o Museu Histórico do Ceará.

Esse herói acabou sendo exaltado de forma oficial pelo Ceará, sendo incorporado nesses dois espaços. Cada um com suas especificidades, próprias de cada instituição, consagraram ao General Tibúrcio um espaço em sua produção. Nesse capítulo, dedicamos-nos a pensar qual foi esse espaço e como se deu a construção de uma “memória histórica” sobre o general-herói.

As fontes principais analisadas aqui são as próprias Revistas do Instituto Histórico do Ceará. Não só as que tratavam da temática General Tibúrcio especificamente, mas também buscamos perceber qual era a escrita do IHGCE naquele período, observando seu posicionamento com relação à República recém-instaurada no Brasil.

No caso do Museu, o “Boletim do Museu Histórico do Estado do Ceará”, organizado pelo seu diretor Eusébio de Sousa, foi importante para percebermos como aquela instituição buscava se contar através desse boletim, que funcionava como uma espécie de diário (ou prestação de contas) do museu. Para pensar o Museu e seu acervo, que contava com divulgação na imprensa, também utilizamos alguns jornais, como por exemplo “A Rua” e o “Gazeta de Notícias”, que, muitas vezes, traziam noticiados fatos ligados ao Museu e ao seu acervo em construção.

Porém, além dessas fontes, contamos também com os objetos pertencentes ao acervo do Museu e que faziam lembrar (ou foram inseridos naquele lugar com o intuito de tornar presente) o General Tibúrcio. São três objetos listados aqui na ordem de inclusão no Museu: uma fotografia da Praça General Tibúrcio; um conjunto de cadeiras que haviam pertencido ao general, chamada de “Mobília General Tibúrcio” e, por fim, uma tela que o representava, pintada por J. Carvalho e encomendada pelo então diretor do Museu, Eusébio de Sousa.

No capítulo 3, intitulado “Uma vida encadernada: General Tibúrcio entre o soldado e o pensador”, o foco foi pensar as razões de existir da biografia, e o lugar do sujeito que escreve, mas, sobretudo, compreender que sentidos se buscou atribuir à vida do cearense Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa. A biografia foi discutida a cada capítulo, em que buscamos compreender que trajetória de vida buscou-se cristalizar através da escrita e que fatos e características ganharam destaque naquele momento, em 1937.

Entendemos a relevância de se pensar esse processo de “heroificação” desse personagem, aqui no Ceará, a partir da reflexão sobre a construção da memória em torno desse herói que se desejava, não só do Ceará, mas nacional. Por isso, falamos em um herói para/do Ceará. Pensar os “usos do passado” na eleição e promoção de um herói é pensar, sobretudo, o presente e os grupos que o elegem e promovem enquanto tal.

Não podemos deixar de trazer para o debate, a mais nova “inauguração” da Praça General Tibúrcio. No dia 28 de junho de 2016, o prefeito Roberto Cláudio fez uma solenidade de inauguração da praça, após processo de limpeza e pintura. Esse fato foi noticiado em alguns jornais da cidade, um deles foi o Tribuna do Ceará: “Praça General Tibúrcio foi requalificada e entregue nesta terça-feira (28). Para quem nunca ouviu falar nesse nome, a reforma aconteceu na Praça dos Leões, como é conhecida, localizada no Centro de Fortaleza e cartão-postal da capital.”¹¹

A chamada feita pelo Tribuna do Ceará, evidencia a ideia já trazida no início da introdução, de que a praça é conhecida pelo nome de Praça dos Leões, essa narrativa é recorrente quando o assunto é a praça.

Porém, para além da discussão bastante relevante, sobre os usos dos patrimônios, como eles são apropriados de diversas maneiras, em determinado presente e por sujeitos específicos, gostaríamos de traçar um paralelo entre essa “inauguração” e as tantas outras, pelas quais a mesma praça passou desde sua construção. Na mesma notícia, a fala de um membro da Academia Cearense de Letras:

“Para o presidente da Academia Cearense de Letras (ACL), José Augusto Bezerra, é um sonho realizado ver a praça reformada, o que explicita a visão da gestão sobre a preservação dos bens culturais. “As praças são os verdadeiros símbolos da democracia. Essa é uma praça que é a semente da cidade, onde nasceram os primeiros prédios importantes da cidade, a primeira estátua do Ceará, do General Tibúrcio, o Museu. É uma história extraordinária que esteve esquecida durante anos. Há 20 anos nós estamos tentando ver chegar esse dia em que vemos a praça recuperada, com segurança 24 horas por dia”.”

¹¹ Tribuna do Ceará, 28 de junho de 2016. Jornalista Hayanne Narlla na coluna Cotidiano.

Entendemos que os sentidos dessa inauguração atual nos remetem a pensar os sentidos das outras inaugurações, sobretudo, os porquês de uma mesma praça passar por diversos momentos de inauguração. Essa de 2016, enquadra-se em uma série de outras muitas inaugurações realizadas pelo prefeito de Fortaleza, em um momento que antecede o início do período pré-eleitoral local.

Porém, a fala do presidente da ACL traz outras significações para aquele momento, e confere àquela praça o título de “semente da cidade”, onde também havia sido erigida a sua primeira estátua. Sua fala vem em um sentido saudosista, em que ele lembrou a necessidade de “não esquecer” aquela História extraordinária.

Na galeria de fotos de outro jornal da cidade, O Povo¹², encontramos algumas imagens da solenidade de inauguração. Podemos falar que elas mostram as esculturas de leões, a estátua da escritora Raquel de Queiroz, e também, a estátua do General Tibúrcio, que dá nome à praça, bem como, a presença do prefeito e de muitos fortalezenses.

A foto que chamou atenção especial, com relação ao tema dessa pesquisa, foi uma em que aparecem alguns militares armados em posição de descanso formando um corredor que acaba no início do coreto que rodeia a estátua, e dois militares localizados diante da estátua com uma coroa de flores. Esse fato nos faz lembrar das narrativas sobre as primeiras inaugurações pelas quais a estátua e praça passaram, e que serão discutidas ao longo da dissertação.

Pensar as narrativas e construções de memórias é estar em diálogo com o presente de quem lembra e faz lembrar. Com a exposição desse fato recente, propomos a seguinte pergunta: Quantas vezes mais essa praça será reinaugurada?

¹²<<http://www.opovo.com.br/app/galeria/2016/06/29/interna_galeria_fotos.2571/praca-dos-leoes-passou-por-reforma-e-foi-inaugurada.shtml>>

CAPÍTULO 1.

GENERAL TIBÚRCIO: UM HERÓI EM PRAÇA PÚBLICA.

1.1 A “COLUNA MONUMENTO TIBÚRCIO” (1887-1888)

1.1.1. *Tornar bronze: imortalizar o herói.*

Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa – o General Tibúrcio – morreu no dia 28 de março de 1885. Tão logo morreu, em 6 de abril do mesmo ano, um grupo formado por intelectuais e militares cearenses organizou uma reunião para tratar da futura homenagem que deveria ser feita ao cearense que já se configurava como morto ilustre com menos de dez dias de sua morte.

General Tibúrcio nem foi enterrado direito e sua memória já era cultuada, ou melhor dizendo, as primeiras ações que conferiam à Tibúrcio o caráter de herói ocorreram de forma demasiadamente rápida. Rapidez que deveria ser, portanto, equivalente à necessidade de eleição/criação de personagens ilustres para aquele lugar.

“Lembrar o morto” tornou-se cada vez mais comum, como indica a historiadora Regina Abreu no texto “Entre a Nação e a alma: Quando os mortos são comemorados”: “os mortos passaram a viver mais na sociedade dos vivos” (1994, p. 209). E não se tornou apenas comum, mas também lembrar o morto tinha o seu caráter simbólico e os mortos se transfiguram quase que em mercadoria.

A memória e os mortos estabelecem relações muito íntimas. Podemos falar, sobretudo, em termos de uma memória nos e sobre os mortos, sem deixar de ressaltar que essa memória se refere muito mais aos vivos do que aos mortos que são trazidos à tona nas comemorações, seja de aniversário de morte ou de nascimento, na ereção de monumentos, na pintura de quadros ou na escrita de biografias.

Todos esses “lugares de memória”¹³ que citamos estão agindo em nome das demandas do presente de quem recorda o morto e que, ao lembrá-lo, o torna ilustre. Ainda

¹³ Utilizamos como referência teórica - como ferramenta de compreensão das fontes - o termo “lugares de memória” proposto por Pierre Nora, no texto “Entre Memória e História. A problemática dos lugares” de 1993. Nora entende como lugares de memória, os lugares onde a memória se ancora (se cristaliza). A definição de lugares não se limita aos espaços físicos (são também), porém, utilizando um exemplo trazido pelo próprio autor, “um minuto de silêncio” pode ser considerado um lugar de memória. A questão a ser pensada, é que todo lugar que remeta, rememore, construa uma determinada memória pode ser considerado como tal. E nesse sentido, esse termo ajuda a pensar a memória e a sua necessidade de materialização. Pierre Nora sofreu algumas críticas a respeito das ideias formuladas nesse famoso texto, uma delas trazidas pela autora Aleida Assmann no livro “Espaços da

segundo Regina Abreu, é a recordação que confere ao morto uma espécie de imortalidade (1994, p. 208) E era esse o intuito dos sujeitos envolvidos naquela reunião: pensar em como imortalizar o novo herói.

A priori, a ideia era realizar uma homenagem, mesmo que ainda não se tivesse determinação exata de como se daria essa empreitada. Segundo O Libertador¹⁴, jornal que circulava no período:

“A 6 de abril de 1885, poucos dias depois da morte de Tiburcio, alguns camaradas em palestra saudosa sobre o amigo morto lembraram a necessidade de perpetuar o seu nome em monumento duradouro.

No dia 15 houve a 1ª reunião de officiaes do 11 batalhão de infantaria, para tratar do assumpto e ficou resolvido realizar a ideia por subscrição publica.

Não se tratava de uma estatua de praça, mas de um monumento no cemitério. O capitão Candido Leopoldo Esteves, natural de Santa Catharina, e presentemente enfermo na corte, foi quem propoz, e encorajou seus camaradas para empreharem seus esforços em obra mais digna da pátria e da memoria do inclyto general.”¹⁵

A homenagem acabaria sendo diferente das primeiras ideias que surgiram na reunião. Falou-se em um monumento no cemitério – lugar que comumente vira morada dos que morrem – quando outra ideia é levada em conta, ideia essa que segundo as palavras trazidas na própria fonte, parece “mais digna da pátria e da memória do inclyto general”, que seria uma estátua de praça.

Em Fortaleza, o cemitério São João Batista já contava com a presença de monumentos desde de sua instalação no ano de 1866. O historiador Henrique Sérgio de Araújo Batista se propôs a pensar sobre a arte e a sociedade no espaço do cemitério a partir da análise dos monumentos erigidos nos túmulos de alguns sujeitos da elite¹⁶.

Recordação. Formas e transformações da memória cultural”. A principal crítica levantada faz referência à ideia de Nora de que só existem lugares de memória, porque a memória já não existe. Concordamos com a crítica feita à Nora nesse sentido, pois entendemos que a memória não só existe, como é (re)construída a cada rememoração do presente, a cada “trabalho da memória” empreendido. Outra crítica feita à noção de “lugares de memória” foi com relação ao seu uso generalizado para diversas situações e períodos. Como sabemos, Pierre Nora desenvolveu esse termo a partir da realidade francesa, portanto, para utilizá-lo como referência para outras pesquisas históricas, deve-se levar em conta, que trata-se de um instrumento heurístico, e não, de um modelo fixo, onde outras realidades e tempos possam ser encaixadas sem a percepção de suas próprias peculiaridades.

¹⁴ Jornal Libertador surge em 1881 ligado a “Sociedade Libertadora Cearense” (esta sociedade lutava pelas causas abolicionista no Ceará), era de propriedade e tinha como redator chefe João Cordeiro. Esteve em circulação até 1892, quando se une a outro jornal e passa a se chamar “A República”. Mais sobre esse jornal, no tópico 1.1.2. O jornal Libertador e a Coluna Monumento Tibúrcio.

¹⁵ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

¹⁶ Com a leitura desse estudo, podemos citar alguns exemplos de sujeitos da elite com suntuosos túmulos no cemitério São João Batista: Barão de Aratana, Visconde de Icó, Barão do Crato, Barão de Aquiráz, entre outros. Além disso, é interessante ressaltarmos a presença dessas mortes no espaço do jornal. Como indica Batista: “Os jornais de Fortaleza do século XIX são ricos em informações sobre os ritos fúnebres dos representantes da elite. Mesmo quando o falecido pertencia à corrente política oposta à do jornal, a morte de tais membros era comentada.” (2002, p. 24-25)

Os sujeitos, que tinham sua sepultura bastante ornamentada no cemitério São João Batista, ganharam atenção por parte do historiador. Dentre elas, podemos citar um caso que nos interessa: a sepultura do General Sampaio, que assim como Tibúrcio, lutou na Guerra do Paraguai. Em 1874, a sepultura foi construída em homenagem àquele que havia sido herói do Ceará.

No tópico “Monumento como exemplo” (2002, p. 105), o historiador fala do “mausoléu do General Sampaio” e busca analisar a narrativa presente no monumento do túmulo. Tratava-se não de uma estátua que retratava o falecido e sim de uma mulher ajoelhada sob uma urna funerária, levando em suas mãos uma coroa de flores, produzida pelo artista Joaquim Antunes dos Santos. Segundo o historiador,

“Além da placa de ferro com os dados do morto, a expressão latina informa que se trata de uma morada de um patriota: *Patri Sibi hás relíquias arcessivit*. Talvez fosse necessário o uso do latim para que não houvesse dúvida de que se tratava de um monumento construído para um herói cuja pátria recebia os restos mortais, já que a escultura não tem qualquer relação com feitos militares.” (2002, p. 106)

O historiador percebe uma diferença estabelecida entre monumentos erguidos em cemitérios e os erguidos em locais públicos. Para ele, os monumentos do cemitério eram a expressão de sentimentos nobres, já os dos logradouros são decorrentes de vaidade.¹⁷ Essa diferenciação é pertinente para pensarmos a construção da primeira estátua erigida na cidade de Fortaleza, ou melhor, a primeira estátua construída em espaço público, como é o caso da praça pública.

No Ceará, já existia essa forma de relacionar-se com a morte, homenageando os seus grandes homens no cemitério através da importância conferida ao túmulo, quando “a sepultura seria então palco e arte”. (2002, p. 65) Por que no caso do General Tibúrcio ocorreu essa mudança de pensamento, ou para usar as palavras do historiador, essa mudança “na atitude diante da morte”?

No caso da homenagem feita ao General Tibúrcio, foi exposta a necessidade dessa estátua ser erigida em um local digno do herói, como ficou decidido na reunião que deu origem às ideias da homenagem. Essa mudança denota outras intenções por parte daqueles que homenageiam. Como indica Ricardo Oriá,

¹⁷ Henrique Sérgio de Araújo Batista chega a essa diferenciação ao analisar o discurso da “Revista dos Monumentos Sepulchraes” de 1868 publicada em Lisboa, Portugal. Mais sobre o tema: BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura e Desporto, 2002.

“Vale ressaltar que a edificação dos monumentos cívicos e históricos foi um constante a partir da segunda metade do século XIX e durante todo o século passado, na medida em que a construção da identidade nacional exigia a evocação do passado histórico; pautado nos feitos e fatos protagonizados pelos “filhos ilustres” da nação.” (2001, p.2)

Nesse outro momento, não bastava uma homenagem ao general do cemitério da capital, aquele herói era para ser visto por todos, em praça pública. O corpo do general já havia sido enterrado no referido cemitério em 1885, porém a estátua e os restos mortais ficaram separados quando da inauguração do monumento em 1888.¹⁸

Porém, mesmo havendo essa mudança de planos, a ideia desde o princípio esteve ligada à construção de um monumento. Como indica Jacques Le Goff, no texto “Documento/Monumento”,

A palavra latina *monumentum* remete a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instituir”. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação. (2008, p. 526)

Trouxemos a definição feita por Le Goff para compreendermos que o termo “monumento” é mais amplo: inclui as estátuas, porém não se limita a elas. O historiador oferece dois sentidos em que se pode especializar um monumento: “uma obra comemorativa de arquitetura ou escultura” e o “monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa”. (2008, p. 526) No caso do monumento em homenagem ao general, tratava-se do segundo sentido, onde o que é perpetuado é a memória de um sujeito.

A ideia resolvida na reunião do dia 6 de abril era de que o General Tibúrcio fosse homenageado em uma estátua de bronze. Nada poderia cristalizar uma imagem mais do que uma estátua. Para Fernando Catroga, a “estatuária induz metaforicamente a aceitação da incorruptibilidade do corpo”. (1999, p. 15) Corpo que deve ser exposto para não perecer no esquecimento.

A memória visual de um personagem deve ser analisada com cuidado. Quando um sujeito se torna alvo de homenagens, comemorações, biografias etc., várias imagens podem ser construídas a respeito de um mesmo sujeito, dependendo do grupo que o retrata.¹⁹ Em alguns

¹⁸ Apenas em 11 de agosto de 1952, os restos mortais do General Tibúrcio foram trasladados do Cemitério São João Batista para a cripta construída no pedestal da estátua. Lembramos, que mais uma vez, a data 11 de agosto é priorizada, data de nascimento.

¹⁹ Para pensar essa questão, podemos citar dois chamados heróis que tiveram sua representação modificada ao sabor do tempo e das demandas de quem os representava: Tiradentes e Dragão do Mar. Este último, inclusive, tendo também várias nomeações diferentes como: Francisco José do Nascimento e Chico da Matilde. Sobre a construção da memória dele, o trabalho da Patrícia Pereira Xavier “O Dragão do Mar na “Terra da Luz”: a

casos, a memória em torno do sujeito pode ser repetida diversas e diversas vezes, o que acaba reforçando uma determinada imagem criada, tornando-se uma só.

No caso do General Tibúrcio, foi através do bronze que se buscou conferir uma imagem do herói do Ceará e da Guerra do Paraguai. Essa é a composição imagética e narrativa que foi, aos poucos, tornando-se tradição quando o assunto era o General Tibúrcio.

Ainda que possamos falar em termos de uma tradição que vai se constituindo, cabe ressaltar - e isso veremos ao longo do trabalho – que a cada grupo em seu tempo, ao lembrar e, portanto, construir a memória em torno do General Tibúrcio, traz elementos que são constitutivos das demandas do seu presente envolvidos em seus “espaços de experiência e horizontes de expectativas”, para utilizar os termos de Reinhart Koselleck. Como afirma Joel Candau, a tradição é uma significação que ocorre no presente. (2012, p. 21)

A Guerra do Paraguai foi a guerra em que o Brasil, a Argentina e o Uruguai se uniram na chamada “Tríplice Aliança” contra o país vizinho, o Paraguai. Ela teve início em 1865 e se estendeu até 1870. Existem controvérsias sobre as causas que levaram à eclosão dessa guerra²⁰, porém, podemos destacar a sua importância na História desses quatro países, cada um com suas marcas específicas.

No Brasil, podemos perceber como essa guerra foi lida e incorporada à História do país, através dos trabalhos de memória empreendidos em alguns estados do então Império. Como escreve Arnelle Endres:

“As ruas do Rio (de Janeiro) seguiram o mesmo diapasão das vitórias da Tríplice Aliança. A rua Matacavalos perdeu seu nome em 1865 para exaltar a batalha de

construção do herói jangadeiro (1934-1958)”. Em sua conclusão, a historiadora indica que Dragão do Mar foi construído como herói jangadeiro relacionado, muitas vezes, à elite que havia libertado os escravos de forma pioneira no Brasil; e que percebe atualmente que o “mesmo herói” é (re)apropriado pelo Movimento Negro de forma diferente, dando atenção ao seu heroísmo, mas sobretudo, a sua cor. São os usos do passado. Como ela escreve na conclusão da dissertação: “(...) no dia 25 de novembro de 2009, foi inaugurada, no Centro Cultural de Arte e Cultura Dragão do Mar, uma estátua do herói jangadeiro, em homenagem ao dia da consciência negra. Interessa perceber como Francisco José do Nascimento volta a ser lembrado. O apelo agora não parece ser o herói do povo ou da ralé, mas o fato de ser um negro.” Sobre Tiradentes podemos citar os trabalhos de José Murilo de Carvalho “A formação das almas. O imaginário da República no Brasil” e da Thaís Nívia Fonseca no livro “História e ensino de História”. Como discute Thaís Nívia de Lima Fonseca, na República, quando das celebrações da data de 21 de abril, Tiradentes foi sendo “entronizado” como herói numa construção fundamentalmente ligada à religião católica, sendo visível a pretensa relação entre Jesus e Tiradentes. Essas ideias estão bastante presentes no livro de Jose Murilo de Carvalho “A formação das almas: o imaginário da República no Brasil”. Já em 1930, por exemplo, como Fonseca traz o discurso foi perfeitamente adequado às demandas de quem rememorava, quando a ideia era trazer a Inconfidência para Minas Gerais, ressaltando o caráter épico desse evento e desse herói, agora sendo levado em conta o patriotismo explorado agora pelas propagandas Varguistas.

²⁰ No ano de 2015, completaram 150 anos do início da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, também chamada “Grande Guerra”. Novos documentos foram descobertos e hoje os historiadores falam em uma reescrita da História da Guerra. Sobre os 150 anos da Guerra do Paraguai, ver: <<<http://cafehistoria.ning.com/page/guerra-do-paraguai-150-anos-depois>>>

Riachuelo. Vários generais brasileiros foram homenageados da mesma forma pela municipalidade. Chegou-se ao apogeu quando a rua Direita, umas das mais antigas e mais ricas da Corte, passou a chamar-se rua Primeiro de Março (1870), martelando até hoje a data da morte do inimigo demonizado, Francisco Solano Lopez.” (2014, p. 227)

Essa guerra veio sendo utilizada de maneira identitária na História do Brasil, desde o período em que a guerra ainda acontecia. Percebemos isso na escrita de Enders, mas também, quando pensamos nos chamados “Voluntários da Pátria”²¹, como eram chamados os convocados para a referida guerra. Essa maneira de denominar os que iriam lutar pelo Brasil, estabelecia uma diferenciação entre o “meu país” e o outro, o inimigo.

Essa noção gerava um certo sentimento de pertencimento, que ainda estava se desenvolvendo nesse período, onde as fronteiras ainda não eram tão bem definidas.²² Como já visto, a guerra contra o Paraguai ocorreu entre 1865 e 1870. Nesse período, o Brasil estava vivendo o Segundo Reinado, e o sentimento nacionalista não existia de forma latente, como posteriormente vimos sendo construído durante a República. Como afirma José Murilo de Carvalho, “A guerra do Paraguai na década de 1860 produzira, é certo, um início de sentimento nacional”. (2014, p. 32)

Essa guerra foi sendo incorporada também pela ação de artistas motivados por “encomendas oficiais, com intuito de fixar para a posteridade os grandes momentos do Exército e da Armada imperiais” (ENDRES, 2014, p. 228) Os temas eram as vitórias conquistadas no Paraguai.²³

²¹ Sobre “Os voluntários” da pátria aqui no Ceará, ver: SOUZA, Maria Regina Santos de. Impactos da “Guerra do Paraguai” na Província do Ceará (1865-1870). 2007. Dissertação em História - Universidade Federal, Fortaleza. 2007.

²² Quando estudamos a História do Brasil, deparamos-nos com uma região territorial que foi aos poucos se consolidando enquanto Brasil. Sintoma disso, foi a existência de diversas rebeliões ou revoltas ocorridas durante os períodos denominados de Primeiro Reinado, Regencial e Segundo Reinado. Alguns desses movimentos apresentavam ideais separatistas, para citar um exemplo que nos é mais próximo: a Confederação do Equador (1824). Portanto, a ideia de que o Brasil era uma unidade organizada nem sempre foi partilhada por todos os moradores do Brasil. Esse exemplo foi trazido aqui apenas para evidenciar que essa grande extensão territorial foi aos poucos tornando-se o que é hoje. Não naturalizar a constituição de um país é um passo para compreender como ele foi sendo forjado, como essa “comunidade foi imaginada”. (Para usar a expressão de Benedict Anderson, no livro *Comunidade Imaginadas*.)

²³ Com o fim da Guerra do Paraguai, não pode deixar de ser ressaltado que o Império encontrou uma série de problemas para lidar com o retorno dos “voluntários da pátria” de uma guerra que havia durado cinco anos e que, portanto, havia mexido na vida do país. Enquanto os discursos durante a guerra eram sobre a defesa da pátria e sobre como os voluntários eram heróis, com o fim da guerra e o retorno das tropas ao país, outras questões surgiram. Como cumprir o prometido aos voluntários, tanto civis quanto aos agora, ex-escravos (ex-escravos, porque uma grande parte dos voluntários era formada por escravos que, segundo promessa do governo, voltariam da guerra na condição de “homens-livres”)? Na tese escrita por Marcelo Santos Rodrigues, de título: “Guerra do Paraguai: os caminhos da memória entre a comemoração e o esquecimento” (2009), o historiador procura compreender como esse “comemorar e não comemorar” foi ocorrendo no Brasil após o fim da Guerra em 1870. O seu primeiro capítulo evidencia justamente o conflito entre a população e a imprensa liberal, defendendo uma

General Tibúrcio era exaltado por ter lutado na Guerra do Paraguai. Percebemos através das razões utilizadas para legitimar a forma da homenagem, o que Paulo Knauss chamou de “lógica monumental”:

Desse modo, ao tematizar a sociedade a partir dos personagens e fatos da história, a lógica monumental investe em favor da afirmação simbólica do caráter unívoco e ordenado da sociedade urbana. A escultura monumental revela uma autêntica operação historiográfica, para fazer uso de uma noção cunhada por Michel de Certeau, que participa de uma história-memória. (2003, p. 6)

Paulo Knauss une, em sua discussão, três palavras que dizem muito quando pensadas de maneira isolada e mais ainda quando são relacionadas entre si: *monumento*, *história* e *memória*. Então passamos a pensar quais as razões da existência de uma estátua-monumento e o que elas têm a dizer sobre a sociedade que as constrói. Isso nos oferece indícios para pensar como essa sociedade relaciona presente-passado-futuro.

Muito interessante para ajudar-nos a pensar esse processo no qual o morto é velado sem data para acabar é a noção de “fama” cunhada pela Aleida Assman. A autora traz três condições para a fama que estão interligadas entre si: grandes feitos, documentação e sua rememoração na posteridade, ou seja, acontecimentos ditos dignos de lembrança, documentos que comprovem o fato e a narrativa enfeitada sobre ele.

Nessa relação, destaca-se a “promessa de eternidade” que pode ser notada na construção de monumentos. (ASSMAN, 2011, p. 43-48) Ainda segundo ela, a fama se orienta para o futuro, é a necessidade de o presente eternizar determinado passado e a ele próprio.

Porém é necessário pensar a homenagem a um sujeito a partir de duas vias: *o sujeito que é homenageado* e *o sujeito que homenageia*. Quando um sujeito busca conferir imortalidade a outro, ele também pretende inscrever-se na História. As estátuas e os sujeitos homenageados através delas são frutos de escolhas de outros sujeitos.

Existia, portanto, a intenção de imortalizá-lo no bronze e na História do Ceará e do Brasil. Escrever A História do Ceará era, sobretudo, falar de seus heróis e de seus grandes feitos. O Ceará precisava de datas e fatos, mas também de heróis.

É por isso que se torna necessário debater sobre os interesses de quem aciona as necessidades de lembrar determinado passado. Pensar sobre as estátuas que existem

recepção em forma de homenagem na Corte, no Rio de Janeiro, e a vontade do governo de que cada voluntário desembarcasse em suas respectivas províncias (em uma tentativa de poupar os recursos, já muito gastos na guerra). Observamos que, dessa discordância, gerou-se a querela em que esses jornais e a população acusavam o governo imperial de descaso com os heróis da guerra. Existiam, portanto, a exaltação das vitórias da Guerra, assim como conflitos como esses explicitados acima.

em praças públicas é, portanto, um exercício de grande valia a quem se coloca o desafio de refletir os modos pelos quais as sociedades usam o passado. (RIOS; RAMOS, 2010, p. 217)

Além de pensar sobre as estátuas, é preciso pensar o lugar onde elas são erigidas. Podemos dizer que a Praça Pública confere à estátua outros significados. Tibúrcio teve, além da homenagem da ereção de uma estátua, a mudança de nome da principal praça da cidade.

Podemos pensar esse processo de ereção da primeira estátua do Ceará envolvido em um outro processo: o projeto de modernização da cidade. Em 1887, o Ceará ainda não tinha uma estátua erigida em Praça Pública, fato que já ocorria em outras cidades do Brasil, como, por exemplo, o Rio de Janeiro²⁴, que nesse período era a capital do Império.

Dar o nome de Praça General Tibúrcio era torná-lo presente no espaço da cidade, era também a certeza de que não seria esquecido. Em 1887, no dia 2 de fevereiro é dito: “A camara municipal da Fortaleza em sessão deste dia resolve dar a denominação de – Praça do General Tibúrcio- à praça outr’ora de Palácio”²⁵. Podemos pensar a nomeação como um ato de poder, afinal, nomear é definir. “A nomeação dá sentido (e existência) ao que é nomeado”. (RAMOS:2014:180) Ela existe pela necessidade de identificação de algo. Fato que fica visível, quando pensamos nas placas fixadas nos lugares e monumentos, que estão ali para identificar, legendar.

Um texto muito interessante para pensarmos melhor nessa questão é “A cidade através de suas palavras”, de Jean-Charles Depaule e Christian Topalov. Segundo os autores, existem diversas abordagens sobre esse assunto, mas que “tem em comum o interesse pela maneira como a linguagem ordena, informa o espaço, ou pela língua, na medida em que está envolvida com o espaço e com o tempo, com as relações que memória e territórios mantêm”. (2001, p.18)

Essa ideia vai ao encontro da discussão proposta do Joel Candau, ao falar sobre “Nomeação, memória e identidade”. Para ele, nomear é também uma forma de controlar. “Nomeação, memória e identidade estabelecem relações muito fortes”. (2012, p. 68)

Falamos em um tipo de nomeação específica, quando se nomeia espaços da cidade, como afirma o historiador Antônio Luiz Macêdo, “por outro lado o ato de nomear os lugares

²⁴ A primeira estátua erigida em Praça Pública no Brasil foi estátua equestre de D. Pedro I, localizada na cidade do Rio de Janeiro e inaugurada em 1862. <<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/perspectiva/as-margens-do-pedestal>>>

²⁵ Jornal Libertador, 3 de fevereiro de 1887, página 3. E posteriormente incluída como data célebre no “Datas e Factos para a História do Ceará” escrito por Barão de Studart.

da cidade vincula-se às estratégias políticas em seu exercício de poder simbólico”²⁶. (2004, p. 46) São fragmentos de uma História Oficial que buscou se consolidar também no espaço urbano. Ainda segundo o historiador, “todo poder é toponímico e instaura sua ordem de lugares dando nomes”. (2004, p. 46)

O jornal *Libertador* foi decisivo nesses primeiros passos que levariam à ereção da primeira estátua do Ceará. Até o momento da inauguração, em 8 de abril de 1888, seria portavoz de todo o processo, durante o ano de 1887, quando a praça mudou sua nomenclatura, e 1888 quando a estátua foi erigida.

Da reunião ocorrida no dia 6 de abril de 1885, em prol da justa homenagem que se devia ao general, forma-se uma comissão denominada “Comissão Monumento Tibúrcio”. Como escreve Katherine Hite, é necessário pensar o processo oficial que leva à instalação de um monumento (2003, p.20) e é partir dessa preocupação que pensamos o sujeito que homenageia e o sujeito da homenagem.

Cabe a nós pensarmos de onde falam e agem os sujeitos que empreendem essa memória. Vários nomes são citados dentre os componentes da comissão, entre eles alguns oficiais do exército, como: “Major Manoel Bezerra d’Albuquerque Junior²⁷; Capitão Candido Liopoldo Esteves²⁸; Capitão Manoel Thomé Cordeiro²⁹; Capitão Tristão Sucupira d’Alencar Araripe³⁰; e alguns alferes³¹: “Alferes João Martins Alves Ferreira³²; Jean de Viremoal³³;

²⁶ Nesse livro, Antônio Luiz Macêdo, trata de várias questões a respeito das “imagens da cidade” o capítulo que nos interessa é aquele em que ele trata das placas espalhadas pela cidade (aquelas que dão nomes as ruas e praças). Sua preocupação se refere a nomenclatura oficial imposta e as nomenclaturas que surgem no cotidiano através da apreensão visual, como é o caso da Praça General Tibúrcio que é comumente chamada de Praça dos Leões, por conta das estátuas de leões que estão nas extremidades da praça. Por isso o termo a trama das placas, falando sobretudo, em apropriação; pois para ele “pensar e enunciar os lugares da cidade, e nela se orientar por outros nomes, implica apropriar-se de seus territórios e dar-lhes significado” (2001, p. 60)

²⁷ “Major Manoel Bezerra d’Albuquerque Junior nasceu a 23 de Agosto de 1843. Fez a campanha do Paraguay donde voltou com o posto de Capitão e com várias condecorações. Representou o Ceará na Constituinte de 1890 e a testa dos alumnos da Escola Militar, em que era professor, foi a alma do movimento que em Fevereiro de 1892 depoz do governo o General José Clarindo de Queiroz.” In: Dicionário Biobibliográfico Cearense (org) Barão de Studart.

²⁸ Capitão Candido Liopoldo Esteves, capitão do 11º batalhão de infantaria.

²⁹ “Capitão Manoel Thomé Cordeiro, nasceu a 17 de Março de 1845 em Arraial, da Comarca de Imperatriz. Assentou praça a 16 de Agosto de 1862 no 1.º Batalhão de Artilharia aquartelado na capital do Império e com elle tomou parte nas campanhas do Estado Oriental e Paraguay, onde na batalha de 24 de Maio em Tuyuty foi um dos bravos da Artilharia Mallet. A seus esforços e aos da professora D. Elvira Pinho e D. Maria Thomazia, auxiliados por Tristão Sucupira, Major Bezerra e outros officiaes, deve-se a erecção em Fortaleza da estátua do Illustre e bravo cearense General Tiburcio, seu primo.” In: Dicionário Biobibliográfico Cearense (org) Barão de Studart.

³⁰ Sobre o membro da Comissão Monumento Tibúrcio, Capitão Tristão Sucupira d’Alencar Araripe, não encontramos fonte.

³¹ Alferes era um antigo posto militar equivalente ao atual de segundo-tenente.

³² Sobre o membro da Comissão Monumento Tibúrcio, Alferes João Martins Alves Ferreira, não encontramos fonte.

³³ Sobre o membro da Comissão Monumento Tibúrcio, Jean de Viremoal, não encontramos fonte.

Alferes José Custodio da Silva³⁴”, bem como, alguns intelectuais, como “Justiniano de Serpa³⁵; João Brígido dos Santos” e o jornalista João Lopes Ferreira Filho.

Expor essa pequena listagem, torna-se interessante para que seja possível mapear os sujeitos envolvidos diretamente com a construção do monumento (do herói e de sua memória), podemos dizer que se constituem basicamente de dois grupos: oficiais do exército e intelectuais cearenses. Porém, podemos falar também de militares que também podiam ser chamados de intelectuais. Pensamos aqui nos professores, como era o caso do Major Manoel Bezerra d’Albuquerque Junior.

Ainda sobre os militares, podemos perceber também, na leitura das pequenas notas biográficas sobre os membros da comissão, que os militares participantes eram todos da artilharia, mesmo posto ocupado pelo futuro homenageado.

Dentre os intelectuais citados destacamos João Brígido dos Santos³⁶. Ele nasceu em 1829 em São João da Barra³⁷. Era bacharel em Ciência Jurídicas e foi procurador fiscal da tesouraria. Escreveu para jornais, como A República³⁸ e, como historiador, foi autor de algumas obras como: Ceará - Homens e fatos de 1919.

João Brígido tinha uma relação de amizade com o falecido general, que pode ser percebida no arquivo de cartas trocadas entre os dois entre 1870 e 1884. Longo período de correspondências que foram guardadas por João Brígido e que, mais tarde, seriam publicadas em jornal³⁹, assunto que será melhor tratado ao longo da pesquisa. Por hora, cabe pensar que, dentre os que estavam ali homenageando o morto, muitos o conheciam e estabeleciam com ele alguma relação, seja de amizade ou ofício.

³⁴ Sobre o membro da Comissão Monumento Tibúrcio, Alferes José Custodio da Silva, não encontramos fonte.

³⁵ Justiniano de Serpa nasceu em Aquiraz- CE, em 6 de janeiro de 1852. Em Fortaleza atuou como jornalista, sendo redator de alguns jornais como: Constituição, A Pátria e Diário do Ceará. Fez bacharelado em Direito na Faculdade de Recife. Foi também um dos fundadores da Academia Cearense de Letras. Iniciou sua vida política ainda durante o Império, sendo deputado geral pelo Partido Conservador. Já em 1920, foi presidente do Ceará.

³⁶ Mais sobre João Brígido, ver: RIOS, Renata do Mesquita. João Brígido e sua escrita de uma História para o Ceará. Narrativa, identidade e estilo. (1859-1919) Dissertação mestrado em História. UECE. 2013.

³⁷ São João da Barra é um município localizado da cidade do Rio de Janeiro. João Brígido nasceu no Rio de Janeiro, porém teve sua infância no sertão cearense, onde seu pai exercia a função de funcionário na Promotoria Pública de Baturité.

³⁸ A República foi um jornal que surgiu em 1892, logo após a Proclamação da República, de uma fusão do jornal Libertador e o Gazeta do Norte. Era de propriedade do grupo de Nogueira Accioly, segundo Maria Emília da Silva Alencar, era um jornal porta-voz da oligarquia acciolina. In: ALENCAR, Maria Emília da Silva. À sombra das palavras: a oligarquia acciolina e a imprensa (1896-1912). 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2008. Como indica Geraldo Nobre, em mais de uma ocasião, foi o único periódico diário a circular na capital cearense, tendo circulado até 1912. (2006, p.124)

³⁹ Publicadas no jornal Gazeta de Notícias durante o ano de 1929.

Outro nome que destacamos dentro da lista dos membros da comissão, é o do jornalista João Lopes. Ele nasceu na cidade de Cascavel, no Ceará, a 10 de agosto de 1854. Era jornalista e atuou em diversos jornais cearenses.⁴⁰ Atou no jornal Libertador onde a priori, utilizou o pseudônimo Gil Bert. Posteriormente, tornou-se diretor do jornal, tendo na equipe de redatores: Antônio Martins, Antônio Bezerra de Menezes. Destacamos seu nome para evidenciar a participação do jornal Libertador em todos os passos para a construção da estátua, tendo seu diretor como membro da Comissão Monumento Tibúrcio.

Além desses sujeitos que tomaram a frente da comissão, outros sujeitos participaram através de doações e prestações de serviços “em prol da caixa Monumento Tibúrcio”, como era denominado o fundo para onde eram recolhidos os donativos. Na medida em que havia alguma doação, o nome do doador e a quantia doada eram listados na coluna Monumento Tibúrcio.

Na edição do jornal Libertador, do dia 17 de janeiro de 1887, podemos ver como eram expostas a doação e o doador nas páginas do jornal. Como uma espécie de divulgação e ao mesmo tempo prestação de contas.

| | |
|----------------------------------|---------|
| Monumento Tiburcio | |
| Fizeram os donativos os Srs. | |
| Tenente Felipe de Araujo Sampaio | 10\$000 |
| H. Tugmam | 10\$000 |
| João Brígido (2ª vez) | 6\$000 |

E assim como esses três⁴¹, outros sujeitos trataram de figurar entre os doadores e, portanto, participantes daquela futura homenagem.⁴² Na coluna, tanto se divulgavam os doadores como se pediam mais doações para realização daquele feito. Na edição de 18 de janeiro de 1887, ao fim da divulgação da quantia total arrecadada até o momento, podemos ver o pedido da comissão: “A comissão pede às pessoas que subscrevem, e ainda não enviaram

⁴⁰ “Foi redator de Fraternidade, órgão da Loja (Maçônica) Fraternidade Cearense, que se publicava em Fortaleza em 1874, do jornal “O Município”, com Júlio César da Fonseca e João Cordeiro, jornal que surgiu a 1º de junho de 1879. Atuou como redator também no Gazeta do Norte junto com Thomas Pompeu, Júlio César da Fonseca, João e Virgílio Brígido e João Câmara. Também em “O Cearense”, tradicional órgão liberal da imprensa de Fortaleza, fundado a 4 de outubro de 1846.”

In: <<http://www2.camara.leg.br/acamara/conheca/historia/Ex_presidentesCD_Republica/joao_lopes.html>>

⁴¹ Tenente Felipe de Araujo Sampaio era militar e apareceu em nossas pesquisas como padrinho de Pedro Augusto Sampaio, que era filho do Major Pedro d'Araujo Sampaio. Sobre João Brígido, ver página 28. Sobre H. Tugmam, não encontramos informações.

⁴² Na edição do dia 18 de janeiro, foi listado como doador: Dr. Eduardo Studart, com a doação de 5\$000. Na edição do dia 25 de janeiro, Sr Thomé Souza, com a doação de 10\$000.

seus donativos, o obsequio de faze-lo, pois já entrou em negociação de saques sobre a praça de Paris para a execução do monumento”.⁴³

Porém, além de doações diretas, empresas ofereciam seus serviços e destinavam os lucros à construção da estátua. No jornal do dia 26 de janeiro, a coluna informa um evento em benefício da futura estátua do general.

O distinto empresário do Circo Cosmopolista⁴⁴, acedendo gentilmente ao pedido que lhe dirigiu a respectiva comissão, concedeu um espetáculo em benefício da caixa destinada ao erendimento do Monumento Tiburcio.

O espetáculo terá lugar na proxima 3ª feria, 1º de fevereiro, executando a companhia melhores trabalhos do seu repertorio.⁴⁵

Esse evento foi tratado pelo jornal como um momento em que se pode notar a vontade da população em realizar aquela homenagem, em bronze, para Tibúrcio. No dia do evento, 3 de fevereiro, foi publicada uma nota no jornal:

Realisa-se hoje no Circo Cosmopolita o espectáculo concedido pela empresa em beneficio da caixa do Monumento Tiburcio.

A companhia, cumprindo sua obsequiosa promessa, organizou um variadíssimo e escolhido programma, afim de tornar o espectáculo o mais attrahente possível.

Acedendo ao convite da respectiva commissião S. Exe. O Sr. Presidente da provincia digna-se de assistir ao espectáculo.

As bandas de musica do 11 de infantaria e do corpo policial tocarão à porta do circo desde 5 horas da tarde.

Como era de esperar tem sido avultuada a venda de bilhetes e é de crer que à noute não reste um só, graças a profunda sympathia da população desta cidade pela ideia generosa cujo auxilio vem o digno empresário do Circo Cosmopolita.

Foi hoje exposto à venda um folheto nitidamente impresso, contendo artigos, discursos e poesias sobre o finado general Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

Traços d'um Imortal chama-se o folheto, que vende-se a 500 réis, sendo o produto destinado à caixa do monumento.⁴⁶

⁴³ Jornal Libertador, 18 de janeiro de 1887.

⁴⁴ Circo Cosmopolita era uma empresa de espetáculos, cujo dono e diretor era Hilario M. de Almeida. Para esse dia, as apresentações seriam compostas de: “Ouvertura da Opera Guarany do Maestro Carlos Gomes executada pela orchestra da companhia. A Bolla Estrellada, por D. Carolina Almeida. Acto Equestre, em pello, pela jovem Rosinha. Jogos do Japão, pelo Sr. Rèvel. Corda em balanço, pelo Sr. Leite. Jogos Olympicos, grande scena equestre, executada pelos Srs. Augusto e João Dias”, Jornal Libertador, 3 de fevereiro de 1887. Sendo essa sequência de apresentações apenas a primeira parte do espetáculo, que seria dividido em duas partes. Essa empresa era itinerante, como podemos ver na nota de agradecimento e despedida do diretor no jornal Cearense: “O Director da Companhia Pavilhão Cosmopolita Hilário Maria de Almeida, ao retirar-se desta capital, não pôde deixar de patentear o seu eterno reconhecimento, tanto a seus amigos particulares quanto ao público em geral, pelo bom acolhimento que teve durante sua estadia nesta illustre capital.” Jornal Cearense, 11 de fevereiro de 1887.

⁴⁵ Jornal Libertador, 26 de janeiro de 1888.

⁴⁶ Jornal Libertador, 3 de fevereiro de 1887.

O caso dessa propaganda do Circo Cosmopolita realizada nos jornais, junto à existência da própria “Coluna Monumento Tibúrcio”, bem como a própria construção da praça, evidencia uma busca por deslocar aquela manifestação de homenagem do âmbito da elite para as camadas populares, levando o assunto General Tibúrcio para circulação cotidiana. A homenagem só seria validada se fosse vista e seus promotores evidenciados, assim como o herói.

Ao final da chamada para o evento do Circo Cosmopolita, notamos a propaganda de um folheto que seria vendido naquela ocasião, também com o mesmo intuito de acumular fundos para a ereção do monumento. No título do folheto, mais uma vez, notamos a intenção de tratar Tibúrcio como um imortal.

Tanto na venda do folheto “Traços d’um Imortal”, como na presença das bandas da infantaria tocando antes do espetáculo oferecido pelo circo, podemos notar que havia uma intenção festiva presente naquele momento. A ideia presente nessa divulgação feita pelo jornal era chamar atenção para as ações em prol da ereção da estátua e, sobretudo, evidenciar a participação popular.

O jornal Libertador será, como veremos mais à frente, principal divulgador daquela empreitada. Porém, as notícias também chegaram a outros lugares do Brasil, como foi o caso da cidade do Rio de Janeiro, que nessa época era a capital do Império. O jornal Gazeta Nacional⁴⁷ publicou algumas notas sobre a estátua.

No dia 24 de dezembro de 1887, o jornal carioca divulga a chegada da estátua no Ceará: “Chegou a capital do Ceará, no dia 10 corrente a estatua em bronze do general Tiburcio”⁴⁸. Alguns dias mais tarde também divulgou a data em que seria a inauguração: “A inauguração da estatua do General Tiburcio, na capital do Ceará é no dia 25 de março próximo futuro”.⁴⁹

Embora a data da inauguração não tenha sido essa, aquele jornal publicou a notícia, conferindo, portanto, importância ao acontecimento. O jornal segue se enganando com a data da inauguração, porém, em outra notícia dá mais detalhes sobre o processo.

⁴⁷ O jornal Gazeta Nacional circulou na cidade do Rio de Janeiro no período anterior à assinatura da Lei Áurea. Trazia por subtítulo Órgão Republicano e contava com a colaboração de lideranças deste movimento na Corte e circulou entre dezembro de 1887 e junho de 1888 na cidade do Rio de Janeiro. Mais sobre o jornal Gazeta Nacional, ver: PESSANHA, Andréa.S.S. “Abolição e Cidadania na Imprensa Republicana da Corte: Gazeta Nacional. 1887 a 1888”. In: Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica. Rio de Janeiro: vol. 5, no.1, janeiro-abril, 2013, p. 67-83.

⁴⁸ Jornal Gazeta Nacional, 24 de dezembro de 1887.

⁴⁹ Jornal Gazeta Nacional, 1º de janeiro de 1888.

Realizou-se em 31 de dezembro findo na cidade de Fortaleza a inauguração da estatua do general Tiburcio mandada fazer na Europa (Paris) com o produto da subscrição popular aberta na província do Ceará para aquele fim.

A família do finado ofereceu à Camara Municipal de Fortaleza o retrato do valente soldado que há anos foi oferecido na Côrte pela guarnição da capital do Império, para ser colocado no salão de honra da mesma câmara.

O retrato foi feito pelo Sr. Victor Meireles.⁵⁰

Nessa notícia, interessa-nos pensar a relação entre o nacional e o local na construção da memória em torno do herói. A partir dela e da atenção conferida àquele fato pelo jornal carioca, podemos dizer que, assim como o Ceará pretendia se afirmar como berço do herói, o Rio de Janeiro buscava também mostrar sua relação com ele.

Podemos, assim, dizer que cada um queria ajudar a compor a memória do herói. Nas narrativas sobre a trajetória do general, a cidade do Rio de Janeiro está presente como lugar onde ele se alistou e lecionou. Em suas biografias, sua trajetória militar na Escola Militar da Praia Vermelha é colocada em evidência, como vamos perceber mais à frente quando formos analisar as narrativas que compõem a escrita da vida do Tibúrcio.

Segundo a notícia, a capital do Império há alguns anos havia oferecido um retrato de Tibúrcio feito pelo famoso pintor Victor Meireles, autor de várias telas significativas para a História do Brasil⁵¹, inclusive, algumas que traziam a temática da Guerra do Paraguai. Os redatores do jornal selecionaram o que seria importante ressaltar junto à notícia da inauguração da estátua, que, no caso, foi a sua relação do herói estatuaado com o Rio de Janeiro. O herói era construído a cada ação, e muitos grupos queriam ajudar a completar esse mosaico, sobretudo, fazendo parte dele.

1.1.2. O jornal Libertador e a Coluna Monumento Tibúrcio.

Geraldo da Silva Nobre organizou o livro “Introdução à História do Jornalismo Cearense” em 1975. Seu estudo ajuda-nos a compreender como foi se desenvolvendo a imprensa jornalística nesse lugar. Ele aponta pelos menos duas fases do jornalismo no Ceará: a

⁵⁰ Jornal Gazeta Nacional, 22 de janeiro de 1888.

⁵¹ Victor Meirelles foi aluno da Academia Imperial de Belas Artes e pintor brasileiro que alcançou grande fama. Dentre suas principais obras, podemos citar a mais popular das telas brasileiras: “A Primeira Missa no Brasil”. Outras telas foram: Retrato de Dom Pedro II. 1864, Aspectos da Guerra do Paraguai, aquarela, Moema, 1866, Batalha dos Guararapes, 1879, dentre várias outras.

primeira na qual os jornais existiam em função de partidos políticos ou de grupos de opinião, e a segunda na qual os jornais passam a ser veículo de notícias cotidianas e de publicidade.

O jornal *Libertador* era de propriedade de João Cordeiro⁵² e tinha João Lopes⁵³ como redator-chefe. João Cordeiro foi também presidente da Sociedade Libertadora Cearense.⁵⁴ Esse jornal está vinculado ao que Geraldo Nobre chama de primeira fase, uma vez que se tratava de um jornal criado com um objetivo de ser propagador dos ideais abolicionistas dentro do Ceará.

Ele surge em 1881 ligado a Sociedade Cearense Libertadora⁵⁵ e, após lograr êxito, quando a abolição no Ceará aconteceu em 25 de março de 1884, o *Libertador* passa a ser porta-voz do Centro Republicano Cearense, juntamente com o jornal *A Pátria*.

Nas palavras de Geraldo Nobre,

“No Ceará desenvolvia-se, ao iniciar aquele decênio, uma intensa campanha abolicionista, que se tornaria vitoriosa em 25 de março de 1884, cabendo os esforços principais à “Sociedade Cearense Libertadora”, que instituiu o segundo daqueles órgãos, aparecido precisamente no dia 1º de janeiro de 1881. Jornal de boa aparência gráfica e bem redigido, cumprida sua missão inicial continuou em circulação, passando a servir, mais tarde, ao Centro Republicano, porém adotando uma linha sobretudo informativa” (2006, p. 111)

Geraldo Nobre se refere aos anos de 1880 a 1889, dez anos que antecederam a Proclamação da República no Brasil, em 15 de novembro de 1889. Esse jornal seguia uma linha de pensamento, primeiro sendo a favor da abolição da escravidão e depois a favor da instauração da República. Como escreve Maria Helena Capelato: “a verdade da imprensa é seletiva, particular, produzida por muitos e sempre de acordo com interesses inseridos na lógica dessa empresa que é uma instituição pública e privada e, como tal, produz uma mercadoria comercial e política” (2003, p. 147).

Percebemos aqui, como a imprensa estava ligada aos acontecimentos da época, não apenas os noticiando, mas também participando ativamente dos fatos. Como escreve a

⁵² João Cordeiro nasceu em Sant’Anna (atualmente Santana do Acaraú, no interior do Ceará) no ano de 1842. Era adepto da causa liberal e, após a Proclamação da República, esteve na direção do Estado como governador até abril de 1891.

⁵³ Sobre João Lopes, ver página 30.

⁵⁴ A Sociedade Libertadora Cearense surgiu em meados de 1880, tendo como órgão principal o jornal *Libertador* que inicia suas publicações em 1881.

⁵⁵ Durante os primeiros anos do jornal *Libertador*, ele se deteve a propagar as ideias abolicionistas. Sobre a Abolição da Escravidão no Ceará e o papel desse jornal como órgão da Sociedade Libertadora, ver: CAXILE, C. R. V. “Olhar Para Além das Efemérides: Ser Liberto na Província do Ceará” Dissertação de mestrado em História-PUC-SP. 2005.

historiadora Ana Carla Sabino (2004), a imprensa pode ser entendida como um palco, e os jornais como atores que constituem uma trama.

Ter um jornal como porta-voz era de certa forma, fortalecer a causa seja ela qual fosse e os grupos entendiam isso. O jornal *Libertador* é um exemplo desse uso da imprensa em favor de um grupo e de ideias específicas. Fato muito importante a ser citado também é que, após a Proclamação da República no Brasil, em 1889, alguns anos mais tarde, em 1892, o jornal *Libertador* passou a se chamar “A República”.

Na introdução da “História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do rádio”, Nicolau Svecenko ressalta que ocorreu uma desestabilização do Império, após a Guerra contra o Paraguai:

A escala e os custos extraordinários dos confrontos bélicos no Prata, em especial a catastrófica Guerra do Paraguai, forçaram um endividamento galopante que desestabilizou o Império brasileiro. Foi no contexto desse processo de desestabilização institucional que se fundou o Partido Republicano (1870), propondo a abolição da monarquia, e entrou em cena uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares, a chamada “geração de 70”, comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas “ossificadas” do Império, baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos. (2010, p.14)

Trouxemos essa passagem para esclarecer como as ideias republicanas e ideias contra o regime vigente eram um pouco antigas. E que, portanto, desde 1870, os ideais republicanos já eram propagados pelo Brasil.

O Centro Republicano Cearense (CRC) surgiu em primeiro de julho de 1889 e “este núcleo passou a congrega intelectuais e militares, dentre eles, antigos abolicionistas, jornalistas engajados, oficiais do Exército do batalhão da Polícia atuantes em torno das polêmicas que pairavam naquele momento”. (CARDOSO, 2007, p. 2)

É recorrente a ideia de que os últimos anos do Regime Monárquico se mostrava fragilizado e, cada vez mais, as ideias republicanas eram postas em jogo. No Ceará, “pode-se dizer que no último semestre em que existiu o regime monárquico, o respectivo jornal foi o único que sugeriu a eminente queda do Imperador, dando notícia apenas o ‘alvorçado movimento triunfante da bandeira da federação’ que agitava a antiga Corte”. (CARDOSO, 2007, p. 3)

É interessante pensar o posicionamento do jornal *Libertador* desde sua criação e durante seu tempo de circulação, para compreender o seu empenho em construir uma imagem para um herói através das suas páginas, como fizeram no caso do General Tibúrcio.

Durante os anos de 1887 e 1888, o jornal vinculava uma coluna chamada “Monumento Tibúrcio”. Além da divulgação dos “donativos” e, claro, dos sujeitos que contribuíram, como já foi visto, a coluna também divulgava uma espécie de agenda da comissão. Exemplo disso é a nota publicada na edição do dia 19 de janeiro de 1887.

Domingo, 23, às 5 horas da tarde, reúnem-se, n’uma das salas do quartel do 11, a comissão militar e os representantes da imprensa. Trata-se nessa reunião de resolver sobre diversos pontos relativos à construção e elevação do monumento.⁵⁶

Além de divulgar a agenda, também era exposto na coluna, as reuniões realizadas, como no jornal de 24 de janeiro de 1887:

Hontem a tarde reuniram-se na Secretaria do 11º Batalhão as comissões - de senhoras, militar e da imprensa – que tratam do erguimento da estatua do General Tiburcio, e sob a presidência do nosso colega major Bezerra, foram tomadas diversas deliberações, sendo definitivamente assentado que o local do monumento será a actual praça do Palacio.⁵⁷

A ideia da coluna era manter, sempre que possível, na pauta do dia, os assuntos referentes à construção da estátua e sua futura inauguração, não somente para a angariação de novos donativos, mas também, para tornar presente o herói. Por isso pensamos a coluna como um “empreendimento da memória”, (JELIN, 2002) como uma das primeiras ações da comissão com intuito de homenagear o herói.

Toda informação sobre o processo era divulgada através da coluna no jornal. No dia 28 de janeiro de 1887, a notícia era sobre o local em que seria erigida a estátua⁵⁸.

Será definitivamente a praça do Palacio o local preferido para o Monumento à memoria do inclyto general cearense Antonio Tiburcio Ferreira de Souza. Já foi concedida pela câmara a necessária permissão.

A encomenda da estatua segue para a Europa no primeiro vapor, acompanhada de todas as precisas informações, fotografias etc.

Para o pedestal torna-se preciso um emblema suficientemente expressivo, que reúna em synthese, habilmente concebida, os pontos culminantes das múltiplas manifestações da superioridade d’aquelle imortal brasileiro, como soldado, engenheiro, abolicionista e homem de letras.

O desenho desse emblema é o que pedimos hoje, em nome da comissão do monumento, aos artistas e aos diletantes de belas artes.⁵⁹

⁵⁶ Jornal Libertador, 19 de janeiro de 1887.

⁵⁷ Jornal Libertador, 24 de janeiro de 1887.

⁵⁸ Nesse momento, a Praça do Palácio ainda não havia recebido o nome de Praça General Tibúrcio, fato que só ocorre em 2 de fevereiro do mesmo ano.

⁵⁹ Jornal Libertador, 28 de janeiro de 1887.

Mais uma vez, a menção à Europa é feita na narrativa da coluna. Era mais uma maneira de conferir importância àquela ocasião, uma vez que a estátua seria produzida no exterior. Ao fim da coluna, vemos um pedido da comissão para que artistas pudessem desenhar um emblema para a estátua, uma forma de incluir outros sujeitos como agentes daquela homenagem.

O pedido é prontamente aceito e o emblema é colocado em exposição na redação do jornal. No dia 1º de fevereiro de 1887, a coluna divulga:

Está em exposição no escriptorio da redação desta folha o emblema para a estatua do general Tiburcio, que foi graciosamente oferecido pelo nosso districto conterrâneo Dr. Marcos Franco Rabello⁶⁰, à comissão do Monumento.⁶¹

O jornal sempre que possível, ressaltava o local onde a estátua seria produzida. No dia 2 de maio de 1887, a notícia trazida na coluna era de que o Sr. Boris Frès, de Paris, negaria qualquer comissão na produção da estátua, fato pelo qual o Ceará se lisonjeava. Como descrito no jornal, “muito lhes agradecemos esta concessão, que importa donativo avultado, e mais que isto, prova sua identificação com Ceará a quem é tão chara a memória do illustre general”.⁶²

No dia 6 de abril de 1887, a coluna traz a notícia de que a comissão havia conseguido reunir todo o capital necessário para a compra da estátua e lembra que a Câmara Municipal já havia dado a licença para o erguimento da estátua na praça que levava o nome do general.

Ao afirmar a concretude dos fatos e a certeza de que a homenagem estava mais perto de ocorrer, ou seja, de que a capital teria erguido sua primeira estátua, a comissão trata de informar que doações de “concidadãos” ainda eram necessárias “para pagamento das despesas de transporte, base, pedestal e gradil de ferro, ou bronze, e por isso, faz um ultimo apelo aos sentimentos nobilíssimos d’aquelles que tão generosamente a tem coadjuvado neste empenho de honra nacional”⁶³.

⁶⁰ Marcos Franco Rabello, nasceu em Fortaleza no Ceará em 25 de abril de 1851. Foi militar e político brasileiro, foi governador do Ceará, de 14 de julho de 1912 a 14 de março de 1914. Segundo o Dicionário Biobliográfico Cearense, organizado por Barão de Studart: “Transferido para a Infantaria foi a 14 de Julho de 1887 nomeado auxiliar do ensino theorico da Escola Militar da Corte. Por portaria de 23 de Março de 1888 foi nomeado adjunto interino da 3.o Secção do curso preparatório da Escola Militar e effectivo a 23 de Outubro de 1889. Em Maio de 1890 foi nomeado professor do. 1.o anno do curso de Engenharia da Escola Superior de Guerra, sendo em Junho do mesmo anno transferido para a 3a aula do 2.o anno da Escola Militar do Ceará onde serviu até sua extinção em Dezembro de 1897. Em 1898 foi nomeado professor de Geographia Geral da Escola Preparatória de Tática do Realengo.”

⁶¹ Jornal Libertador, 1º de fevereiro de 1887.

⁶² Jornal Libertador, 2 de maio de 1887.

⁶³ Jornal Libertador, 6 de abril de 1887.

Nesse momento, a comissão se refere à “honra nacional”, mais uma vez conferindo a Tibúrcio o caráter de herói nacional. Situação que se repete em todo o período em que a coluna divulgou os preparativos e também no dia da inauguração do monumento.

Nos meses de fevereiro e março, seguiram sendo divulgadas as doações⁶⁴ e todo o processo era narrado nas páginas do jornal. Quando, na edição do dia 28 de março de 1887, a morte de Tibúrcio é lembrada:

Faz hoje dous annos que faleceu nesta capital o brigadeiro Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.
Este nome, em torno do qual tem chorado lagrimas de eternas saudade a pátria e a família, resume em si um mundo de affeições.
Ao passar a data luctuosa de seu prematuro falecimento, é dever nosso rememoral-a, prestando assim mais uma pequena homenagem à memória do inclyto soldado, do benemérito cidadão amigo.⁶⁵

Para os editores do jornal, aquela data não poderia passar em branco e o luto foi conferido à família, mas também à pátria. Como acabamos de concluir acima, a relação entre o cearense Tibúrcio e a nação/pátria Brasil era, por diversas vezes, ressaltada e conferia mais importância ao herói e àquele ato de homenagem.

A coluna Monumento Tibúrcio se colocou como veículo de informações do processo que levaria à ereção da primeira estátua da capital do Ceará.⁶⁶ Podemos dizer que ela ajudou a construir a memória em torno do herói de diversas formas, quando possibilitou e estimulou novas doações, e também, quando divulgou esse processo e o tornou presente no cotidiano de quem lia o jornal naqueles anos e de quem participava das ações empreendidas pela comissão do monumento.

O jornal Libertador, além de oferecer espaço à Comissão do Monumento através de coluna fixa, também trouxe em suas páginas narrativas sobre o herói e sobre a Guerra do Paraguai. Com títulos bastante sintomáticos: “24 de maio”, “Batalha de Tuyuty” e “General Tiburcio Traços Principaes”

Já destacamos a importância conferida a essa guerra em âmbito nacional, sobretudo, pelo seu apelo à uma identidade do que era ser brasileiro em luta contra o inimigo Paraguai. A “Batalha de Tuyuty” que aparece com destaque no jornal Libertador, foi

⁶⁴ Notícias de doações nas edições: 12 de fevereiro, 15 de março, 21 de março.

⁶⁵ Jornal Libertador, 28 de março de 1887.

⁶⁶ Após essa iniciativa a respeito da primeira estátua erigida na capital do estado, percebemos que algumas outras comissões surgiram com intuito de erguer outras estátuas, como por exemplo, a Comissão General Sampaio com a Estátua General Sampaio inaugurada em 24 de maio de 1900. Esse monumento também tinha como referência, a Guerra contra o Paraguai, e trazia outro militar cearense para figurar entre os “heróis”.

considerada como uma das batalhas mais sangrentas da guerra. Segundo Marcelo Santos Rodrigues, foi “considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Tríplice Aliança” (2009, p. 139)

Tibúrcio foi bastante promovido por sua participação na Guerra do Paraguai (1864-1870). Como mais à frente veremos, ele ganhou lugar nas literaturas militares sobre a guerra como personagem importante para esse feito em honra da Pátria. Fala-se muito no seu destaque e suas ações são colocadas como decisivas para a vitória. Segundo Maria Regina Santos, “Tibúrcio ganhou patente de general na guerra quando se destacou nas principais batalhas, entre elas, Tuyuty. Tornar-se-ia herói nacional ainda no século XIX e, posteriormente, com a invenção do exército na República.” (SOUZA, 2007, p .48)

Para a escrita da História do Ceará, o general e a guerra ganharam destaque nesse momento. A Guerra contra o Paraguai foi muito referenciada dentro da História do Brasil, tanto no momento em que ocorreu como posteriormente.

A homenagem feita a Tibúrcio através da coluna “Monumento Tibúrcio” foi reforçada com esses textos que traziam em sua narrativa a trajetória do homenageado. No jornal do dia 23 de maio de 1887, a data do dia seguinte é lembrada:

Amanhã, 24 de maio, data muitas vezes gloriosa por ser da redenção total dos escravos da Fortaleza e de Manaos e da memorabilíssima batalha campal de Tuyuty, as músicas do 11 batalhão e do corpo de policia tocarão alvorada na praça do General Tiburcio e depois de percorrerem algumas ruas da cidade tocarão á frente do quartel de infantaria.⁶⁷

Nos “usos do passado”, as datas são dotadas de simbologia, são como dispositivos de lembranças, nesse caso, a data é duplamente gloriosa, pois faz lembrar dois feitos importantes: a Abolição da escravidão no Ceará⁶⁸ e a Batalha de Tuyuty, que ficou marcada como uma das principais durante a Guerra do Paraguai. No jornal do dia seguinte, 24 de maio,

⁶⁷ Jornal Libertador, 23 de maio de 1887.

⁶⁸ Atualmente, a “data magna” da Abolição da Escravidão no Ceará é comemorada no dia 25 de março de 1884. Desde 2011 essa data passou a ser feriado estadual. “Uma Emenda Constitucional aprovada em dezembro de 2011 pela Assembleia Legislativa do Ceará e promulgada com divulgação no Diário Oficial do Estado determina como Data Magna do Estado, o dia 25 de março. A data escolhida é uma menção ao dia da abolição da escravidão no Ceará. Com isso, de acordo com lei federal, o 25 de março é considerado feriado”. Jornal Diário do Nordeste, 5 de março de 2013. Porém outra data é colocada como significativa e fundante desse acontecimento, a data de 24 de maio de 1883, quando ocorreu a primeira reunião que decidia a abolição. Reunião que foi pintada no quadro “Fortaleza Liberta” pelo artista José Irineu de Sousa, que hoje faz parte do acervo do Museu Histórico do Ceará.

o texto “Batalha de Tuyuty” resume um pouco o que foi essa batalha, trazendo como personagens principais: Osório⁶⁹ e o cearense General Sampaio.⁷⁰

Aqui paramos para pensar as conexões estabelecidas entre essas datas e fatos e o personagem que dá nome à praça que serviu de local para a homenagem. A primeira relação com a batalha e a guerra parece mais latente por se tratar de um general que participou daquela famosa guerra.⁷¹ Ainda que, ao falar da batalha, o jornal não tenha citado o nome de Tibúrcio, em outras ocasiões, como nas inscrições do próprio gradil da estátua, essa relação foi feita.

Aliás, o próprio jornal já havia narrado a atuação de Tibúrcio na Guerra do Paraguai, quando traz o outro texto ao qual nos referimos: “General Tiburcio Traços Principaes”. Esse texto foi publicado no dia 3 de fevereiro de 1887, umas das primeiras edições em que a Coluna Monumento Tibúrcio passou a ser veiculada. Trata-se de uma pequena biografia. Como afirma Regina Abreu:

As “histórias de vida” constituem os alicerces que estruturam os rituais de evocação dos mortos. Lembrar do morto é falar sobre ele, relatar seus feitos, discorrer sobre suas alegrias, suas angústias, seus amores, suas aquisições (...) enfim, é evocar sua passagem pela vida na terra. (1994, p. 209-210)

No caso dessa biografia, o objetivo era evocar a sua passagem heroica na terra. Trazer a vida do herói nas páginas do jornal legitimava a ação da comissão do monumento. No primeiro parágrafo da biografia, o personagem é descrito, buscando através da descrição situar visualmente o biografado:

O general Antonio Tiburcio Ferreira de Souza era de estatura abaixo de mediana, olhos pardos, cabelos castanhos, tez alva, um pouco lívida; mãos e pés relativamente grandes e grossos, estes com meios joanetes, musculoso; barba pouca na face, espessa no queixo, formando cavaignac; bigode cerrado; na cabeça cabelos finos e pouco densos, cortado baixo, começando a embranquecer.⁷²

⁶⁹ Manuel Luís Osório foi militar que lutou na Guerra do Paraguai. Nasceu em 10 de maio de 1808 em terras que pertenciam à Vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio (RS). Teve destaque durante a Guerra do Paraguai, o que lhe concedeu o título de herói. Sobre o General Osório e a disputa entre ele e o Duque de Caxias para herói republicano, ver: SOUZA, Adriana Barreto de. “A República entre Osório e Caxias: celebrações, memória e História.” In: (org) Francisco Regis L. Ramos e Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho. Fortaleza. Núcleo de documentação Cultural. UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

⁷⁰ General Antônio Sampaio foi militar cearense que lutou na Guerra do Paraguai, foi ferido na batalha de Tuyuti e faleceu dois meses depois. Sampaio teve inaugurado, em sua homenagem, um monumento em 24 de maio de 1900, na praça Castro Carreira. Praça localizada no centro da cidade de Fortaleza, conhecida como Praça da Estação.

⁷¹ Com relação com à Abolição da escravidão, a conexão entre esse fato e General Tibúrcio, nesse momento, parece distante, porém, como veremos, em outro momento essa relação é feita, tanto é, que na biografia organizada por Eusébio de Sousa em 1937 – centenário de nascimento do general – existe um capítulo intitulado: “Tibúrcio, Abolicionista”, assunto que será discutido no capítulo 3.

⁷² Jornal Libertador, 3 de fevereiro de 1887.

A narrativa da pequena biografia se resume a tratar do Tibúrcio-General, como podemos perceber através desse trecho, Tibúrcio foi colocado como decisivo naquela guerra, assim como, ele próprio havia se colocado.

Numa batalha que decidia na guerra do Paraguay, o general em chefe lhe deu ordem de apoderar-se de uma posição e guardal-a até o momento de uma evolução decisiva. O inimigo, apercebido da estratégica, opoz resistência tenaz e desimava-lhe as fileiras, fazendo coar o terror no animo de seus bravos, e começavam os signaes de pânico entre eles.

Um oficial superior por fim deixou a fileira e primeiro procurou abrigo...Tiburcio foi sobre ele, e matou instantaneamente, gritando *avança!* Aos demais. A coluna gyrou immediatamente para a frente como uma avalanche de fogo sobre o chão inundado de sangue para cahir sobre o inimigo.

Tudo estava salvo, devido a este expediente bárbaro da disciplina.

Perguntado sobre este crime da profissão, Tiburcio respondeu:

- Foi na verdade, mas sem isto a operação estaria perdida, e com ella muitas vidas, e a honra nacional; talvez mesmo a campanha e os milhões do Brazil; tudo foi a dura lei da guerra, a necessidade de vencer.⁷³

General Tibúrcio, então, era narrado como herói que decidia a guerra, que desobedecia superiores pela necessidade da situação. “Tiburcio, soldado e metralhador, espécie de fúria desencadeada no campo de batalha, era inimigo convicto do pretorianismo⁷⁴ e esteve sempre ao lado do poder civil, para combater as arguições de mando do soldado. Era profundamente republicano (...)”⁷⁵.

Nessa biografia, escrita em 1887 e veiculada no jornal *Libertador*, Tibúrcio é colocado como republicano mesmo antes da Proclamação da República, que aconteceria dois anos depois. Essa atribuição passa a ser feita ao general nesse momento de homenagem e com o advento da República em 1889, mais ainda.

1.2 EDIÇÃO ESPECIAL E ILUSTRADA DO JORNAL LIBERTADOR DE 8 DE ABRIL DE 1888 E A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO.

1.2.1. O herói, a Praça Pública e a Materialidade da memória.

⁷³ *Ibidem*.

⁷⁴ Pretorianismo é um termo que faz referência à influência política de forma abusiva por parte do poder militar. Vem de pretoriano, soldado da Guarda Pretoriana, elite militar de grande influência que intervinha na eleição de imperadores romanos, proclamando uns e assassinando outros. Para o biógrafo, Tibúrcio era inimigo desse tipo de pensamento.

⁷⁵ *Jornal Libertador*, 3 de fevereiro de 1887.

“Pensar que uma estátua é implica pensar que ela está”.

(RAMOS, 2006, p. 17)

Sobre a memória, diversos autores debruçaram seus trabalhos, trazendo novos olhares e abordagens para essa temática. O que é recorrente, além do fato de que a maioria deles afirma que a memória é seletiva, ou seja, fruto das escolhas e demandas do presente de quem (ou grupo) lembra; é o fato de que a memória necessita de meios – suportes – onde se ancorar, onde possa se fazer presente. Falamos aqui da “materialidade da memória”.

O termo “lugares de memória”, desenvolvido por Pierre Nora, tem muito a dizer sobre essa característica da memória. Segundo Nora, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. (1993, p. 9) Podemos usar como exemplo o próprio jornal Libertador e a sua “Coluna Monumento Tibúrcio”, uma vez que o entendemos como um lugar de memória, que através da escrita e, por vezes, do uso de imagens, construiu uma memória em torno de um sujeito.

Os suportes pelos quais a memória se constrói e se apoia são bem diversos. O que está em jogo é a maneira como um lugar passa a ser lugar de memória e aí entra o papel dos agentes, dos sujeitos que transformam os lugares em meios de memória.

Aleida Assmann é outra estudiosa da temática da memória que pensou sobre as maneiras como a memória se constrói materialmente. Ela indica alguns dos que seriam os “meios” de memória: a escrita, a imagem, o corpo e os locais. Cada um com suas especificidades, mas que trazem em sua materialidade as memórias.

Outro termo muito interessante para pensarmos os suportes da memória é o de “veículos de la memória”, utilizado pela Elizabeth Jelin. Ele reafirma que a memória necessita de suportes para ser construída, veiculada e apropriada. Afinal, os “trabalhos da memória” podem ser pensados a partir de uma tríade: os agentes, os suportes e estratégias de rememoração.

Para pensar o que chamamos de materialidade da memória, quando estamos falando de estátuas em praça pública, torna-se necessário pensar também na “territorialidade da memória” e como alguns locais das cidades são, por vezes, lugares onde a memória busca se fazer presente.

Elizabeth Jelin e Victoria Langland, na introdução livro “Monumentos, memoriales y marcas territoriales”, fazem uma reflexão sobre o que seriam as marcas territoriais e o seu

nexo com o passado e o presente, chegando à conclusão de que os espaços físicos e lugares públicos são ótimos pontos de partida para refletir sobre os “trabalhos da memória”.

Trazer essas reflexões para pensar o lugar da estátua dentro da cidade nos possibilita compreender o “monumento como lugar de objetivação da memória” (2003:192), mas também, nos possibilita entender o monumento como “marcação pública” de uma memória que busca ali se legitimar e perpetuar.

Concordamos com o historiador Paulo Knauss, quando afirma que “o local em que se implanta fixa uma relação intrínseca e significativa com o signo escultórico. Não há nada de aleatório no logradouro de um monumento”. (2003, p. 1) O local escolhido para fixar a estátua diz muito sobre as intenções de quem estava à frente daquela homenagem.

Podemos falar também na ideia de composição de um cenário. Ser um herói de praça pública era estar situado em local privilegiado dentro da cidade, ainda mais, se tratando da principal praça, já que estava situada em frente ao palácio do governo⁷⁶. Tibúrcio era um herói de praça pública em dois sentidos: tanto no nome da praça quanto na presença da estátua.

Para José Newton Coelho Meneses, “toda cidade é histórica”:

“As cidades memorizam tempos distintos e diversos em sua paisagem. Mas elas não são apenas paisagens: são lugares, são territórios. Isso significa que elas compõem-se de materialidades edificadas e de relações humanas e diversas que traduzem tempos históricos dignos de interpretação.” (2009, p. 34)

Portanto, a praça pode ser interpretada como uma expressão de um tempo. A própria existência da praça e os elementos que a compõe, como o próprio nome, e, no caso da Praça General Tibúrcio, a estátua, ajudam a pensar o tempo e a sociedade que lhes conferiu existência.

Quando um personagem é estatuado (bronzetificado), uma determinada imagem dele é cristalizada ou se tem a intenção de cristalizar. Como já foi discutido no início desse capítulo, tornar bronze era uma tentativa de imortalizar o herói.

Aqui é necessário entendermos a estátua como fonte histórica, a partir do local onde ela é erigida, mas também a partir da imagem que é construída na narrativa presente no monumento.

A escultura se afirma assim, através da operação espacial, que a caracteriza propriamente, como arte narrativa. A composição pode ser pensada a partir de sua

⁷⁶ Por estar situada em frente ao Palácio do Governo, seu primeiro nome era Praça do Palácio. Pela apreensão visual, apenas posteriormente, em 2 de fevereiro de 1887 é que passaria a se chamar oficialmente Praça General Tibúrcio.

estrutura narrativa que é elaborada a partir da referência alegórica ao espaço e ao tempo da ação histórica tematizada pela escultura.” (KNAUSS, 2003, p.1)

Esses dois aspectos estão relacionados intrinsecamente, tanto o espaço escolhido para fixar a estátua quanto a temática ali tratada. Podemos acrescentar um terceiro aspecto, “o monumento como um símbolo que busca vincular – passado e futuro”. (ACHUGAR, 2003, p. 192) Essa intenção também compõe o monumento e sua narrativa.

Como afirma Reinhart Koselleck, o “espaço de experiência e o horizonte de expectativas” devem ser pensados em conexão, um não existe sem o outro. Pensar o presente de quem propõe a ereção de uma estátua é pensar também seu horizonte de expectativa, sobretudo, quando a ação dos sujeitos se volta para a perpetuação de um passado, como é o caso de uma homenagem em forma de estátua em bronze. Mas se a estátua é um símbolo, o que ela simboliza?

A estátua de General Tibúrcio foi encomendada fora do país. Segundo a descrição feita na edição especial de inauguração da estátua, no dia 8 de abril de 1888, “foi fundida nas oficinas Thiebaut Frères⁷⁷, de Paris”⁷⁸. Foram mandadas, junto ao pedido da estátua, algumas fotografias do general e também recomendações de como deveria ser a estátua. Mesmo não tendo acesso a esses documentos, sabendo que foram enviados junto ao pedido, podemos imaginar⁷⁹ que a estátua recebida estava de acordo com as informações mandadas para a oficina de fundição e que, portanto, existiam diretrizes para a sua produção.

A temática principal da estátua era o próprio General Tibúrcio, uma vez que, a estátua seria uma homenagem ao falecido herói. Porém, como a vida heroica do general é atrelada à Guerra do Paraguai, podemos dizer que outra temática presente na estátua diz respeito a essa guerra.

A estátua representa um general fardado com suas condecorações, com uma longa barba que mostrava sua idade e maturidade. A espada estava descansada apontada para o chão, como quem já havia vencido o inimigo na guerra e cumprido seu dever.

⁷⁷ Oficinas Thiebaut Frères era uma oficina de fundição de Paris, pertencente à família Thiébaud. “Responsable de una enorme cantidad de trabajos escultóricos en metal durante el siglo XIX y el primer cuarto del siglo XX.” << http://es.wikipedia.org/wiki/Thiebaut_Freres>>

⁷⁸ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

⁷⁹ Quando nos referimos ao termo imaginar, estamos falando em uma “imaginação controlada”, termo utilizado por Sandra Jatahy Pesavento.



FIGURA 1. ÁLBUM VISTAS DO CEARÁ, 1908.

Na imagem acima, retirada do *Álbum Vistas do Ceará*⁸⁰ do ano de 1908, podemos ver algumas das características que acabamos de listar. Elas ajudam a compor a narrativa presente na estátua. Com a ajuda da imagem e da descrição feita pelo próprio jornal *Libertador*, buscaremos compreender um pouco mais sobre essa narrativa. Na mesma edição do dia 8 de abril de 1888, o monumento foi descrito dessa forma:

Sobre um exagono de alvenaria de pedra, de 2m 50 de extensão em cada face, 1m 90 de elevação, embasa o pedestal de mármore de 2m 50.

A este sobrepõe a estatua de bronze fundido, representando o general em grande uniforme.

E de 2 metros de altura.

O pedestal está cercado de um gradil de ferro doirado, que ... (trecho ilegível)

No pedestal de mármore, nas quatro faces, estão gravadas as inscripções:

A
Tiburcio
XI Agosto

⁸⁰ Segundo o historiador Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho: “Confecionado em Nancy (França) no ano de 1908, o *Álbum de vistas do Ceará* reúne o mais difundido e variado conjunto de registros fotográficos sobre a capital do estado nos princípios do século XX. Sob os auspícios da firma Boris Frères – à época o maior estabelecimento comercial de importação e exportação aqui instalado – a publicação visava à maior divulgação da prosperidade e beleza do Ceará no estrangeiro e em outras partes do Brasil.” *Jornal Diário do Nordeste*, Caderno 3, 11 de abril de 2005.

MDCCCXXVII
 XXVI Junho
 MDCCCLJ
 XXVIII Março
 MDCCCLXXXV

Estas datas são as do nascimento, praça e morte de Tiburcio.⁸¹

Tanto na análise da imagem quanto da descrição realizada no jornal, chama a atenção a altura do pedestal onde a estátua ficava fixada bem como a dimensão de largura do monumento. Paulo Knauss, ao analisar algumas estátuas erigidas na cidade do Rio de Janeiro, fala da noção de enquadramento e da sobrevalorização do pedestal. A estátua é construída, sobretudo, para ser vista e, portanto, a maneira como ela é exposta diz muito sobre as intenções de quem expõe.

Um pedestal alto confere o que Paulo Knauss chamou de “exclusividade no olhar” (2003, p. 3), a estátua estando nessa posição não teria outro objeto que competisse a atenção do olhar de quem passa. Como essa estátua foi pensada e produzida para ser erigida em praça pública não podemos esquecer dessa dimensão, a praça era um lugar de trânsito de pessoas. O pedestal foi produzido pelo marmorista Frederico Skinner⁸², que chegou em Fortaleza, em 1887, contratado para esse fim.

Além do pedestal, a própria estátua também tinha grandes dimensões, o que tornava o monumento grandioso pela sua presença na praça e, também, por ser o primeiro erigido na capital do Ceará.

O gradil também compõe a narrativa da estátua. É o lugar onde as palavras buscam significar o bronze, como uma espécie de legenda para a estátua. No gradil foram inscritas as datas de nascimento e morte e da praça. Em outra parte do gradil outras inscrições:

A fê d’officio do general está inscripta nas colunas do gradil que contém os seguintes dizeres:

Corrientes 25 de maio de 1865

—
 Riachuelo 31 de junho de 1865

—
 Ilha da Redemção 10 de abril de 1866

—
 Tuyuty 24 de maio, 16 e 18 de junho 1866

—
 Chaco 2,4 e 8 de maio de 1868

⁸¹ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888. Página 2

⁸² Fontes sobre o marmorista Frederico Skinner foram encontradas na medida em que ele efetuou seus trabalhos, sempre citado como: marmorista, escultor e até arquiteto. Seus trabalhos sempre ligados à estátuas e sepulcros. Como exemplo: Escultura no túmulo de Manuel Gabriel de Carvalho, no cemitério de Alecrim em Natal- RN.

12, 16 e 18 de agosto de 1869⁸³

O historiador Regis Lopes Ramos traz uma discussão muito cara a essa problemática quando pensa o “prazer da placa”, fazendo uma reflexão sobre como a escrita sobre objetos ajudam a compor o próprio objeto. “Está aí uma questão fundamental: a letra como instrumento de memória”. (2014, p. 176) Os dizeres no gradil conferiam significados à estátua, demarcavam quem era o sujeito estatuado, sua trajetória nas datas de nascimento e morte, mas, sobretudo, sua trajetória como militar na guerra, ao listar datas e nomes de batalhas ocorridas durante a Guerra do Paraguai.⁸⁴

Todas essas informações presentes nas placas ajudavam a compor a narrativa do monumento. E através desse esforço, podemos falar da necessidade de identificação, que mostrava que aquele herói e sua história precisavam ser ainda escritas. Partimos do pressuposto, de que se há a necessidade de uma identificação, é porque não se conhece ou reconhece prontamente.

Além da imagem que o objeto-estátua traz dentro de um espaço específico como é o da cidade, devemos conferir um olhar cuidadoso às comemorações de inauguração das estátuas, uma vez que, “a lógica da narrativa da escultura urbana se completa pela ritualização da peça”. (KNAUSS, 2003, p. 1-2) Sobretudo, quando foram conferidos a essa ritualização, atenções especiais por parte dos que estavam presentes nessas inaugurações.

1.2.2. A estátua inaugurada no jornal. (O jornal e a fabricação do fato)

⁸³ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

⁸⁴ As batalhas citadas no pedestal são as seguintes: *Corrientes*: Ocorrida no início de 1865, foi um episódio chamado também de Invasão de Corrientes. Tratava-se de um território Argentino. Paraguai sob a liderança de López invadiu a região na busca do apoio do General Justo José de Urquiza, que era hostil ao governo da Argentina, em Buenos Ayres. Porém essa invasão acabou favorecendo a criação da Tríplice Aliança, pois os argentinos se uniram ao Uruguai e Brasil contra o Paraguai. *A Batalha de Riachuelo*: Conhecida como uma das batalhas principais de toda a guerra. Foi uma guerra naval ocorrida às margens do rio Riachuelo, um afluente do rio Paraguai, na província de Corrientes, na Argentina. É conferida a ela essa importância, pois foi uma conquista muito importante para a Tríplice Aliança, que passou a controlar os rios da Bacia do Prata até os limites com o Paraguai, ganhando vantagem de acesso ao país inimigo. Essa batalha foi pintada pelo pintor brasileiro Victor Meirelles. *Ilha da Redenção*: Conhecido como combate de consolidação da conquista da Ilha de Redenção, no Rio Paraná. Esse episódio é dito como início da redenção paraguaia. *Tuyuti*: Considerada como batalha fundamental para a vitória da Tríplice Aliança. Aconteceu em solo paraguaio. Assim como a Batalha de Riachuelo, Tuyuti também foi representada em pintura, pelo pintor Cândido López. E por fim, sobre a *Batalha do Chaco*, não encontramos descrições do episódio, porém trata-se de uma região localizada no Paraguai.

No dia 7 de abril de 1888, o jornal *Libertador* não saiu. O motivo foi a preparação para a edição especial do dia seguinte. No sábado, o dia fora dedicado para essa publicação. Domingo, dia 8 de abril de 1888, estava marcada a inauguração da estátua do General Tibúrcio. Como já discutimos, o jornal *Libertador* participou de todo o processo que levou à ereção da estátua em homenagem àquele militar. Essa edição especial no dia da inauguração foi mais uma de suas ações com o intuito de homenageá-lo e, sobretudo, se fazer presente no momento de inauguração.

Porém, assim como o ato de tornar bronze, também podemos pensar na inauguração como um “trabalho da memória”⁸⁵, onde a intenção é expor pela primeira vez algo ao público. Essa dimensão da História que se quer pública aparece muito latente quando se pensa, por exemplo, na inauguração de uma estátua em praça pública.

A inauguração é um ritual onde se busca atribuir sentidos ao que está sendo inaugurado. A maneira como esse ritual acontece, os elementos trazidos para significar o objeto inaugurado, constroem para ele um sentido, que muitas vezes, fica atrelado ao objeto. Podemos falar então em uma tríade: o monumento como objeto físico, a escrita sobre o monumento e o ritual de inauguração.

Para compreendermos como esse jornal contribuiu para a construção da memória em torno desse chamado “herói”, analisar essa edição especial e ilustrada torna-se peça-chave, pois, sobretudo, nessa publicação podemos encontrar qual tipo de herói estava sendo moldado e qual imagem de herói se estava buscando cristalizar no bronze e também através da escrita.

Nesse caso, podemos apontar a especificidade dessa fonte, por tratar-se de uma escrita pública⁸⁶ por excelência, como é o caso do jornal. Chamando atenção para o fato de que “na era da imprensa a escrita criou novos espaços da recordação”. (ASSMANN, 2011, p. 54) Portanto, compreendemos o jornal como um “veículo da memória”, um suporte. Como lugar de memória, o jornal também seleciona e “fabrica o fato” a partir de sua narrativa. (CAPELATO, 2003)

A “memória escrita” é tratada por Aleida Assmann “não só como médium de eternização, ela é também um suporte da memória. A escrita é, ao mesmo tempo, médium e metáfora da memória”. (2011, p. 199) Como se as palavras escritas tivessem a força de uma

⁸⁵ Sobre o termo trabalhos da memória, ver página 10.

⁸⁶ Para a historiadora Maria Helena Capelato (2003), a escrita da imprensa era tanto “pública” quanto “privada”, era uma escrita engajada a partir das ideias do grupo que estava à frente de determinado jornal, por isso a dimensão do privado é destacada nessa escrita que se pretende, sobretudo, pública.

escrita que eterniza, e que, portanto, existisse uma aliança entre escrita e memória que se traduz em textos como esses que estamos analisando, onde a escrita se torna suporte e onde a memória se materializa.

Aqui a escrita ainda apresenta uma especificidade, o seu lugar de origem. Uma memória escrita que parte de uma instituição, como é o caso do jornal. Segundo Michel de Certeau, o lugar da escrita, a própria escrita e os procedimentos adotados da sua feitura devem ser pensados em sua interação. (CERTEAU, 2011)

Pensar esse lugar é compreender o que Maria Helena Capelato chama de “mito da objetividade”. Segundo a historiadora, “a caracterização do jornal como espelho, reflexo ou vista da sociedade, do país ou da nação faz com que ele assuma aparência de coisa verdadeira: a imprensa espelha o real, ou seja, a verdade”. (2003, p. 147)

Ao analisar edições do jornal *Libertador* de diversos anos⁸⁷, podemos notar que essa edição de 8 de abril do ano de 1888, ganha destaque, não só pela suspensão da edição do dia anterior, o que denota um empenho maior para aquela produção, mas também por ser uma edição ilustrada⁸⁸. Sua primeira página é totalmente ocupada com o cabeçalho do jornal e uma ilustração da estátua que estava sendo inaugurada naquele dia. Podemos, inclusive, dizer que ela foi inaugurada primeiramente nas páginas daquele jornal.

⁸⁷ O jornal *Libertador* esteve em circulação entre os anos de 1881 e 1892, passando a se chamar “A República” dois anos após a Proclamação da República, quando acontece a fusão com o jornal *Gazeta do Norte*.

⁸⁸ Porém, além dessa edição comemorativa do dia 8 de abril de 1888, no jornal *Libertador* tiveram outras edições que apresentavam esse cunho comemorativo, como é o exemplo da edição de 25 de março de 1884, em homenagem à Abolição da Escravidão no Ceará.

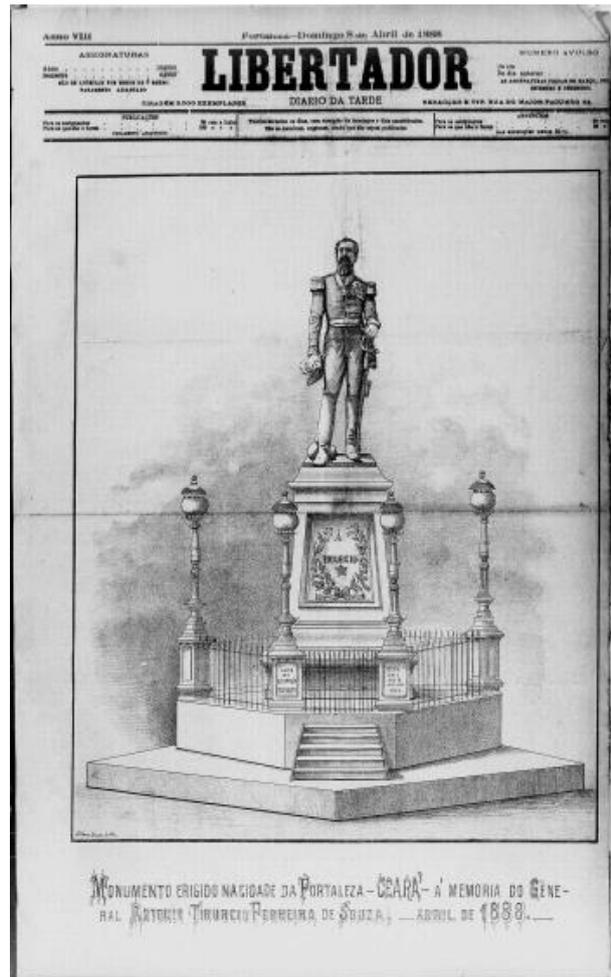


FIGURA 2. JORNAL LIBERTADOR, 8 DE ABRIL DE 1888.

Como podemos ver acima, a legenda da imagem evidencia o lugar onde aquela estátua estava erigida, como também explicita a intenção de homenagear o personagem. Trazer a imagem da estátua no jornal era também inscrevê-lo dentro da história do General Tibúrcio, e, como ele era homenageado como herói do Ceará, trazer essa homenagem dentro das páginas do jornal, era também se inscrever na História do Ceará. Não se pode deixar de lembrar que essa estátua foi a primeira erigida no Ceará, portanto, participar daquele momento, era entrar para a História.

Também por ser a primeira estátua, ela ganha uma atenção maior, era de fato um acontecimento novo na História daquele lugar. Ter uma estátua erigida em uma praça, era mostrar que aquele lugar tinha uma História digna de nota, pois contava com grandes fatos e ilustres personagens que mereciam ser homenageados no bronze.

Voltando à ilustração presente no jornal Libertador, é interessante ressaltar o que foi escolhido para compor a figura, uma vez que, nas placas ilustradas pelo jornal, não estão

escritas todas as informações que de fato compõem as placas. Na placa da esquerda, está escrito “*Ilha da Redenção. Tuyuty*” e na placa da direita “*2,4 e 8 maio. 16 e 18 junho 1866*”. As informações presentes na placa fixada no gradil da estátua são bem mais extensas, como já vimos na descrição feita pelo jornal *Libertador*.

Para a ilustração da primeira página do jornal, foram escolhidos alguns trechos específicos de “batalhas e datas” que os redatores do jornal julgaram mais importantes dentro da listagem original. As seleções não pararam na produção da ilustração, todo o conteúdo do jornal foi produto de escolhas, afinal, constituem uma memória sobre o acontecimento.

Acontecimentos são referências para a memória. Como escreve Joel Candau, “cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo nível de evocabilidade ou de memorabilidade”. (2012, p. 98) Podemos então, falar em termos de uma memória sobre os acontecimentos.

Outro texto muito interessante para se pensar a natureza dos acontecimentos é “O retorno do Fato” escrito por Pierre Nora. No texto, o autor discute sobre como o acontecimento é dado a existir, estabelecendo diferenças entre fato e acontecimento. Acontecimento seria aquele: conhecido, projetado ou “oferecido sob forma de espetáculo”. Ele fala em uma “produção do acontecimento”. (1995, p. 179-193)

Nesse caso em específico, existe a questão de a narrativa do acontecimento ter ocorrido quase que ao mesmo tempo do fato narrado. Como já afirmamos, existia a necessidade por parte do jornal de participar do acontecimento e também de narrá-lo.

O jornal estava composto de pequenos textos sobre o General Tibúrcio e sobre o momento vindouro da inauguração. Nele, esses dois temas se mesclavam formando um só. Alguns dos pequenos textos vinham acompanhados de títulos: “Perante a estátua”, “A grande somma”, “General Tibúrcio”, “Hymno”, “Manhã de festa” etc. São, ao todo, dez pequenos textos, alguns com autoria definida, que são a maioria, e outros sem autor específico.

A própria ordem em que os textos estão distribuídos ao longo do jornal valorizam aquele ato de homenagem dos cearenses ao General Tibúrcio. Já no primeiro texto “Perante a estatua” - esse sem autor especificado - podemos notar alguns aspectos que ajudam a compreender os motivos da homenagem.

O Ceará solve n’este momento compromisso tomado com a pátria brasileira de perpetuar em monumento duradouro e memorável querida do insigne general e claro cidadão Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

A população de Fortaleza vae contar com testemunho de seu entusiasmo o epilogo brilhante desse commettimento patriótico, dando a estatua com notas... de seus hynnos ardentes, o vigoroso estrepido de seus calorosos aplausos.

O monumento, que há de trazer viva e brilhante aos olhos da ... ceridade a augusta imagem do homem que tanto honrou a nação brasileira e a terra cearense fundido com os tesouros da retidão nacional, representados dons filantrópicos dos opu... e no obulo humilde dos... só espera o culto do povo para desvendar-se aos olhos da geração coetâneas e porvindeiras.⁸⁹

Alguns aspectos principais podem ser ressaltados a partir da leitura desse pequeno trecho. Em primeiro lugar, a valorização da participação do Ceará em um compromisso tomado com a pátria brasileira em erigir um monumento àquele cidadão, o que evidenciava a intenção de descrever aquele momento como sendo solene para a pátria como um todo e não apenas para o Ceará.

Essa mesma intenção se repete mais ao fim do trecho, ao fazer referência à imagem de Tibúrcio como “a augusta imagem do homem que tanto honrou a nação brasileira”. A ideia dos redatores do jornal era fazer lembrar Tibúrcio como herói não só cearense, mas também da Nação. Segundo o jornal, aquele monumento iria fazer presente a imagem daquele que tanto honrou a terra cearense, mas também a nação.

Essa relação entre a Nação (Brasil) e Ceará vai por diversas vezes sendo retomada quando o assunto é a trajetória do general. Os cearenses que estavam realizando aquele momento de homenagem não deixavam de ressaltar que ali era um feito para a nação, era como se ao mesmo tempo que justificasse a validade daquele herói, estivesse incluindo o Ceará na História da Brasil.⁹⁰

Lembramos do termo “comunidades imaginadas”, utilizado pelo historiador Benedict Anderson, e como ele nos remete a uma ideia da ação do ser humano de criar uma identidade para os lugares e para si a partir do ato de imaginar, de construir. Anderson pensa essa questão da construção do sentimento de pertencimento a partir de vários casos e, cada um, com suportes variados.⁹¹

⁸⁹ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

⁹⁰ O Ceará queria se inscrever na História do Brasil, mostrar sua relevância. Existia a vontade de fazer o Ceará pelo seu passado, legitimando a sua participação na História mais ampla, do Brasil. Quando se elegem heróis, não se elegem à toa, escrever a história do Ceará era, sobretudo, falar de seus heróis e de seus grandes feitos.

⁹¹ No livro “Comunidades Imaginadas”, Benedict Anderson trata do tema nacionalismo e como ele foi surgindo e se moldando em vários locais. Anderson trouxe a discussão para o lado sentimental, ao expor o apego que as pessoas têm pelas invenções e histórias que marcam seus lugares. Fala em suportes como: a língua oficial, a língua impressa, os mapas. Ele aproxima esse movimento da vida prática, ao utilizar o termo imaginadas, ao invés de imaginária.

Esse conceito ajuda-nos a pensar a construção da memória do General Tibúrcio, porque ela está intimamente ligada ao local de origem daquele sujeito. Podemos falar em uma comunidade que se imagina (se constrói) a partir, também, da eleição de seus heróis. Assim como um mapa delimita o espaço territorial, as datas e personagens eleitos importantes, delimitam uma história comum.

Como escreve Lilia Moritz Schwarcz, na apresentação do livro de Benedict Anderson, ao falar sobre o nacionalismo, ele: “pauta-se pela ideia de que é preciso fazer o novo, antigo, bem como encontrar naturalidade num passado que, na maioria das vezes, além de recente não passa de uma seleção, com frequência consciente”. (2008, p. 10)

Ainda pensando nessa questão, lembramos de Armelle Endres (2014). Para ela, a fabricação de heróis está ligada à necessidade de “encarnar a nação”, ou seja, de dar corpo àquele lugar através da escolha/construção de personagens. A historiadora ressalta também a existência de “Pequenas Pátrias” e, portanto, da existência dos heróis locais. Se existia a necessidade de designar heróis para a Nação, o Ceará queria contribuir evidenciando a figura do General Tibúrcio.

Lembremos também do momento em que se relatava no jornal *Libertador* os responsáveis pelos donativos para a construção do monumento e de como era ressaltado que o apoio vinha de todo o Império. Era uma das formas de conferir legitimidade ao herói, pois, para esses sujeitos, ele era reconhecido além das fronteiras do Ceará.

Em segundo lugar, podemos ressaltar a intenção daquela homenagem, uma vez que, nesse trecho, ainda encontramos menções às gerações futuras e do seu dever de cultuar aquela imagem. Passamos a compreender a própria forma da homenagem – no monumento em bronze – como diz no próprio texto: duradouro. A ideia de “*História Magistra Vitae*” ganha espaço.

Quando nos referimos a esse termo, torna-se necessário pensar quais as suas implicações para a Escrita da História. Ele está ligado diretamente ao que chamamos de “grandes homens”, ou “personagem-símbolo”. (CARTOGA, 2008, p. 28) Sendo uma versão moderna dessa asserção ciceroniana⁹², como escreve Fernando Catroga (2008, p. 23), que busca na experiência do passado, a partir dos sujeitos que personificam o geral através do particular (o indivíduo), esclarecendo melhor, são sujeitos que representariam o passado, seriam símbolos.

Podemos falar em termos de sujeitos exemplares, que expõem a ideia de um ciclo repetitivo, onde o passado é exemplar para o presente, tendo em vista o futuro. O caráter

⁹² É atribuída a Cícero esse termo: “*história magistral vitae*”.

pedagógico e, ao mesmo tempo, cívico, também é percebido quando se elegem exemplos, uma vez que exemplos ensinam.

Catroga, ao falar sobre a noção de História Mestra da vida, traz ainda outro aspecto que nos ajuda a entender essa homenagem feita a Tibúrcio: a ideia de que essa maneira de pensar a história denota “a face concreta da vida humana”, a finitude. A escrita da História viria então para “derrotar a amnésia”. A ereção do monumento do general vinha para derrotar a morte, a finitude e o esquecimento. Catroga fala em um “protesto contra a mortalidade”, o que nos lembra a ideia principal contida do ato de construir uma estátua.

Era essa a perspectiva de História presente no ato de erigir estátuas, construir heróis e perpetuar uma memória, sobretudo com intenções cívico-pedagógicas. “O cidadão exemplar torna-se parte integrante da pedagogia cívica ou mesmo simplesmente patriótica”. (ENDRES, 2014, p. 19)

Alois Riegl, no livro “O culto moderno dos monumentos”, escreve sobre uma série de valores⁹³ que seriam atribuídos aos monumentos, dependendo do olhar que se lança a ele. No início do livro, ele traz uma definição:

“Por monumento, no sentido mais antigo e original do termo, entende-se uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos (ou combinações de ambos)” (2014, p. 31)

Dos valores que Riegl, explicita, “o valor volível de memória ou de comemoração”, é o que nos interessa para reflexão que propomos aqui, pois diz respeito, a ideia de manter presente uma memória.

“O culto do valor histórico – contraposto ao culto do valor de antiguidade, que avalia o passado pelo próprio tempo-, mostrou a tendência de abstrair do passado um momento de evolução histórica, colocando-o diante dos nossos olhos como se pertencesse ao presente. O valor intencional de comemoração tem esse objetivo desde o início, ou seja, objetivo de, desde a ereção do monumento, nunca deixar, de certa forma, que um momento faça parte do passado, permitindo que permaneça na consciência das gerações futuras, sempre presente e vivo.” (2014, p. 63)

⁹³ Alois Riegl, quando se refere aos valores de memória em relação ao culto dos monumentos, traz três valores, o valor “volível de memória ou de comemoração” de que tratamos no texto, e outros dois: “Valor de Antiguidade”, que diz respeito ao aspecto inatual do monumento, esse valor é contra intervenções arbitrárias, na busca de sempre estar na forma o mais original, sem sofrer nenhum acréscimo ou redução. Esse valor é perceptível na percepção, percebe-se o tempo que se passou; “Valor Histórico”, diz respeito ao valor que advém da reflexão mais aprofundada, interessa-se pela ação humana, pela criação original enquanto obra, nesse sentido, já existe a ideia de salvar, que quer conservar.

Porém, além da perpetuação no bronze, podemos dizer que existem outras formas de se tornar algo duradouro ou memorável. “A escrita é um meio de eternização não somente para os heróis cantados nos poemas, mas também para o próprio autor”. (ASSMANN, 2011, p. 51)

Até mesmo quando não se especifica o autor do texto, como é o caso desse documento que foi analisado, entendemos que os redatores se utilizaram dessa falta de autor para designar a todos do jornal como autores desses trechos. O jornal Libertador já vinha há bastante tempo tratando do tema “General Tibúrcio”, motivo pelo qual trechos sem autores designados poderiam ser tidos como dos redatores e diretores do jornal, afinal, eles ajudaram a construir duplamente a estátua, tanto fisicamente como nas narrativas sobre o monumento.

Essa questão aparece no fim desse primeiro texto “Perante a Estátua”:

Nos que em nome da imprensa tivemos ensejo feliz de caminha com a vanguarda dos promotores da grande obra, juntamente hoje a humildade nota do nosso ultimo aplauso ao acontecimento que conduz o povo cearense à rumaria benemérita de ...minar com as fulgurações combatem na brancura dos theons o escuro frio tumulto do Tiburcio. ⁹⁴

Percebemos então o jornal se colocando como promotor dessa obra de vanguarda. Para falar da estátua e de sua inauguração, a priori, o jornal ressaltou sua importância para aquele acontecimento.

Essa questão ainda é colocada em relevo no segundo texto do jornal, com título: “A nossa gravura. Monumento Tiburcio”. O próprio título já traz o pronome possessivo: “nossa” e é justamente nesse texto que toda a narrativa sobre a ideia que levou a ereção da estátua é contada.

A participação do jornal é ressaltada tanto a respeito da própria existência do monumento, quanto daquele momento festivo de inauguração. Como podemos ver no início desse texto, “a praça do General Tiburcio. Antiga de Palacio, levanta se o monumento que representa a bravura da 1ª página de nossa edição de hoje”⁹⁵.

Após essa ressalva, o texto traz uma descrição minuciosa do monumento – aspecto que discutiremos mais à frente – e, em seguida, fala das primeiras ações que culminaram naquela inauguração.

A historia do monumento é muito breve.

⁹⁴ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

⁹⁵ Ibidem.

A 6 de abril de 1885, poucos dias depois da morte de Tiburcio, alguns camaradas em palestra saudosa sobre o amigo morto lembraram a necessidade de perpetuar o seu nome em monumento duradouro.

No dia 15 houve a 1ª reunião de officiaes do 11 batalhão de infantaria, para tratar do assumpto e ficou resolvido realizar a ideia por subscrição publica. Não se tratava de uma estatua de praça, mas de um monumento no cemitério. O capitão Candido Leopoldo Esteves, natural de Santa Catharina, e presentemente enfermo na corte, foi quem propoz, e encorajou seus camaradas para empreharem seus esforços em obra mais digna da pátria e da memoria do inlyto general. Então foi convidada a imprensa, representada na Constituição, Gazeta do norte e o Libertador para auxiliar o empreendimento e organizou-se a comissão composta de nacionais e estrangeiros, militares e paysanos.⁹⁶

Ao narrar a “História do Monumento”, podemos perceber como procurou-se conferir uma grandeza àquele acontecimento, inclusive quando se ressalta a mudança de planos a respeito da forma pela qual se daria a homenagem, quando ficou decidido então que seria uma estátua de praça e que essa seria a homenagem mais digna a se fazer em nome da pátria e da memória do general.

Um pouco mais à frente no mesmo texto, logo após listar um a um os nomes dos envolvidos naquela comissão⁹⁷, fica clara a ideia de que aquele momento não era solene apenas para o Ceará: “De muitos pontos do império affluiram donativos, concorrendo esta província com a máxima parte da quantia necessária superior a 10.000 \$. Eis como o Ceará e o Brasil pagaram essa grande dívida”⁹⁸.

A dívida a ser paga era claramente atribuída aos feitos do general, e é sobre esses feitos e de sua trajetória que os demais textos que compunham o jornal tratavam. Os textos seguintes se detiveram a (re)contar a trajetória do homenageado. Diferente dos dois primeiros textos já analisados, estes contavam com autores específicos, como por exemplo: “A grande Somma”, escrito por Pedro Queiroz; “O general Tiburcio”, escrito por Juvenal Galeno e “Tiburcio” escrito por M. de Souza Garcia.

O que notamos aqui é que para falar da vida de Tibúrcio e de sua relevância para a História do Ceará, o jornal teve a participação de outros sujeitos. Uma forma de mostrar que

⁹⁶ Ibidem.

⁹⁷ Lista com todos os participantes da comissão exibida no jornal Libertador: “Major Manoel Bezerra d’Albuquerque Junior; Capitao Candido Liopoldo Esteves; João Brígido dos Santos; Capitão Manoel Thomé Cordeiro; João Lopes Ferreira Filho; Capitao Tristão Sucupira d’Alencar Araripe; Justiniano de Serpa; Tenente Francisco Pedro dos Santos; Wiliam John Ayres; Tenente Raymundo do Carmos F. Chaves; Alferes João Martins Alves Ferreira; Jean de Viremoal; Alferes José Custodio da Silva; Auxliados estes pelas Exmª Sras. D. Maria Thomasia Figueira Lima D. Hilda Fernandes Cordeiro D. Julia Vaz; D. Elvira Pinho”. Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

⁹⁸ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

aquele herói tinha aceitação geral, transparecendo assim, a homenagem a Tibúrcio como algo natural.

Como escreve o historiador Fernando Catroga, ao refletir sobre a natureza das comemorações:

As comemorações tinham por finalidade representificar o passado, silenciando o facto de a sua evocação ser selectiva, processo mediante o qual o presente paga aos defuntos ilustres a sua dívida de reconhecimento, não por mero prazer necromântico, mas para lhes extorquir uma mais-valia simbólica. Sombras exemplares, os grandes antepassados caucionam a acção dos vivos, inscrevem-na numa tradição, ligam-na ao universal histórico. (CATROGA, 2005, p. 103-104)

Nesse momento festivo de inauguração da estátua, esses autores buscaram tratar aquele momento como consequência óbvia após a morte do General Tibúrcio. Como Fernando Catroga alerta, essa maneira de narrar o passado o inscreve em uma certa tradição, que acaba por validar herói e, portanto, a ação de quem o homenageia.

Pedro Queiróz⁹⁹ um dos redatores da Academia Cearense de letras¹⁰⁰, onde foi também vice-presidente, escreveu o texto “A grande somma”. Nele Tibúrcio é tratado como herói que superou as dificuldades e que resumia as qualidades de guerreiro,

Assim Tiburcio, ergue-se desconhecido dos fundos da obscuridade, cresce, destendo sua musculatura de aço, condensa em si toda a seiva heroica do temperamento dos grandes guerreiros, dos cidadãos beneméritos, e, nas culminações da gloria –era o – assombro.¹⁰¹

Além de evidenciar o caráter de herói, faz alusão também à “imortalidade” e à participação do povo nessa homenagem: “Da sua febre de valentia, da potência de seu espírito e da extravasação do entusiasmos do povo produziu-se o monumento que se inaugura”.

No seu pequeno texto, o intelectual traz em resumo as tópicas daquela homenagem: Tibúrcio herói, imortalizado, a participação do povo que reconhecia o herói e o desejo de perpetuar seu nome ao futuro da pátria. Quando, ao fim do texto, afirma que “a sua estatua, que é incorporação solemne de seu nome ao presente e ao futuro da pátria”.

⁹⁹ Nasceu em Cascavel no ano de 1854. Era bacharel em Direito pela Faculdade de Recife e ocupou vários cargos da magistratura. Tem publicados diversos artigos em jornais do Ceará, como Libertador, Gazeta do Norte, Unitárioo de Fortaleza dentre outros.

¹⁰⁰ A Academia Cearense de letras (ACL) foi fundada em 15 de agosto de 1894 e tinha como publicação uma revista própria que iniciou em 1896. Teve como seu primeiro presidente Tomás Pompeu de Sousa Brasil Filho, nascido em Fortaleza em 30 de junho de 1852, que era advogado, político e escritor. Foi também membro do Instituto Histórico do Ceará.

¹⁰¹ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

Álvaro Martins¹⁰² também lembrou em sua escrita a herança e o exemplo que Tibúrcio deixava,

Eu, na lyra obscura, imemorável,
De fraca inspiração e tosco engenho,
Em versos esquecidos, mas sinceros,
Saúdo o grande, o inclyto general,
Que em letras luminosas,
Em livro das pátrias tradições,
Gravou eternamente o nome augusto
Como exemplo as futuras gerações.¹⁰³

Já do texto intitulado “Tiburcio”, escrito por M. de Souza Garcia¹⁰⁴, em formato de versos, Tibúrcio é caracterizado como “filho dilecto” e, mais uma vez, exemplo daquela Terra da Luz.

Orgulhosa de ti, filho dilecto,
A altiva pátria à gloria te conduz;
E cada coração de erguendo altares.
Queima-te o inconso do mais puro affecto,
Aos hymnos festivaes dos verdes mares
D’esta terra da Luz.¹⁰⁵

Ao homenagear Tibúrcio, a lembrança do Ceará como berço da Abolição dos escravos, nos dizeres “Terra da Luz” é retomada. Para falar de um fato memorável, eram trazidos os outros tão memoráveis quanto. Nesse sentido é que também as batalhas na Guerra do Paraguai são lembradas nos versos:

Tuyuty, Redempção, Riachuelo
Chaco, Tibetuy e Corrientes,
Caranguaty, Laureles, Campo-Grande.
Formam em límpido céo do azul mais bello,
Constellações d’estrellas resplendentes...
Victorias de Alexandre.¹⁰⁶

¹⁰² Sobre Álvaro Martins não encontramos fonte.

¹⁰³ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

¹⁰⁴ Sobre M. de Souza Garcia não encontramos fonte.

¹⁰⁵ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

¹⁰⁶ Ibidem.

A trajetória do general foi tratada, em versos, por outro escritor cearense, o Juvenal Galeno¹⁰⁷. Ele estava dentre os componentes da Comissão Monumento Tibúrcio e escreveu para a edição do dia da inauguração o poema intitulado “O General Tiburcio”.¹⁰⁸

A 1ª estrofe trata de apresentar quem foi Tibúrcio, enquanto a 2ª segue trazendo seus feitos na guerra que lhe conferiam fama e também traziam adjetivos que qualificavam o personagem homenageado.

Tiburcio! Salve, Tibúrcio.
Nossa glória marcial!
Quem tanto elevou o nome
De sua terra natal
No combate mais renhido
Soldado entrou destemido
Deixou inimigo vencido
Sahia depois- general!

Que o digam seus companheiros
Das batalhas,- do lidar;
Os velhos soldados sempre
De noite contam no lar:
- Ninguém mais bravo, mais forte
Que o moço filho do norte!
Era o terror era a morte
Do Paraguayo – a lutar!¹⁰⁹

Nas duas estrofes, Juvenal Galeno remete ao lugar de nascimento do herói, o que chamou de “norte”. O lugar de onde vinha o herói era sempre que possível ressaltado. Quando pensamos no empenho em construir um herói, devemos levar em conta para quem é interessante afirmação de ter um herói para chamar de seu. Quando se fala em herói espera-se um complemento, herói do quê e de onde? Essa era a resposta pronta que alguns cearenses buscaram formular quando homenagearam Tibúrcio.

Na 4ª estrofe, não só remete ao lugar como aos outros grandes nomes do Ceará:

Que Tiburcio tinha n'alma
Da Ibiapaba à extensão,
Onde nascera... e nas veias
O sangue de Camarão!
E qual a grande montanha
Sua coragem tamanha

¹⁰⁷ Juvenal Galeno foi considerado Sócio-Fundador do Instituto Histórico do Ceará, que foi inaugurado em 1887. E em 1889 foi nomeado pelo presidente da Província de Fortaleza, Caio Prado, para a função de Diretor da Biblioteca Pública, então localizada na Rua Sena Madureira, cargo que ocupou por longos dezenove anos. Uma de suas obras mais famosas é o “Lendas e Canções Populares” de 1865.

¹⁰⁸ Esse poema passa a compor o seu livro “Lendas e Canções populares”, que havia sido publicado a primeira vez em 1865. No ano de 1892, quando a 2ª edição do livro foi publicada o poema “General Tibúrcio” foi incluído.

¹⁰⁹ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

Não se desmentiu na campanha...
Provou-a na Redenção.¹¹⁰

Camarão, que já era reconhecido como herói do Ceará¹¹¹, é trazido no poema junto a Tibúrcio, como exemplo da coragem e valentia de um povo. O que nos chama a atenção é a questão do “sangue”, mais uma vez a referência à terra natal aparece. Nesse caso, Camarão e Tibúrcio eram conterrâneos, não só no que diz respeito ao Ceará, mas também haviam nascido na mesma cidade: Viçosa do Ceará.¹¹²

E a bravura de Tibúrcio segue sendo tema do poema nas demais estrofes,

E em toda parte – que o bravo
Do Osório era o rival!
O velho chefe o filava
Como se fila a um igual!
Louvava as proexas
E amava-lhe as gentilezas...
E para grandes empresas
Mandava o seu Marechal.¹¹³

Juvenal Galeno coloca, nessa parte do poema, Tibúrcio como sendo admirado por um superior, porém, não qualquer superior, mas o Osório¹¹⁴. Esse militar já tinha lugar de destaque nacional nesse momento e teria lugar de destaque também após a Proclamação da República. E essa vinculação à Nação (à Pátria) aparece na última estrofe do poema.

Dizendo todos nos hymnos
Da gratidão eternal!
Salve Tiburcio, o valente,
Salve o moço general,
Que lutôu a vida inteira
Pela nação brasileira
Honrando sua bandeira
Honrando a pátria natal!¹¹⁵

As narrativas dos textos que homenageavam Tibúrcio eram bastante semelhantes, e, portanto, buscavam construir sobre ele uma imagem homogênea, que podemos definir como

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ Antônio Felipe Camarão foi um índio brasileiro que ganhou notoriedade por ter sido chefe dos índios na Guerra Holandesa. Tendo inclusive uma estátua erigida em sua homenagem na cidade de Viçosa do Ceará. Muito interessante ainda sobre a importância de designar a cidade natal de um herói ou grande personagem é o caso da polêmica entre Ceará e Pernambuco para afirmar onde Camarão nasce. Sobre essa querela, ver: RAMOS, Regis Lopes. “José de Alencar. Entre o romance e a História.” Projeto História. N°43. 2011.

¹¹² Ambos tem erigida nas praças da cidade uma estátua que os representa, como podemos ver no livro “Os monumentos do Estado do Ceará. Referência Histórico-Descritiva” organizado por Eusébio de Sousa em 1932.

¹¹³ Jornal Libertador 8 de abril de 1888.

¹¹⁴ Sobre Osório ver nota 69.

¹¹⁵ Ibidem.

Tibúrcio valente, bravo e herói da Guerra. Essas eram as virtudes do herói ou de um modelo desejado de herói, que servisse para aquele momento.¹¹⁶

Outros fatos gloriosos do Ceará são retomados, bem como, outros grandes homens. Falar de um grande fato e um grande homem era também trazer os outros. Podemos assim dizer, que era, sobretudo do Ceará que se falava naquelas páginas de jornal.

Após esses textos que davam conta da trajetória e vida do homenageado, outro texto retoma a questão da homenagem daquele dia para fechar a edição de inauguração. O texto “Monumento Tiburcio”, escrito por Julio A. de Luna Freire¹¹⁷, tem um início muito interessante no que diz respeito à perpetuação de grandes nomes, o autor afirma que “esse despertar de consciência público” era característico do século XIX. Para ele, antes desse século os grandes beneméritos findavam esquecidos.

Como ele descreve aquele século: “era um protesto energético contra todos os horrores do passado e as grandes injustiças anteriores”. Segundo o autor, “em nosso século a multidão não se cansa jamais de servir de pedestal das estátuas dos que fazem da vida um apostolado”¹¹⁸.

No final daquele século que valorizava os seus heróis, o Ceará e os cearenses, buscavam perpetuar o nome do seu herói, mas também os brasileiros. Julio A. de Luna Freire era pernambucano e também esteve presente nas homenagens a esse herói.

Nos brasileiros celebramos, consubstanciando no bronze o vulto de quem as ganhou Uruguayna e no Chaco e inscrevendo nas páginas da história, mais perenne do que o bronze, o nome do invicto general Tiburcio, enquanto a tradição popular repete feitos homéricos d essa alma estóica que um espírito superior ilumina.

Há factos, que são característicos de um povo e de uma epocha: a abolição, hontem, do mais iniquo dos privilégios, o do homem sobre o homem, e a elevação hoje, de um monumento ao cearense que soube por feitos gloriosos se libertar da lei da morte, collocão o Ceará, tão fragellado pelos caprichos da natureza, triumphante à frente das outras províncias.¹¹⁹

¹¹⁶ Quando se define um modelo de herói, se propõe um exemplo, e ao mesmo tempo se excluem outros. Durante a História do Brasil, podemos destacar outros momentos em que alguns modelos de heróis da pátria (um modelo de panteão) são estabelecidos. Exemplo disso são os livros de Educação Moral e Cívica, utilizados no período do Regime Civil-Militar no Brasil. Sobre esse tema, ver: RODRIGUES, Karla C.; SILVA, T. S.; ALVES, R. S. As mobilizações de gênero nos livros de Educação Moral e Cívica na ditadura Militar. In: Ana Rita Fonteles Duarte; Meize Regina de Lucena Lucas. (Org.). As mobilizações do gênero pela ditadura militar brasileira (1964 - 1985). 1ª. ed. FORTALEZA: Expressão Gráfica e Editora, 2014.

¹¹⁷ Júlio Augusto de Luna Freire era advogado e magistrado pernambucano. Era filho de Adelino de Luna Freire, presidente da província de Pernambuco. E seu irmão, Adolfo F. Luna Freire, foi um dos fundadores da Academia Cearense de Letras. (ACL)

¹¹⁸ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

¹¹⁹ Ibidem.

Para o Ceará, ter esse advogado pernambucano elogiando o herói cearense, era evidenciar sua fama para além do Ceará. A partir desse parágrafo final do texto, podemos perceber várias questões: ressalta que a celebração vinha por parte dos brasileiros, evidencia que aquele gesto iria apenas reforçar a memória do herói já inscrita nas páginas da História, e que, portanto, ele já tinha certa tradição, inclusive na fala do povo que, segundo o autor, conhecia bem os feitos do herói.

Além disso, retoma, assim como em outros textos do jornal, a abolição da escravidão no Ceará como fato notável daquele lugar ao qual se somava agora o herói e seu monumento. Mais uma vez, percebemos que era sobre a História do Ceará que se falava quando se evocava o herói.

Para esses sujeitos que se empenharam em homenagear Tibúrcio nas páginas do jornal, assim como para os seus redatores, escrever sobre o herói era se inscrever na história. Como escreve Aleida Assmann:

“Com a escrita pode-se registrar e acumular mais do que se poderia evocar por meio da recordação. Com isso, distende-se a relação entre recordação e identidade; a diferença entre memória cumulativa e memória funcional está embasada nessa distensão. O potencial da escrita consiste na codificação e acumulação de informações, para além dos portadores vivos e em que independa de atualização em encenações coletivas” (2011, p. 150)

O conceito forjado pela historiadora, a “memória funcional”, ajuda-nos a compreender essa necessidade da criação de um herói. Segundo ela, esse tipo de memória é aquela organizada e que produz um sentido. Em suas palavras: “A memória produz sentido, e o sentido estabiliza a memória”. (2011, p. 149) Diferenciar os tipos de memória¹²⁰ é compreender a especificidade de cada uma delas. A nós interessa entender os usos dessa memória que Aleida chama de funcional.¹²¹

Ainda sobre a especificidade da memória escrita, o trecho citado, evidencia um certo potencial nessa forma de memorização, pois, com a escrita, se perderia a necessidade da repetição em momentos festivos de caráter coletivo. O curioso é que, no caso da memória

¹²⁰ Aleida Assmann, no seu livro “Espaços da Recordação. Formas e transformações da memória cultural”, divide a memória em dois tipos: memória funcional e memória cumulativa. As características da memória funcional seriam “a referência ao grupo, à seletividade, à vinculação a valores e à orientação ao futuro” Por sua vez, a memória cumulativa seria aquela que “acolhe em si aquilo que perdeu a relação vital com o presente” o que ela chama de memória das memórias. (2011, p. 147)

¹²¹ O termo “memória funcional” cunhado por Aleida Assmann (2011), se assemelha ao “trabalho de enquadramento de memória” utilizado por Michel Pollak (1989). Ambos se referem à uma memória organizada, ordenada, construída.

construída em torno do General Tibúrcio, mesmo havendo esse suporte da escrita na sua construção, ela foi sendo retomada, e para usar as palavras da historiadora, novas encenações coletivas aconteceram.

Aliás, como vimos ressaltando, a inauguração da estátua e a narrativa sobre esse evento dentro do jornal fizeram parte da dinâmica um do outro. Em meio aos textos que tratavam da vida do General Tibúrcio, da história de como surgiu a ideia daquela homenagem em um monumento, e, sobretudo os nomes responsáveis por levarem a ideia à frente; encontramos um texto que se destaca por sua natureza, trata-se de um “Hymno”.

Hinos e heróis estabelecem entre si uma relação bastante comum, afinal, ambos têm muito a ver com momentos de criação de sentimento em comum em relação a uma comunidade, a um regime político e assim por diante. Hinos também estabelecem relações muito próximas com eventos comemorativos. Tanto o é que no jornal Libertador, acima da letra do hino tem escrito: “Para ser cantado hoje perante a estatua do General Tiburcio. Letra de Virgílio Brígido, musica do tenente F. Benévolo”¹²².

Virgílio Brígido nasceu em Uruburetama no Ceará, em 1854. Tendo cursado direito em Recife, foi professor e promotor de Fortaleza. Segundo o “Diccionario Bio-Bilbiográfico do Ceará”, organizado por Barão de Studart, ele era “dotado de vivo amor pelas letras, fez parte de diversos grêmios literários e escreveu para revistas creadas naquela capital, ao lado de Clovis Bevilaqua, Martins Junior e Pedro Queiroz”¹²³.

Além da autoria do hino, Virgílio publicou em 1888 “Traços Bibliographicos do General Tibúrcio”¹²⁴, também na ocasião da inauguração da estátua. Tanto a biografia quanto o hino foram escritos em um contexto específico de inauguração de um monumento, podendo-se afirmar que foram pensados e produzidos para aquela ocasião.

Como podemos perceber, a 1ª estrofe do hino já confirma a hipótese de que ele foi feito para a ocasião de inauguração da estátua:

Patria!... E' chegado o momento
De dares mais luz, mais brilhos
No bronze do monumento,
A' memoria de teu filho

Que rúfe o tambor!
Que atrôe o canhão!
D'um povo de bravos

¹²² Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

¹²³ Diccionario Bio-Bilbiográfico do Ceará. Volume terceiro. (Org) Barão de Studart. Página 214.

¹²⁴ Esse documento não foi encontrado durante a pesquisa nos Arquivos.

Tremula o pendão.¹²⁵

Bastante sintomático foi o vocativo utilizado para chamar atenção no início do hino: Pátria! Virgílio Brígido chamava a atenção da pátria que, portanto, era colocada como parte interessada naquele acontecimento. O autor ainda coloca Tibúrcio em um patamar de “filho da pátria” e nas demais estrofes do hino vai explicando os porquês.

Na introdução da dissertação, ao explicarmos o seu próprio título, tratamos dessa ideia: “filho da pátria”. O que podemos pensar quando se falava em pátria nesse período, fins do século XIX, ano de 1888, no Brasil? Como já mencionamos, a construção do que é o Brasil, a nação, é um processo que ocorreu (e ocorre) ao longo da história. Porém, essa ideia de designar filhos dignos de homenagem e, portanto, exemplares, é característica marcante da escrita da história daquele período. O que diferencia é que ora se exaltaram figuras exemplares no Império, ora se exaltaram figuras exemplares ligadas aos ideais de república.

Da 3ª à 6ª estrofes, Virgílio Brígido se dedicou a falar a respeito da atuação do General Tibúrcio na Guerra do Paraguai.

Quando teu manto azulado
Da côr dos cêos do Equador
Manchou inimigo ousado,
Foi ele o teu defensor.

Que rúfe o tambor! etc.

Atraés d’esses banhados,
Que amigo sangue tingia,
Os esquadrões denodados
Elle, o forte, dirigia.

Que rúfe o tambor! etc.

Era gênio das batalhas!
Na dextra a fulminea espada,
Surdo ao silvo das metralhas,
Feria a hoste assombrada.

Que rúfe o tambor! etc.

Que fosse no mar, ou terra
Ou soldado, ou marinheiro
Pouco importa: era na guerra
Sempre o Tiburcio, o guerreiro

Que rúfe o tambor! etc.¹²⁶

¹²⁵ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

¹²⁶ Jornal Libertador, 8 de abril de 1888.

A narrativa presente nessas estrofes, está de acordo com todas as outras narrativas já escritas sobre os feitos do general, sobretudo, no espaço do jornal Libertador. Como a própria estrofe traz: “Sempre o Tibúrcio, o guerreiro”, ou pelo menos era assim que as narrativas repetidamente o pintavam.

General Tibúrcio não foi o único a ter hinos escritos em sua homenagem. O estudo da historiadora e música Analía Chernavsky mostra que alguns outros heróis, como Marechal Deodoro e Duque de Caxias, também receberam homenagens em formas de hinos. Segundo ela, alguns heróis nacionais cuja atuação se deu antes da República e que, em sua maioria, atuaram durante o conflito no Paraguai, tiveram hinos e suas “virtudes cantadas”. (2009, p. 58) E esse também foi o caso do Tibúrcio.

No jornal, o hino também ocupava um local privilegiado dentro daquela edição. Estava localizado no centro da página e com destaque de margens que enfeitavam a letra do hino. Por isso, pensamos em uma imagem da narrativa, as formas da narrativa que compõem também o que é narrado. O hino foi uma das homenagens que constituíram aquele dia festivo, onde a intenção era de perpetuar a memória do herói cearense. Fato ressaltado na sua própria letra:

Pois bem: que fique o seu nome
No bronze perpetuado,
Tão rijo, que o não consome
A aza do raio incendiado

Que rúfe o tambor! etc.

Patria!.. E’chegado o momento
De dares mais luz, mais brilhos
No bronze do monumento,
A’ memoria de teu filho.

Que rúfe o tambor! etc.¹²⁷

O hino estava nesse limiar entre a memória escrita no jornal e a comemoração em praça pública, pois o hino era parte fundamental no ritual comemorativo, já que a cada leitura de estrofe, se esperava um rufe do tambor e um atoe do canhão. Não podemos esquecer da dimensão musical do hino, que vinha também para embalar a inauguração.

A promessa de eternidade (ASSMANN, 2011, p. 48) ficava em evidência no próprio hino, pois no “bronze do monumento” se buscava a imortalização de um nome, ou

¹²⁷ Ibidem.

melhor, de um herói. O monumento é também significado pela escrita, e, no caso desse monumento, a escrita empreendida pelo jornal *Libertador* buscou, de fato, inaugurar um sentido para aquele monumento.

Para compreendermos como o jornal *Libertador* conferiu grande atenção a esse momento¹²⁸, torna-se necessário analisar como os demais jornais da época noticiaram ou não o “mesmo fato”.

O jornal *Constituição*¹²⁹ também noticiou a inauguração na edição do dia 8 de abril de 1888, na penúltima coluna da sua primeira página com o título “Monumento ao General Tibúrcio”. A narrativa elogia aquele momento o qual denomina de “imorredora homenagem” e afirma que,

(...) colocando para sempre as vistas do povo o glorioso e venerado vulto de Tiburcio, a província do Ceará escreve, não só uma das melhores páginas dos seus annaes, como também um dos mais puros preceitos, que possam ser dados às futuras gerações.¹³⁰

Evidencia seu caráter exemplar, como também percebermos no seguinte trecho: “Com efeito, apontar-lhes a estatua de Tiburcio e apontar-lhes o caminho do dever, citando o mais bello exemplo, a historia gloriosa de um homem, que reunia em si, acryola dos até ao heroísmo, todas as virtudes cívicas”¹³¹. Ao longo da pequena coluna, Tiburcio é chamado de “filho ilustre” e a sua participação da Guerra do Paraguai é colocada em relevo.

Já na edição seguinte, do dia 11 de abril, metade da segunda página do jornal foi dedicada à inauguração já ocorrida. A inauguração é descrita nesse momento, como grande acontecimento.

A’s sete horas da noite a multidão freneticamente applaudia o desfilar e o prestigio cívico na praça que tem o nome do General Tibúrcio, e onde ergue se triunphante a sua estatua para dizer as gerações pourvindouras o esforço e a abnegação dos filhos do Ceará livre.¹³²

¹²⁸ No jornal *Libertador*, após a inauguração da estátua, General Tibúrcio, continuava sendo pauta do jornal. No dia 9 de abril de 1888, também foi assunto a “inauguração de ontem”.

¹²⁹ O jornal *Constituição* surgiu em 1863, sob liderança de Domingos José Nogueira Jaguaribe, advogado e naquele período deputado geral, também ocupou cargos como diretor do Liceu do Ceará e promotor público; e Joaquim da Cunha Freire, que foi presidente da província do Ceará por diversas vezes e também coronel da Guarda Nacional. Pode ser denominado como jornal conservador. In: FERNANDES, Ana Carla Sabino. “A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX”. 2004. Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2004.

¹³⁰ *Jornal Constituição*, 8 de abril de 1888. Página 1.

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² *Jornal Constituição*, 11 de abril de 1888. Página 2.

O hynno entoado na inauguração bem como os dizeres presentes nos gradis da estátua são transcritos nesse jornal, assim como haviam sido transcritos pelo jornal Libertador. Foi transcrito também o texto publicado a priori no jornal Libertador de autoria de M. de Sousa Garcia, intitulado “Tibúrcio”. Portanto, podemos falar então, que boa parte dessa edição se deveu à edição do jornal Libertador. Tendo como novidade o pequeno texto “Discurso: Ao pé da estátua do General” de autoria de R. Belfort T. Sobrinho¹³³, datado do dia da inauguração.

O autor inicia o discurso dirigindo-o aos “Cidadãos” e afirmando que era em nome da mocidade que ele falaria ali. A dimensão do futuro é destacada pelo orador, quando afirma que aquela mocidade, “só firmarão os alicerces da prosperidade da pátria livre e engrandecida no futuro. Mocidade cuja imaginação arde a chama viva dos sonhos da glória, e que sabe compenetrar-se da grandeza épica dessa festa, essencialmente popular, originalmente cearense”¹³⁴.

A festa é colocada também em um pedestal e ainda podemos destacar a ideia, que já foi percebida na narrativa do jornal Libertador, de que aquele momento era produto de ações da população e que, portanto, o herói era conhecido e assim eleito por todos. A própria ideia da “subscrição popular”, com as doações para a “Caixa Monumento Tibúrcio”, expostas cotidianamente no referido jornal, evidenciavam esse desejo de atribuir ao povo cearense a produção daquela homenagem.

Mais à frente, o discurso reforça essa perspectiva:

O Ceará, expandindo-se em entusiasmo sagra hoje a memoria do grande vulto adorado, cuja organização privilegiada teve o poder de transmitir o reflexo de sua força indomita áqueles que o rodeavam e que como Washington no campo dos combates, às scitilações fumarentas dos fugis, ao troar da artilharia, altivo, como o vôo da águia branca no céu azul da Thesalia, na expressão do poeta, fazia da balla e do canhão, os cartazes da vitória.”¹³⁵

O orador, estava ali, falando sobre o Ceará. Isso fica à mostra quando ele ressalta a abolição da escravidão naquela província,

O Ceará encaminhado sempre na avenida lucida e lampejante que vai ter á democracia e ao aperfeiçoamento, depois de haver extirpado, fibra à a fibra, o corpo monstruoso da escravidão que cobria o seu solo, e cujo derradeiro esterior da morte echoou por todo paiz, levando a alegria aos patriotas, a confusão aos parasitas do trabalho e do sangue dos escravos, e fez estremecer em seus alicerces a monarchia, indiferente e sem entranhas, que julgava perpetuar-se firmada nesse pedestal formada por milhares de escravos e de ignorante tímidos. O Ceará começa hoje a descerrar o

¹³³ Sobre R. Belfort T. Sobrinho, não foram encontradas fontes.

¹³⁴ Jornal Constituição, 11 de abril de 1888. Página 2.

¹³⁵ Ibidem.

cofre opulento de amor e reconhecimento para pagar o muito que deve ao esforço de seus filhos ilustres que concorreram com talento, valor e abnegação para a construção da obra prima da civilização cearense.¹³⁶

O Ceará que tinha fama pelo país, tinha seus filhos ilustres e dignos de serem homenageados. Um Ceará que, segundo ele, era uma obra prima de civilização. Também nesse trecho do discurso, podemos apontar a questão da abolição como um contratempo para a monarquia que se vivia, e esse jornal, ainda que não fosse partidário das ideias republicanas, não deixou de ressaltar esse fato.

Outros jornais cearenses também não deixaram de noticiar aquela inauguração, até porque ela tinha sua importância. Tratava-se da primeira estátua erigida em espaço público. Exemplo disso foi o jornal Cearense¹³⁷, que publicou uma pequena notícia sobre a inauguração da estátua na sua edição do dia 10 de abril. Com o título “Monumento Tiburcio”, a notícia traz uma breve narrativa da inauguração de “anteontem”, bem mais uma descrição do acontecimento, do início ao fim, sem explorar muito os motivos da homenagem.

Analisando o jornal Cearense do dia 8 de abril – dia da inauguração da estátua do General Tibúrcio – percebemos uma notícia em prol da organização de uma “Sociedade General Sampaio”: “Hoje às 7 horas da noite haverá uma sessão litteraria, com o fim de fundar-se uma sociedade intitulada ‘General Sampaio’ na rua do mesmo nome n. 37. Convida-se a classe estudantal e a todos que quizerem assisti-la”.¹³⁸

Esse jornal não só não noticia a inauguração prontamente, como no dia da inauguração, anuncia a organização da comissão que elegia outro herói para o Ceará, naquele mesmo período. Cabe a pergunta: tratava-se da eleição de mais um exemplar (de herói) ou da eleição de um em detrimento do outro? Esse posicionamento do jornal nos faz pensar que a construção da memória de um herói não acontece de forma homogênea e absoluta, como muitas vezes se procura cristalizar.

Existem lugares de poder que se posicionam de formas diversas diante do assunto “herói do Ceará”. Ambos haviam participado da mesma Guerra, mas suas virtudes específicas, foram percebidas por grupos diferentes, com demandas diferentes para um passado, um herói, uma História do Ceará.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ O jornal Cearense teve início em 1846 se estendendo até 1891. Era um jornal liberal e tinha como direção Tristão de Araripe e Thomaz Pompeu e entre os redatores: Miguel Ayres, João Brígido e João Câmara.

¹³⁸ Jornal Cearense, 8 de abril de 1888.

O que percebemos com a análise desses outros jornais foi a importância dada à construção desse herói pelo jornal *Libertador* e como esse jornal trazia outras características do herói que estavam ausentes nos demais, a ideia de que Tibúrcio era adepto às ideias republicanas.¹³⁹

1.3 (RE)INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA GENERAL TIBURCIO. 24 DE MAIO DE 1893.

1.3.1. “Adesões vieram de todos os lados”: Ceará em tempos de República.

No Ceará, antes da Proclamação da República, alguns grupos já se organizavam em favor da mudança de regime político vigente no Brasil¹⁴⁰. Podemos falar do “Centro Republicano Cearense” que, como já foi visto no início desse capítulo, era organizado e tinha o jornal *Libertador* como órgão principal de divulgação de duas ideias.

Porém, após a proclamação no dia 15 de novembro de 1889, ao que parece, para uma parte da imprensa cearense, todo o Ceará era republicano. Segundo Geraldo Nobre: “A principal característica da Imprensa diária, nessa fase, é a renovação por ela experimentada em face da mudança do regime, desaparecendo os jornais representativos dos antigos partidos, ou assumindo novos títulos (...)”. (1975, p. 124)

A mudança de nomes e subtítulos dos jornais acompanha a mudança de regime político, os jornais se adequam ao novo regime que passava a vigorar no Brasil. O jornal Cearense que tinha subtítulo “órgão liberal” passa a ter no lugar “órgão democrático”, já o jornal Pedro II muda de nome, passando a se chamar “O Brasil” até 1890, quando para de circular. Além do jornal *Libertador*, que se unindo ao *Gazeta do Norte* (que já havia mudado de título para “O Estado do Ceará”), ganha o nome de “República”.

¹³⁹ Essa ideia sobre a eleição desses dois militares como heróis cearenses foi colocada em pauta por outras historiadoras, a saber: Maria Regina dos Santos Oliveira, ao estudar a Guerra do Paraguai e seus impactos na Província do Ceará (2007), e Ana Amélia Rodrigues de Oliveira, ao estudar sobre o Museu Histórico do Ceará (2009). Ambas, assim como discutimos aqui, também perceberam que esses dois sujeitos foram cultuados, porém, General Tibúrcio teve maior destaque e atenção naquele período, início da República. Ambos eram militares que lutaram na famosa guerra do Paraguai, porém, eram atribuídos a Tibúrcio ideais liberais, republicanos.

¹⁴⁰ No Brasil também existiram grupos organizados a favor da mudança de regime político para a República. Em São Paulo, podemos citar a existência do Partido Republicano desde 1873, segundo José Murilo de Carvalho, um dos mais organizados do Brasil (2014, p. 24)

Através desses exemplos, percebemos como a mudança do regime foi recebida no Ceará e como gerou mudanças na imprensa a curto e longo prazo. A Imprensa teve papel significativo na propagação das notícias do advento da República. O jornal Cearense¹⁴¹, por exemplo, trouxe em posição de destaque colunas com títulos como “A República” e “A nova Era”. Mais interessantes que esses títulos já bastante sintomáticos foram as narrativas presentes tecidas.

A República. De todos os pontos do Ceará chegaram manifestações de adesão à causa pátria. Nenhum estorvo à marcha do progresso, à regeneração das leis e costumes. Honra aos nossos, sentimentos este facto significativo, que vem mais uma vez provar que o Ceará sempre foi o berço de todas as idéias generosas, de todas as grandes aspirações.¹⁴²

O caso do Ceará se assemelha ao que Lippi Oliveira (1989) fala: um teor de que “sempre se desejou a república”, porém, esse trecho mostra que, além disso, ainda foi ressaltado o fato de que o Ceará vinha ali mais uma vez provar que era pioneiro, ou como está escrito “berço de todas idéias generosas”. Notamos alusão feita ao fato de que o Ceará se afirmava enquanto o primeiro a abolir a escravidão dentro do Brasil. Dessa vez, ele também pretendia figurar como província (agora estado) avançado e em diálogo com a “marcha do progresso”.

Quando pensamos nas palavras “progresso” e “república”, elas não nos parecem tão distintas, isso porque havia o discurso por parte dos simpatizantes da causa republicana de que essa outra forma de governo representava o progresso frente ao atrasado Império. Essa questão fica mais clara quando pensamos nas ideias positivistas que elogiavam a república como maneira correta de governo.¹⁴³

A República era pensada como futuro, a “marcha para o progresso” era a marcha para o futuro moderno que esse novo regime representava. Porém, como escreve Ângela de Castro Gomes: “O futuro não se faz sem o passado, e este é um ato de rememoração”. (1996, p. 23)

Com o advento da República, a “questão do nacional” ganhou bastante evidência, uma vez, que era preciso conferir legitimidade ao novo regime.

Diferentes grupos da sociedade constroem suas memórias coletivas a partir das quais é montada e organizada uma memória nacional dominante. (...) constroem a memória

¹⁴¹ Sobre Jornal Cearense, ver página 68.

¹⁴² Jornal Cearense, 22 de novembro de 1889.

¹⁴³ Uma das marcas simbólicas da influência das ideias positivistas na construção da República no Brasil, é a própria bandeira nacional, com a frase “Ordem e Progresso”. O autor que discute essa, dentre outras questões ligadas à construção de um imaginário sobre a República, é Jose Murilo de Carvalho (2014)

nacional, organizando as comemorações, as festas, definindo os heróis que não merecem ser esquecidos. (OLIVEIRA, 1989, p. 3)

Lippi Oliveira fala na escolha de heróis que não mereciam ser esquecidos, podemos completar: que se buscava, sobretudo, fazer lembrar.

Por isso, não podemos pensar a construção de um herói descolada da ambiência histórica em que ele é composto. Lippi Oliveira traz um pouco a discussão da versão republicana para uma História do Brasil. Ela percebe que “retomavam os movimentos precursores da república e assim tentam mostrar que este regime foi sempre aspiração nacional, ou seja, tem tradição, tem passado na História da Pátria. O novo regime tem origem no passado”. (OLIVEIRA, 1989, p. 11)

O Ceará pretendia também se legitimar enquanto fazendo parte desse processo. Um exemplo desse esforço do Ceará está relacionado à memória do General Tibúrcio, que um ano antes da Proclamação da República, em 1888, havia recebido uma estátua de bronze em sua homenagem, como vimos, liderada por um jornal que era Órgão do Centro Republicano Cearense.

O Ceará certamente contava com vários candidatos para serem chamados de heróis, porém, naquele momento em que a República estava recém-instaurada, a necessidade era de cultivar um herói que representasse o Ceará diante daquele presente. Motivos pelos quais se reinaugura uma estátua.

1.3.2. A (Re)inauguração de uma estátua.

Para a autora Katherine Hite, entender o monumento é também compreender o que acontece posteriormente ao monumento instalado. (2003) Por isso, pensar o episódio de reinauguração de uma estátua é interessante na medida em que nos interessamos em perceber como essa estátua foi sendo significada. Cada inauguração confere à estátua – e ao estatuado – novas significações, uma vez que o presente e as demandas dos sujeitos são outros.

Ainda que o apelo à tradição esteja presente por se tratar de um herói do passado e que, portanto, as referências se encontram nele. A cada presente em que a memória é evocada ela é também reconstruída, como afirma David Lowenthal: “O passado existe no presente” e “o caráter do passado depende de como- e de quanto é conscientemente apreendido”. (1998, p. 75)

A estátua caiu do pedestal no dia 16 de fevereiro de 1892, quando se promovia a deposição do governador Clarindo de Queiróz¹⁴⁴. Durante o bombardeiro direcionado ao Palácio do Governo, a estátua de Tibúrcio foi atingida e derrubada. Um ano após a queda, logo em 1893, foi organizada a comemoração de reinauguração da estátua.

O teor do discurso de reinauguração, assim como na sua inauguração em 1888¹⁴⁵, era de homenagear aquele personagem ilustre nascido no Ceará. O autor do discurso foi Julio Cezar da Fonseca Filho, que era formado em ciências sociais e jurídicas e, além de membro do Instituto, foi sócio também do Centro Republicano Cearense, sendo, segundo Almir Leal, um dos republicanos históricos. (2001, p. 183).

A primeira frase do discurso mostra qual o lugar dentro da escrita da História do Ceará, Julio Cezar conferia à Tibúrcio: “Inclinemo-nos diante d'esta estatua, que representa o heroismo e symbolisa o valor”. E, adiante, descreveu o então herói:

Tiburcio, guerreiro indomito, o invencival, grande pela idéa, grande pela palavra, grande pela espada, sempre grande, bem merece as patrioticas oblações, as civicas oferendas dos seus conterraneos, que souberam, sabem ainda e hão de saber os posterios determinar com justeza a extensão, aintensidade e a força dinamica dos seus altos feitos.¹⁴⁶

Nesse documento, percebemos marcadamente a referência aos ideais republicanos de forma mais explícita, o que pode ser explicado pelo fato de que, em 1893, já estava se vivendo durante alguns anos sob o regime republicano instaurado em 1889. E, sobretudo, pelo fato de o orador ter simpatia pela causa republicana mesmo antes da república instaurada, pois, como já dito, ele fazia parte do Centro Republicano de Fortaleza.

Como José Murilo de Carvalho define:

“Heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico.” (CARVALHO, 2014, p. 55)

¹⁴⁴ Clarindo de Queiróz governou o Ceará no período de 1891 a 1892. No último ano do seu governo, as tropas federais provocaram sua deposição, no dia 16 de fevereiro de 1892. Essa ocasião ficou marcada dentro da História do Ceará como “A deposição de Clarindo de Queiróz”.

¹⁴⁵ O discurso de inauguração da Praça General Tibúrcio, ocorrida no dia 8 de abril de 1888, foi proferido por João Brígido.

¹⁴⁶ FONSECA, Júlio Cezar da. - “Discurso pronunciado por ocasião da reinauguração da estátua. Tomo XXXIV-1920.

O autor do discurso coloca a República como produto do patriotismo, coisa que Tibúrcio - o herói da Guerra do Paraguai - tinha de sobra, como ele mesmo diz logo no início: ele “pertenceia a raça dos heróis, que se fazem por si e se valem”. Traz ainda, de forma explícita, a relação de Tibúrcio com a República que ora se vivia.

Se a espada refulgiu esplendorosa à luz do sol da victoria do dia 15 de novembro de 1889, é que das forjas vulcanicas da idéia partiram os raios, que formaram esse sol, sol que nos ha-de esclarecer eternamente, como o olhar da nossa providencia histórica. (...) Por cima dos homens e das instituições, está, sol immaculado e puríssimo, a pátria querida, a partia immortal e grande pátria republicana. Só pela pátria, soldados, irmãos de Tiburcio podes desembainhar a vossa espada. A República resultante final da convergencia de todas as opiniões, producto commum do patristismo irreductivel, que sahiu da revolução, como salta um diamante dos abalos da natureza (...) ¹⁴⁷

Para Julio Cezar, Tibúrcio fazia parte, ou melhor, traduzia aquele patriotismo. Aqui podemos ressaltar alguns aspectos importantes. As atribuições feitas à Tibúrcio como herói republicano, com frases como “ele era daqueles que se valem por si mesmo”, nos remetem a uma pretensa característica da República na qual o fator de distinção não seria mais hereditariedade, como na época do Império, e sim o esforço. Tibúrcio era qualificado como exemplo dessa nova condição, onde se venciam através do esforço.

Portanto, Tibúrcio, era colocado um exemplo para os brasileiros que viviam na República, representava esse ideal de República que exaltava o povo, os filhos da Pátria que vencerem pelo esforço, pelas ações.

A própria placa presente no monumento também sofre alterações. Em vez de “*A Tibúrcio*” datas de nascimento, praça e morte e da listagem das datas das batalhas travadas na Guerra do Paraguai, como já analisamos, com a reinauguração em 1893, vieram junto às mesmas datas, outros dizeres: “*Ao General Tibúrcio. À Pátria*”.

A placa tem uma potência de definição sobre aquilo que é “emplacado”, no caso dessa pesquisa, a estátua que foi emplacada mais de uma vez, e que, portanto, foi definida a cada emplacamento.

A mudança da legenda nos faz indagar sobre o que era necessário lembrar segundo aquele presente que rememorava. O monumento ali erigido não era apenas ao general, naquele outro tempo, era também à *Pátria*. Como indica Regis Lopes Ramos, são “descrições que parecem evidenciar a necessidade da literatura para a valorização dos espaços memoráveis,

¹⁴⁷ Ibidem.

como se a materialidade tivesse uma carência implícita: a trama de imagens que a narrativa pode despertar”. (RAMOS, 2014, p. 21)

Percebemos que as narrativas a respeito da vida de Tibúrcio estavam, na maioria das vezes, atreladas à estátua que, após sua morte o homenageou, sendo retomada a cada lembrança: General Tibúrcio e a Estátua do General Tibúrcio em par, como se fossem ao mesmo tempo um só.

Ao final do discurso, o orador relembra: “Meus senhores. De todas as batalhas vencidas por Tiburcio, cuja sombra imensa se projecta sobre nós como uma selva virgem de loureiros immarcessiveis, eis a maior: venceu a posteridade”. E era com esse intuito de eleger esse herói para a posteridade, assim como na ereção do monumento em 1888, que Julio Cezar e os demais envolvidos estavam realizando aquele ritual de (re)inauguração da estátua.

Além dessa alteração feita com relação à legenda, outro aspecto relevante é a data escolhida para a reinauguração da estátua: o “24 de maio”. Como sabemos, no jogo dos “usos do passado”, as datas não são escolhidas à toa. Essa data fazia alusão à Batalha de Tuyuti, uma das batalhas travadas durante a Guerra do Paraguai e que foi sendo relacionada à trajetória de Tibúrcio, como percebemos nas narrativas da “Coluna Monumento Tibúrcio” publicadas nos anos de 1887 e 1888 no jornal Libertador.

O historiador Fernando Catroga tem realizado uma longa discussão a respeito da construção de mitos e das comemorações, um dos eixos dessa temática diz respeito justamente à “calendarização”, ou seja, às datações estabelecidas a partir de um simbolismo ou para instituir algum.

Catroga cita as comemorações realizadas em datas de morte e nascimento do personagem a ser cultuado. A escolha das datas dessas comemorações estabelece conexões com o que o autor chama de “intenção comemorativa”, como ele escreve: “uso da história empenhada em legitimar e em revivificar uma dada ordem”. (2005, p. 92)

Adriana Barreto (2011) também conferiu um olhar mais cuidadoso à escolha das datas ao estudar a promoção de dois heróis para a República: Osório e Caxias. Ela lembra o decreto de 15 de novembro de 1891, que instituiu para o dia “24 de maio” a entrega da recém-criada “medalha do mérito militar” e que reconhecia publicamente a importância do exército na Proclamação da República. A Batalha de Tuyuty ficaria, assim, sendo lembrada a cada condecoração.

Segundo a historiadora, “elas reconheciam publicamente a importância do Exército na Proclamação da República, criando uma medalha que, distribuía a cada ano no dia 24 de maio, recordaria também o glorioso feito do Tuyuty e seu maior herói, o general Osório”. (2011, p. 83) No Ceará, quando se falava nessa batalha, os nomes dos dois militares cearenses eram ressaltados: Tibúrcio e Sampaio.

Essa relação entre a Proclamação da República e a responsabilidade dos militares diante desse fato foi cada vez mais sendo instituída. Era necessário definir os heróis para aquele fato consumado.¹⁴⁸ No Ceará, o General Tibúrcio foi sendo caracterizado por alguns grupos como legítimo herói republicano, como pudemos concluir através desse discurso de reinauguração realizado em 1893.

O Ceará mostrava, mais uma vez, sua posição avançada diante dos outros estados do Brasil ao buscar, no seu passado, um herói que já tinha simpatia pelo regime recém-instaurado. A construção da memória do General Tibúrcio, logo após a sua morte, como vimos no início desse capítulo, teve como principal divulgador um jornal que foi órgão do Centro Republicano Cearense, o jornal Libertador. Nas páginas daquele jornal ele já era tido como republicano.

¹⁴⁸ José Murilo de Carvalho, no livro “A formação das almas: O imaginário da República no Brasil” (2014), traz um capítulo com título: “As Proclamações da República” em que ele discute as várias versões em disputa sobre esse mesmo momento, em que uma delas é justamente a que ressalta os militares como protagonistas, no tópico “Deodoro: A República Militar” p. 38-40. A Proclamação é vista por essa corrente como resultado final da “Questão Militar” e tinha como representantes militares que haviam participado da Guerra contra o Paraguai.

CAPÍTULO 2.

ESCRITAS DA HISTÓRIA: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO CEARÁ, MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ E A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CEARENSE.

2.1. GENERAL TIBÚRCIO E SEU LUGAR NAS PÁGINAS DA REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ.

2.1.1. *A Revista do Instituto do Ceará e as “Ephemérides do Ceará Republicano”.*

No dia 4 de março de 1887, foi fundada em Fortaleza, cidade da então província do Ceará, uma agremiação de intelectuais com o nome de Instituto do Ceará¹⁴⁹. A inauguração aconteceu nos salões da Biblioteca Pública, e a sessão contou com a presença de alguns dos sócios dessa recém-criada sociedade de letras. Logo que foi criada já contava com um estatuto próprio.

Na primeira edição da revista do Instituto, publicada em 1887, veio transcrita a ata da “Sessão do dia 4 de março” que deu início oficialmente ao Instituto, bem como o próprio Estatuto Completo que era composto por quatro artigos. No artigo primeiro do estatuto é delimitada a finalidade daquela nova sociedade, que seria então o de “tornar conhecida a história e geographia da Provincia e concorrer para o desenvolvimento das lettras e sciencias”.

150

O Instituto apresentava um projeto de construção de uma História definitiva para o Ceará, que se constituía como monumental na sua própria criação. (OLIVEIRA: 2001:16) Os Institutos Históricos provinciais foram se estabelecendo muito tributários ao já criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), inaugurado em 21 de outubro de 1838 com o intuito de pensar e escrever a História Nacional, em um momento em que o Estado Nacional era implantado e tornava-se necessário definir também que nação era aquela.

O IHGB ficava situado na capital do Império e incentivava a criação de institutos históricos provinciais que contribuíssem com esse projeto, como escreve Manoel Luiz Salgado Guimarães, “que canalizassem de volta para o Rio de Janeiro as informações sobre diferentes regiões do Brasil”. (GUIMARÃES, 1988, p. 8) Como Guimarães expõe no título do artigo

¹⁴⁹ O primeiro nome dado à agremiação foi “Instituto do Ceará”. Posteriormente, entraram outras palavras na composição do nome, como “histórico”, e “geográfico”.

¹⁵⁰ Estatutos do Instituto do Ceará. In: Revista do Instituto Histórico, 1887. Página 9.

“Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”, esse empreendimento se configurava como um projeto de escrita. A palavra “projeto” nos remete a um todo organizado, com um plano de execução e objetivos determinados, como de fato era o IHGB.

Por esses motivos, torna-se necessário um exercício de compreensão que busque entender melhor as particularidades desse “fazer histórico” numa relação entre lugar da escrita, procedimentos e a construção do texto. (CERTEAU, 2011) É complexo qualificar escrita A ou B como escrita da História ou não, ou até mesmo julgar sua validade num movimento de colocar dentro de uma hierarquização entre boas e más Histórias.

Porém, o que não podemos deixar de levar em consideração é o fato de determinada escrita se afirmar enquanto História, e, sobretudo, as maneiras pelas quais ela opera essa afirmação. O que ela defende na sua maneira de escrita quando se afirma enquanto História?

O Instituto Histórico do Ceará – bem como o IHGB – se colocava como lugar de escrita de uma História oficial e objetiva. E buscava, portanto, se legitimar ao afirmar seu lugar de escrita autorizada. Além desse fato, os membros do IHGCE afirmavam a necessidade de escrever a História daquele lugar, uma vez que, segundo eles nenhum grupo havia se prontificado a narrar uma história única e homogênea do Ceará. Almir Leal de Oliveira fala em termos de “uma cruzada em favor da História do Ceará” (2001, p. 13), uma busca por fatos e nomes dignos de compor essa História que precisava ser contada.

Então a essa escrita se atribuía certo grau de cientificidade, quando afirmava seu olhar objetivo sobre os fatos do passado, e também quando atribuía a si um papel de utilidade, no sentido em que afirmava a necessidade de uma escrita que desse conta do passado daquela província. Província que, segundo esses intelectuais, já contava com “grandes fatos e grandes nomes” como elementos constituintes de um lugar que fazia parte do Brasil, mas que, por outro lado, também afirmava sua importância enquanto unidade particular. Portanto, essa escrita vinha com o intuito de estabelecer as particularidades do Ceará, inserindo-o de forma particularizada dentro da escrita da História Nacional.

Oliveira, ao discutir o projeto historiográfico do Instituto do Ceará, procura compreender o momento em que surge essa sociedade de escrita, pensando assim sobre as “relações de força” (GINZBURG, 2002)¹⁵¹ presentes na existência dessas fontes. O que teria

¹⁵¹ O termo “relações de força”, desenvolvido pelo historiador Carlo Ginzburg, foi trazido para essa discussão por ser bastante elucidativo no que diz respeito ao próprio existir dos documentos (que nós historiadores utilizamos como fontes históricas). Ginzburg chama atenção para as relações de poder existentes não apenas na criação dos

mobilizado a criação do IHGCE naquele momento? Para Oliveira, foram as transformações ocorridas na década de 1880, como as grandes secas, a Abolição da escravidão no Ceará quatro anos antes da abolição no Brasil, a proliferação de vários movimentos literários e a ausência de uma narrativa convincente sobre esses e demais temas referentes à História do Ceará, que mobilizaram um grupo de intelectuais cearenses no sentido de estabelecerem um lugar de Escrita da História Oficial.

Essa instituição se afirmava como diferente das demais “instituições de saber” em alguns aspectos. Em primeiro lugar, quando em seu estatuto se apresenta como lugar da escrita oficial da História do Ceará, e, portanto, única e verdadeira; em segundo lugar, quando é composta por um número reduzido de sócios, no total apenas doze.¹⁵² Isso acabava conferindo caráter de distinção daquela sociedade de letrados. De certa forma, essa quantidade limitada de sócios acabava legitimando também aquela escrita, pois se tratava de uma escrita cuidadosamente elaborada e empreendida por um grupo seleto de intelectuais que eram membros do IHGCE.

O que queremos dizer com “escrita cuidadosamente elaborada” é que os intelectuais do IHGCE tomavam para si a responsabilidade de uma escrita exaustivamente comprovada, ou como podemos chamar: uma escrita científica. Quando falamos nesses termos, nos referimos àquela escrita característica do século XIX, embasada por seus métodos científicos e guarnecida de documentos que se configuravam como verdadeiras provas.

Esse esforço em compor uma escrita científica - portanto, para eles, verdadeira e de acordo com o progresso - fica muito presente no discurso que o IHGCE faz de sua própria escrita, desde o seu Estatuto até notas de comemoração de seu aniversário de criação.

No parágrafo único do artigo 4º, são expostas as atribuições de algumas “comissões”, dentre elas, havia a “de sciencias e letras, de geographia e historia, encarregadas de dar parecer sobre trabalhos offerecidos ao Instituto e que digam respeito àquellas matérias”. Esse penúltimo artigo do seu estatuto próprio definia a existência de critérios de avaliação, direcionando três membros para serem responsáveis pelos pareceres dessa sociedade de sciencias e letras.

documentos, mas também na guarda, e o quanto esses aspectos ajudam a compreender o próprio documento, em suma: perceber a temporalidade ao qual o documento pertence.

¹⁵² A dinâmica de admissão de novos membros fica melhor explicitada no Estatuto do Instituto Histórico do ano de 1930 (o primeiro foi escrito no ano da inauguração do Instituto em 1887). No segundo estatuto, fica determinado que o IHGCE contará com 12 sócios efetivos e poderá ter até 200 sócios correspondentes, além de sócios honorários e beneméritos. Com relação à proposta para sócio efetivo, será sempre analisada por 3 membros e será encaminhada para a Comissão de Admissão de sócios, e caso haja empate o presidente decidiria o pleito.

Pensar esse lugar de escrita é pensá-lo em conexão com os procedimentos metodológicos adotados, bem como a construção do texto (no caso a revista como um todo), porém pensando também a partir dos sujeitos que atuam nesse lugar. Pensar esses aspectos em conjunto nos torna mais próximos de perceber a historicidade de determinada forma de escrita, quando nos debruçamos sobre os chamados “ruídos da fabricação” (CERTEAU, 2011).

Michel de Certeau, ao falar em ruídos da fabricação, refere-se de forma metafórica aos aspectos da fabricação que estão presentes no seu fazer. Assim como as fábricas traziam consigo os ruídos das máquinas inerentes ao cotidiano da prática fabril, a escrita traz consigo os aspectos intrínsecos ao processo que lhe confere existência. O lugar de produção e os sujeitos envolvidos em determinada produção estão presentes no próprio texto.

Esses intelectuais que faziam parte do IHGCE estavam atuando também em outros espaços, como, por exemplo, na Imprensa, no Arquivo Público e no Museu.¹⁵³ É redutor pensá-los a partir de um só lugar. Quando procuramos compreender a atuação do autor dentro e fora da escrita, a análise da última se torna mais frutífera. Pensá-los em suas ações, sejam elas escritas ou não, ajuda a compreender melhor a escrita da História empreendida por eles.

A elite letrada que se movimentou no sentido de criar esse Instituto tinha uma série de demandas, percebia a necessidade de copilar esses fatos e personagens numa perspectiva de História “magistra vitae”, que se fundava na perspectiva pedagógica do exemplo e que orientava para o progresso em uma sociedade que buscava se definir como civilizada e moderna.

Como concluiu Reinhart Koselleck, ao pensar sobre as “expectativas passadas” e as relações que são estabelecidas no tempo e com o tempo “como força motriz, no entanto, sua eficácia não é menos real do que o efeito das experiências elaboradas, uma vez que as expectativas produziram novas possibilidades às custas das realidades que se desvaneceram”. (KOSELLECK, 2011, p.314) Ou seja, expectativas não são menos reais, portanto, não se pode pensar experiência sem pensar o horizonte de expectativa característico daquele momento, é uma relação.

¹⁵³ Para citar alguns nomes dos membros do IHGCE e suas atuações fora do âmbito da revista: Barão de Studart, que também era médico, havia participado da Sociedade Cearense Libertadora, participava de outras instituições do saber como a Academia de Cearense de Letras e outros institutos, como o próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano. Como o próprio Eusébio de Sousa, que atuava tanto na imprensa (como por exemplo no jornal Gazeta de Notícias) quanto no Arquivo Público do Estado do Ceará e no Museu Histórico do Ceará como diretor de ambos.

É interessante ressaltar outro aspecto dessa instituição, que também estabelece conexões com essa perspectiva de “utilidade do passado”¹⁵⁴ e que, portanto, articula a experiência daquele determinado tempo com suas expectativas futuras, que são as “comemorações”. O IHGCE era um lugar de escrita da História – como eles mesmos se definiam – mas, também era um lugar de construção da memória, sobretudo, a partir de uma cronologia do lembrar que se consolidavam nas comemorações realizadas nas chamadas datas comemorativas. Porém cabe pensarmos: por que e como se (co)memora?

A República era pensada como a “marcha para o progresso”, era a marcha para o futuro moderno que esse novo regime representava. O IHGE também colocou o Ceará como lugar que aderiu à República. No ano de 1898, logo na primeira década da República, foi lançada nas revistas do IHGCE uma série de artigos com o título “Ephemerides do Ceará Republicano”, uma compilação de datas e fatos significativos sobre essa fase da História do Ceará, sob organização de Guilherme Studart¹⁵⁵. Essa série de artigos fez parte das revistas dos anos de 1898 e 1899.¹⁵⁶

Podemos chamar de um calendário republicano, porém, um tipo de calendário em que as datas listadas sinalizam fatos passados. Para o historiador Jacques Le Goff, “seria necessário estudar mais a fundo a escolha dos fatos recordados, estes curiosos caprichos devidos ou não ao acaso, e também estudar as omissões, os subentendidos” (2008:516). Quando pensamos no calendário, não podemos esquecer da dimensão de poder presente no ato de confecção de uma lista de datas e fatos.

Ainda segundo Le Goff, “a história dos almanaques e dos calendários é uma história de reis e de grandes personagens, de heróis, antes mais nada de heróis nacionais” (2008:516). O calendário de efemérides republicanas do Ceará delimitava os fatos e personagens desse novo momento. As datas estabelecidas nessa compilação de fatos compreendem os anos de 1891 até

¹⁵⁴ Sobre a questão das “utilidades do passado”, podemos citar Tzdevan Todorov e seu livro “Los abusos de la memoria”, assim como muitos autores ao pensar a memória, ele também a trata como uma seleção e a divide em duas: a memória literal e a memória exemplar. Para ele “El pasado se convierte por tanto em principio de acción para el presente” (2008, p. 51)

¹⁵⁵ Guilherme Studart, que depois passou a ser chamado de Barão de Studart, quando recebeu o título, no ano de 1900. Essas séries “Ephemérides do Ceará Republicano” têm bastante semelhança com outro trabalho de Studart que é o “Datos e Factos para a História do Ceará”. Segundo Paulo Virginia, “os três volumes da obra Datos e Factos para a História do Ceará, publicados entre os anos de 1896 e 1924, iniciam a crônica cearense a partir do século XVII, precisamente em 1603, ano da chegada da expedição chefiada pelo português Pero Coelho de Souza; e termina nos dias atuais, ou seja, em 1924, ano da publicação do terceiro volume da obra, com a posse de José Moreira da Rocha na prefeitura de Fortaleza”. (2014, p. 165)

¹⁵⁶ Quando, em 1900, o IHGCE publica o “Ephemérides do Ceará”, com a organização de João Brígido. Livro que é editado na tipografia Studart em 1900. BRÍGIDO, João. Ephemérides do Ceará. Fortaleza: Tipografia Studart, 1900.

1898. Percebe-se que, decorridos esses quase dez anos, foi que o IHGCE se empenhou em escrever sobre esse passado (ainda que um passado recente) no qual o Ceará passou a viver sob esse novo regime político, chamado República.

Interessa-nos perceber como os intelectuais do Instituto, sobretudo, Guilherme Studart, passam a incluir o Ceará no regime que passou a vigorar a partir de 15 de novembro de 1889 no Brasil. Quais datas e fatos são elencados nessas narrativas que buscavam dar conta das chamadas “efemérides do Ceará republicano”?

Ao observarmos as primeiras datas do ano de 1891, percebemos as várias nomeações ocorridas para governador e vice-governador, fatos que passaram a compor o ritmo da política no país republicano, e como elas são colocadas como datas importantes desse passado recente do Ceará.

Outra data listada ainda nesse ano de 1891, dia 6 de maio, foi a realização do Primeiro Congresso Cearense, onde aparece a fala de Clarindo de Queiróz, na época o governador do estado. Em seu discurso, que foi transcrito por Studart, podemos perceber em que termos era tratada a então Proclamação da República.

Ausente, eu acompanhava com particular interesse o progredir do meu Ceará, sempre na dianteira de todos os commettimentos notáveis. De longe, seguia com carinho a desenvolução, notava com desvanecimento sua rápida marcha na trajetória da civilização brasileira. E orgulhava-me de ter visto a luz primeira sob o azulado céu, que se põe em revelo por seu alto valôr moral entre suas irmans.¹⁵⁷

Quando Clarindo, em sua fala, afirma que o Ceará está “sempre na dianteira de todos os commettimentos notáveis”, ele está relacionando aquele momento a um anterior, que foi o momento da Abolição da Escravidão no Ceará, em 1884, quatro anos antes de a Princesa Isabel assinar a Lei Áurea e abolir a escravidão no Brasil no ano de 1888. Ele destaca a ação civilizada do Ceará frente aos demais estados do Brasil. O pretense pioneirismo em aderir à República foi por diversas vezes relacionado com a também o pioneirismo do Ceará ao abolir da escravidão.¹⁵⁸

E aqui pensamos como a República foi sendo significada como tempo do progresso, no qual surge a questão da rapidez (do pioneirismo) de quem vai mais rápido rumo ao progresso.

¹⁵⁷ “Ephemerides do Ceará Republicano” Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará: 1898. Página 66.

¹⁵⁸ Sobre o pioneirismo do Ceará em abolir a escravidão, ver: CAXILE, C. R. V. “Olhar para além das efemérides: O movimento abolicionista na Província do Ceará” Dissertação de mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP. 2005.

A relação com o tempo se traduz na necessidade da rapidez, quase como em uma corrida, em que o que importa é chegar primeiro.

Porém, ao mesmo tempo, é um tempo do progresso que busca seus heróis no passado. Como já citamos anteriormente, buscava-se uma tradição republicana no Ceará. E, nesse caso, a tradição por mais que seja uma demanda do presente, buscava suas referências no passado.

Continuando o discurso, Clarindo afirma:

A República está feita, é facto consumado. Precisa, porém, ser estejada em columnas fortíssimas na obediencia da lei, no respeito a justiça, na bem entendida parcimonia na aplicação dos recursos do thesouro público na moralidade administrativa e particular, em suma, no Culto da Pátria.¹⁵⁹

O discurso de Clarindo de Queiroz afirma sua posição e a do Ceará, com relação ao regime político do país, de que a República era fato e, nesse Congresso Cearense que tratava das questões legais, afirma a necessidade da obediência às leis. Porém, um fato que nos chama a atenção é a relação feita entre obedecer às novas leis republicanas e o culto da Pátria. Como ressalta Oliveira, no texto “Uma Pátria chamada Ceará: História, Civismo e Republicanismo” (2012, p. 142), a ideia de pátria positivista¹⁶⁰ ofereceu legitimidade ao novo regime.

O que também acabou contribuindo para a criação da noção de Pátria Cearense, que distinguia o Ceará das demais “irmãs” na medida em que elegia seus feitos particulares. Mas que também buscava incluí-lo dentro do conjunto da nacionalidade, porém, com lugar de destaque, lugar do progresso. Ceará que, segundo Clarindo, vinha “sempre na dianteira”.

Já no ano de 1892, são listados como fatos importantes, dentre outros, a criação de jornais, como “A República”¹⁶¹ em Fortaleza, no dia 9 de abril e o “Oitenta e Nove. Orgam Republicano”¹⁶² em Baturité, no dia 22 de maio. Ambos os jornais já no próprio título explicitavam suas perspectivas políticas como sendo de acordo com o regime republicano. A compilação desse calendário republicano constrói uma imagem de homogeneidade no que diz respeito à adesão do Ceará ao movimento republicano e à Proclamação da República.

¹⁵⁹ “Ephemerides do Ceará Republicano” Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará :1898. Página 68.

¹⁶⁰ José Murilo de Carvalho (2014) também traz uma discussão sobre as aproximações entre a doutrina positivista e a República recém proclamada no Brasil. Mesmo estando em disputa com outras vertentes, muitos símbolos do Brasil Republicano têm a presença dos ideais positivistas, como é o caso da bandeira e sua frase central: “Ordem e Progresso”.

¹⁶¹ O jornal “A República” surgiu em 1892, com a extinção do Jornal Libertador e Gazeta do Norte.

¹⁶² Oitenta e Nove. Orgam Republicano surgiu da união de duas tipografias existentes no Município de Baturité, Biblioteca 16 de novembro e a d’O Baturité.

Outro aspecto também levantado por Clarindo de Queiróz é a precoce Abolição da Escravidão no Ceará, Esse fato que enaltecia o Ceará, mostrando sua direção na caminhada do progresso, apareceu na série “Ephemérides do Ceará Republicano”, na revista do ano de 1899, quando, ao citar os fatos significativos ocorridos em 1894, Studart na data 31 de março traz a nota de falecimento de Antônio Martins¹⁶³, este que, segundo ele, havia atuado no jornal Libertador e que também lutava pela causa abolicionista.

O IHGCE exaltava os valores liberais e republicanos do Ceará ao mesmo tempo em que produzia significados sobre o passado do Ceará e assim escrevia sua História. Era então, um passado escrito de forma idealizada, que constituía uma “memória histórica”¹⁶⁴, ou como podemos chamar: Uma memória Oficial do/sobre o Ceará.

2.1.2. Resgatar o passado: Transcrever a História.

Quando pensamos na relação entre Memória e História, não podemos colocá-las em um mesmo patamar de igualdade, porém a oposição radical também não nos parece perspectiva acertada para tratar essas duas formas de pensar e dizer (escrever) o passado. São dois campos de representação do pretérito distintos, mas que estabelecem conexões entre si.

Fernando Catroga traz uma reflexão sobre essa relação, quando se propõe a pensar “A escrita da História como rito de recordação”, para o autor esse tipo de História seria um culto evocativo dos mortos, embalada pela poética da ausência. Como afirma Catroga, a “Historiografia com suas escolhas, valorizações e esquecimentos, também gera “fabricação” de memórias” (2011, p. 57), sobretudo, quando estabelece datas significativas e elege figuras exemplares.

A História à qual Catroga se refere é a escrita historicista da História - de perspectiva monumental - que tem seu olhar voltado para os “grandes momentos, grandes nomes e grandes datas”. Perspectiva semelhante da escrita empreendida pelo IHGCE, a partir de uma escrita que buscava definir, cristalizar, eleger uma História para o Ceará.

¹⁶³ Antônio Martins atuou em diversos jornais: A Mocidade, Tribuna do Povo, Constituição, Libertador. Ele fazia parte da “Sociedade Cearense Libertadora”, tendo pronunciado o discurso da sessão de inauguração em 8 de dezembro de 1880. Segundo Barão de Studart, no “Dicionário Bio-Bibliográfico do Ceará”, “os serviços prestados por Antônio Martins no Libertador e a causa abolicionista são inestimáveis”. Volume primeiro; página 110.

¹⁶⁴ O termo “memória histórica” foi utilizado a partir da denominação feita por Fernando Catroga, ao pensar as aproximações entre “memória, história e historiografia”. (CATROGA, 2001) Porém, é necessário ressaltar que esse termo também já havia sido proposto por Maurice Halbwachs no clássico “A memória coletiva”.

Em suma: A Historiografia também funciona como fonte produto (e legitimadora) de memórias e tradições, chegando mesmo a fornecer credibilidade científica a novos mitos de re (fundação) de grupos e da própria nação. (Reinvenção e sacralização das origens e de monumentos de grandeza simbolizados em heróis individuais e coletivos.) (CATROGA, 2001, p. 50)

Os intelectuais sócios do IHGCE tinham essa perspectiva de História como escrita pedagógica, portanto, era necessário guardá-la ou até mesmo resgatá-la¹⁶⁵. Os documentos históricos eram vistos assim e tratados como vestígios do passado que guardavam consigo a verdade dos tempos idos. Eram tratados como verdadeiras preciosidades.

Nas suas revistas, o Instituto tinha como diretriz fazer a publicação desses tipos de documentos, quando estes tivessem relação com a História do Ceará. Porém, como em todo processo de escrita, os intelectuais faziam o processo de seleção do que deveria, ou melhor, merecia compor esse rol de documentos tão importantes que davam conta de documentar a História daquele lugar. Escolhas realizadas a partir de interesses e demandas daquele presente.

General Tibúrcio Ferreira de Sousa figurou pela primeira vez nas páginas do IHGCE no ano de 1913, quando aparece transcrita uma espécie de biografia do general, escrita a priori em 1896, por Feliciano Lobo Vianna, na época artilheiro do exército. Anos depois, em 1920 e 1921, Tibúrcio também aparece na revista por meio de outras transcrições; a segunda trata-se de um discurso proferido em uma re(inauguração) da estátua General Tibúrcio que aconteceu em 1893. Já a terceira transcrição trata-se de um artigo que havia sido publicado anos antes, em 1887, no *Jornal Libertador*, com o título de “O General Tibúrcio. Traços Principaes”, porém esse último texto não apresenta a assinatura de um autor específico.¹⁶⁶

As três primeiras vezes em que ele ganha espaço dentro dessa escrita foram da mesma forma: a partir das transcrições de documentos garimpados pelos membros do Instituto. Contudo podemos indagar: o que motivou essa recordação? Tibúrcio já havia tido grande

¹⁶⁵ Esse esforço compartilhado pelos membros do IHGCE de buscar e colecionar o passado fica muito bem exemplificado com o caso de um dos membros, muito conhecido por percorrer o mundo em busca de documentos sobre a história do Ceará. Segundo a historiadora Paula Virgínia Pinheiro Batista, “a luta de Guilherme Studart pelo reconhecimento no interior do campo letrado brasileiro pode ser vista como um jogo de forças variadas. Para participar desse jogo, Studart empenhou-se em inventariar, colecionar e publicar documentos e textos sobre o Ceará. Assim, ele se constrói nacionalmente como um ‘historiador cearense’, ou seja, ele se faz como aquele que tem autoridade para falar sobre o passado do Ceará. Studart tomou para si a tarefa de dar cientificidade a um campo de estudos, a História do Ceará”. (2014, p. 65-66)

¹⁶⁶ O *jornal Libertador* publica o pequeno texto que toma a parte superior de uma página do jornal do dia 3 de fevereiro de 1887, porém ao final não há referência a nenhum autor do artigo. Porém é preciso ser ressaltado que esse texto foi publicado ao lado da coluna “Monumento Tibúrcio”, esta que já tinha evidenciado os sujeitos envolvidos e participantes da Comissão Monumento Tibúrcio.

atenção por parte da elite letrada cearense nos anos de 1887 e 1888, quando a cidade se preparou para receber a sua primeira estátua em praça pública: a estátua do General Tibúrcio.

Então o que haveria motivado essa lembrança, esse olhar para o passado de tal forma que privilegiava a presença desse chamado “herói” naquela que se propunha a escrita oficial da História do Ceará? Para pensar essa questão temos duas hipóteses diferentes, mas que por sua vez, se complementam. A primeira diz respeito à reforma ocorrida na praça General Tibúrcio no ano de 1912, durante o mandato do intendente Ildelfonso Albano¹⁶⁷.

No dia 10 de junho de 1914, Ildelfonso Albano entrega o relatório que inventariava as ações desenvolvidas durante seu mandato. Percebemos que ele deu destaque as suas ações que transformaram de certa forma a paisagem da cidade de Fortaleza, dedicando uma parte do relatório às “Obras do Estado”. Dentre essas obras, o intendente listou a reforma da Praça General Tibúrcio como uma de suas principais obras de sua administração.

Em primeiro lugar ele seleciona duas imagens que retratam o “antes” e o “depois” da reforma, para então explicar como ela foi pensada e desenvolvida. Ildelfonso lembra ainda que o alinhamento daquela praça, em suas palavras, “esse importante melhoramento”, havia sido iniciada anteriormente em 1891 pelo seu pai, José Albano, enquanto vereador.

¹⁶⁷ Ildelfonso Albano era cearense e foi comerciante e político. Foi prefeito de Fortaleza por dois mandatos, de 18 de julho de 1912 a 12 de julho de 1914 e de 2 de janeiro de 1921 a 12 de junho de 1923. Conhecido pelas reformas urbanas, como a arborização da Avenida Alberto Nepomuceno, reforma e construção dos jardins da Praça General Tibúrcio e reforma do Parque da Independência. Percebemos que o intuito do Ildelfonso era reformar áreas que estabeleciam a relação entre Ceará e a História do Ceará. Além da Praça General Tibúrcio, no seu relatório, a reforma de outros dois logradouros de temáticas históricas são encontrados. Alberto Nepomuceno, nascido em Fortaleza em 6 de julho de 1864, foi compositor, pianista e maestro brasileiro. Considerado o “pai” do nacionalismo na música erudita brasileira. E também, o acontecimento da Independência do Brasil evidenciado no Parque da Independência; mesmo esse local tendo, por algumas vezes, passado por mudanças na sua nomenclatura, recebendo também o nome Parque da Liberdade.



FIGURA 3 RELATÓRIO DE ILDEFONSO ALBANO, INTENDENTE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 1914.



FIGURA 4 RELATÓRIO DE ILDEFONSO ALBANO, INTENDENTE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 1914.

Segundo Ildelfonso, “urgia, pois que fosse ajardinada esta praça, uma das mais centraes, em frente ao Palácio do Governo, e principalmente como homenagem ao bravo General Tibúrcio, uma das glorias do Exército Nacional”¹⁶⁸. Ele ressalta que aquela se tratava de uma das praças principais e que, portanto, necessitava de atenção por parte da administração, e foi o que ele disse ter logrado êxito ao concluir a reforma antes já iniciada.

¹⁶⁸ Relatório de Ildelfonso Albano, Intendente Municipal de Fortaleza, 1914. Página 19.

Porém, além de evidenciar a necessidade de delimitar a praça e de renová-la, pois estaria servindo de pasto para animais, o que não era desejado que acontecesse em uma praça tão central da cidade, Ildelfonso trata aquela reforma como uma homenagem feita ao General, inclusive atesta que, além de restaurar o espaço, mandou escrever, ao redor da estátua, o final de uma poesia escrita por Juvenal Galeno¹⁶⁹ que vinha exaltando a figura de Tibúrcio como bravo que lutou pela nação e honrou a Pátria Natal.

O relatório é repleto de imagens da praça, seja durante a restauração seja após a obra concluída. Abaixo podemos ver como Ildelfonso buscou retratar a praça em sua versão reformada, com foco da imagem na estátua do general.



FIGURA 5 RELATÓRIO DE ILDEFONSO ALBANO, INTENDENTE MUNICIPAL DE FORTALEZA, 1914.

A reforma da praça trouxe de volta o assunto “General Tibúrcio” para a pauta do dia. Provavelmente essa movimentação em torno daquela praça e o seu “aformoseamento” chamaram atenção para aquele espaço da cidade.¹⁷⁰

¹⁶⁹ Essa poesia foi escrita por Juvenal Galeno em 1888 e compõe a Edição Especial do jornal Libertador, do dia 8 de abril de 1888, dia em que foi inaugurada a estátua General Tibúrcio. Mais detalhes sobre essa poesia, no 1º capítulo dessa dissertação.

¹⁷⁰ Como escreve o historiador Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, “com a remodelação do logadouro (1913-1914), o prefeito Ildelfonso Albano mandou instalar combustores a gás, construir balustradas, um coreto (...) No entanto, a inovação mais importante foi a introdução de três grandes estátuas em forma de leões. Desde então o lugar geralmente é conhecido por praça dos leões, cuja beleza e expressividade ganhou simpatia popular, em detrimento do famoso general”. (2001, p. 50)

O personagem tornou-se pauta também na revista do IHGCE. As transcrições de seus documentos tiveram certa frequência dentro dessa produção. Porém, além dessa conexão entre a reforma de 1912 e as primeiras publicações sobre o general no Instituto serem do ano de 1913, outro fator também se impõe como constituinte desse processo. Estamos nos referindo ao momento político vivenciado pelo país, tendo se passado pouco mais de uma década desde a Proclamação da República em 1889.

O IHGCE se mostrou, nesse período, como apoiador desse regime, como destacado anteriormente com produções nas revistas que ressaltavam as “efemérides” de um Ceará Republicano desde o início. As outras duas transcrições de documentos trazem um General Tibúrcio de ideais republicanos. O IHGCE estava, portanto, ao reunir esses documentos, contribuindo para contar a História (Republicana) do Ceará, sobretudo, quando traz em sua narrativa: a figura de um herói.

Para o sociólogo Raul Girardet, o mito é organizado em uma dinâmica composta de imagens e textos. Segundo o autor, “trata-se essencialmente de sua imagem, da representação que dela foi feita” (1989, p. 66). Portanto, para compreender melhor como foi realizada a seleção desses três documentos para compor as revistas do Instituto, é necessário pensar cada uma e suas especificidades, uma vez que se tratam de três escritas diferentes: a primeira, uma biografia; a segunda um discurso e a terceira, um artigo de jornal.

José Feliciano Lobo Vianna - artilheiro do exército - escreveu o que chamou de “narrativa histórica” sobre o general, escrita em 1896 e publicada primeiramente no Guia Militar para o ano de 1898¹⁷¹. O Guia foi organizado pelo militar, que era o então capitão da artilharia, e publicado no Rio de Janeiro pela Imprensa Nacional. Foi divulgado a priori pela “Comissão técnica militar consultiva” na sua revista¹⁷² e, segundo ela, se tratava de um manual volumoso de grande importância para a administração militar.

¹⁷¹ O referido Guia foi o último de outros organizados pelo mesmo militar. Na introdução do mesmo, Lobo Vianna afirma que aquele seria o último número, já que ele se encontrava cansado de realizar aquele trabalho e não receber nenhuma recompensa. Não conseguimos localizar os demais guias anteriores a esse, sendo este disponível no site do Senado:<< <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242977>>>

¹⁷² “Os artigos militares se dividiam em técnicos, os quais faziam referência a equipamentos novos em uso nos exércitos modernos; táticos, que apresentavam propostas para a aplicação de novas táticas de combate nas diversas especialidades do Exército Brasileiro; havia também artigos voltados para discussões a respeito dos efetivos do exército, voluntariado e a implantação do sorteio para o preenchimento dos claros; por fim, havia ainda alguma discussão política, sempre voltada para a existência da instituição. (...) O culto aos heróis foi ganhando seu espaço nessas revistas, principalmente a Cruzada, que passou a ser preponderante no meio acadêmico, recebendo ainda importante reforço representado pela revista A Defesa Nacional. Contudo, ainda havia um longo caminho a percorrer, mas o processo já havia iniciado, e aos poucos foi se desencavando as figuras que a muito estavam esquecidas no tempo, relegadas a um esquecimento que parecia perpétuo. Seguindo a linha de “resgates” do passado, a guerra contra o Paraguai também foi colocada em evidência, bem como seus “heróis” e seus “feitos”.

Esse guia se refere aos anos de 1893 a 1897. O conteúdo do guia é composto pela compilação de fatos importantes das guerras, listas de oficiais, notícias sobre o melhoramento dos materiais de guerra, índices completos da legislação militar no período de república, enfim, assuntos que diziam respeito à administração militar.

Com o título de General Tibúrcio de Souza “Narrativa Histórica” ela inicia a “Primeira Parte” deste guia e se prolonga por 43 páginas. A biografia inicia com uma imagem do busto de Tibúrcio em uma página inteira. Podemos apontar as semelhanças dessa imagem e da imagem do general esculpida no bronze, feita alguns anos antes, em 1887.¹⁷³

Como podemos notar analisando a imagem abaixo, Tibúrcio é representado com feições sérias, com barba longa e já um pouco grisalha, está trajando a farda militar e tem no lado direito uma série de condecorações. A imagem é de um militar experiente, tanto pela feição quanto pela barba e, sobretudo, pelas condecorações. Semelhante à imagem da estátua erigida na capital do Ceará.

Foi seguindo essa perspectiva que escritores militares, ou de alguma forma ligados ao Exército, começaram a procurar no passado os feitos que pudessem incutir nos jovens componentes do Exército a ideia de pertencimento, de compor uma instituição bem maior do que tudo aquilo que se abria diante dos seus olhos. Dentre estes escritores destacaram-se o General José Feliciano Lobo Vianna, o então Capitão Pedro Cordolino de Azevedo e o engenheiro Armando Arruda Pereira.” (ANTUNES, 2006, p. 47-48)

¹⁷³ Assunto que foi tema do capítulo 1.

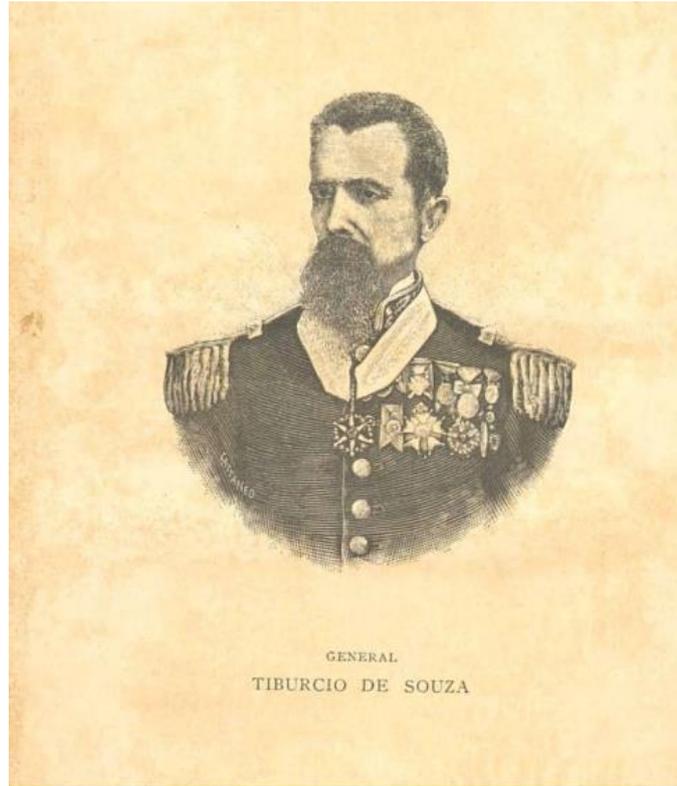


FIGURA 6 GUIA MILITAR PARA O ANO DE 1898.

A narrativa escrita começa pelo seu nascimento, em 11 de agosto de 1837, na “Villa Viçosa na então província do Ceará”. O início da biografia versa sobre sua infância, ressaltando que ele era “filho de pais pauperrimos”, porém, afirmando que “era natural” que ele se alistasse no exército. O biógrafo narra ainda sua difícil caminhada:

“Adstricto ao pequeno soldo que vencia, arrostou todas as privações com admiravel coragem sem nunca maldizer o passo que havia dado, sem solicitar nunca o mais insignificante favor de seus companheiros d’armas e muito menos de qualquer outra pessoa. Mais tarde, ele relatava esses episódios de sua carreira militar com orgulho altaneiro do homem que sobe as culminâncias da vida social por seu próprio esforço.”¹⁷⁴

Vemos na narrativa do biógrafo, a tentativa de construir a imagem de um homem: forte, inteligente e que superou sua condição social, sendo agora um ilustre militar. Podemos dizer que existe um padrão ao narrar a vida desse personagem, onde a sua origem humilde é destacada.

Em seguida é ressaltado seu alistamento na Escola Militar da Praia Vermelha, em 12 de março de 1856, onde, segundo o biógrafo, ele seria mais tarde um dos mais “illustres

¹⁷⁴ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará.1913. Página 5.

oficiais superiores do exercito”, onde se destacaria também por ser “um apaixonado das letras e das sciencias”.

Quando, então, a narrativa se concentra na explicação sobre a Guerra contra o Paraguai e como Tibúrcio reagiu a tal situação, “o Brazil inteiro, ferido em sua honra, solta um brado ingente e de indignação e de vindicta. Divulgada a noticia nenhum outro sentimento actuou no espirito do 1º tenente Tiburcio, senão o desagravo completo da afronta feita ao seu paiz”.¹⁷⁵

Afirmando mais à frente que “em todos os combates Tiburcio porta-se com a mesma inquebrantável bravura”. São narradas então as bravuras de Tibúrcio, “com esforços sobrehumanos”¹⁷⁶, parte do texto em que o biógrafo ressalta medalhas recebidas por Tibúrcio por seus feitos.

Ao todo, a biografia conta com 43 páginas, sendo 25 delas dedicadas ao assunto de Tibúrcio na Guerra do Paraguai. Nessa parte do texto, Tibúrcio ganha muitos adjetivos: “Bravo Tiburcio”, “nosso heróe”, “o valente Tiburcio” e até sua espada recebe o adjetivo de “valente espada”. Ele é, portanto, colocado diversas vezes como decisivo na guerra. E era esse o aspecto da vida do herói que interessava ao biógrafo naquele momento da escrita, por isso a atenção dada ao contexto em que uma biografia emerge.

Existe uma relação entre quem biografa e a forma e conteúdo da narrativa. No caso de Lobo Vianna, ele fazia parte do exército, mesma instituição de que Tibúrcio havia feito parte. Outro fato que não pode ser deixado de levar em consideração é o de que ambos eram da artilharia.

Não é à toa que, no início da narrativa, Vianna afirma que Tibúrcio “fora um dos mais hábeis artilheiros de tempo”.¹⁷⁷ Segundo o historiador Marcos Pereira Antunes, os artilheiros se viam com destaque dentre os demais oficiais do exército, porque a artilharia era, segundo os próprios artilheiros,

“Uma das especialidades que obrigavam os seus integrantes a uma gama muito maior de estudos, e no final, além da promoção a oficial da arma, os integrantes da arma recebiam também os títulos de bacharel e doutor. Dessa forma, os artilheiros se consideravam superiores aos integrantes das armas mais práticas, como infantaria e cavalaria, que por terem um período de curso inferior, não recebiam estes títulos.” (ANTUNES, 2006, p. 58)

¹⁷⁵ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. 1913. Página 12.

¹⁷⁶ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. 1913. Página 18.

¹⁷⁷ Ibidem.

Lobo Vianna atuou como professor de História dentro do Exército durante 19 anos, tendo iniciado a lecionar da Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, a mesma escola onde Tibúrcio havia se alistado e que, posteriormente, no ano de 1938, a praça que ficava em frente à escola receberia o nome de “Praça General Tibúrcio” em homenagem ao ex-aluno.¹⁷⁸

Segundo Antunes, Lobo Vianna, ao longo de sua carreira, se dedicou a cultivar a memória dos combatentes de guerras, demonstrando essa preocupação em suas ações que buscavam homenagear os chamados heróis. Vianna estava envolvido nas ações que homenageavam os participantes da Retirada da Laguna.¹⁷⁹ Segundo o historiador, “foi assim que, numa conferência realizada no dia 29 de maio de 1920, o coronel concitou todos os presentes a resgatar a memória dos retirantes e a fazer justiça com a construção de um monumento”. (2006, p. 60)

As noções que permeavam a História ensinada dentro do Exército nesse período eram as de: civismo, patriotismo, história exemplar. Por isso, as palavras de Lobo Vianna traziam a ideia de “resgatar a memória”. A História ensinada por Vianna era a História pautada nos heróis.

Portanto, nos interessa entender a trajetória do biógrafo dentro do exército para compreender como ele ajudou a construir a memória do General Tibúrcio, ou até mesmo a sua escolha em narrar a vida do Tibúrcio dentro tantos outros militares, sem esquecer o destaque conferido ao General Tibúrcio quando foi colocado como primeiro assunto daquela edição do Guia.

Nessa biografia, ainda aparece essa menção de Tibúrcio dando “Vivas ao imperador”¹⁸⁰, fato que nas narrativas posteriores e, sobretudo, escritas por cearenses não é

¹⁷⁸ A nomeação da praça em frente à Escola Militar da Praia Vermelha de “Praça General Tibúrcio”, em homenagem ao ex-aluno da escola, não faz parte do recorte temporal dessa pesquisa, ela foi posterior. A mudança de nome aconteceu em 1938, como mostra o decreto número 6.217 – 25 de março de 1938. Todavia, segundo o Diário Oficial de maio de 1938, a mudança ocorre baseada no decreto-lei número 96 de 22 de dezembro de 1937, ano em que se comemorava na capital cearense o centenário de nascimento do general.

¹⁷⁹ A Retirada da Laguna foi um momento da “Guerra do Paraguai”. Após declarada a guerra, uma das primeiras reações brasileiras foi a de enviar um contingente militar terrestre para combater os invasores em Mato Grosso. Em 1867, acontece a invasão do território paraguaio, entrando até a Laguna. Os brasileiros sofreram bastante pela distância que estavam enfrentando, a tropa foi afetada pela cólera, o tifo, e pelo beribéri, o que obrigou a retirada sobre ataques da cavalaria paraguaia. Esse episódio foi representado também na literatura de Alfredo Maria Adriano d'Escragnoille Taunay (Visconde de Taunay). TAUNAY, Alfredo d'Escragnoille. A Retirada da Laguna. s.l.: Edições Melhoramentos, s.d.

¹⁸⁰ Jose Murilo de Carvalho, ao pensar “As Proclamações da República” (1990, p. 35), fala em uma “guerra dos vivos” se referindo à querela existente no período “de quem deu vivas a quem, ou a o quê” quando o assunto era debater os responsáveis pela Proclamação já ocorrida.

ressaltado. Pelo contrário, à Tibúrcio são atribuídas ideias republicanas. Interessante para percebermos como essa memória foi sendo construída no tempo.

A memória é plástica, por mais que se pretenda cristalizada, e é também conjugada a partir dos verbos lembrar e esquecer. Como indica Paul Ricouer, o esquecimento faz parte da natureza seletiva da memória, e portanto, podemos, nesse sentido, pensá-lo como processo ativo. Da mesma forma que o lembrar, o esquecer também pressupõe uma ação. “De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutável seletivo da narrativa”. (2007, p. 455)

Essa pequena biografia foi escolhida para compor os documentos sobre a História do Ceará por se tratar da biografia de um militar nascido no estado, mas não apenas por esse fato. Esse documento foi publicado em âmbito nacional, pois compunha o Guia Militar organizado nacionalmente. Para o IHGCE, evidenciar que um militar (na época, já considerado herói do Ceará) tinha reconhecimento pelo exército nacional era mostrar o quanto o Ceará fazia parte dessa História, e, sobretudo, como um filho do Ceará tinha destaque também nacional.

Um detalhe interessante na transcrição dessa pequena biografia foi uma nota da revista. No texto, Lobo Vianna ressalta a existência da estátua em Fortaleza: “A capital do seu Estado natal ergue à sua memória, em uma de suas praças uma estátua de mármore branco sobre um pedestal de granito”¹⁸¹. A “N. da R” veio corrigir (e ratificar) que a “A estátua de Tibúrcio é de bronze e não de mármore”¹⁸². Já discutimos, no primeiro capítulo, os significados do bronze: de perenidade, imortalidade, durabilidade. E era essa imortalidade do bronze que o IHGCE defendia ao escrever tal nota.

A segunda transcrição realizada pelo IHGCE foi do discurso proferido na ocasião da reinauguração da estátua do General. Como já discutimos, no primeiro capítulo, o discurso foi proferido no dia 24 de maio de 1893, por Julio César da Fonseca Filho na condição de orador oficial.

Julio César foi um dos doze sócios fundadores do Instituto, dentre os vários cargos que compunham a estrutura do IHGCE, como presidente e vice-presidente, 1º e 2º secretário, tesoureiro, existia também o cargo de “Orador”, este que se incumbia de fazer e realizar os discursos de recepção de sócios e discursos fúnebres e em datas comemorativas. Julio César foi o primeiro orador do IHGCE.

¹⁸¹ Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. 1913. Página 43.

¹⁸² *Ibidem*.

Esse discurso foi transcrito na edição do ano de 1920. Nesse caso o Instituto atuou tanto no momento do fato, em 1893, quanto na escrita sobre o fato quando transcreve o discurso anos depois. Como escrevemos no início dessa discussão, os membros do IHGCE atuavam em vários espaços que não só a redação das revistas. Eles estavam inseridos em outras ações, como é o caso do sócio Julio Cezar, já muito conhecido por seu “dom da oratória”.

Existe também a questão de construir uma tradição narrativa a respeito do herói. Por diversas vezes, os mesmos assuntos são retomados, sendo construídos a cada presente. Sujeitos que, em seu presente, buscavam no passado uma tradição, um herói para contar a história.

O IHGCE foi um dos grupos que ajudou a construir essa imagem do herói. O historiador Temístoles Cezar fala em termos de um “Panteão de Papel”.¹⁸³ Esse termo nos parece bastante adequado quando pensamos as revistas do IHGCE como um todo e quando percebemos que o General Tibúrcio foi um dos “homens ilustres” eleitos pelo Instituto e que, portanto, faz parte de uma forma de escrita que tinha como diretriz não só eleger os heróis, mas também documentá-los.¹⁸⁴

Maria da Glória de Oliveira, no seu estudo sobre a escrita biográfica dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), lança algumas hipóteses sobre o que ela chama de “aposta biográfica”:

“Para além dos impasses envolvidos na construção da nação, a aposta biográfica dos sócios do instituto deve ser pensada no quadro das transformações da disciplina história ao longo do século XIX (...) No Oitocentos, as histórias nacionais deveriam apresentar, antes de tudo, como um saber garantido de provas, cabendo aqueles que as elaboravam não somente oferecer o relato verdadeiro sobre os acontecimentos, mas também nomear seus protagonistas” (OLIVEIRA, 2011, p. 21)

E essa questão vai se confirmando a cada aparição do general dentro da revista, buscava-se dar conta de sua trajetória exemplar, e evidenciar uma certa tradição, como quem afirma que aquele já era herói de longa data. Com a terceira transcrição voltou-se um pouco mais no tempo: em 1887, momento em que a estátua do herói estava sendo construída e seria posteriormente inaugurada. Trata-se de uma notícia veiculada no Jornal Libertador no dia 3 de fevereiro de 1887.

¹⁸³ Introdução do livro “Escrever vidas, narra a História” de Maria da Glória de Oliveira (2011).

¹⁸⁴ O Instituto Histórico e Geográfico do Ceará se colocava como um lugar da escrita oficial do Ceará e, sobretudo, escrita científica. O IHGCE se afirmava enquanto essa instituição que prezava pelos métodos científicos de veracidade que se apoiava em documentos.

Dentre as várias notícias que saíram naquele período, foi escolhida pelo IHGCE para entrar para a revista uma notícia que também falava sobre o indivíduo e a trajetória de vida do Tibúrcio, apontando o que seriam seus “Traços Principaes”. Essa pequena notícia, como já discutida no primeiro capítulo, afirmava que Tibúrcio “era profundamente republicano”, além de ressaltar sua grande atuação na Guerra do Paraguai.

Como já vimos, várias notícias saíram nos jornais naquele período, sobretudo, no Libertador. Porém, para o IHGCE essa notícia, em específico, se tornou mais apropriada, por concordar com as diretrizes daquele lugar de escrita, que valorizava a narração da vida de “grandes personagens” e de “grandes fatos”. Outro fator para a escolha dessa notícia é que ela trazia Tibúrcio como um republicano de longa data.

O IHGCE, muito tributário à forma de escrita da história do IHGB, também trazia em sua escrita a exaltação da vida de determinados personagens. Os intelectuais do IHGCE tanto teciam narrativas sobre esses “grandes homens e grandes fatos” quanto ajudava a construí-los.

Ao transcrever esses documentos, o Instituto inaugura a presença desse herói naquela escrita e cria um lugar para ele dentro da escrita da História do Ceará empreendida por eles. E mais, ao mesmo tempo que elege esse herói, valida a presença dele por meio de documentos históricos, como se o herói fosse natural, e nada mais óbvio seria dar a ele o lugar merecido. Como se os documentos trouxessem impressa a verdade sobre o passado, nesse caso, de um passado glorioso.

O IHGCE não parou nas transcrições de documentos que acabavam validando o herói. General Tibúrcio também ganha espaço na escrita do Instituto, através da escrita de dois membros: Barão de Studart e, sobretudo, Eusébio Néri de Sousa.

2.1.3. Uma Data, um Fato e um personagem para a História do Ceará.

Barão de Studart¹⁸⁵ se empenhou em um projeto grandioso de selecionar datas e fatos importantes que dessem conta da História do Ceará. A série “Datas e Factos para a História

¹⁸⁵ Barão de Studart, ou Guilherme Studart, foi uma figura intelectual bastante ativa no Ceará. Esteve no Instituto Histórico e Geográfico, organizou centenários, escreveu sobre a História do Ceará. “O Barão de Studart soube cultivar diversos campos do saber usando o impresso para divulgar a um público mais amplo uma multiplicidade de trabalhos que englobavam variados temas, como a medicina, já mencionada, e também história, geografia, inglês, religião, folclore, gramática e outros. Esses trabalhos foram essenciais no seu reconhecimento como uma das autoridades em temas ligados ao Ceará.” (BATISTA, 2015, p. 60)

do Ceará” foi publicada, a priori, nas revistas do IHGCE, e, posteriormente tornaram-se um livro. Essa série começou a ser veiculada nas revistas do ano de 1894, com o título ainda “Datas para a História do Ceará”, quando Barão era chamado de Dr. Guilherme Studart.

Ele colecionava os acontecimentos de cada ano, os que, segundo ele, eram datas significativas para o Ceará e que, portanto, mereciam compor aquele calendário do passado de glórias. Ele estava entre os doze primeiros sócios do IHGCE e um dos responsáveis pela sua criação. Podemos dizer que a perspectiva de História de Studart era a mesma do IHGCE, por isso seu empenho em compilar as “datas e os fatos mais significativos”, uma vez que elas eram a própria História.

Nosso interesse é compreender como Barão de Studart se apropriou de determinados fatos para compor esse calendário de datas e fatos para o Ceará. O que selecionou e como operou essa seleção. Como escreve Beatriz Sarlo, “a narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a do seu acontecer, mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”. (2007, p. 25)

No ano de 1887, foi listada a data 2 de fevereiro. Nela está posto o seguinte fato: “A Camara municipal da Fortaleza em sessão deste dia resolve dar a denominação de - Praça do General Tiburcio - à praça outrora de Palácio”¹⁸⁶. Já no ano de 1888, a data selecionada foi o 8 de abril de 1888. Esta segunda menção ao General foi feita de forma mais demorada, pois fazia referência à inauguração da estátua, publicando junto a notícia o próprio “auto de ereção”.

O General Tibúrcio representava (ou fazia lembrar) uma série de fatos importantes sobre o Ceará: A participação na Guerra do Paraguai de um filho da Pátria Cearense junto com demais “os voluntários da Guerra do Paraguai”¹⁸⁷, a primeira estátua de cunho patriótico erigida em Fortaleza ainda no fim do século XIX e também a Abolição da Escravidão no Ceará em 1884.¹⁸⁸

Reunir essas informações era compor um arsenal de glórias para o Ceará, ou como podemos chamar, um *Calendário de Glórias*. Como já citamos anteriormente, quando pensamos no calendário não podemos esquecer da dimensão de poder presente no ato de confecção de uma lista de datas e fatos.

¹⁸⁶ STUDART, Guilherme. Datas e factos para a história do Ceara. ed.fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Tomo II. Páginas 352 e 356 a 360. (Biblioteca Básica Cearense)

¹⁸⁷ Sobre a questão dos “voluntários da pátria” na Guerra do Paraguai. Ver nota 20.

¹⁸⁸ A abolição que posteriormente foi sendo associada à figura do general, sobretudo, na biografia organizada por Eusébio de Sousa em comemoração ao Centenário de Nascimento de Tibúrcio, em 1937.

Também não se pode esquecer da dimensão de poder presente na compilação de listas de pessoas ilustres e na escrita de biografias. Barão de Studart listou um arsenal de vidas ilustres no Dicionário Bio-Bibliográfico do Ceará. Esse dicionário foi organizado em três tomos, que foram publicados entre os anos 1910 e 1915.

Assim como o “Datas e Fatos para a História do Ceará”, também entendemos esse dicionário como um empreendimento do Barão de Studart em escrever a história do Ceará (ou pelo menos oferecer subsídios), organizando datas, fatos e grandes nomes, estaria contribuindo para essa escrita. Muitos são os sujeitos eleitos por ele como grandes figuras, fato interessante é que ele faz menção ao seu nome e escreve uma pequena autobiografia nesse dicionário de nomes.

Esse fato lembra um estudo recente da historiadora Paula Virgínia Pinheiro Batista, “Arquivos de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892 - 1938)”. Podemos pensar o Barão de Studart a partir de uma ideia da “escrita de si”, como esse sujeito se empenhou em criar um arquivo de documentos referentes a ele e a sua trajetória.

Na introdução do primeiro tomo do Dicionário, o organizador expõe quais os motivos daquele empreendimento:

“Dei-me à fadiga de escrever este livro, pois que a biographia é um dos elementos da história e fornece contingente de alto valor aos estudos de psychologia social. Creio que será de algum proveito, podendo nelle haurir os historiadores futuros informações sobre nossos homens e acontecimentos de quem foram parte mais ou menos importante; será um repositório de fácil manejo para os estudiosos, um promptuario de subsídios a serviço dos indagadores. (...) a historia toda se reduz por si mesma com a facilidade à biographia de alguns indivíduos fortes e apaixonados, creio ter ajuntado alguns subsídios, acumulando pedras selecionadas para o magnifico templo da História Cearense.”¹⁸⁹

Como ele mesmo expôs, seu intuito era compilar os personagens importantes do Ceará em um dicionário de “nomes ilustres”. A ideia de templo cearense nos remete à noção antiga do termo: templo como um local sagrado de exaltação de deuses, heróis, ou no caso, dos “grandes homens”. Era essa a perspectiva de Studart, já que como ele mesmo escreve, a História se reduz às próprias biografias de determinados indivíduos.

No primeiro tomo, um dos sujeitos biografados foi Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, ao qual Barão de Studart dedicou duas páginas. Como a maioria das biografias, essa inicia pela data e local de nascimento de Tibúrcio e sua filiação. Logo depois, relata o seu alistamento para o Exército e sua posterior ida para o Rio de Janeiro, para em seguida, trazer a

¹⁸⁹ Dicionário Bio-Bibliográfico do Ceará. Introdução.

temática que ocupa maior parte da pequena biografia trazida no dicionário: a Guerra do Paraguai e sua trajetória no exército. Studart confere a esta guerra a fama do general,

“Em 1865 marchou para a guerra do Uruguay, como 1º tenente, assistindo ao convenio de Montividéo de 20 de fevereiro e para a campanha do Paraguay onde conquistou louros e nome immorredouro , como attestam Riachuello e Corrientes , a expedição do Chaco , e o combate de <<Aquidabam>>. Tinha dignitária da Rosa, Officialto do Cruzeiro, Habito de Christo, medalha do mérito militar, da batalha naval de Riachuelo, do combate de Corrientes, e das campanhas do Uruguay e Paraguay. ”¹⁹⁰

Ao fim desse trecho, percebemos também como Studart ressaltou as várias medalhas que Tibúrcio havia conquistado e como sua trajetória havia sido premiada ainda em vida. Quase ao fim do texto, a data da morte é lembrada e seus trabalhos no Exército são listados: “Deixou vários trabalhos sobre tática de organização militares e brilhante *Relatório* de viagem a Europa, onde esteve commissionado pelo governo para a compra de armamentos e outros materiaes de guerra”.¹⁹¹

No último parágrafo, Tibúrcio é adjetivado e a estátua do general ganha espaço: “grande militar, eminente homem de letras, uma verdadeira gloria Cearense, a admiração de seus patrícios quis eternisar no bronze levantando-lhe uma estátua na terra do berço¹⁹² e outra em Fortaleza”¹⁹³.

Os adjetivos são os mesmos que acompanham Tibúrcio, com exceção do “eminente homem de letras”, que passa a aparecer nesse momento e também nas narrativas feitas por Eusébio de Sousa, como veremos no próximo tópico. O que também permanece é a exaltação da estátua, utilizada para evidenciar Tibúrcio como sendo reconhecido “por seus patrícios”, ressaltando esse reconhecimento Studart justifica a presença daquele nome no Dicionário de homens ilustres do Ceará.

Studart faz ainda menção à existência de um folheto publicado sobre o general: “*Traços d’ um Immortal*. O nome do General Tibúrcio que havia sido reconhecido em 1888 com a ereção da estátua, é novamente marcado como nome ilustre na escrita do Guilherme Studart. (Barão de Studart)

¹⁹⁰ Diccionário Bio-Bibliographico do Ceará. Página 139.

¹⁹¹ Ibidem.

¹⁹² A referência feita diz respeito à Praça General Tibúrcio localizada na cidade natal do general, Viçosa do Ceará. Nessa praça, assim como na praça da capital, também existe uma estátua do General Tibúrcio. A estátua foi inaugurada em 1898, dez anos após a estátua erigida na capital, Fortaleza.

¹⁹³ Diccionário Bio-Bibliographico do Ceará. Página 140.

2.1.4. “Pela História do Ceará”: Eusébio de Sousa e a “reabilitação do herói”.

Eusébio de Sousa foi figura que esteve presente em vários espaços de escrita da História do Ceará - Arquivo Público do Estado do Ceará, Imprensa¹⁹⁴, Museu Histórico do Ceará, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Sua perspectiva de História era, assim como a de Studart, aquela centrada nas grandes figuras, heróis e homens ilustres, contada por meio de grandes fatos e vidas exemplares.

No Instituto, podemos dizer, que sua atuação se voltou para as grandes narrativas sobre a História do Ceará. Dentre outros temas, ele se dedicou a pensar a “História Militar do Ceará”, “Os Monumentos do Estado do Ceará”, “O Ceará e a Abolição”, dentre outros.

Após as primeiras transcrições desses documentos que faziam referência à vida do General, em 1932¹⁹⁵, com a organização de Eusébio de Sousa, o IHGCE publica em sua revista o começo de uma série chamada “Os Monumentos do Estado do Ceará. Referência Histórico-Descritiva”. A apresentação escrita por Eusébio para a compilação dos monumentos para o Estado do Ceará traz marcada em sua narrativa a perspectiva de História que ele nutria, e, sobretudo, a perspectiva do IHGCE. Eusébio inicia a apresentação afirmando:

“O que se vai ler abrange um resumo da história dos monumentos existentes no estado do Ceará. Nada mais que uma referência histórico-descritiva de cada um deles, de conformidade com o patriótico propósito do Ministério da Educação e Saúde Pública, empenhado em levantar o cadastro de tais monumentos (...)”¹⁹⁶

O primeiro de 21 monumentos listados por Eusébio foi a estátua do General Tibúrcio, o que condiz com a sua condição de primeira estátua erigida no Ceará. O resumo se estende da página 52 até a 57. Eusébio fala sobre a estátua desde a ideia e a inauguração até a reinauguração em 24 de maio de 1893.

Como indica Katherine Hite (2003), compreender o que se passa posteriormente à inauguração do monumento torna-se necessário para compreender a história do próprio monumento. Aqui novamente existe uma referência ao monumento após a sua inauguração: a

¹⁹⁴ Eusébio foi redator do jornal Gazeta de Notícias. Periódico em que a família do jornalista João Brígido, em 1929, publicou uma série de correspondências trocadas entre João Brígido e Tibúrcio de Sousa.

¹⁹⁵ Nesse momento, em 1932, o Brasil havia há dois anos passado pela chamada Revolução de 1930, em que Getúlio Vargas acabou sendo eleito de forma indireta para a presidência da República, iniciando o que diversos autores denominam de Estado Getulista ou Era Vargas.

¹⁹⁶ SOUSA, Eusébio de. Os monumentos do estado do Ceará. Referência histórico-descritiva. Revista do Instituto Histórico. 1932. Página 51.

escrita sobre ele ou uma biografia do monumento. Escrita que denotava uma certa tradição e que também criava significados para a estátua.

Eusébio retoma a reunião que deu as diretrizes para aquele empreendimento, tendo acontecido dia 15 de abril de 1885, mesmo ano da morte do General. Segundo Eusébio, a princípio seria erguido um mausoléu no cemitério público, tendo sido decidido ao fim da reunião que a homenagem seria uma estátua de praça.

O intelectual afirma ainda que a decisão não se restringiu apenas à Fortaleza, mas que havia repercutido em vários locais do Império. Existia na escrita de Eusébio sobre o monumento, assim como em outros momentos, a ideia de atribuir a Tibúrcio o caráter de nacional, nesse caso, com o apoio à causa tendo sido amplo e não só na antiga província.

Ele traz um resumo bastante detalhado do dia da inauguração ao transcrever o “auto de ereção” do monumento por completo, no qual, além exaltar a figura do homenageado, se exalta a figura dos responsáveis por aquela homenagem quando ao fim do auto são listados os nomes dos intelectuais engajados. E também ao descrever o próprio monumento desde o gradil até as placas, sem deixar de ressaltar que a estátua havia sido fundida nas oficinas Thiebaut Freres¹⁹⁷, em Paris.

Interessante que Eusébio não escreve apenas sobre a primeira inauguração, mas também narra a reinauguração ocorrida em 24 de maio de 1893, expondo também o auto de ereção, como ele diz, “lavrando-se ad perpetuum rei memoriam”. Eusébio ressalta a participação de Júlio Cezar da Fonseca Filho - também membro do IHGCE - como orador do discurso de reinauguração.

Ele mesmo nos chama atenção para o fato de que “todo monumento público tem sua história”.¹⁹⁸ Nesse sentido, concordamos com Eusébio, porém, para nós, a escrita de Eusébio sobre esse monumento também compõe sua história. Assim como ele cita a reunião realizada dia 15 de abril de 1885, a inauguração em 1888, a reinauguração em 1893, pensamos sua escrita em 1932 como uma apropriação da figura do herói.

General Tibúrcio é um herói de muitas estátuas e praças. Eusébio também inclui, na lista de monumentos do estado do Ceará, a Estátua ao General Tibúrcio em Viçosa do Ceará. Em descrição mais simples, em apenas uma página, Eusébio faz referência à Viçosa como terra

¹⁹⁷ Sobre a Oficina Thiebaut Freres, ver página 44.

¹⁹⁸ SOUSA, Eusébio de. Os monumentos do estado do Ceará. Referência histórico-descritiva. Revista do Instituto Histórico. 1932. Página 52.

natal do general, do “herói de Chaco (Guerra do Paraguai)”¹⁹⁹ e ressalta que a estátua erigida em Viçosa tem o mesmo molde da primeira estátua, erigida em Fortaleza.

Essa “referência histórico-descritiva” dos monumentos existentes no estado do Ceará foi fruto do esforço de Eusébio, por incumbência do Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça feita ao Instituto Histórico. Após esse empreendimento, Eusébio continuou a colocar na tópica dos assuntos do Instituto a figura do General Tibúrcio.

Em 1930, ele começa a escrever, nas revistas do Instituto, uma pequena série de título bastante sintomático: “Pela História do Ceará”.²⁰⁰ Essa série também é publicada na revista do ano de 1934, e dentre os temas “No tempo de Frei Vidal”, “Um príncipe sem dinheiro”, “Fortaleza de outros tempos” e “Adesão do Ceará à República” estava o tema “General Tibúrcio”.

Foi também em 1934, que a “Mobília General Tibúrcio” chegou ao Museu Histórico do Ceará (MHCE), como discutiremos no próximo tópico. Eusébio foi o primeiro diretor do museu e, nesse período, recebeu a doação dessa mobília que havia pertencido ao general. Pensar como esse personagem - General Tibúrcio - foi sendo construído como herói e homem público, é pensar em conexão, os vários espaços onde ele foi lembrado e colocado em relevo. Assim, a ação de Eusébio dentro do IHGCE se cruza com sua atuação no MHCE.

Para Eusébio, a História era “escola de proveitosa lição para o homem e a sociedade”²⁰¹. Esse seu pensamento fica evidenciado quando ele escreve, ao falar sobre o general: “Pareceu-me, oportuno, alguma coisa escrever sobre o grande general. De antemão, porém, faço a ressalva de não pretender reabilitar o herói. A sua memória é imperecível”.²⁰²

Eusébio diz não tentar reabilitar o herói, uma vez que, sua memória estaria viva. Porém, ao contrário disso, quando pensamos sobre essa atitude de Eusébio, de antemão ir ressaltando que não havia necessidade de lembrá-lo, podemos supor justamente o oposto; que Eusébio estava ali mais uma vez trazendo esse herói para a pauta porque talvez ele estivesse “adormecido” e sua memória não era tão imperecível assim, mas que precisava ser alimentada

¹⁹⁹ Ibidem. Página 87.

²⁰⁰ Título dessa série de artigos escritas por Eusébio de Sousa, se assemelha bastante à outra série também escrita no IHGCE, porém, escritas por Barão de Studart, que é o “Datas e Factos para a História do Ceará”. Ambas têm conexão com a perspectiva de História e objetivos do IHGCE, as palavras “para” e “pela” História do Ceará evidenciavam qual era o comprometimento desses intelectuais ao escreverem esses artigos. No ano de 1930, quando Eusébio iniciou essa série, os temas foram: “Koster no Ceará”, “A primeira cidade livre do Império”, “Pela glória de Tristão Gonçalves”, “O primeiro jornal que teve o Ceará” e “A bandeira da Libertadora Icoense.”.

²⁰¹ SOUSA, Eusébio. “Pela História do Ceará.” Tomo. LI-1937. Página 123.

²⁰² Ibidem. Página 124.

para existir. E era isso que Eusébio fazia, alimentava a memória de Tibúrcio ao sabor do seu presente.

Os mesmos assuntos das outras narrativas sobre Tibúrcio são retomados – o alistamento, a guerra, a estátua – porém, Eusébio ressalta nesse texto um lado de Tibúrcio, que chamaremos de “Pensador”²⁰³. Eusébio escreve no primeiro parágrafo do pequeno texto:

“Cultuassemos a história com mais carinho, certos de <<que não constitui ela uma ciência de mero deleite e de recreação, mas uma escola de proveitosa lição para o homem e a sociedade>> com certeza não se mostraria um cidadão admirado como o modo escorreito de escrever do general Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa, em suas cartas íntimas, dirigidas a João Brígido e que a GAZETA, por uma deferência especial da família do saudoso jornalista, há tempos editou. A esse cavalheiro, Tiburcio se lhe afigurava um tipo inculto, nada mais que um oficial tarimbeiro, como, com maior lealdade, me confessou. Não conhecia a sua obra, o seu valor intelectual. Sabia-o apenas o bravo do Paraguai.”²⁰⁴

Podemos notar, que Eusébio inicia a fala sobre o general explicitando sua relação com o jornalista João Brígido, com o qual Tibúrcio trocou uma série de cartas, portanto, inserindo-o no mundo dos homens letrados. O autor deixa claro que não conhecia esse lado do herói, e que tinha conhecimento apenas de sua atuação na Guerra do Paraguai.

Eusébio passa então a colocar em relevo o que ele julga ser o Tibúrcio intelectual e a sua obra. No entanto, não temos registros de textos nem tampouco de livros escritos pelo general, a não ser essa troca de correspondências já mencionada. Seria Tibúrcio, um pensador sem pensamento?

Eusébio segue escrevendo sobre seu alistamento na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, onde segundo ele, vivia em “convivência diurna com os livros”²⁰⁵ quando cita também o período em que ele foi professor. Eusébio completa escrevendo: “Fica subentendido que apenas entremostrei o homem intelectual” e, logo após essa ressalva, finaliza o texto escrevendo sobre o lado já conhecido do “herói-soldado”.²⁰⁶

A sequência da narrativa mostra quais características do personagem o autor buscava dar ênfase, surgindo assim o “Tibúrcio Pensador”. Não obstante, sem deixar de manter a narrativa que trazia a Guerra do Paraguai, a atuação de Tibúrcio e a sua estátua, assuntos que

²⁰³ Essa é a denominação que foi escolhida para sintetizar o Tibúrcio quando relacionada ao período em que lecionou no Exército e quando atuou no Movimento Abolicionista. A palavra “pensador” foi escolhida baseado nas ações de Eusébio de Sousa anos mais tarde, em 1937, quando organiza o livro-homenagem, espécie de biografia sobre Tibúrcio em meio as comemorações do Centenário de Nascimento. O título dado ao livro foi: Tibúrcio: O grande soldado e Pensador. Questão que será tema central do capítulo 3.

²⁰⁴ SOUSA, Eusébio. “Pela História do Ceará.” Tomo. LI-1937. Página 123-124.

²⁰⁵ Ibidem. Página 124.

²⁰⁶ Ibidem. Página 126.

já se configuravam como uma narrativa modelo quando se tratava de Tibúrcio Ferreira de Sousa.

Uma repetição que evidencia uma certa tradição quando se tratava de contar essa memória. Tradição narrativa que se mostrou presente também na forma como o Museu Histórico do Ceará foi incluindo o general na composição do seu acervo.

2.2. UM LUGAR NO RECÉM-CRIADO MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ PARA UM HERÓI ANTIGO.

2.2.1. Museu Histórico do Ceará (MHCE)

O Museu Histórico do Ceará foi criado por lei em 1932²⁰⁷ e, no dia 7 de janeiro de 1933, foi aberto ao público. Nem sempre ele teve como sua sede a Rua São Paulo, no centro de Fortaleza. Como indica Ana Carolina Rodrigues da Silva no seu texto “Nomadismo do Museu do Ceará na Cidade de Fortaleza” (2010), o museu cearense passou por várias mudanças de sede desde 1932 até os dias atuais. O primeiro espaço físico do museu foi uma sala dentro do Arquivo Público do Ceará criado meses antes, também em 1932.²⁰⁸

Seu primeiro diretor foi Eusébio de Sousa, que já exercia o cargo de diretor do Arquivo Público e que também fazia parte dos poucos intelectuais que compunham o IHGCE, com seu ingresso em 1928.²⁰⁹ Eusébio Neri de Sousa era natural de Recife e nasceu em 14 de agosto de 1883, filho de um major do exército José Neri Alves de Sousa, o que pode explicar também seu apreço pelos assuntos militares.²¹⁰ Apesar de não ter nascido no Ceará²¹¹, foi nesse estado que construiu a sua carreira como “homem de letras”, como afirma Cristina Holanda (2004, p. 16-17).

²⁰⁷ Decreto n. 643. Capítulo VI: Do Museu Histórico. 20 de junho de 1932.

²⁰⁸ Decreto n. 479. 03 de fevereiro de 1932.

²⁰⁹ No primeiro tópico desse 2º Capítulo, a participação de Eusébio de Sousa como membro do Instituto Histórico do Ceará foi discutida, sobretudo, com base em suas ações de memória em torno do General Tibúrcio e de um esforço em construir uma História para o Ceará, imperativa dos membros do IHGCE.

²¹⁰ Exemplos disso são as publicações dos livros: “Tibúrcio: o grande soldado e pensador” em 1937, “Sampaio: patrono da infantaria, escôrcio biográfico 1810-1866” e “História militar do Ceará” em 1950.

²¹¹ Segundo a historiadora Cristina Holanda, em sua dissertação “A construção do templo da história Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932-1942)”, Eusébio se graduou em direito no Recife em 1907 e, no ano seguinte, partiu para o Ceará, onde se radicou. Além da magistratura, atuou como jornalista, inspetor escolar, dramaturgo e historiador. Colaborando com diversos jornais. (2004, p. 12)

Como diretor do Arquivo Público e, sobretudo, à frente do Museu Histórico, era pela História do Ceará que Eusébio se empenhava. Ele tinha como referência o Museu Histórico Nacional e a diretoria de Gustavo Barroso.²¹² Ainda segundo a historiadora,

“Esse esforço para salvar o pretérito do esquecimento, a ponto de afirmar que um país não deveria viver “só do presente e das preocupações do futuro, mas também das preocupações gloriosas do passado. (SOUSA, 1927, p. 8), além de estar relacionado com a busca de uma “neutralidade científica” - pretensamente conquistada a partir de um “distanciamento” dos fatos narrados, de acordo com os parâmetros do cientificismo do século XIX-, era muito influenciado pela visão barroseana, idealizada e nostálgica (...) Eusébio de Sousa tratou de realçar a participação do Ceará no processo de edificação da pátria” (HOLANDA, 2004, p. 16)

Como escreve outra estudiosa do Museu Histórico do Ceará, Ana Amélia Oliveira (2009, p. 32), o posicionamento de Eusébio era semelhante ao de Gustavo Barroso: para ambos, o museu seria espaço de celebração de glórias do passado, feitos de heróis nacionais e, por isso, deveria ser conhecido pelo público. Para Eusébio o museu tinha papel também de uma pedagogia do exemplo.²¹³

No período em que o Museu foi inaugurado, já estava no poder, como presidente da República (eleito de maneira indireta), Getúlio Vargas. Esse sujeito que se fez personagem da História do Brasil iniciou desde cedo a construção de uma memória sobre si próprio. Na dissertação da historiadora Cristina Rodrigues Holanda (2004), ela traz indícios sobre essa construção, de forma específica, operada através dos museus.

Ela traz a ideia de que Getúlio Vargas tinha atenção especial pelo Museu Histórico Nacional e que:

“Essa preocupação, percebida na produção historiográfica do Instituto Geográfico Brasileiro e no ensino de História desde o século XIX (GUIMARÃES, 1988; FONSECA, 2003), parece chegar com mais intensidade aos museus brasileiros durante a Era Vargas (1930-1945)” (HOLANDA, 2004, p. 3)

²¹² Gustavo Dodt Barroso era cearense bacharel em direito, tendo atuado como advogado, jornalista e escritor. Em 1922, foi nomeado diretor do Museu Histórico Nacional e, em 1923, ingressou como membro da Academia Brasileira de Letras. Foi autor de diversos livros. Segundo a historiadora Regina Abreu, Gustavo Barroso era “caricaturista, romancista, poeta, teatrólogo, tradutor e ensaísta, Gustavo Barroso foi um expressivo intelectual, de origem e formação católicas. Seus biógrafos assinalam o carisma, a capacidade de reunir em torno de si inúmeros adeptos para suas ideias, a espantosa produção literária de quase uma centena de volumes. O pensamento de inspiração totalitária e conservadora caracterizou a produção intelectual desse homem, considerado infatigável, pelos amigos. Com relação ao Museu Histórico Nacional, pode-se dizer que o primeiro diretor da instituição foi também seu principal ideólogo. De 1922 a 1959 (com um breve intervalo de 1930 a 1932), período em que esteve à frente da instituição, o ideário por ele defendido foi decisivo para a formação e a consolidação de uma política oficial, que se refletia principalmente na aquisição dos objetos”. (1994, p. 205)

²¹³ A própria palavra museu nos permite pensar sobre o que significava a instituição museu desde o surgimento das primeiras espécies de museus. Buscamos compreender o museu como um fenômeno histórico, entendendo que cada museu tem suas especificidades. A palavra “museu” tem origem grega - “Mousseon” - que significa templo das musas, definição que combina com o modelo de museu baseado na figura dos grandes homens e grandes fatos.

Se o Museu Histórico do Ceará tinha como modelo o Museu Histórico Nacional, essas questões passavam a permear também a concepção de museu construída no Ceará. Tanto o é que, assim como Getúlio doou objetos próprios para o Museu Histórico Nacional, fato semelhante ocorreu no Museu do Ceará, o então presidente também esteve presente no MHC.²¹⁴

O museu estava dando seus primeiros passos. Situar esse processo de construção da instituição e do seu acervo é necessário para termos dimensão das escolhas efetuadas pelo diretor Eusébio de Sousa, bem como pelos doadores que, de fato, deram a cara do museu.

Mas o que era esse museu que estava sendo inaugurado? O próprio nome que foi dado ao museu diz muito sobre o que viria a ser o objetivo das suas futuras exposições. Era também o primeiro museu do Ceará e, portanto, buscava narrar a partir das exposições, a história desse lugar.

Em sua trajetória intelectual, bem como na direção do MHCE, Eusébio tinha como diretriz a “popularização da História”²¹⁵ (HOLANDA, 2004, p. 20). E, nesse sentido, podemos entender a pedagogia do exemplo através dessa vontade de popularizar a História. Se a pergunta “Para que serve a História?” fosse feita à Eusébio, ele certamente teria a resposta na ponta da língua, ou melhor, na ponta do lápis.

O museu traz uma narrativa tridimensional sobre o passado, sobretudo, nesse período, através da guarda e exposição de documentos e objetos, dentre os quais muitos tratam-se de objetos pessoais. Nesse caso, na maioria das vezes, objetos que pertenceram a grandes personagens, estes que o museu tanto se apropriava quanto ajudava a construir. Afinal, a História servia para dar exemplos aos pósteros, eram os exemplos que deveriam estar no museu.

²¹⁴ Para trazer de forma mais especificada: “Algumas peças doadas reportavam a sua presença ao Ceará, como a fita simbólica cortada por ele na inauguração do açude Juarez Távora em 1933 e um quadro em miniatura retratando sua passagem em Quixadá, no mesmo ano. Uma fotografia remetia os observadores a sua posse na Presidência da República em 1934. Outros objetos estavam relacionados às iniciativas da administração do Presidente nos anos 30, como uma medalha de bronze, comemorativa do monumento Cristo Redentor, inaugurado no Rio de Janeiro em 12/01/1931, e as cinzas de vinte bandeiras de estados brasileiros que não estavam de acordo com os princípios do Estado Novo, inaugurado em 1937 por Vargas, sendo queimadas em solenidade pública na sua presença. A única peça encaminhada pelo próprio Vargas foi uma medalha de prata, cunhada a mando do governo provisório, comemorativa da Revolução de 1930, que permitiu sua ascensão ao poder”. (HOLANDA, 2004, p. 111)

²¹⁵ Eusébio de Sousa, na administração de Tibúrcio Cavalcante, foi presidente da “Comissão de Revisão e Nomenclatura das ruas” que foi criada em 1932, com o intuito de (re)nomear logradouros. Era presidida por ele e contava com apoio de Renato Braga e Ernesto Pouchain. A partir de alguns critérios estabelecidos pelo Instituto Histórico do Ceará, no qual a ideia seria compor a cidade com nomes de pessoas e datas célebres, revisando nomes já existentes e substituindo os nomes que não correspondessem a esse padrão. Ele teve também, um programa no rádio onde a intenção era narrar e tornar conhecida a História do Ceará, chamado “A História do Ceará para as crianças” em 1936.

O historiador Ulpiano Bezerra de Menezes (1998, p. 90) nos lembra da dimensão corporal da memória e o papel de objetos materiais no processo de rememoração, sobretudo, quando esses objetos são expostos em espaços públicos.

Pensar o processo de deslocamento de objetos pessoais para o espaço público é pensar o local da exposição e seus interesses diante da guarda e exposição de determinados objetos. Alguns objetos já são considerados históricos por estarem em locais autorizados para narrar a História, como é o caso de um museu. Porém, mais que históricos são ainda caracterizados como “singulares” e “auráticos”, pois nesse momento fazem referência aos grandes fatos e grandes homens de um passado de glórias.

Outra dimensão essencial para pensar os “usos do passado” a partir dos “usos dos objetos”, é compreender esse objeto no tempo, como ele foi e é significado. Segundo Ulpiano:

“Relíquias, semióforo, objetos históricos: seus compromissos são essencialmente com o presente, pois é no presente que eles são produzidos ou reproduzidos como categoria de objeto e é às necessidades do presente que eles respondem” (1998, p. 94)

Pensando a dimensão temporal do presente que busca rememorar a partir de suas demandas, mas também, do lugar responsável pela visibilidade do passado a partir dos objetos (GUIMARÃES:1998). Como indica Stephen Bann, no livro “As invenções da História”,

A história de “visualizar o passado” em nosso período não é, portanto, simplesmente o registro de um investimento pessoal em objetos e em seu “valor de época”; é também o registro de uma tendência crescente para acumular e ordenar tais objetos em instalações permanentes, em outras palavras, para montar museus. (1994, p. 166-167)

Trata-se de uma vontade de passado. O próprio fato de estar exposto no museu atribui aos objetos novos significados. Como escreve Antônio Luiz Macêdo Silva e Filho,

Sempre que se adentra um museu, abre-se a oportunidade de lançar um olhar diferenciado ao que se apresenta diante do observador. Isso não porque, os objetos expostos lá sejam rigorosamente insólitos, únicos, inestimáveis, impossíveis de encontrar alhures. Mas porque, ao tomarem parte do acervo da instituição, são submetidos a modalidades de exposição que permitem, ao público, apreendê-los sob uma nova ótica (...) (2010, p. 78)

As modalidades de exposição dos objetos é que vão dar sentido aos objetos e compor a narrativa do museu através de suas peças. A partir disso, podemos pensar, como se dava a chegada dos objetos do recém-criado Museu Histórico do Ceará.

O que notamos foi o esforço em constituir um bom acervo para o museu, e para tal, o diretor usou de vários artifícios. As doações eram não só bem-vindas como eram divulgadas,

o que significa expor um novo objeto no museu, mas também, o nome do doador ou da família doadora. “São claramente perceptíveis as intenções do Eusébio no sentido de identificar a procedência dos objetos para valorizar seus ofertantes e assim incentivar outros a contribuírem com doações semelhantes para o Museu Histórico”. (HOLANDA, 2004, p.55)

As trocas e compras também ocorriam e, nesse caso, valia a negociação. Cristina Holanda fala, inclusive, em termos de trocas de favores, em “recompensar os colegas por algumas doações efetuadas entre 1932 e 1935” (2004, p. 51) Portanto, objetos chegavam ao museu através de três situações: doações, trocas e compras.

Como escreve Régis Lopes, o Museu recebia os mais variados artefatos antigos:

“Depois de criado, em 1932, o Museu Histórico do Ceará passou a receber significativa variedade de doações, motivada pela política oficial do estado cearense e pelo empenho de seu primeiro diretor, o juiz Eusébio de Sousa. Como era de se esperar, moedas e medalhas - ao lado de coisas que lembravam heróis e fatos patrióticos. As doações mais valorizadas eram as vinculadas aos chamados “objetos biográficos”, ou seja, marcados pelo nome de quem os possuía. Mas muitos outros artefatos apareceram. Eusébio aceitava praticamente tudo que pudesse chamar atenção. Ao contrário do que se costuma pensar a respeito dos chamados “museus históricos”, houve um acúmulo de coisas não necessariamente vinculadas a datas, eventos ou personalidades destacadas.” (2011, p. 165-166)

Como notamos, ao pensar esse processo de construção do acervo, quase todo objeto era bem-vindo. Eusébio de Sousa, se esforçava em não descartar, mesmo o museu contando com objetos tão diversos. Não podemos deixar de atentar para o fato de que alguns objetos que eram recebidos ou encomendados pelo museu recebiam um destaque especial. Veremos isso mais à frente ao pensar o “Boletim do Museu Histórico do Estado do Ceará”.

Cabe, ainda, destacarmos aqui o museu como lugar autorizado para narrar a História do Ceará, não só por ser uma instituição oficial e vinculada ao governo, mas também pela própria natureza da instituição museológica.

Voltando à questão dos objetos expostos, não se pode deixar de relacionar o objeto com o que é escrito sobre ele²¹⁶. Como argumenta Ulpiano, “daí a importância da narrativa e

²¹⁶ Essa discussão sobre os objetos e as palavras que os significam, já foi trazida no capítulo 1 do presente trabalho. Alguns estudiosos teceram considerações sobre essa relação tão intrínseca. O historiador Régis Lopes Ramos, no seu livro “A poeira do passado. Tempo, saudade e cultural material”, discute o que seria esse poder nas palavras sobre os objetos, nos capítulos “A palavra” e “Em nome da placa”. A historiadora Clara Mineiro, no texto “Mas as peças não falam por si?! A importância do texto nos museus” (2007), discute sobre a função atual das legendas no espaço do museu, como um instrumento de aprendizagem ou caminho para gerar alguma reflexão por parte dos visitantes do Museu. Manoel Luiz Salgado Guimarães, no texto “Vendo o Passado: Representação e Escrita da História” (1988), propõe historicizar esse problema da relação entre escrita e imagem. E por fim, o historiador Ulpiano T. Bezerra de Meneses, no texto *Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público* (1998), ressalta a importância das narrativas e discursos sobre os objetos para pensar o discurso do objeto. Todos,

dos discursos sobre o objeto para se inferir o discurso do objeto” (1998, p. 91). Uma vez que a narrativa sobre o objeto ajuda a construir o próprio objeto, sobretudo, quando se trata de um museu, onde as peças e as legendas caminham juntas.

No caso do MHCE, podemos falar, para além das legendas, de outras narrativas sobre os recém-chegados objetos do museu. Eusébio, em sua direção, cria e publica o “Boletim do Museu Histórico do Ceará”, no período em que estava formando o acervo do museu. Esse boletim teve duas edições (1934, 1935). Era um documento organizado por ele, onde o assunto principal era o processo de construção daquele espaço, informando sobre a doação de objetos, a encomenda de telas e a compra de acervos para a instituição.

Quase um diário do museu ou uma prestação de contas dos serviços prestados em cada um desses anos iniciais. É a partir desses boletins que podemos nos aproximar dos primeiros esforços em compor o acervo daquele museu. Segundo Cristina Holanda, “Eusébio de Sousa procurava enfatizar o nome do Ceará como elemento constituinte da nacionalidade brasileira. Daí o seu empenho em confeccionar biografias, mormente de membros do escol social, cujos eleitos ganhavam contornos de gênios ou de heróis”. (2004, p. 18)

O estudo da historiadora Regina Abreu (1996) nos oferece essa dimensão do que seria “A fabricação do imortal” no espaço museológico, sobretudo, pensando no aspecto do personagem imortal como homem público, construído através da representação feita pelo museu. Ao fabricar personagens, o museu fabrica também um passado, especialmente em um tempo onde a História era composta pelas narrativas dos grandes homens.

No caso do General Tibúrcio, não era novidade o esforço em imortalizá-lo. “Trabalho de memória” semelhante já havia sido feito em 1888 com a ereção da estátua do General Tibúrcio, porém, dessa vez, ele ganhou lugar dentro do primeiro museu do estado como herói digno de fazer parte da grande narrativa da História do Ceará.

Pensar a construção da memória em torno desse herói passa necessariamente por pensar a escrita da História empreendida por Eusébio, uma vez que ele está presente e foi ator principal em grande parte das ações que buscavam conferir a Tibúrcio o caráter de herói cearense. Podemos citar o caso de sua presença apressada no MHC, bem como, em sua escrita dentro da revista do Instituto Histórico do Ceará (IHGCE) e, posteriormente, nas comemorações

a sua maneira e a partir de seus problemas específicos, oferecem discussões interessantes para se pensar o poder das palavras e sua relação com os objetos.

de centenário de nascimento de Tibúrcio (1937) onde ele organizou uma biografia sobre o general.

O museu seria um dos lugares responsáveis pela representação sobre o passado, sobretudo, através dos objetos históricos. Eusébio, enquanto diretor do MHCE, estava à procura justamente desses objetos históricos que conseguissem conferir visualidade ao passado.

Quando pensamos nas formas pelas quais o passado passa a fazer parte do presente, ou seja, as estratégias de dar visibilidade ao passado, não podemos esquecer do presente que, cada vez mais, pretende se tornar passado, como escreve o historiador Manoel Luiz Salgado.

Ele define o que seria a “visualização do passado” em duas formas: a primeira, como a narrativa sobre os eventos pretéritos que supõe um esforço de imaginação do que é narrado, construindo uma imagem, e, em segundo, os próprios projetos de patrimonialização que acontecem por meio de instituições, como por exemplo, o museu.

Para nossa pesquisa, essas duas definições são pertinentes, pois a construção do herói se apoia em diversos suportes, em que a maioria deles se enquadra em formas de visualização dos tempos passados. Foi no passado que o herói atuou e ganhou sua notoriedade. O museu não teve um objeto que fizesse referência ao general Tibúrcio, foram três objetos que buscavam inserir esse sujeito na escrita da história ali empreendida.

2.2.2. *“Um flagrante fotográfico precioso”: O retrato da Praça General Tibúrcio no Museu.*

A matéria publicada no jornal *A Rua*²¹⁷, no ano de 1933, com o título “Curiosidades e raridades históricas no Ceará”, traz um elogio a recente criação do Arquivo Público e do Museu do Ceará. E, mais uma vez, a criação daquelas instituições era justificada publicamente,

“É de relevo demonstrar a necessidade da instituição criada pelo atual governo do estado confiada aquele nosso ilustrado patricio. Os museus e os arquivos são relicário precioso do espírito nas nações, onde os povos vão mirar, num carinho exame retrospectivo, sua vida através dos séculos, seus costumes passados que o tempo vai esbatendo e apagando da memória coletiva, seus fatos heroicos e ilustres, suas conquistas mentais, as vicissitudes do terror e ações dos homens.”²¹⁸

²¹⁷ O jornal *A Rua* era matutino, fundado em 1928 pelo jornalista Pais de Castro, que mais tarde atuaria como diretor temporário do Museu Histórico do Ceará, após a administração de Eusébio de Sousa.

²¹⁸ Jornal *A Rua*, 10 de março de 1933.

Nesse trecho da matéria, percebemos novamente qual era a perspectiva de museu que se tinha naquele momento em relação ao Museu Histórico do Ceará: lugar precioso que, segundo o jornal, guardava o espírito das nações.

Quando o jornal faz menção a um “ilustrado patricio”, refere-se à escolha pelo diretor Eusébio de Sousa: “Para o nosso governo não haveria decisão mais acertada que a do Dr. Eusébio de Sousa na direção do nosso Arquivo Público e Museu Histórico”²¹⁹.

Essa matéria tem como principal assunto a visita feita ao “novo departamento”, que eles chamaram de “o início da patriótica obra”, referindo-se à criação e instalação do Museu junto ao Arquivo Público. Em seguida, descreve a visita e o que foi observado por eles com “crescente curiosidade e satisfação inimaginável”.

Dentre a listagem das peças encontradas por eles na visita, com as letras em caixa alta, a legenda: “TIBURCIO CAÍDO, DE PÉ UMA LEMBRANÇA DA TRAGÉDIA DE 1914. OUTRAS CURIOSIDADES”²²⁰ para a fotografia da Praça General Tibúrcio.

“Suspenso à parede, entre vários quadros curiosos, um flagrante fotográfico precioso. A Praça General Tiburcio. Vendo-se o velho Palácio da Luz, na sua feição antiga, de biqueiras descobertas, com paredes cheias de buracos produzidos por bala, quando da deposição do general José Clarindo. Ao centro da praça o monumento ao “caboclo de Viçosa”. O vulto do general talhando no bronze, fora atingido por um balanço e caiu. Mais caiu de pé...”²²¹

A imagem do general como herói estatuado é colocada em relevo, sobretudo, porque a fotografia retratava a praça onde ficava erigida a estátua.

O fato trazido à tona nesse momento - mesmo que rapidamente pois tratava-se de uma listagem de vários objetos incorporados ao acervo do museu - foi o acontecimento no qual a estátua havia sido derrubada do pedestal. Esse assunto já foi discutido no primeiro capítulo, quando buscamos compreender a reinauguração da estátua no dia 24 de maio 1933. Nesse momento, assim como será escrito alguns anos depois na biografia do general, aparece a ideia de que “a estátua havia caído, porém de pé”.

O que nos interessa não é saber se a estátua caiu de pé ou não. Ainda que ela tenha caído de qualquer outra forma, o que nos interessa é o que foi narrado sobre esse fato. Compreender, portanto, os motivos que levarem a essa afirmação por parte dos cearenses. Assunto que discutiremos melhor no próximo capítulo.

²¹⁹ Ibidem.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Ibidem.

A partir desse objeto²²² que passava a compor aquele acervo, podemos pensar a cidade no museu. A fotografia desse espaço da cidade, que é a praça, passa a fazer parte de um acervo que buscava narrar a história daquele lugar. O museu passaria a ter, na composição do seu acervo, a presença, a partir da fotografia, da primeira estátua erigida na capital cearense, e também inaugurava a presença daquele herói.

Outro fato interessante a ser ressaltado é a falta de um doador específico daquela fotografia. Enquanto muitos objetos eram listados acompanhados de seus respectivos doadores²²³, da fotografia da Praça General Tibúrcio não se sabia, ao certo, quem era o doador. A hipótese que podemos lançar é a de que o próprio Eusébio de Sousa havia conseguido aquele objeto para o seu acervo.

Em alguns objetos seu nome aparece como doador, como por exemplo, algumas fotografias doadas por ele em 1932. Podemos citar as fotografias: do Antigo Prédio da Assembleia Provincial, na Praça Caio Castro; dos Jovens cearenses que empreenderam o raid terrestre Fortaleza - São Paulo (1923); do autógrafo do Padre Mororó; da Igreja de Almofala; da Casa em que Pinto Madeira foi julgado; da Casa onde nasceu Bárbara de Alencar. Além da doação de outros objetos, como por exemplo, machado de índio doado em 1932, uma medalha de bronze do Cruzeiro italiano da América Latina doado em 1933.

Eusébio de Sousa, além do empenho por novos doadores providos de objetos históricos, doava também novos objetos para o museu. Porém, não foi apenas a fotografia da Praça General Tibúrcio que não teve indicação de doador específico. A tela, ou retrato, como aparece na fonte, do General Tibúrcio também é listada sem doador, apenas nas observações foi ressaltada a autoria da pintura, a cargo de J. Carvalho.

2.2.3. A Mobília General Tibúrcio: O herói no Museu.

Em 1º de outubro de 1933 foi veiculada uma matéria no jornal Gazeta de Notícias, redigida por Eusébio de Sousa, com o título “A mobília do General Tibúrcio”. A notícia dizia respeito a uma recente doação recebida pelo recém-criado Museu Histórico do Ceará. A doação que veio por parte de Argentina Spinosa, funcionária da escola normal Pedro II, eram duas

²²² Não encontramos registros da fotografia da Praça, apenas menções de sua existência no Museu, como foi o caso da notícia de jornal. O Boletim Histórico do Museu também não traz a reprodução dessa fotografia.

²²³ O doador também quer aparecer no museu por meio do objeto doado. Não podemos pensar a listagem dos objetos do acervo e a indicação dos doadores como mera formalidade da instituição, pois era uma forma também de tornar presente o indivíduo ou família doadora de tal peça.

cadeiras que pertenceram a esse sujeito que já era listado como homem ilustre do Ceará desde sua participação na Guerra contra o Paraguai.

Para Eusébio de Sousa, diretor do museu no período, expor essa mobília no espaço do museu era uma justa homenagem dos cearenses para aquele que, segundo ele, já tinha sua memória imperecível e concretizada no bronze – se referindo à existência da Praça General Tibúrcio e à presença da estátua do General – e que seria, portanto, “ainda mais perpetuada e venerada com a documentação ora existente no museu histórico”²²⁴.

Como ele escreve no Boletim do Museu:

Não bastava a Tibúrcio a memorável estátua que lhe foi erguida na antiga Praça do Rosário, em 8 de abril de 1888, com suas saudações desse vibrante hino, letra Dr. Virgílio Brígido. (...) Sua memória imperecível, concretizada no bronze, num monumento duradouro erguido na praça que hoje tem seu nome, justa homenagem dos cearenses, dos seus admiradores daqui e alhures, continua e será ainda mais perpetuada e venerada com a documentação ora existente no Museu Histórico do Estado.²²⁵

É interessante pensar que o General Tibúrcio não foi escolhido à toa para figurar nesse museu. Eusébio estava à procura de objetos que, como ele dizia, tinham valor histórico, aqueles referentes aos grandes homens e grandes fatos. Nas palavras de Ulpiano,

Essa categoria de objeto histórico, assim por sua própria natureza, e funções privilegia as classes dominantes - fato facilmente observável nos museus e abundantemente denunciado na bibliografia. Torna-se evidente, destas considerações, que o objeto histórico é de ordem ideológica e não cognitiva. (...) são fontes excepcionais para se entender a sociedade que os produziu ou reproduziu, enquanto precisamente, *objetos históricos*. (1998, p. 95)

Como o General logo passou a compor o acervo do museu, ele está presente também nos Boletins. No primeiro, informando a doação da mobília, e, no segundo, fazendo referência à inauguração de uma tela pintada pelo artista J. Carvalho que representava Tibúrcio quase que em tamanhos naturais, com dimensões 1m77x1m22. Era necessário ocupar o espaço do museu.

O museu cria e se apropria de objetos para tornar presente esse herói dentro de sua escrita. Não podemos deixar de pensar aqui na dimensão material da memória e dessa necessidade de suportes para que ela se constitua nos espaços.

Porém, para além da importância da existência desses objetos no museu, para compreender como eles compõem o museu e, ao mesmo tempo, como o museu também compõe e modifica os objetos, torna-se necessário pensar a narrativa sobre eles. Nesse sentido, a análise

²²⁴ Boletim do museu histórico do Ceará. (1935, 1936) Página 10.

²²⁵ Boletim do museu histórico do Ceará. (1935, 1936) Página 9-10

do Boletim do Museu ajuda a compreender qual o lugar desses objetos na narrativa daquele museu naquele momento.

A priori, porque um conjunto de cadeiras “merecia” estar no museu naquele período? Por que essa mobília foi considerada importante ao ponto de compor o acervo do museu? Já se percebe que aquele objeto não está ali pelo seu valor de uso prático, que no caso era o de sentar-se, mas sim que se trata de um objeto que podemos chamar de “semióforo”²²⁶, ou melhor, que passa a ser um semióforo a partir do uso que se dá a ele, concentrando um símbolo, um significado.

Segundo Krzysztof Pomiam, semióforo é um objeto visível investido de significação (2010, p. 13). Podemos concluir que um objeto está semióforo e que essa significação acontece no tempo, portanto, o próprio objeto tem sua temporalidade. O que queremos enfatizar é que um conjunto de cadeiras nem sempre é apenas um conjunto de cadeiras. Dependendo do uso que se dá a eles, podem representar outra coisa. Podem se transformar em um suporte de signos.



FIGURA 7 MOBÍLIA GENERAL TIBÚRCIO. ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ.

Na ausência de um objeto que estabelecesse direta conexão com o personagem em construção, se tratando de um general, pensamos primeiramente em objetos como armas, fardas, medalhas e condecorações, mas o objeto que o museu guardava em memória do herói eram

²²⁶ Sobre o termo semióforo. Ver: POMIAM, Krzysztof. História Cultural. História de los semióforos” In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François (orgs.). Para una História Cultural. México. Editorial Taurus, 1999.

duas cadeiras. A partir disso, podemos pensar que não é o objeto em si que tem importância, e sim seu dono.

Como discutiu Regis Lopes, no livro “A danação do objeto” (2004), trata-se de um “objeto biografado”. Segundo autor, um objeto biografado é aquele que é exposto como testemunha da vida de determinado personagem. A exposição daquele objeto trazia a lembrança do general, em uma perspectiva de “ver para crer”, de testemunho e de homenageá-lo.

Existia o esforço em expor, dar visibilidade ao passado selecionado. A partir das discussões feitas pelo historiador Manoel Luiz Salgado, podemos compreender esse momento inserido em uma “cultura oculocêntrica”²²⁷, em que o museu oferece um suporte para essa visualização do passado. Porém, devemos pensar a imagem e o escrito em uma articulação, sobretudo, as legendas dos museus que ajudam a construir também os sentidos de tal visualização.

No Boletim, Eusébio, ao comentar sobre a importância daquela doação “de incontestável valor histórico” para o museu e para os cearenses, volta a escrever sobre essa primeira ação de tornar a memória de Tibúrcio perpetuada. Notamos isso, quando ele escreve que aquela memória já “havia sido concretizada no bronze em um monumento duradouro”. Em uma mesma frase, ele usa palavras que trazem a ideia de perenidade: concretizar e duradouro, além da própria palavra monumento.

Eusébio, portanto, validava aquela aquisição do museu fazendo menção a um passado em que Tibúrcio já havia sido consagrado herói. Por já ter sido consagrado como um herói, justificava-se o valor daquela doação e, então, nova documentação do museu. De certa forma, Eusébio se coloca como continuador dessa homenagem que se reafirmava também no espaço do Museu.

Se o museu é constituído de vários objetos, podemos pensar: qual o lugar dessa mobília no museu? No Boletim, podemos compreender o destaque dado àquela aquisição, uma vez que a notícia da doação e a imagem da mobília estão no início do primeiro Boletim (1935), logo após a imagem do quadro “Fortaleza Liberta”.²²⁸

²²⁷ Segundo Manoel Luiz Salgado, o termo cultura oculocêntrica faz referência a um tempo marcado pela força da imagem, um período onde a imagem adquiriu certa centralidade.

²²⁸ O quadro “Fortaleza Liberta”, de autoria do pintor cearense José Irineu de Sousa, adquiriu centralidade dentro do Museu do Ceará, por se tratar de uma pintura que faz referência a um momento muito valorizado dentro da escrita da História do Ceará, que foi a Abolição da escravidão no Ceará. O quadro comemorativo representa a reunião de 24 de maio de 1883 que decidiria que o Ceará aboliria a escravidão. Esse episódio é valorizado pelo fato de os cearenses se afirmarem os primeiros do Brasil a realizar tal feito. Ainda sobre o quadro, no Boletim do Museu Histórico, é ressaltado o fato de a pintura não ter sido encomendada pela instituição, mas sim, feita de espontânea vontade. Como é escrito no Boletim: “José Irineu de Sousa teve a consagração devida ao seu

Com relação às disposições do acervo no período inicial do museu, não encontramos fontes que pudessem oferecer a dimensão dessa exposição, como o nome das salas e o que as compunham. Cristina Holanda, ao estudar algumas fotografias dos objetos do museu, chama a atenção para esse aspecto:

“A descrição das imagens fornece alguns indícios da organização do MHC, mas não dá conta da dinâmica das exposições de todo o período da administração de Eusébio de Sousa, que foram continuamente se modificando, movidas por estratégias de divulgação e repartição, inclusão de novos objetos no seu acervo e pela mudança de sede ocorrida em 1934.” (2004, p. 87)

Ana Amélia Rodrigues de Oliveira, que discute justamente essa mudança de objetos e salas do museu, em uma dinâmica do “juntar, separar e mostrar” (2009) também não traz informações que nos possibilitem determinar como eram as salas e a disposição do acervo, nesse período inicial do Museu. Portanto, o lugar ocupado pela mobília do general dentro do Museu não pôde ser analisado a partir desses aspectos, diferente do que acontece com a tela que representava o general, como veremos adiante.

A homenagem ao General não findou com a exposição dessa mobília. Partindo da ideia de que a ação de reunir objetos para o museu é criar novos objetos, encomendar objetos para serem expostos no museu torna-se ainda mais sintomático, pois, nesse caso, não apenas se reúne, mas se fabrica o objeto. É o caso de telas encomendadas com a finalidade primeira de ir para o museu. Um exemplo disso no MHCE foi a encomenda da tela General Tibúrcio.

2.2.4. *O herói pintado: Inauguração da tela General Tibúrcio.*

No dia 26 de julho de 1935, o Arquivo Público e o Museu Histórico do Ceará organizaram um momento festivo para a inauguração de uma tela, que representava, em tamanho natural (1m77x1m12), o General Tibúrcio Ferreira de Sousa. Segundo Eusébio, o museu estava realizando homenagem que há muito tempo estava devendo ao “herói-soldado”.

A inauguração ocorreu no dia em que corriam 80 anos do alistamento do Tibúrcio na Praça no Corpo Fixo da antiga província do Ceará. Para Eusébio, era um dia significativo para homenagear e perpetuar aquela recordação de um dos “gloriosos antepassados”.

indiscutível mérito profissional com a apresentação de uma ‘obra primorosa’, de um trabalho que honra o pincel de qualquer artista de nomeada, sobretudo, porque, “inspirado no sentimento do patriotismo, tentando imortalizar um facto honroso de sua província, conseguiu-o pelo poder irresistível da arte”.

A construção da memória desse personagem é organizada a partir de datas significativas dentro da sua própria história, mas que, por vezes, também estabelece relação com a História do Ceará. Já falamos aqui sobre as conexões que foram sendo estabelecidas entre General Tibúrcio e a data de “24 de maio”. Nesse momento, Eusébio elege outra data para ser incluída como um dia significativo na biografia do general, o dia em que Tibúrcio se alistou no Exército.

É como se, ao tornar o general presente no museu, inaugurando a tela nesta data, Eusébio e o museu estivessem finalizando a história iniciada há 80 anos, quando o “futuro herói” iniciava sua trajetória no lugar que o consagrou como tal. O museu voltava nesse início para homenagear a trajetória do personagem ora ali cultuado. O conceito de representação é válido para pensarmos o Museu, afinal o que faz o museu além de buscar representar o ausente: passado?

Analisar a imagem para Ulpiano Menezes é também compreender “a interação social que produz sentidos” (2003, p. 28). Por isso, para compreender a tela, devemos pensar a inauguração e as narrativas que traziam a tela e sua inauguração como temática. Dessa forma, a imagem não é percebida apenas como ilustração, e sim como produto da sociedade que a cria.²²⁹

No Boletim do Museu Histórico a reprodução da notícia do jornal Gazeta de Notícias²³⁰ descreve como se deu a inauguração da tela:

“Foi descerrada a bandeira nacional que cobria a grande tela, surgindo então belíssimo quadro a óleo, apresentando a efígie do general cearense, em tamanho natural, com seu uniforme de gala, ostentando sobre o peito as condecorações e medalhas conquistadas na sua brilhante carreira militar.”²³¹

É ressaltada a grandeza do quadro e a forma como ocorreu a cerimônia de inauguração, trazendo detalhes como a bandeira nacional como sendo elemento importante naquele ato, já que vinha cobrindo o quadro no momento que precedia a inauguração. Percebemos a “intenção comemorativa” (CATROGA, 2005, p. 92) e a simbologia presente nesse ritual que inaugurava o lugar desse personagem no Museu.

²²⁹ A “verdade” buscada, contida na imagem antiga, não se aproxima do conceito de veracidade, mas sim do sintoma ou rastro, constituindo como que uma pegada ou impressão da vida energia deixada pelo passado, a atestar a presença do humano, de uma experiência e de uma sensibilidade” (PESAVENTO, 2008, p. 19)

²³⁰ É necessário ressaltar novamente que Eusébio de Sousa, além de diretor do MHCE e do Arquivo Público, era também era redator do jornal Gazeta de Notícias. Por isso também essas instituições estabeleciam relações entre suas ações.

²³¹ Boletim do museu histórico do Ceará. (1935, 1936) Página 41.

Fernando Catroga, ao discutir a “a nação, o mito e o rito”, mais especificamente sobre a festa, escreve que: “Aí a festa transmudou-se em acção anamnética, promovida por políticas da memória (com seu conseqüente esquecimento) interessadas em socializar certa seleção do passado, inculcando-a como memória nacional” (2005, p. 91). Mais à frente, no mesmo texto continua: “Exaltação do passado, que os grandes homens encarnavam, tornou-se instrumento essencial para a produção e reprodução de uma nova memória nacional”. (2005, p. 102)

Catroga relaciona, portanto, as comemorações com a produção de uma memória nacional. Não é à toa que ele também ressalta as conexões entre “Comemoração e Poder”. Para ele, “as comemorações e a escrita historicista da História são práticas de re-presentação, ou melhor, de esquecimento da morte e do devir, e põe em cena uma previsão ao contrário que procura confirmar, no passado, a direção do povir”. (2001, p. 61)

O MHCE, que já se afirmava como lugar de escrita da História do Ceará, realizava comemorações nesse sentido, de construir uma história homogênea e cristalizada para o Ceará, através de seus fatos e heróis. Assim, entendemos as comemorações e sua relação com o presente e as demandas para o futuro de quem comemora.

Pensar a tela como uma imagem é “percorrer o ciclo completo da sua produção, circulação e consumo” (MENEZES, 2003, p. 28). Pensando, assim, nas razões de existir da própria imagem. O fato de a tela ter sido encomendada demonstra o interesse em fazer o “herói-soldado” presente visualmente no espaço do museu.

Outra vez nos deparamos com a questão da necessidade de dar visibilidade a um determinado passado, porém, dessa vez, o intuito era de, ao mesmo tempo em que se dava visibilidade ao passado, tornar presente um personagem. Como escreve Krzysztof Pomian, os semióforos remetem a algo presente, na medida em que substituem algo invisível, um semióforo é feito (produzido) para ser visto. (2010, p. 13)

Eusébio, ao encomendar a tela, estava produzindo um objeto para o museu. Diferente de receber como doação, ainda que a doação quando é feita possa ser aceita ou não, o ato de encomendar nos mostra a necessidade em expor o herói naquela escrita da História empreendida pelo MHCE.

O pintor da tela do general foi J. Carvalho²³², que “morou no Rio de Janeiro, onde expôs seus quadros em livrarias e lojas, algumas delas reproduzidas em revistas de circulação nacional” (MUSEU DO CEARÁ, 2010, p. 78). Podemos denominá-lo como pintor do MHCE, pois, no próprio Boletim do Museu, se referiam a ele como pintor que “presta seus serviços profissionais ao Museu Histórico do Estado”. Ele foi autor de diversas telas expostas no museu, telas que representavam: Major Facundo de Castro Menezes, Francisco José do Nascimento (Dragão do Mar), Antônio Rodrigues Ferreira (O Boticário).

No Boletim, as telas eram acrescidas de um adjetivo: “grandes”. Eram as “Grandes telas”²³³, e podemos notar que os nomes escolhidos para serem representados são de figuras ditas importantes dentro da História do Ceará: Major Facundo, que foi capitão-mor e vice-presidente da Província do Ceará; Dragão do Mar, chamado herói da abolição no Ceará e o Boticário Ferreira, que foi importante político e que, inclusive, após sua morte foi homenageado com uma praça que leva seu nome, a Praça do Ferreira.

Portanto, Tibúrcio estava ao lado desses outros nomes que, para o diretor do Museu, responsável pelas encomendas das telas, eram nomes dignos de estarem nas paredes do Museu, compondo o que ele chamava de “Grandes Telas”.

Porém, podemos pensar em um destaque especial conferido à inauguração da tela do general, uma vez que, foi realizada de forma reservada dentro do espaço do Arquivo Público do Ceará e na presença de grandes nomes. Em contraponto, temos outra inauguração de telas promovida pelo MHCE. Fazemos referência à inauguração de três telas pintadas pelo mesmo pintor, já listadas aqui, e que representavam: Major Facundo, Boticário Ferreira e o Dragão do Mar. Diferente da tela do General Tibúrcio, essas telas foram inauguradas de maneira conjunta, sem um ritual específico para cada homenageado.

Como podemos notar na imagem abaixo, ele foi pintado de corpo inteiro, diferente das demais pinturas que foram encomendadas e pintadas por J. Carvalho, que obedeciam um padrão de bustos.

Ele já havia sido representado de corpo inteiro em bronze, com a estátua General Tibúrcio, portanto, podemos dizer que o pintor do museu já tinha uma referência de quem era

²³² Esse nome, J. Carvalho, também aparece muitas vezes como doador de objetos para o Museu Histórico do Ceará. Como exemplos podemos citar: Retrato em cartão de J. da Penha, doado em 1933; Retrato de Canindé, doado em 1935; Retrato da Estação central, vinte anos antes, doado em 1935. Nesse caso, podemos pensar as doações do artista plástico como propaganda do seu trabalho, que resultou na contratação dele para pintar algumas telas para o MHCE, dentre elas, a do General Tibúrcio, em 1935.

²³³ Boletim do Museu Histórico. (1935, 1936) Página 44.

o modelo a ser retratado, não só pela imagem já consolidada, mas também pelas narrativas que significavam aquele chamado herói.



FIGURA 8 TELA GENERAL TIBÚRCIO. ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ.

O que também nos chama a atenção na representação é a feição do herói que tinha cumprido seu dever, bem fardado e com suas condecorações, já com uma das luvas fora das mãos e a espada descansada. Se compararmos a imagem da estátua do general e a imagem da tela podemos perceber que, em certa medida, a representação do herói foi pensada de forma similar não apenas com relação aos detalhes da farda e à ostentação das condecorações, mas também com relação à postura de descanso evidenciada pela espada relaxada e as feições sérias que remetem à firmeza do militar.

Porém em uma análise mais atenta, podemos ainda perceber nuances e certas diferenças, como já discutido anteriormente. A estátua, por mais que tenha a espada apontada para o solo, representa Tibúrcio com a perna direita à frente. Por outro lado, na tela, Tibúrcio aparece em uma postura menos combativa. Além de um detalhe que quase passa despercebido:

os livros empilhados na mesa ao lado da espada. Afinal, nesse momento, ele era representado como soldado e pensador.

Esse objeto, ao chegar no museu, fazia parte de uma sala considerada como salão nobre do museu, como indica a historiadora Ana Amélia R. de Oliveira,

“Uma das salas era considerada salão nobre do Museu e era composta por objetos bastante diversos, que não pareciam estabelecer vínculos mais explícitos, como a imagem de Nossa Senhora da Assunção, jarros de porcelana pertencentes ao Passeio Público e um quadro do General Tibúrcio. A outra sala, denominada “Sala das Armas”, era formada, na maior parte por armas e canhões, além de outros objetos, como o porta-chapéu que pertenceu ao Barão de São Leonardo e um salva-vidas de um navio francês.” (2009, p. 18)



FIGURA 9 MUSEU HISTÓRICO. SALA ANTONIO BEZERRA.

Trouxemos o trecho escrito pela historiadora e a imagem da sala para evidenciar o fato de que a tela do General Tibúrcio, a priori, não estava localizada junto aos outros objetos ligados ao exército, como era na época “A sala das armas”. A escolha do local ideal para a tela foi o salão principal do museu, o que denotava a importância daquele personagem para a História narrada naquele espaço.

General Tibúrcio era um herói militar e esse aspecto fora aproveitado pelos sujeitos que empreenderam a construção da sua memória, desde a existência e inauguração da estátua em 1888, até a inauguração da tela General Tibúrcio. Porém, ele significava mais para o Ceará na concepção do diretor do Museu Histórico, ele merecia/deveria estar na sala principal. Outros aspectos do mesmo herói vão sendo ressaltados nesse momento, em que o General Tibúrcio, soldado-cidadão passa a ser também o Tibúrcio: soldado e pensador.

CAPÍTULO 3. UMA VIDA ENCADERNADA: GENERAL TIBÚRCIO ENTRE O SOLDADO E O PENSADOR.

3.1. Centenário de nascimento.

A construção da memória em torno desse personagem é marcada por inaugurações, reinaugurações e comemorações. Tibúrcio era comemorado! Segundo Eusébio a “História se forma de mortos e ela é para humanidade como uma mola oculta, que traz impelida sempre do lado dos antecedentes para a vida dos consequentes” (SOUSA, 1985, p. 119).

O que está por trás de uma comemoração de centenário de algo senão evidenciar a sua longa permanência e importância? Como escreve o historiador Jacques Le Goff (2008), ao pensar sobre a instituição de calendários, deve-se se desconstruir essa noção artificial de que os séculos são dotados de uma existência independente. Datações são atos humanos e que, portanto, estabelecem relação direta com o presente de quem estipula determinadas datas e suas significações no presente.

A partir dessa ideia, datar um aniversário de centenário atribui significados de duração, permanência, e também confere certa grandiosidade.

A lei nº 472 de 12 de agosto de 1937²³⁴, destinava “o auxílio de 30:000\$000 para ereção do monumento comemorativo do primeiro centenário do nascimento do General Tibúrcio Ferreira, na cidade de Viçosa, no Estado do Ceará”. Viçosa do Ceará é a cidade natal do homenageado, que nesse momento também procurava tornar presente a memória daquele “filho”, para eles, não só do Ceará, mas também de Viçosa.

Nessa cidade, já existia uma “Praça General Tibúrcio” e uma estátua em homenagem a ele, datando de 1898, ou seja, dez anos após a inauguração da praça e estátua na capital do Ceará, Fortaleza. Essa lei dizia respeito a uma restauração dessa estátua já existente. Segundo nota descrita na biografia:

Em Viçosa, berço natal do General Tibúrcio, até há bem pouco tempo existiu um monumento ao seu querido filho - o molde, em gesso, da estátua erigida em Fortaleza e que era então guardado na Câmara Municipal dessa última cidade. Por iniciativa do Sr. João Benício Fontenele, os conterrâneos de Tibúrcio conseguiram a cessão de aludido molde, e no ano de 1894 levaram-no para Viçosa, soerguendo-o numa das artérias principais da serrana cidade. A chegada, ali, da “estátua” do general, afirmam

²³⁴ Diário Oficial da União - Seção 1 - 23/9/8193, Página 19656 (Publicação Original) / <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-472-12-agosto-1937-556369-publicacaooriginal-76206-pl.html>

peças da época, foi para os filhos da terra motivo de justificado júbilo, realizando-se imponentes solenidades. Com o decorrer dos anos, porém, sobre pretexto de urbanização da cidade e ainda a alegativa de pronunciada deterioração do molde da estátua, foi o mesmo retirado da praça onde fora levantando, aguardando-se os viçosenses para, de um modo mais “consistente e duradouro”, perpetuarem a memória de seu jamais esquecido conterrâneo, o que irá suceder, em breves dias, com a passagem do primeiro centenário de nascimento (...)²³⁵

Esse trecho foi escrito em nota no capítulo “A Estátua do General (Histórico)” e evidencia o processo que deu origem à segunda praça que homenageava aquele mesmo sujeito. A praça de Viçosa entra na biografia como um reforço à legitimidade do herói, que fora, ali, mais uma vez reconhecido.

Porém, o que trouxemos para análise foi a questão do esforço em “melhorar” a estátua, chamada pelo biógrafo de molde. Então, essa lei a que nos referimos no início, diz respeito a esse momento comemorativo, que Viçosa também buscava participar, lembrando ao Ceará de onde vinha aquele filho ilustre.

Compreendemos essa questão a partir da mesma ideia que utilizamos para pensar o Ceará relacionado ao “todo” Brasil. Ao buscar evidenciar seu filho ilustre como ator e herói de uma das principais guerras (grandes feitos) do Brasil, Viçosa buscava se enaltecer, ao glorificar a figura do herói cearense, porém também viçosense.

A construção do herói estava ocorrendo durante alguns anos, antes mesmo do ano do centenário de nascimento. Já discutimos aqui o poder que está contido no ato de nomear algo, sobretudo, quando se tratam de espaços da cidade. Em 1936, ou seja, próximo do centenário (1937), em Viçosa ocorreu uma alteração do nome de um distrito. Essa mudança está documentada no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística):

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933 o município aparece constituído de 4 distritos: Viçosa, Lambedor, Quatiguaba e Tubarão. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 31-XII-1936. Pela Lei Estadual n.º 366, de 01-10-1937, o distrito de Tubarão passou a denominar-se General Tibúrcio.
Em divisão territorial datada de 31-XII-1937 o município de constituído de 4 distritos: Viçosa, Lambedor, Quatiguaba e General Tibúrcio.²³⁶

Era mais uma forma de tornar presente a memória do herói nascido em Viçosa, evidenciá-lo a partir do nome de um distrito daquela região. O nome permanece até os dias de hoje. O histórico do IBGE mostra que houve muitas mudanças, Viçosa passou a se chamar

²³⁵ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 117.

²³⁶ <<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=231410>>>

Viçosa do Ceará em 1943, mas o que notamos de interessante foi a intenção de tornar o Distrito General Tibúrcio um município.

A Lei Estadual n.º 3.780, de 28-08-1957, desmembra do município de Viçosa do Ceará o distrito de General Tibúrcio, elevado à categoria de município. Pelo Acórdão do Superior Tribunal Federal de 14-11-1958 (Representação n.º 352) é anulada a criação do município, que volta a ser distrito de Viçosa do Ceará.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960 o município é constituído de 5 distritos: Viçosa do Ceará, General Tibúrcio, Lambedouro, Padre Vieira e Quatiguaba.

A Lei Estadual n.º 6.478, de 28-08-1963, desmembra do município de Viçosa do Ceará o distrito de General Tibúrcio, elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 4 distritos: Viçosa do Ceará, Lambedouro, Padre Vieira e Quatiguaba.

Pela Lei Estadual n.º 8.339, de 14-12-1965, o município de Viçosa do Ceará, adquiriu o extinto município de General Tibúrcio, como simples distrito.

Coincidência ou não, durante alguns anos a região denominada General Tibúrcio em 1936 ora foi distrito, ora foi município. E desde a última alteração, ela segue sendo um distrito, que compõe o município. O fato é que, mais uma vez, o nome daquele sujeito foi escolhido para figurar nos espaços da cidade.

Na cidade de Fortaleza, essa data também foi motivo de mais comemorações que traziam à tona a memória daquele sujeito. Produto dessa comemoração foi a escrita da biografia “Tibúrcio, O Grande Soldado e Pensador”, organizada por Eusébio de Sousa.

3.2. Uma vida encadernada: “Tibúrcio, O Grande Soldado e Pensador”.²³⁷

Em 1932, existiu no Ceará a “Comissão de Revisão e Nomenclatura das Ruas”, presidida por Eusébio de Sousa. Ela foi criada durante a administração de Tibúrcio Cavalcante²³⁸, como explica Cristina Holanda (2004, p. 21), e surgiu inspirada a exemplo do que ocorria no estado de Pernambuco. Consistia em uma reconfiguração dos nomes das ruas, em analisar a validade das homenagens e, caso julgadas desnecessárias, ocorreria a mudança

²³⁷ A biografia utilizada aqui como fonte, data de 1937, porém não tivemos acesso à essa primeira edição, mas sim, a uma edição comemorativa lançada em 1985 pela UFC (Universidade Federal do Ceará) Coleção Alagadiço Novo. Data que marcava o Centenário de morte do general biografado. No início dessa edição, foi explicado o objetivo da publicação fac-similar, evidenciando as Comissões encarregadas da programação, que contou com Sessão Solene, realizada no Instituto do Ceará, Ato cívico militar, promovido pela Décima Região Militar, na Praça General Tibúrcio, e, por fim, o lançamento no Palácio da Abolição, da plaqueta: “Tibúrcio: Soldado e Pensador”.

²³⁸ Nasceu em Morada Nova, em 24 de dezembro de 1882. Estudou em Baturité e depois no Rio de Janeiro. Concluiu curso na Escola de artilharia e Engenharia. Trabalhou como engenheiro e foi, também, prefeito de Fortaleza, em 1931.

do nome proposto pela própria comissão. O mais interessante, é que se prezava por não homenagear pessoas vivas. Os mortos, mais uma vez, eram privilegiados.²³⁹

Trouxemos esse exemplo rapidamente para iniciar a discussão, por dois motivos. Primeiramente, por se tratar de um empreendimento presidido por Eusébio de Sousa, autor da biografia que é fonte principal desse capítulo e, em segundo lugar, por nos remeter à discussão principal da pesquisa como um todo: o que significa homenagear pessoas e construir personagens históricos? O que é uma biografia e por que se biografava uma pessoa? Ou qual o peso do indivíduo na História?

Aqui nos referimos ao indivíduo colocado como protagonista e sujeito exemplar, e que, portanto, não podem ser todos, mas sim alguns poucos escolhidos. Em suma: por que, para que e para quem se elegem heróis?

Essa indagação surge intrinsecamente relacionada à ideia que se tem de História, ou melhor, da concepção do que é História e do que ela deve ser formada. No texto do Benedito Bisso Schmidt, “O gênero biográfico no campo do conhecimento Histórico: Trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação” (1996), ele fala sobre o gênero biográfico e sua relação com as correntes de pensamento histórico, sobretudo, a partir do século XIX: positivismo, marxismo e Escola dos Anais.

Para nossa discussão, a primeira corrente é a mais apropriada. Para ele, algumas características dessa forma de pensar a escrita da história, que é o positivismo²⁴⁰, proporcionaram uma apropriação que acabou privilegiando a atuação dos grandes homens e, conseqüentemente, a biografia.

Essa perspectiva de olhar para o passado e escrever a história, nos oferece títulos como: “Homens Ilustres”, “Grandes Homens” e “Os Grandes heróis”²⁴¹, e traz consigo uma visão cívico-pedagógica, de um depósito de figuras exemplares. Já pensamos, sobre esse aspecto, no 2º capítulo, quando nos debruçamos sobre a Escrita da História empreendida pelo

²³⁹ Fato interessante para pensar a valorização do morto e a existência, nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, de uma série de artigos que tinha como tema: “Os mortos do Instituto”. Noticiavam e homenageavam com uma pequena biografia, os mortos recentes. Lembramos também da Academia Cearense de Letras, com textos com nome similar: “Os mortos da Academia”, “Os mortos do ano”, “Os nossos mortos”. Sobre a questão da perpetuação dos mortos, ver também: EL FAR, Alessandra. “A Presença dos Ausentes”: A tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários. Estudos Históricos. 2000 -25.

²⁴⁰ Quando se fala em positivismo, devemos lembrar de um dos seus percussores: Auguste Comte, com a Escola Positivista. O positivismo, de forma geral, defende a ideia de que o conhecimento científico tem supremacia, e a partir dele é que se chega à verdade.

²⁴¹ Não podemos deixar de constatar o fato de que os homens foram privilegiados nessa perspectiva de escrita da História. O próprio termo utilizado: “grandes homens”, demonstra tal exclusão. Página interessante sobre esse assunto: <<<https://www.facebook.com/asminasnahistoria/?ref=ts&fref=ts>>>

Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. E aqui não é diferente, lembrando que o autor da biografia era um dos membros do IHGCE.

Como afirma Benito Bisso Schmidt:

“Partindo destes referencias, os biógrafos positivistas celebram os heróis da sociedade, dignos de servirem de exemplo para seus contemporâneos. Interessa a estes pesquisadores os atos públicos e os feitos notáveis dos personagens enfocados, dispostos em uma narrativa cronológica e linear, que aponte para a evolução e para o progresso que tais indivíduos experimentaram ao longo da vida.” (1996, p. 167)

Por isso, buscamos analisar a constituição da biografia do General Tibúrcio e sua relação com a própria escrita da História, com a ideia de História que está por dentro da escrita dessa biografia. A partir desses exemplos, como o da “Comissão de Revisão e Nomenclatura das ruas”, da escrita de biografias, da ereção de estátuas, percebemos uma forma de escrita da História se fazendo presente.

Com o título de “Tibúrcio, O Grande Soldado e Pensador”, Eusébio de Sousa²⁴² organizou uma biografia sobre Tibúrcio Ferreira de Sousa, publicada pela primeira vez no ano de 1937. A biografia foi lançada em meio às comemorações públicas realizadas na Praça General Tibúrcio que, além de receber seu nome em homenagem, tem ao centro uma estátua do general erigida em 1888, dois anos após sua morte em 1885.²⁴³

Como já discutido nos primeiros capítulos, Tibúrcio Ferreira de Sousa teve lugar nesta que era a principal praça da cidade, localizada em frente ao Palácio do Governo; no Museu, com objetos doados e encomenda de uma tela que o tornava presente no museu visivelmente, e também permeou as Revistas do Instituto do Ceará.

Foi eleito e promovido como herói do Ceará, sobretudo, herói republicano. Tendo sido bastante lembrado por sua participação na Guerra contra o Paraguai (1864-1870), ele ganhou lugar nas literaturas militares sobre a guerra como personagem importante para esse feito em honra da Pátria. Fala-se muito no seu destaque e suas ações são colocadas como decisivas para a vitória.

²⁴² Sobre esse intelectual já tratamos no capítulo anterior. Segue uma pequena nota: Eusébio Néri Alves de Sousa nasceu em 14 de agosto de 1883. Foi intelectual cearense, atuando em vários espaços: como diretor do Arquivo Público, primeiro diretor do Museu Histórico do Ceará, redator do jornal matutino “Gazeta de Notícias” e foi também, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará (IHGCE).

²⁴³ General Tibúrcio é um herói de praça(s). Em sua homenagem existem algumas praças: no centro de Fortaleza, em sua cidade natal Viçosa do Ceará e no Rio de Janeiro no bairro da Urca, em frente ao IME (Instituto Militar de engenharia). A primeira delas é a que fica localizada em Fortaleza, capital do Ceará, além da praça em sua homenagem, ao centro dela encontra-se a estátua do general (a primeira estátua erigida no estado, ainda província na época). Localizada na principal praça da cidade, em frente ao Palácio do governo.

A transformação da vida de Tibúrcio em “passado memorável” se deu de forma bastante breve. Existia a necessidade de um passado glorioso que exaltasse a participação do Ceará naquele novo momento de transição do Império para a República. A vida desse personagem foi ordenada a partir do interesse de cada grupo que buscou construir e, ao mesmo tempo, buscou se apropriar da memória dele enquanto herói.

Como escreve Pierre Bordieur, no texto *Ilusão Biográfica*:

Essa vida organizada como uma história transcorre segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo” (1996, p. 184)

Bordieur escreve ainda que se trata de extrair uma lógica que é tanto retrospectiva quanto prospectiva, ou seja, busca conferir ideias sobre um passado, com olhos em um futuro, a partir da ação presente de narrar determinada vida. Essa ideia se assemelha aos conceitos desenvolvidos por Reinhart Koselleck e já utilizados ao longo da dissertação: “espaço de experiência e horizonte de expectativa”²⁴⁴.

Sua vida foi traçada e colorida a cada estátua erigida, a cada inauguração realizada, a cada comemoração e a cada biografia escrita. Este último suporte, por sua vez, organiza a vida do herói em um texto, com começo, meio e fim, tentando dar conta de narrar uma vida.

A memória necessita de pontos de referência onde possa se estruturar e se ancorar, o que Michel Pollak chama de “rastros do trabalho de enquadramento” e Elizabeth Jelin chama de “vehículos de la memória”, espaços onde as memórias se materializam. Todos esses suportes nos quais a memória busca se cristalizar podem ser compreendidos através do conceito de “lugares de memória” desenvolvido por Pierre Nora.²⁴⁵

Torna-se necessário debater sobre os interesses de quem aciona as necessidades de lembrar determinado passado e de torná-lo público. Comemorações, inaugurações de monumentos, escritas de biografias são maneiras pelas quais se busca tornar pública a História. A História Oficial, produzida nos espaços do estado, também tinha essa característica de se pretender pública, inclusive para se validar.

Nosso interesse é pensar sobre as formas pelas quais buscou se tornar público esse chamado herói, através da escrita da biografia. Entendendo-a como “lugar de memória” que surge diante de uma demanda do presente, em sua relação com passado e futuro.

²⁴⁴ Sobre os termos “espaço de experiência e horizonte de expectativa”, ver página 10 e 44.

²⁴⁵ Sobre o termo “lugares de memória”, já discutido anteriormente, ver nota 13.

Como escreve Sara Albieri:

“É preciso então desenvolver as artes do intérprete para ler, nas marcas da ação humana sobre o mundo físico, os sinais simbólicos das intenções do espírito, dos projetos que recriam cada vez mais a ordem das coisas, reinventando o passado e visando sempre o futuro”. (ALBIERI, 2011, p. 26)

Portanto, nossa preocupação, é pensar o tempo da/na narrativa. Como escreve Beatriz Sarlo, a narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer. É posterior. (2007, p. 25) Pensar como a narrativa articula presente, passado e futuro torna-se essencial para entender a própria existência da narrativa. Narrar é organizar o tempo, no caso da narrativa de uma vida - uma biografia - é organizar o tempo de uma vida, conferir uma determinada ordem e construir um sentido.

Em primeiro lugar cabe pensar alguns pontos. O primeiro: o que é uma biografia? Quando se pensa em biografar alguém se procura dar conta de aspectos de um “ao longo de uma vida”, e essa narrativa, por muitas vezes, transparece a ideia de que se trata apenas da história de vida de determinado personagem, transcrita de forma natural e óbvia. Procura-se conferir certa naturalidade com o uso de termos como: “já”, “desde sempre” e “desde pequeno”, nos trazendo assim, uma vida organizada. A biografia organiza um sentido, ou melhor, cria um.

Em segundo lugar, os sentidos que o suporte tem na sua historicidade, o que significava escrever uma biografia, o que significa uma biografia no período de sua produção. Quando se pensa historicamente sobre uma biografia, não se pode deixar de buscar compreender a sua própria existência. Entender as “relações de forças” (GINZBURG, 2002) contidas no presente em que a narrativa foi tecida, se torna essencial para compreender sua própria forma e seu conteúdo. Por isso é necessário, sobretudo, pensar o autor da narrativa, podemos falar assim no “sujeito da enunciação” e no “sujeito do enunciado”. (LEJUNE, 2008, p. 17)

Afinal, quem biografa realiza uma ação e essa escrita é interessada, ainda que na narrativa o autor não exponha de forma clara que ali se trata de um empreendimento biográfico. Essa é uma característica da forma de se escrever biografia. Porém, assim como os fatos e eventos históricos não são “auto-evidentes”²⁴⁶, os personagens principais também não são.

²⁴⁶ Sobre a discussão de fatos históricos não serem auto-evidentes, mas sim produtos de escolhas. Ver ARENDT. H. O conceito de História- Antigo e Moderno. In: Entre o Passado e o Futuro. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

Assim como os acontecimentos, esses personagens heroicos são frutos de escolhas de um determinado presente.

Antes mesmo de pensar sobre o conteúdo trazido na biografia, cabe destacarmos o que significa depositar uma vida em um objeto como um livro, entendendo-o em sua forma material. A concretude oferecida à imagem do General Tibúrcio quando erigida a estátua, aparece aqui de outra forma. Nesse caso, foi na materialidade da escrita, que se buscou perpetuar a imagem e os feitos heroicos daquele que já era um personagem.

Pensar a escrita e a História é pensar em como essa linguagem foi valorizada dentro da ciência histórica em ascensão no século XIX, como nesse processo, o documento escrito (oficial) ocupava um lugar de destaque, no que dizia respeito à definição do que era validado como verdade. Essa relação foi percebida por Manoel Luiz Salgado (2007). Ele voltou mais um pouco no tempo para pensar como a escrita foi, ao longo do tempo, sendo colocada como superior à imagem. Aqui estamos pensando a necessidade de escrever uma biografia, mas também podemos lembrar da necessidade de legendar quadros e de nomear lugares. Identificar era fazer conhecer.

Nesse processo de construção da História do Ceará e da eleição de um de seus heróis, a escrita esteve sempre presente. Para ser lembrado, precisava dar nomes. E nesse caso, escrever a vida.

Porém, também falamos em termos de uma escrita que é capaz de produzir imagens e na escrita organizada, como é o caso da biografia, que acaba construindo uma imagem de quem tem a vida narrada. Sandra Jatahy Pesavento, no texto “Imagem, memória e sensibilidade: territórios do historiador”, fala em “imagens evocadas pela palavra escrita” e em uma força da imagem que não devemos perder de vista, uma vez que faz parte da experiência humana. (2008)

A concretude pode ser apontada também na ideia de que aquele objeto/livro tinha destinatários e que foi produzido, portanto, para circular e fazer conhecida a existência e trajetória de vida do sujeito biografado, como já foi dito, em um momento de comemoração de centenário de nascimento.

Momentos comemorativos evidenciam, também, os sujeitos promotores, os “empreendedores da memória”²⁴⁷, envolvidos em fazer acontecer a comemoração, nesse caso, destacamos o próprio autor da biografia.

²⁴⁷ Sobre o termo “empreendedores da memória” discutido anteriormente, ver página 10.

Eusébio de Sousa foi figura que esteve presente em vários espaços de escrita da História do Ceará - Arquivo Público do Estado do Ceará, Museu Histórico do Ceará, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Como escreve Régis Lopes Ramos:

“Eusébio participou de uma luta visceral. O seu combate tinha como principal inimigo o descaso pelo passado, o esquecimento em nome das novidades. Foi por isso que ele se dedicou à pesquisa histórica, aos trabalhos no Instituto Histórico do Ceará ou na imprensa, assumiu o cargo de primeiro diretor do Museu Histórico do Ceará.” (RAMOS, 2006, p. 7).

Pensar o intelectual Eusébio de Sousa, como autor dessa biografia, é pensar também outros empreendimentos do autor, sobretudo, os relacionados à figura do biografado. Além do exemplo trazido no início do capítulo, dentro da revista do IHGCE, Eusébio também se dedicou a pensar, dentre outros temas, a História Militar, com títulos como: “História Militar do Ceará”, publicado no ano de 1950; “Há cem anos. Factos da Confederação do Equador no Ceará.”, de 1924. Escreveu também, obras como: “Catecismo Constitucional do Estado do Ceará. Fortaleza: Oficina da Escola de Aprendizes Artífices do Ceará” do ano de 1913.

Enquanto primeiro diretor do MHCE²⁴⁸, Eusébio esteve à procura de objetos que, como ele dizia, tinham valor histórico, referentes aos grandes homens, grandes fatos e grandes feitos. Como ele escreve no Boletim do Museu Histórico²⁴⁹. Dentre esses objetos, estavam alguns relacionados ao General, figura sobre a qual mais tarde escreveria uma biografia.

Eusébio de Sousa, ao escrever essa biografia, selecionou fatos na vida do herói que lhe pareciam mais significativos. O próprio título da biografia confere outro caráter a Tibúrcio, apontando duas características em um mesmo patamar: o “soldado” de um lado e o “pensador” de outro, duas palavras que definiam aquele sujeito, naquele momento.

Para Eusébio, Tibúrcio era tanto soldado quanto pensador. O lado de Tibúrcio, após a Guerra do Paraguai, foi colocado em pauta e a palavra “general”, que vinha quase como

²⁴⁸ O Museu Histórico do Ceará (MHCE) foi criado por lei em 1932 e no dia 7 de janeiro de 1933 foi aberto ao público, tendo como referência o Museu Histórico Nacional e a diretoria de Gustavo Barroso. Seu primeiro diretor foi Eusébio de Sousa, que já exercia o cargo de diretor do Arquivo Público e também fazia parte dos poucos intelectuais que compunham o IHGCE. Como escreve Ana Amélia Oliveira (2009, p. 32), o posicionamento de Eusébio era semelhante ao de Barroso, para ambos, o museu seria espaço de celebração de glórias do passado, feitos de heróis nacionais e que por isso deveria ser conhecido pelo público; para Eusébio o museu tinha papel também de uma pedagogia do exemplo.

²⁴⁹ Eusébio de Sousa, em sua direção, cria e publica o “Boletim do Museu Histórico do Ceará”, no período em que estava formando o acervo do museu. Esse boletim teve duas edições nos anos de 1934 e 1935. Travava-se de um documento organizado por ele, o assunto principal era o processo de construção daquele espaço, informando sobre a doação de objetos, a encomenda de telas, a compra de acervos para a instituição, além de um espaço onde se transcrevia notícias de jornais que diziam respeito ao museu. Quase um diário da instituição, ou uma prestação de contas dos serviços prestados naqueles primeiros anos no museu.

fazendo parte do seu nome, passou a não ser a única. Existia então o Tibúrcio Pensador, o Tibúrcio Abolicionista.

A iniciativa de transformar a trajetória da vida desse personagem em um livro já evidencia a intenção de materializá-lo em um todo organizado, tanto que a narrativa da biografia constrói uma imagem do Tibúrcio que pode ser percebida na própria divisão e sequência dos capítulos.

O livro é composto de 16 capítulos: Da tenda de alfaiate à tarimba; De gola amarela e canhões azuis; Morto...ou Coronel; Tibúrcio na guerra; Porque não dormia de botas; Um crime de profissão; Generosidade de “cambai”; Conhecia-se a si mesmo; A bandeirado do 26º de Voluntários; Cartas de Tiburcio (1ª série – 1870-1879 – 2ª série 1878-1880 – 3ª série- 1882-1884); Grande nas armas e grande nas letras; Tibúrcio - o abolicionista; A morte do bravo; A estátua do general (Histórico); Ainda mesmo concretizando no bronze; Ambos eram heróis.

A estrutura também segue o tempo cronológico, assim como na primeira biografia analisada, escrita por Lobo Vianna²⁵⁰. Porém, trazendo mais aspectos da vida do mesmo biografado: além de seu nascimento, sua infância, início de sua carreira, o período da Guerra contra o Paraguai, aparecem agora os temas: Tibúrcio e a abolição dos escravos, a sua morte, a estátua de bronze.

Percebemos o esforço de Eusébio, organizador do livro, em não deixar nada sobre a vida de Tibúrcio de fora desse livro, inclusive, ao final quando lista uma série de livros, jornais e demais produções em que, segundo ele, se poderia ler mais sobre esse personagem, o título da lista é “Ensaio de uma bibliografia Tiburciana”.

No prefácio, Eusébio inicia lembrando que o Ceará havia sido berço daquele grande guerreiro e que aquela data, “Onze de agosto de 1937”, assinalava uma data da maior significação para o exército nacional, pois datava o centenário de nascimento do General Tibúrcio. Segundo ele:

Ninguém mais do que o general Tibúrcio de Sousa contribui de forma mais opulenta soma de glória para o patrimônio nacional, não só pela bravura e heroísmo comprovados nas diversas lutas que se viu envolvido, principalmente na guerra do Paraguai, que a toda ela assistiu, conquistando, na cruenta peleja, quase todos os postos intermediários de seu oficialato, como ainda no cultivo das letras, no devoto amor que tinha pela ciência, salientando-se sempre pelos lampejos e inspirações de seu gênio.²⁵¹

²⁵⁰ Lobo Vianna, foi militar e professor dentro do Exército. Autor de uma das biografias sobre o General Tibúrcio analisadas no 2º Capítulo, cujo título era “General Tibúrcio Tibúrcio de Souza. Narrativa Histórica.

²⁵¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, “Ao leitor”, página 11.

Nesse início da biografia, o autor, deixa claro de quem se tratava o texto, e o prefácio segue exaltando mais ainda a imagem do herói, que “mais do que um exemplo, era uma modelo”.²⁵² Além de ressaltar, também, que ali seria mais uma das várias tentativas de narrar a vida do herói, já que, muitos já haviam se ocupado “dos grandiosos feitos do indômito guerreiro”²⁵³. Mostrando dessa forma, que o herói era reconhecido por muitos intelectuais.

Ao analisar o livro em sua própria sequência, podemos compreender como Eusébio, buscou organizar a trajetória de vida do biografado, percebendo também que pontos foram destacados em primeiro plano. Por isso, a análise dessa construção será feita seguindo o próprio caminho indicado pelo biógrafo.

3.2.1. O Grande Soldado

Para um seu biógrafo, é difícil em Tibúrcio apartar o homem do soldado. Faziam os dois uma peça homogênea inteiriça, que não se percebe quase onde um termina e o outro começa.²⁵⁴

O primeiro capítulo do livro trata da vida de Tibúrcio até sua chegada ao Exército, como o título evidencia: “Da tenda de alfaiate à tarimba”. Nessa parte, encontramos o formato de biografia bem comum, a narrativa da infância do biografado. No caso do futuro militar, tratava-se de uma infância pobre no interior do Ceará, filho criado pela mãe viúva, que buscou na vinda para Sobral (pequena cidade também no interior) melhorar de vida.

Continuando a narrativa sobre como ele chegaria ao posto de militar, é descrita sua vida em Sobral e como ele aprendeu o ofício de alfaiate, ressaltando, porém, que aquele ofício era contrário as suas habilidades. Quando surge então, uma ideia de predestinação/destino na trajetória do futuro militar. “(Aquele criança) Estava predestinada a elevar-se bem alto, ao píncaro da glória, honrando seu nome e o da pátria estremecida”²⁵⁵, o que percebemos, também, nessa frase que encerra o capítulo: “Abandonou de vez a aprendizagem de alfaiate e destinou-se à tarimba por impulsiva e natural vocação”.²⁵⁶

Outro fato interessante é que, ao fim desse capítulo, encontra-se uma página com a imagem da estátua erigida em Fortaleza como uma confirmação daquela narrativa. A estátua

²⁵² Ibidem.

²⁵³ Ibidem.

²⁵⁴ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 44.

²⁵⁵ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 14.

²⁵⁶ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 16.

aparecia como materialização do próprio herói, conferindo credibilidade ao conteúdo da biografia, ou melhor, demonstrando uma ideia de verdade.

No capítulo seguinte, “De Gola Amarela e Canhões Azuis”, a exaltação é direcionada também aos demais militares cearenses. Podemos notar essa questão quando, no início, é colocada uma citação do Gustavo Barroso²⁵⁷, na qual enaltecia, e ao mesmo tempo, distinguia os militares cearenses dos demais. E nesse momento, narra a vinda do Tibúrcio para a capital, Fortaleza.

Em poucos dias, embora em marcha cansativa para os seus poucos anos de idade, venceu a estafante caminhada, “ora em pé, ora em cima de cargas, onde puseram comboieiros compadecidos de seus pés magoados”, sempre, porém, de ânimo forte, denunciativo da energia e estoicismo que mais tarde haviam de fazê-lo um grande herói.²⁵⁸

Narra o Tibúrcio, no seu “próprio sacrifício” e o quanto ele se orgulhava de sua farda, além de ressaltar, que seus olhos estavam sempre “voltados para outros horizontes mais largos onde enxergasse a oportunidade de vencer na vida”.²⁵⁹

O capítulo três, “Morto ...ou Coronel”, continua trazendo a trajetória dele dentro do exército, com sua ida para a Escola Militar da Praia Vermelha, em 1856. Nesse momento, a ideia dele como sujeito apegado aos estudos e aos livros, surge de forma explícita e o coloca como modelo. “O seu conceito, porém, já estava firmado entre os companheiros pelos estudos brilhantes e altivez de caráter. Ao seu lado, sempre havia uma roda de rapazes inteligentes, atraídos pela cintilação de seu espírito, e seduzidos pela força de sua convivência.”²⁶⁰ Essa questão do respeito e admiração ao General Tibúrcio, aparece em vários capítulos, procurando evidenciar que era comum a todos a ideia de que ele era um exemplo.

A sua participação na Escola Militar da Praia Vermelha, foi ao longo dos anos, sendo ressaltada e, nesse capítulo, ganha importância. Essa escola representa um local de destaque dentro do Exército, e o fato de Tibúrcio ter estudado e sido professor nessa instituição, atribuía mais valores a sua personagem. E os biógrafos anteriores, bem como, Eusébio, sabiam disso.

A escola foi criada em 1857, no Rio de Janeiro, então capital do Império. Era um desdobramento da Escola Central que, com a criação dela, dividira o trabalho em teórico e

²⁵⁷ Sobre Gustavo Barroso, ver página 104.

²⁵⁸ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 17.

²⁵⁹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 18.

²⁶⁰ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 21.

prático. Segundo Celso Castro, autor que tem diversos estudos sobre a instituição Exército, nos quinze anos finais do Império, a Escola da Praia Vermelha se configurou como espaço de mobilização política, onde o clima intelectual que prevalecia era o positivismo e evolucionismo.

Os militares ligados à Escola da Praia Vermelha eram, em sua maioria, considerados defensores das ideias republicanas dentro do Exército. Essa fama acabou sendo útil para a eleição do General Tibúrcio como herói cearense e herói republicano e pode ser apontada, como um dos motivos, da escolha e eleição desse sujeito como herói, em detrimento de outros.

Essa é também uma parte do texto que trata de forma mais detida da sua atuação, ou melhor, seu posicionamento quando a ameaça da guerra surge.

- “Sabem? Está declarada a guerra no Prata.
Tibúrcio ergue-se de um pulo:
- Bravo! Ou morro, ou volto coronel! ...²⁶¹

Após essa narrativa, tratando da atitude de Tibúrcio ao saber da guerra, o capítulo seguinte inicia as narrativas sobre o “Tibúrcio na Guerra”, como é o próprio título. Nessa parte, é interessante perceber como o autor se utilizou de referências a documentos oficiais como uma forma de validar o discurso e conferir legitimidade ao herói e a sua própria escrita. Foram citados documentos oficiais como: Anuário da Escola Militar e Ordens do dia.

Como o autor mesmo inicia o capítulo, “do valor de Tibúrcio, na guerra, di-lo a documentação oficial da época dessa campanha do Paraguai em que justamente refletiu a sua figura heroica de soldado e metralhador, espécie de fúria desenfreada no campo de batalha”.²⁶²

O “intrépido Tibúrcio, que muito se distingui”, vai sendo colocado como figura importante naquela guerra. Em passagens como essa:

O 16^o²⁶³, sob as ordens de Tiburcio, calmo, inspirado, invulnerável, heróico, cobriu-se de glórias, perdendo, porém, o batalhão 164 praças e 22 oficiais. Poucos dias após a vitória, que tão caro custou ao seu esforçado *Dezesseis*, tomou parte principal no assalto do forte *Lourelas*, cujas trincheiras foram completamente arrasadas.²⁶⁴

Nesse capítulo, além de narrados esses episódios nos quais Tibúrcio havia se destacado, foram transcritas algumas “Ordens do Dia do Exército” que notificam nomeações, elogios, promoções e recompensas dirigidas a Tibúrcio. São ao todo, 9 páginas. Podemos

²⁶¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 22.

²⁶² “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 23.

²⁶³ Número do Batalhão comandado por Tibúrcio.

²⁶⁴ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 26.

perceber, a partir do teor dessas notas transcritas, como o Exército, enquanto instituição, estava construindo uma imagem também para si, a partir de instrumentos como as “Ordens do Dia”.

Celso Castro, ao investigar a História do Exército Brasileiro, utiliza a ideia de “invenção das tradições”²⁶⁵, para ele, “Uma tradição inventada precisa, obviamente, ser aceita e assimilada num determinado círculo social para “vingar”, isto é, ter eficácia e continuidade. No entanto, ela é sempre o resultado de um projeto consciente, desenvolvido por indivíduos específicos.” (CASTRO, 2012, p. 115-116) O Exército, enquanto instituição, buscava construir uma história para si, a partir de cerimônias, rituais e também de seus grandes nomes. As Ordens do Dia foram um desses instrumentos que ajudavam a dar forma ao que era (ou queria mostrar ser) o Exército Brasileiro.

A ideia de trazer documentos oficiais e ainda ressaltar a presença deles na biografia só evidencia que o autor pretendia, com essas transcrições e referências, validar ou comprovar a existência do herói. Processo que, como notamos no capítulo anterior,²⁶⁶ foi também muito comum nas Revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará.

Em “Generosidade de Cambai”, outro episódio da guerra foi narrado, sempre de forma enfeitada, dessa vez, foi atribuído a ele um “gesto louvado”. Tratava-se do episódio onde lutou corpo a corpo contra o inimigo, porém de forma justa. O que segundo o autor trazia brilho ao seu nome e enriquecia a nossa história militar.

Para contar esse fato, foi citado como epígrafe uma parte do texto escrito por Lima Figueiredo²⁶⁷, publicado na Revista “A Noite”, do Rio de Janeiro, cujo título era “Tibúrcio - a bravura em pessoa”.²⁶⁸ Nesse sentido, a ideia desse capítulo foi trazer à tona esse lado do biografado.

No capítulo “Um crime de Profissão”, percebemos uma continuidade da narrativa anterior relacionada as ações dele na guerra. Outros adjetivos vêm para caracterizá-lo mais ainda como personagem decisivo: “Tibúrcio infatigável!”. Mas nesse ponto do livro, a ideia central, foi mostrar como ele agia imbuído de uma personalidade própria, que era o soldado perfeito para enfrentar as “leis da guerra”, referindo-se à necessidade de matar, armar

²⁶⁵ Termo cunhado por Eric Hobsbawm e Terence Ranger, na coletânea: *Invenção das tradições*.

²⁶⁶ *Escritas da História: Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Museu Histórico do Ceará e a construção do “herói cearense”*.

²⁶⁷ Não encontramos essa fonte para análise, porém, ao que indica, trata-se do General Lima Figueiredo, general de Divisão da Arma de Engenharia.

²⁶⁸ Essa fonte não foi analisada, dela só conhecemos o que é citado na biografia.

emboscadas, etc. Tudo isso, em nome da honra nacional. Ele ainda é descrito como líder, cujos subordinados reconheciam o valor e cuja ordens eram sempre cumpridas sem hesitação.

Era muito estimado entre os soldados, que o sabiam sempre pronto para arrostar os maiores perigos e dar exemplo aos mais corajosos e destemidos, a todos inspirar confiança e medo; confiança por nunca perder a cabeça e o sangue frio nos lances terríveis; medo, porque ninguém mais que ele sabia incutir disciplina à força que comandasse.²⁶⁹

Finalizando as narrativas diretamente ligadas à atuação do Tibúrcio na guerra e já entrando na parte da biografia que analisa o sujeito como um todo, podemos citar o capítulo “Conhecia-se a si mesmo”. Foi dele, que tiramos a citação que abre esse tópico, em que se falou como era difícil “apartar o homem do soldado” no momento de escrever ou falar sobre o Tibúrcio. Conferindo uma unidade, como se ele fosse em tempo integral o herói militar.

O interessante desse capítulo é a relação direta feita ao Ceará, assim como nos primeiros capítulos sobre infância do Tibúrcio, nesse, suas características são atribuídas como advindas do seu lugar de nascimento. “Ele era o perfeito tipo do cearense, esse homem singular, que as condições mesológicas têm levado a um quase paroxismo de impaciência e audácia”.²⁷⁰

Sobre o herói cearense, podemos destacar um capítulo que aparece mais à frente: “A Bandeira do 26º de Voluntários”. Nessa parte da biografia, existe aquele apelo à noção de voluntariado, que discutimos anteriormente, ideia essa que ajuda a construir a imagem da guerra, mas também, dos sujeitos envolvidos. A ideia que se buscava perpetuar era a de uma guerra em nome da Pátria, cujos participantes agiam por puro patriotismo. Tibúrcio era um deles.

O Ceará não foi indiferente aos reclamos da pátria conturbada pela ambição da conquista que alimenta Solano Lopez, declarando guerra ao Brasil. A antiga província foi uma das primeiras do Império a mandar seus dignos filhos em defesa da honra nacional ultrajada e, relativamente, regular, foi o número de homens que ela enviou para o teatro da sanguinolenta luta.²⁷¹

E, de fato, as narrativas sobre os cearenses que foram para a guerra seguem tecendo elogios ao patriotismo de cada um deles e, nesse sentido, o autor procurou destacar a atuação

²⁶⁹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 39.

²⁷⁰ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 44.

²⁷¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 48.

de Tibúrcio mais uma vez, citando, por exemplo, o texto de Cruz Abreu, “O Regresso dos Heróis”²⁷²:

Voltavam os heróicos legionários do Paraguai - era o terceiro contingente de forças que regressava do teatro das operações, quando terminava a guerra - sob comando do bravo coronel Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa. A colônia cearense compareceu em peso ao desembarque de seus patrícios.²⁷³

A ideia de que o Ceará havia sido uma das primeiras a ter voluntários e que, ao fim da guerra, recebia seus heróis, ajuda a construir a própria história do Ceará, baseada no patriotismo dos seus filhos. O elogio era tecido aos heróis, mas também, ao Ceará.

Ainda no capítulo “Conhecia-se a si mesmo”, encontramos uma nova série de adjetivos, alguns repetidos e outros novos: “era vivo, sagaz, entusiasta, assomado, retórico, colérico, vaidoso, alegre, romanesco, generoso, valente e por vezes, cruel”. Nesse momento, novas atribuições aparecem, como alegre e romanesco, trazendo outra visão do sujeito, um tanto descolada da visão do militar em guerra, apresentada nos capítulos que discutimos até então.

E o lado de Tibúrcio estudioso começa a ser ressaltado: “Sabia as matemáticas, as ciências naturais, a física e filosofia; eram-lhe familiares a história, a crítica, o direito internacional, e tinham-no como mestre em balística e na arte da guerra”. Chamamos atenção para a continuação desse parágrafo: “Os seus escritos, se bem que afetem uma forma pouco vigorosa, revelam, contudo, bom senso, vivacidade e segurança de vistas sobre os acontecimentos”.²⁷⁴

A pergunta que fazemos é: que escritos eram esses? Como um personagem tão visado e de que temos listada uma “Bibliografia Tiburciana”, repleta de textos a seu respeito, não traz seus próprios escritos?

Percebemos, na escrita do autor, a vontade de trazer à tona esse lado “pensador” do general, ainda que tivesse uma escrita “pouco vigorosa” como ele descreveu. Relembramos que Eusébio de Sousa, autor dessa biografia, já havia chamado atenção para o lado pensador do herói, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico, passagem analisada no 2º capítulo dessa dissertação. Trazemos essa nota para mostrar o esforço antigo de Eusébio em conferir novas características ao herói já consagrado pela participação na Guerra do Paraguai.

²⁷² Texto publicado na Revista do Instituto Histórico do Ceará. Cruz Abreu- “O Regresso dos heróis” – Revista do Instituto Histórico do Ceará, nº 93, p 236.

²⁷³ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 52.

²⁷⁴ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 44.

3.2.2. O Pensador

E na falta de uma “escrita vigorosa” ou mesmo da transcrição de textos do pensador, Eusébio trouxe, em alguns capítulos da biografia, temas que podemos caracterizar como tentativas de construir a imagem do Tibúrcio como Pensador.

No capítulo “Porque não dormia de botas”, o autor usa uma metáfora para explicar como era o comportamento do Tibúrcio estando em épocas de guerra. Mais uma vez, inicia com citação de outro texto, no caso, “Reminiscências da Guerra do Paraguai”²⁷⁵, do qual destacou o diálogo:

- Comandante, por que não dorme de botas?
 - Porque - Respondeu, rápido, Tibúrcio, perfilando-se - enquanto as calçar, terei tempo de pensar no que vou fazer.²⁷⁶

Nesse episódio narrado outrora, o biógrafo viu a oportunidade de ressaltar aquele Tibúrcio que ele denominava de “pensador” e seguiu citando grandes trechos do texto do General Dionísio Cerqueira. Quando complementa a ideia já trazida na epígrafe do capítulo:

Tibúrcio ergue-se de pronto, e lesto como sempre era em suas atitudes, começa a calçar-se sem mais delongas para receber o comandante da divisão. Era tarde, porém. O general surge à sua frente. Ambos se conheciam e se entendiam muito bem. Argolo, afetando seriamente, falou:
 - Comandante, porque não dorme de botas?
 Tibúrcio, sem pestanejar, tendo sempre resposta adequada, pois pertencia ao número daqueles que não dão ninguém o direito da última palavra, perfilando-se, como disciplinado subalterno, retorquiu.
 - Porque, enquanto as calçar, terei tempo de pensar no que vou fazer.
 Argolo, esboçou leve sorriso. É que ele, ao contrário de seu valoroso camarada, dormia sempre de botas, pois, diz o general Dionísio Cerqueira, certamente sonhava com o que tinha de fazer, enquanto o outro pensava nas responsabilidades da grave situação a cuja frente se encontrava e nos seus projetos de campanha, nos poucos segundos em que calçava seu par de botas.²⁷⁷

A ideia de não dormir de botas surge como um elogio sobre seu lado pensador ou estrategista, que utilizava aquele curto momento para tomar grandes decisões. Inteligência essa ainda atrelada à guerra, mas que, segundo autor, conferia a ele destaque diante dos demais, como notamos pela comparação feita entre ele e o seu “camarada”.

Depois de ressaltar essa ideia, percebemos mais à frente o capítulo: “Grande nas armas e nas letras”, cujo título já traz impressa essa ideia do letramento. Essa parte da biografia

²⁷⁵ JACEGUAI, Artur Silveira da Mota Barão de. Reminiscências da guerra do Paraguai. (1935).

²⁷⁶ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 36.

²⁷⁷ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 38.

se detém no período em que Tibúrcio esteve na Escola Militar, tecendo elogios a sua oratória – “de eloquência napoleônica” - e a sua atuação como professor.

“Professor, ia às aulas, surpreendia o lente da cadeira no meio das lições, ouvi-as atentamente, depois, como uma torrente que se abria repentinamente, de seus lábios saíam, transbordavam admiráveis preleções sobre a matéria dada”²⁷⁸. Além disso também percebemos como era descrita a relação entre Tibúrcio e seus alunos: “De uma feita, Tibúrcio discorreu tão correta e magistralmente sobre o assunto da lição do dia que os alunos o aplaudiram entusiasmadamente.”²⁷⁹

Era esse o lado “pensador” que era atribuído a ele. Segundo o autor, “ficou entremostrado o homem intelectual. Do herói-soldado, a sua obra é bem conhecida”.²⁸⁰ Entendemos, que Eusébio quis evidenciar que era de conhecimento de todos o lado soldado do General Tibúrcio que, ali naquele capítulo, havia mostrado o “homem intelectual”, o pensador.

Para além dessa descrição, nesse mesmo capítulo, são trazidos dois elogios feitos a ele, por dois sujeitos considerados também importantes, são eles: Duque de Caxias e Visconde de Taunay²⁸¹.

Foi escolhido pelo grande Caxias, que o tinha em conta de muito valente e talentoso, para a arriscadíssima expedição do Chaco, onde fez prodígios de bravura, de perícia e atividade, merecendo dos camaradas o brinde de um quadro histórico dos feitos dessa expedição, em que se via no primeiro plano o seu busto de coronel. O Visconde de Taunay, em cuja presença, certo dia, o Imperador fez de Tibúrcio as melhores referências, dizendo ser o mesmo um valentíssimo oficial.²⁸²

E o que não deixa de ser um elogio também, o “hino”²⁸³ escrito para inauguração da estátua em 1888, por Virgílio Brígido²⁸⁴, é transcrito finalizando esse capítulo. Virgílio, intelectual, havia escrito esse hino para a inauguração da estátua. Embora nos dizeres do hino não exista a ideia do Tiburcio pensador, um digno “pensador” escreveu aquele hino. Transcrevê-lo ali era uma forma de ressaltar que homens como Virgílio admiravam o general.

²⁷⁸ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 101.

²⁷⁹ Ibidem.

²⁸⁰ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 102.

²⁸¹ Tanto Duque de Caxias quanto Visconde de Taunay eram militares que também participaram da Guerra Contra o Paraguai. Duque de Caxias, foi um militar que teve grande importância na História do Exército, já tratamos sobre sua figura em alguns pontos dessa dissertação, sobretudo, para pensar outros homenageados após a Guerra do Paraguai, e também sobre a disputa de quem proclamou a República. O fato é que era uma figura importante dentro do Exército. Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay era engenheiro militar, escritor, professor, tendo lecionado na Escola Militar, além de ter sido político.

²⁸² “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 102.

²⁸³ Esse hino foi analisado no capítulo 1, quando buscamos compreender o processo de inauguração da estátua do General Tibúrcio.

²⁸⁴ Virgílio Brígido foi um intelectual cearense. Sobre esse sujeito, ver página 63.

Tibúrcio era construído e divulgado como herói cearense, militar que se destacou na guerra, mas também, nesse momento, exaltado como pensador. Nesse contexto de ideias, surge a questão da Abolição da Escravidão no Ceará, e então analisaremos o capítulo cujo título é: “Tibúrcio Abolicionista”. Esse lado pensador passa a ser reforçado com a ideia do sujeito abolicionista.

O início do capítulo trata da ideia de abolição da escravidão no Ceará, marcando como data o dia 24 de maio de 1883, mesmo afirmando posteriormente que a luta chegou a seu termo em 25 de março do ano seguinte²⁸⁵. Falando da reunião ocorrida em 24 de maio, destacamos esse trecho:

Imponentíssima sessão levada a efeito nesse dia (24 de maio), no Paço da Assembléia Provincial, a que compareceram os elementos mais representativos da época, os vultos mais salientes da grande causa, deu início às ruidosas festas redencionistas de Fortaleza. (...) S.Excia. num breve e patriótico discursos, evocando a significativa data - 24 de maio - que relembra Tuiuti, durante a guerra de honra, que tão denotadamente teve o Império de sustentar contra a República do Paraguai.²⁸⁶

Aqui tratamos de um assunto muito caro à História do Ceará, que por diversas vezes coloca esse fato - A Abolição da Escravidão no Ceará - como um de seus maiores feitos.²⁸⁷ Relacionar o General Tibúrcio àquele fato, legitimava e engrandecia mais ainda a imagem do herói. A associação feita entre as duas datas 24 de maio evidencia a busca por uma tradição histórica, falar de um feito era ressaltar um outro antigo. Denominou-se como sendo “uma data memorável assentando um marco brilhante, imorredouro a nossa sociedade de hoje, que surge radiante luz e liberdade”.²⁸⁸

Essa reunião, como discutimos no capítulo anterior, foi retratada na pintura “Fortaleza Liberta”. Nesse capítulo, a história da tela é contada e, logo, também foi descrita. Nessa descrição, a figura do General Tibúrcio aparece e então vai se construindo a ideia do herói como abolicionista.

Porém, antes de entendermos como foi sendo narrado esse fato, cabe a nós ressaltarmos que, fora o fato da reinauguração da estátua ter ocorrido no dia 24 de maio, como

²⁸⁵ A divergência se dá, porque 24 de maio foi a data da reunião sobre a Abolição da escravidão no Ceará, já 25 de março é marcado como o dia em que a lei foi assinada. Ambas as datas aparecem como importantes dentro da História do Ceará.

²⁸⁶ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 106.

²⁸⁷ Como exemplos da narrativa feita por cearenses sobre a “abolição pioneira”, podemos citar: A Abolição no Ceará, do historiador Raimundo Girão; Algumas revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, 1984 – Centenário da Abolição da Escravatura no Ceará;

²⁸⁸ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 106.

uma alusão aos outros “24 de maio” tratados aqui (Batalha de Tuyuity), nas primeiras biografias sobre Tibúrcio não se mencionava sua vinculação ao momento de Abolição da Escravidão. Foi uma novidade trazida nesse momento.

Essa província que se colocava como primeira a abolir a escravidão²⁸⁹ tinha na figura de seus heróis a exaltação de sua própria História. Esse passado abolicionista do Ceará e de Tibúrcio é trazido à tona naquele período.

Segundo o historiador Luige Bonafé (2007, p. 334), “ao construir um relato biográfico, em especial, conferimos a ele uma coerência que se funda no presente de quem narra aquela vida. Este olhar sempre reatualizado, é tributário dos projetos futuros de quem lembra”. Eusébio queria fazer lembrar Tibúrcio também a partir desses outros aspectos, já que seu interesse era narrar as glórias do Ceará ao narrar os feitos de seu herói e, sobretudo, se colocar como intelectual cearense que estava ali fazendo “justa homenagem” a um filho da pátria.

O general Tibúrcio foi um dos batalhadores da libertação dos escravos de sua terra natal, enfileirando-se na vanguarda dos esforços paladinos dessa campanha travada na antiga província, tida por alguém, que lhe teceu louvores, como a mais generosa, a mais entusiástica e mais popular de quantas até hoje se tem pelejado no Brasil. Embora não fosse uma figura destacada no seio da turbamulta daqueles que concorreram à grande obra de regeneração da pátria, não podendo - a verdade seja dita - bitolar-se ao lado de um José do Amaral, a sua figura de maior destaque, o seu expoente máximo, quase só sustentado a bandeira arvorada da redenção (...), ou de um Francisco Nascimento- o Dragão do Mar, o executor pronto, denodado e audacioso, a clava de combate que abateu a cabeça do monstro, tendo por moto da bandeira desfraldada – “No Ceará não embarca mais escravos”, todavia, o nome do grande soldado e pensador, já aureolado nos anais da fama, pode ser incluído na história dessa grandíloqua cruzada.²⁹⁰

Nesse trecho, Eusébio busca conferir méritos da abolição precoce também ao general, evidenciando dois grandes nomes que, para ele eram os expoentes desse feito, José do Amaral e o Dragão do Mar, porém, sem deixar de ressaltar que Tibúrcio foi “um dos” cearenses na vanguarda. E essa ideia de pioneirismo e vanguarda geralmente aparece quando o assunto é a abolição no Ceará. Essa é a ideia defendida por aqueles que elogiam esses feitos e os sujeitos envolvidos.

Mas um dos pontos mais interessantes da narrativa é quando o biógrafo completa esse parágrafo e escreve:

²⁸⁹ Sobre esse aspecto do pretensão pioneirismo do Ceará no que tange a Abolição da escravidão no Brasil. Ver: MARTINS, Paulo. H. S. Escravidão, Abolição e Pós-Abolição no Ceará: sobre histórias, memórias e narrativas dos últimos escravos e seus descendentes no Sertão cearense. Dissertação defendida na UFF. 2012. Sobre tudo, capítulo 2. Memórias da abolição e do Pós-Abolição no Ceará: nos labirintos do esquecimento e das lembranças de uma história laureada. (1881-1966).

²⁹⁰ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 108.

Se a 24 de maio de 1866, no Paraguai, de espada alçada opunha Tibúrcio sua cólera à cólera de escravos que queriam obrigar a sua dura lei à família brasileira, seu braço não cansou, ferindo golpes de morte, e sua lâmina de aço gotejou sangue até cair a última cabeça da hidra; a 24 de maio, mais tarde, dezoito anos depois, no berço natal, ei-lo envolvido nas turbas cívicas, vertendo lágrimas de alegria ao ver o povo em massa proclamar a verdade sacrossanta da igualdade humana. (...) Que ele foi um grande abolicionista, ninguém ousará contestar.²⁹¹

Parece que, a todo tempo, Eusébio estava buscando defender as ações de Tibúrcio. Aqui, ao afirmar que ninguém poderá contestar sua participação no evento da Abolição, quanto como analisamos anteriormente o texto em que Eusébio disse “não pretender rehabilitar o herói. A sua memória é imperecível”.²⁹² Afinal, é isso que um empreendedor da memória faz, ele defende uma memória específica ao mesmo tempo que ajuda a construí-la.

No final desse capítulo, Eusébio afirmava:

O Ceará nunca terá em olvido o grande homem, e fazê-lo esquecer seria esquecer a si mesmo; porque, nesse herói, está o cubo de todas as qualidades grandes do povo que o produziu; porque em sua pessoa a natureza condensou o cearense. Ele é a condensação ou a cristalização dos seus, a síntese da idade atravessada, o verbo da razão e da força, que nos impele no caminho da verdade. Tibúrcio é como um norte, uma divisa e um símbolo.²⁹³

Nesse trecho, percebemos a relação feita entre o “herói” e o povo, trazendo uma ideia de pertencimento. Esse sujeito era colocado como modelo de cearense, um símbolo. Ao longo da biografia, vamos notando que símbolo e que tipo de cearense eram esses aos quais Eusébio se referia. O importante é destacarmos o intuito de afirmar o lugar de onde vinha o herói, nesse caso, determinante de suas características. Não eram só as características do Tibúrcio que Eusébio exaltava, eram as características do “povo que o produziu”.

Além dos elogios feitos por outros sujeitos, Eusébio trouxe um capítulo que buscava relacionar Tibúrcio a outro militar: Floriano Peixoto²⁹⁴. No capítulo pequeno, de apenas 3 páginas, “Ambos eram Heróis”, que encerra a biografia, a relação entre Tibúrcio e a República é novamente colocada em relevo:

Floriano Peixoto, que fizera toda essa campanha e, como Tibúrcio, se cobrira de imarcescíveis louros, em interessante carta ao seu velho camarada narra os últimos

²⁹¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 108-109.

²⁹² Essa discussão está presente no segundo capítulo: *Escritas da História: Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Museu Histórico do Ceará e a construção do “herói cearense”*, no tópico 2.1.4. “Pela História do Ceará”: Eusébio de Sousa e a “reabilitação do herói”.

²⁹³ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 110.

²⁹⁴ Floriano Peixoto foi também primeiro vice-presidente e segundo presidente do Brasil, presidiu o Brasil de 23 de novembro de 1891 a 15 de novembro de 1894, no início do Período Republicano.

estertores da cruenta peleja, trazendo ao vivo a ação destemida do 9º Batalhão de seu comando, parcela destacada no término da guerra. O consolidador da República tinha por Tibúrcio grande admiração, mantendo com o mesmo estritas relações de camaradagem e quando, porventura, por força das circunstâncias dos combates se encontravam distanciados, não se esqueciam. É que ambos os heróis se conheciam.²⁹⁵

E não somente faz referência à república, mas o iguala a outros ditos heróis, mais uma vez defendendo a tese de que ele era um. No caso, a comparação era feita com relação a Floriano Peixoto, que tinha lugar de destaque na história da Proclamação da República. Além disso, segundo o autor, Floriano admirava Tibúrcio.

Após essa comparação entre heróis, ideia central do capítulo, segue uma longa citação de uma carta escrita por Floriano endereçada ao Tibúrcio, cujo tema era o fim da guerra. A troca de cartas entre os dois confirma, ou prova, a ideia de que eles eram amigos e dividiam juntos as angústias e benesses de lutar na mesma guerra. A narrativa não foge às demais, o teor do patriotismo está presente, sobretudo, no elogio ao batalhão e na descrição dos momentos finais da guerra.

Acreditamos que esse capítulo não foi colocado no final da biografia por acaso, ele aparece como uma conclusão para a ideia de Tibúrcio como herói, e, sobretudo, como herói republicano. Quando sua figura é relacionada ao “consolidador da República” é a essa imagem que o biógrafo buscava confirmar a respeito do biografado.

3.2.3. Escrita de si: “Correspondências dos grandes homens”.

Falamos muito ao longo da dissertação sobre a imagem que se buscou construir a respeito de Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, porém não discutimos ainda sobre como ele se colocava como sujeito importante dentro da História. Um dos capítulos mais extensos da biografia diz respeito a uma série de cartas trocadas com João Brígido dos Santos e nelas podemos perceber um pouco do que seria a escrita de si empreendida por esse sujeito.

Como escreve Ângela de Castro Gomes, “a correspondência pessoal entre intelectuais é, sobretudo nesses casos, um espaço revelador de suas ideias, projetos, opiniões, interesses e sentimentos. Uma escrita de si que constitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas”. (2004, p. 53)

²⁹⁵ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 121.

Portanto, cartas são textos “auto referenciais” e devemos compreender que a escrita delas está para além da comunicação entre sujeitos, existe o que Ângela de Castro Gomes denomina de “ato biográfico” (2004, p. 11). Estamos nos referindo aqui ao assunto já iniciado no começo desse capítulo: a ideia de indivíduo singular que traz consigo uma identidade, às vezes traçada e fabricada por outros, porém, muitas vezes, por ele mesmo.

“Trata-se de ter constantemente em presença as formas como o indivíduo e sua identidade são permanentemente inventadas e reinventadas: discursivas e materiais (suportes e técnicas de escrita da palavra), com mediações exteriores (a cidade, a religião, o poder), numa prática que é sempre implícita ou explicitamente coletiva. Dito de outra forma, a construção do discurso que carrega a construção de si não pode ser abstraída das formações históricas que regem a vida dos homens em sociedade e, ao mesmo tempo, do modo como grupos constituem práticas de si, as quais se traduzem nos relatos.” (MALATIAN, 2008, p. 23-24)

Porém, antes de entrar na questão da “escrita de si” presente nas cartas, devemos discutir a própria presença delas, transcritas na íntegra, na biografia do General Tibúrcio. Eusébio de Sousa, como já foi bastante ressaltado, era um sujeito que valorizava a noção de “grandes homens” dentro de uma perspectiva de História Mestra da Vida, repleta de grandes nomes exemplares. Na construção da biografia de um desses sujeitos que ele julgava como grande nome da História do Ceará, o General Tibúrcio, ele incorporou uma série de cartas trocadas entre o biografado e outro nome ilustre cearense, João Brígido.

Esse nome não é novidade dentro dessa pesquisa. Logo no primeiro capítulo, tratamos de explicar quem foi João Brígido²⁹⁶, uma vez que ele compôs a Comissão Monumento Tibúrcio (responsável pela ereção da estátua, em 1888), também foi ele que proferiu o discurso de inauguração da estátua.

Logo no início do capítulo intitulado “Cartas de Tibúrcio”, ele traz duas questões que nos pareceram demonstrar seu intuito ao compilar aquelas correspondências ali. A primeira diz respeito à epígrafe trazida,

É sempre instrutiva a correspondência dos grandes homens- como a de toda gente... Insignificante ou valiosa, ela retrata sempre, ora bem, ora mal, no coração e no espírito ou em ambos, a pessoa que a escreveu e, não raro também, as pessoas de que trata... (Plínio Barreto - Cartas Inéditas de Eduardo Prado a seus amigos)²⁹⁷

²⁹⁶ Sobre João Brígido, ver página 29.

²⁹⁷ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 54.

Essa epígrafe abria o capítulo e já legitimava a importância de se divulgar aqueles documentos, o que conferia às cartas um caráter de instrução, de exemplo para quem as lê, pelo fato de serem o diálogo entre dois “grandes homens”.

E, em segundo lugar, a nota que trouxe no início do capítulo:

Essas cartas foram dirigidas em várias épocas, pelo general Tibúrcio ao seu grande amigo João Brígido dos Santos, o sempre lembrado jornalista e historiador cearense. Publicou-as, em parte e em primeira mão, a Gazeta de Notícias, de Fortaleza, no ano de 1929. Vão adiante transcritas conforme as escreveu o autor, apenas alteradas na ortografia- a simplificada- adotada neste livro.²⁹⁸

Nesse momento, expor que aquelas cartas foram publicadas em jornal anos atrás também era mostrar a importância reconhecida anteriormente, além de evidenciar a amizade entre os remetentes. João Brígido era considerado um homem de letras, jornalista e historiador. Trazer essas cartas era também ressaltar aquele lado do “Tibúrcio Pensador” que Eusébio buscava imprimir ao herói.

Não podemos deixar de lembrar aqui, um assunto tratado no 2º capítulo, quando o assunto era a construção da memória em torno do General Tibúrcio nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Naquele momento, Eusébio escreveu um pequeno texto intitulado “Pela História do Ceará”, em que, dentre outros temas, trouxe o personagem “General Tibúrcio”. Logo no início da sua escrita, ele ressaltou a existência dessas cartas e como elas evidenciavam o lado pensador do militar.

Antes de iniciar a transcrição das cartas, Eusébio procurou descrever Tibúrcio e o que encontraríamos na leitura das cartas.

Tibúrcio, profundo analista, dotado de uma memória prodigiosa, sobretudo conhecedor dos homens de seu tempo, em cartas íntimas diz a pena, o que sente, com a expansão natural de uma grande alma que se abria a um grande amigo, seu confidente, por vezes tornando-se irônico, mordaz e espirituoso, mas sempre em linguagem elevada, sem descer a torpezas e jamais falseando a verdade.²⁹⁹

O que notamos foi a intenção do autor de mostrar que, através das cartas, poderíamos perceber como o “herói” era no seu íntimo. Então, chamamos atenção para essa natureza específica que o texto em forma de carta tem. Como escreve Ângela de Castro Gomes:

Nesse aspecto, o tema da verdade como sinceridade, como o ponto de vista e de vivência do autor do documento, foi situado e discutido de maneira contundente. Isso porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante

²⁹⁸ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 54.

²⁹⁹ *Ibidem*.

de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Ou seja, toda documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” - como a literatura tem designado -, que se exprime pela primeira pessoa no singular e que traduz a intenção de revelar dimensões “íntimas e profundas” do indivíduo que assume a autoria. (2004, p. 14)

É necessário ressaltar que, ao lermos uma carta, a ideia central não é julgar se aquele conteúdo tratado ali é verídico ou não, se os fatos narrados ali aconteceram daquela forma ou de outra. O que nos interessa perceber é a “ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa”. (GOMES, 2004, p. 15)

Então temos duas questões a serem pensadas, o autor (remetente) e o destinatário. Para o sujeito que escreve a carta, pensamos na construção de um “personagem de si mesmo” (GOMES, 2004, p. 17), mas que está em diálogo com um destinatário específico.

Porém, apesar de tratar da correspondência entre dois sujeitos na biografia, foram transcritas apenas as cartas escritas por Tibúrcio. Acreditamos que esse fato ocorreu porque, para Eusébio, o que interessava era ressaltar apenas o General, sua intimidade, em um momento onde ele estava escrevendo cartas particulares para seu amigo e, portanto, mostrar o “verdadeiro” Tibúrcio. Ao mesmo tempo em que o fato de o destinatário ser uma figura considerada importante, não passava despercebida na construção do capítulo da biografia.

Assim como não passava despercebida, na própria escrita do Tibúrcio. Nas saudações e despedidas, ele sempre tratava João Brígido com muito respeito. Alguns exemplos são: “Meu caro João Brígido”, “Adeus. Seu Sempre. A. Tibúrcio”, “Adeus. Sempre amigo pelo coração. A. Tibúrcio”, “Amigo certo e grato. A. Tibúrcio”, “Adeus. O amigo sincero. A. Tibúrcio” e assim por diante.

O que nos lembra outro aspecto interessante, que foi a frequência com que esses sujeitos se correspondiam, foram longos anos entre 1870 e 1884, que, como já dissemos, na biografia, foram divididos em três séries. Ainda que a frequência seja evidente, Eusébio não poupou linhas para reafirmar esse fato. “Ei-lo novamente, no Rio de Janeiro, sempre assíduo na sua correspondência com o velho amigo João Brígido dos Santos”.³⁰⁰

A primeira série de cartas foi trocada entre 1870 e 1877. O conteúdo tratado nelas diz respeito à vida de Tibúrcio após os acontecimentos da Guerra contra o Paraguai. Ele traz também muitas notícias como quem estivesse informando sobre os acontecimentos da hora.

³⁰⁰ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 64.

Em uma das primeiras cartas, de 9 de julho de 1870, ele relata a João Brígido, a sua vontade de ir à Europa estudar “modo de bem fazer guerra” e escreve que havia solicitado permissão do governo e aguardava alguma novidade. Na mesma carta, ele elogia o exército do Brasil ao criticar o exército paraguaio: “mas dou-me os parabéns em não fazer parte de um exército onde um grupo de...assassinos mercenários, que obedecem ao mais leve acaso de um salteador ou conquistador”.³⁰¹

Em outra carta, de 18 de julho, ele ressalta a “nobreza da profissão das armas”. Os assuntos relacionados a sua profissão de militar tomavam a maior parte de suas linhas. Nesse sentido, apontamos para o que era escolhido por ele para escrever ao amigo jornalista e como essas escolhas construía uma imagem para ele próprio.

Nessa mesma carta, escreve também que “desejaria ver a prática da liberdade sob domínio seguro das leis; e isto penso que não é um sonho”.³⁰² Em outras cartas mais à frente, ele retorna a tratar da questão da legalidade e da lei. Em 8 de abril de 1876, ele ao dar notícias sobre eleições, afirmava: “É preciso não confundirmos o sacrifício de governar com a sede do poder, além disso, a legalidade dum conquista é a razão mais forte de sua duração”³⁰³.

Em outra carta, de 21 de setembro de 1870, ele faz um breve elogio à França e comenta um pouco sobre a república.

A propósito da guerra da Europa, estamos de perfeito acordo no modo de encará-la. Eu desejava e desejo a queda do fugitivo "Lion", mas nunca o aniquilamento da França, que prezo por todas as razões que V. produziu tão bem e ainda mais por ser ela a privilegiada proclamadora dos direitos do homem e autora da maior revolução (e a mais sábia) político-social que o mundo tem visto.³⁰⁴

Pelo período em que foi escrita a carta, Tibúrcio se referia à guerra Franco-Prussiana (1870 - 1871) e aproveita para elogiar feitos antigos da França, referindo-se à “Declaração dos direitos do homem e do cidadão”, documento construído após a Revolução Francesa, em 1789.

Ainda sobre a guerra, ele escreve: “Thiers, o legitimista e agora republicano, acaba de dizer da câmara: o império está fora de questão e a república é a herdeira”. Tibúrcio se referia a Louis Adolphe Thiers, que posteriormente presidiu o país temporariamente após o fim da guerra, na chamada 3ª República. O que nos interessa é perceber como Tibúrcio se coloca como

³⁰¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 55.

³⁰² “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 58.

³⁰³ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 65.

³⁰⁴ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 61.

apoiador desse país, apesar dos rumos que a guerra tomar. Apesar dele mais informar do que se posicionar de algum dos lados da guerra, o fato de elogiar o passado francês mostra com quais ideias Tibúrcio queria ser associado.

Lembramos que a carta era o meio pelo qual ele se comunicava, mas também um lugar onde registrava suas ideias e posições. “Escrever cartas é assim ‘dar-se a ver’, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente”. (GOMES, 2004, p. 19)

A segunda série compreende os anos de 1878 e 1880, antes de trazer as cartas transcritas, Eusébio escreveu um pequeno parágrafo:

Algumas das cartas desta segunda série são endereçadas da Escola de Tiro em Campo Grande, em cujo estabelecimento de ensino, à frente de sua direção, por espaço de quatro anos aproximadamente, Tibúrcio revelou-se "um hábil administrador militar, incitando os alunos ao estudo, ao trabalho, pela orientação constante do esforço, pelo cumprimento rigoroso do dever e pelo amor à bela profissão das armas."³⁰⁵

Nesse trecho, ele seguiu elogiando o lado militar do biografado, ressaltando esse momento em que ele tinha sido diretor de uma escola militar, mas que, mesmo afastado por suas atribuições, em algumas cartas, acabava “deixando transparecer, em suas entrelinhas, o interesse que tomava pelas coisas atinentes à sua província natal”.

Eusébio expõe também o local de produção das cartas, ou seja, as condições em que elas foram escritas. Ao utilizarmos a carta como fonte, entendemos que ela tem uma fórmula comum de escrita, como: endereçamento, datação, despedida, saudações. Eusébio procurou, dessa forma, enfatizar o lugar onde o biografado se encontrava como forma de atribuir valores.

Percebemos que os assuntos mais evidentes nessa série de cartas foram relacionados à política. Em carta, escrita em 5 de março de 1878, ele escreve: “Já estive com o velho Osório, mas não houve ensejo de confiar-lhe minhas ambições políticas. Sempre sou um recruta nestas coisas. Acanho-me de tratar de um negócio que me parece devia ser tratado por outros (são modos de ver)”³⁰⁶. Nessa passagem, percebemos não só suas intenções políticas como também sua ideia de que deveria vir por terceiros a divulgação dessa sua pretensão. Interessante entendermos esse posicionamento por parte dele que, portanto, se julgava um nome importante no contexto em que vivia.

³⁰⁵ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 66.

³⁰⁶ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 67.

Mais tarde em outra carta, de 30 de maio de 1878, o assunto da política continua. Em resposta a cartas de João Brígido, ele escreve:

Estou muito contente por me haver comunicado que não cruzará os braços ante o futuro certame eleitoral. Os jornais de hoje afirmam que o governo decidirá que o Ceará terá também seus representantes, conseguintemente me preparo desde já para dar-lhe um apertado abraço e tomarmos um fartão de palestras em todas as gamas.³⁰⁷

Nessa carta, bem longa em comparação com as anteriores, ele continua a escrever sobre a situação política e afirma que tinha pretensões de participar da política, mas que não “tomaram a sério minha aptidão e portanto me considero ainda um comparsa, ou quando muito um ator a quem não distribuiu papel”. Percebemos a inquietação de Tibúrcio e sua intenção de expor sua vontade frustrada, quando ao final da carta ele escreve: “Conclusão: não sou candidato à deputação geral pelo Ceará, mas desejo ardentemente que V. venha exercer o seu direito supremo de legislador e diga de lá em que é que lhe posso ser agradável. Amigo certo e grato - A. Tibúrcio”.³⁰⁸

Eusébio, após essa carta, escreveu um pequeno parágrafo, reafirmando o lado político do Tibúrcio:

Demonstrando sempre vivo interesse pelas coisas políticas do Ceará, nas seguintes cartas acentua Tibúrcio as contramarchas havidas em torno do seu nome para deputado geral, com a confissão sincera de não possuir elemento algum na província, que lhe pudesse assegurar um triunfo eleitoral, senão “uma meia dúzia de parentes de credos diversos e alguns amigos dedicados”.³⁰⁹

Sentimos, na escrita de Eusébio, certo ressentimento por essa falha cometida no passado. E ele parece concordar com a conclusão a que Tibúrcio chegou, porém, a ideia que se buscou tornar evidente era a do Tibúrcio como político e, nesse caso, um pensador.

Na próxima carta, acabamos compreendendo esse jogo de palavras utilizadas por Tibúrcio. Em 16 de julho de 1878, ele escreve claramente a João Brígido e explica-lhe que o Marquês de Herval³¹⁰ havia citado seu nome para representar o Ceará, mas que ele, como já havia dito em carta anterior, não se achava na condição de obter êxito. Quando ele afirma: “Tudo reduzia-se a uma meia dúzia de parentes em cujo número se destacava o major João

³⁰⁷ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 68.

³⁰⁸ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 70.

³⁰⁹ *Ibidem*.

³¹⁰ Marquês de Herval ou Manuel Luís Osório, foi um general e político brasileiro. Era monarquista e participou da Guerra contra o Paraguai.

Brígido dos Santos, pessoa influente e candidato por sua vez”. Ou seja, aquele com quem ele estava dialogando nas cartas já era candidato. E ele continua a escrita:

Depois de tudo isto prometia-me S. Excia escrever ao José Júlio perguntando se era possível batalhar meu nome no meio de muitos que por aí flutuam à busca de uma cadeira na câmara (...) Se achar conveniente publique nos jornais do governo alguma coisa relativamente à minha pretensão.³¹¹

Uma pausa no tema central das cartas foi a morte do Manuel Luís de Osório ou Marquês de Herval em 4 de outubro de 1879. Esse mesmo sujeito que já havia aparecido nas cartas e volta a aparecer na carta de 18 de outubro de 1879, quando Tibúrcio comunica a Brígido, os seus sentimentos diante da notícia daquela morte.

A notícia da morte do Marquês de Herval produziu-me profunda consternação. V. distinguiu, com grande habilidade de pensador e filósofo, o general do grande Império. O povo é mesmo assim; não abandona facilmente suas manias; à borda do túmulo esqueceu as hesitações do estadista, para honrar as cinzas do campeão que mais ilustrou as nossas armas. A glória das armas é mais velha do que a glória das letras, e isso explica tudo.³¹²

Tibúrcio, nesse momento, se coloca como propagador dos feitos de seu companheiro de profissão, quando escreve que ele havia sido um campeão nas armas, além de ainda exaltar as armas, mais uma vez, como uma glória anterior e, portanto, mais importante. Elogiar o militar falecido era elogiar a profissão e a si mesmo. E continuava a narrativa na carta: “Eu amava muito o velho Osório. Uma comissão militar, da qual fizemos parte eu e o Visconde de Pelotas, encarregou-se das honras fúnebres aqui na Província”.³¹³

Após essa carta, Eusébio escreve um parágrafo relatando que Tibúrcio voltava a escrever sobre sua candidatura, ou como ele chamou, suas aspirações políticas. Em carta de 11 de abril de 1880, endereçada de Porto Alegre.

No novo gabinete conto com as simpatias de Dantas e Pelotas (se é que uma vez em contacto com a montanha do poder, não se esqueceram do que proferiram no vale comum) A deputação do Ceará, Marcolino Lima e outros podem ajudar-me muito; é indispensável que lhes fale de minha parte.

Quanto ao generalato, não publiques nada a meu respeito, porque o Imperador se maça com os que querem impor-se.

O melhor é ter paciência; isso é coisa que há de vir com o tempo.³¹⁴

³¹¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 71.

³¹² “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 74.

³¹³ *Ibidem*.

³¹⁴ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 79.

Percebemos que as intenções de Tibúrcio com relação à política ainda existiam, porém, nessa carta, ele fala sobre conseguir o título de general, ou seja, assim como muitos militares, ele também buscava ascensão na hierarquia.

Quando em carta de 2 de julho de 1880, após ter sido promovido a general, agradece o apoio.

De envolta com os parabéns que em telegrama de 27 me expediu o Fernando Osório, vieram as tuas sinceras felicitações. Agradecíssimo. Eu sempre te dizia que a cousa havia de chegar; quando deparei com uma meia dúzia de cabelos brancos na barba, eu disse comigo - o generalato apropriou-se.³¹⁵

E volta a falar da morte de outro sujeito, Duque de Caxias³¹⁶. Nesta mesma carta ele escreve:

Lá se foi Caxias. Serviu setenta anos à monarquia e só conseguiu ilustra-se à sombra do trono. Compreendeu perfeitamente o princípio da ordem e nunca logrou transformar-se em fator de progresso. Foi um grande homem, mas só tinha aptidão – cego respeito pela ordem estabelecida.³¹⁷

Percebemos a mudança no discurso do Tibúrcio ao tratar os dois recém-falecidos. No caso do Marquês de Herval, somente elogios, já para Caxias, ele trouxe pequenas críticas. Essas críticas diziam respeito à atitude conformada de Caxias. Para Tibúrcio, ele não enxergava o progresso, mas, apesar disso, o elogio e o reconhecimento são expressos.

Tibúrcio buscava, em sua escrita, evidenciar sua simpatia pelo progresso, escrevendo explicitamente, ou como nesse momento, ao criticar Caxias.

E ele segue elegendo nomes a serem lembrados. Em carta de 25 de agosto, escrita de Porto Alegre, ele fala de um sujeito que, para ele, era um herói.

Diga-me se já estive com Pelotas e que tal achou o meu herói: é um homem de exterioridades aristocráticas, mas muito lhano no seu trato. Tem os vícios da política da Província, sem a jactância gasparina. É orgulhoso porque habituou-se a render homenagem a si mesmo; é modesto porque não presume de si senão nos domínios da profissão.³¹⁸

³¹⁵ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 81.

³¹⁶ Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, foi militar, político e monarquista. Faleceu em 7 de maio de 1880, no Rio de Janeiro.

³¹⁷ *Ibidem*.

³¹⁸ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 85.

Pelotas, a quem Tibúrcio se refere, é José Antônio Correia da Câmara, visconde de Pelotas,³¹⁹ um militar brasileiro que também havia participado da Guerra contra o Paraguai. Ao destacá-lo como herói, ele o eleva a uma posição distinta dos demais e faz isso trazendo como motivo, sobretudo, sua profissão de militar. Além disso, ele o elogia mais à frente como “um déspota no rigor do termo” e afirma que “O despotismo³²⁰ tem um quê de edificante”.

Além de escrever sobre esses sujeitos, nas suas cartas, Tibúrcio também tocava no assunto da “Guerra do Paraguai”, mostrando que sua preocupação não se limitava somente aos personagens, mas também à história da guerra. Na mesma carta em que elogiou o Visconde de Pelotas, ele escreve sobre essa questão:

É necessário que a história da guerra do Paraguai, escrita pelo Conselheiro Shneider, sofra devidas correções nos pontos em que, à mingua de melhores informações, a verdade é sacrificada com pesar para os que cumpriram seu dever, e injustiça para com a índole generosa do soldado brasileiro.

Falar desses sujeitos, seja criticando ou elogiando, mostrava quem era e também quem queria transparecer Tibúrcio.

Já a terceira série, foram cartas trocadas entre 1882 e 1884. Como nas séries anteriores, Eusébio de Souza, vinha intermediando as cartas, enfatizando detalhes que para ele eram essenciais nas cartas. Nessa série, não foi diferente. Antes de uma das cartas ele escreve:

Tibúrcio, sempre que o ensejo lhe era oportuno, não esquecia a sua Província natal, pugnando pelos seus vitais interesses. Demonstra-o, com carta a seguir, - no encontro que teve com o Imperador Pedro II, e no qual, entre outras coisas, o assunto primacial da palestra foram as questões da “Libertadora Cearense” benemérita associação que tudo fez pela causa abolicionista.³²¹

Então uma nova temática aparece nas cartas, entre Tibúrcio e João Brígido, que é a questão da Abolição. Na carta a qual Eusébio se refere, de 23 de agosto de 1883, Tibúrcio se iguala a Pedro II, como podemos perceber, na maneira como ele se refere ao imperador e na afirmação de uma conversa íntima: “O velho Pedro II, em tête a tête íntimo, interpelou-me livremente sobre as questões da “Libertadora Cearense”. Disse-lhe, com franqueza que me foi concedida, as mais cruas verdades”.³²² Mas também fica destacada, na sua escrita, que o

³¹⁹ Foi ministro de Guerra do Brasil e colocado como herói da Guerra do Paraguai. Senador do Império do Brasil, pelo Partido Liberal de 1880 a 1889.

³²⁰ Déspota significa: que ou quem exerce autoridade arbitrária ou absoluta; tirano.

³²¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 89.

³²² *Ibidem*.

imperador o respeitava: “Em seguida fui despedido com o mesmo amor e com as mesmas deferências que sempre me tem dispensado tão elevado personagem”.³²³

Além de tratar do assunto da abolição, Tibúrcio enaltece sua figura, ao ressaltar seu contato e conversas com “tão elevado personagem”, como ele mesmo escreve.

Em carta de 18 de setembro de 1883, ele fala de sua participação em uma comissão de generais incumbida de organizar quadros, regulamentos táticos e ordenanças do exército.

No fim de novembro pretendo apresentar os meus últimos trabalhos e dessa época em diante não sei que vencimentos me assinarão.

A comissão de reorganização é mais honrosa que rendosa. Só a felicidade de ser membro de um tribunal de que é presidente uma alteza compensa todas as dores do estômago.

No fim das contas a vida pública, mesmo o tal sacerdócio militar, é um verdadeiro cravo de martírio.

O soldado honrado, entre outros sestros, tem o de apaixonar-se por sua própria individualidade; e daí uma série imensa de dissabores que ninguém compreende.

Percebemos que, nessas últimas cartas, Tibúrcio se coloca como sujeito de destaque, o que anteriormente percebíamos no elogio ao ofício de militar aparece agora no elogio a si mesmo. Um Tibúrcio, já general e que se colocava como figura importante na vida pública.

Eusébio, seguia ainda, elogiando o lado abolicionista do seu biografado. Entre uma carta e outra, ele afirma: “Denuncia-se um abolicionista rubro nas entrelinhas da seguinte carta”.³²⁴ Por seu lado Tibúrcio, em carta datada de 18 de outubro de 1885, associa os militares diretamente ao abolicionismo.

Temos que andar com a opinião ainda que sejamos de diversa opinião. O preço da mercadoria humana, na Corte baixa de um dia para outro. Os portugueses organizaram uma sociedade abolicionista, logo a idéia vencedora. Aqui os militares são ostensivamente abolicionistas.³²⁵

Estava também em uma fase da vida de repouso, em que se recuperava de doenças, sendo algumas cartas, dessa terceira série, endereçadas de um sítio em Cascavel e Beberibe, no Ceará. Eusébio, que vinha comentando entre uma carta e outra, escrevia esses detalhes antes dessas cartas, datadas de 6 e 7 de agosto de 1884.

Após esse período, antes da carta de 7 de outubro de 1884, Eusébio foi concluindo o capítulo, pois segundo ele, era uma das últimas cartas trocadas entre os dois sujeitos.

³²³ Ibidem.

³²⁴ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 94.

³²⁵ Ibidem.

A carta, a seguir, foi escrita de Recife, onde se encontrava Tibúrcio, no desempenho de importante comissão – a de Comandante das Armas, “num período de agitação, quando os partidos políticos se digladiavam numa eleição tempestuosa, em que se achava principalmente em jogo a momentosa causa do abolicionismo.

Foram talvez as suas últimas letras endereçadas ao seu velho e íntimo amigo João Brígido dos Santos, pois agravados os seus antigos incômodos, a seu pedido foi exonerado de aludida comissão, regressando ao Ceará, “a doce terra natal, que alarmada e compungida, recebeu seu ilustre filho – pálido, emagrecido e quase afônico.³²⁶

Nesse parágrafo, ele escreve sobre os momentos finais do General Tibúrcio, sem deixar de falar do Ceará e de como a sua terra o havia acolhido nesses momentos delicados. E finaliza sua escrita falando sobre a morte.

Cinco meses depois – a 28 de março do ano seguinte (1885), a fria e impiedosa mão da morte cortou o fio da existência tão trabalhada do grande cearense, para quem talvez o futuro reservasse ainda muitos dias de realce, de luz e glória.³²⁷

O que notamos de interessante nesse pequeno parágrafo foi que, ao mesmo tempo em que Eusébio narra o dia da morte, ele já elogia Tibúrcio como “grande cearense” e ainda cria expectativas de que o futuro ainda lhe reservaria glórias.

As glórias às quais Eusébio faz referência são momentos como esse, de comemoração de centenário de nascimento, escrita de biografias, etc. Parece um ciclo sem fim, onde uma homenagem acontece e, ao fim, já expõe a necessidade de novas homenagens surgirem.³²⁸

3.2.4. A morte do Bravo e a Biografia da estátua.

No capítulo “A morte do bravo”, a ideia central foi enaltecer sua trajetória partindo da sua morte e, logo nas primeiras frases, a construção de Tibúrcio como soldado/pensador é reafirmada: “Tibúrcio não era somente um soldado valente e um cidadão patriota. Era mais do

³²⁶ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 98.

³²⁷ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 98 e 99.

³²⁸ De fato, anos mais tarde, também foi comemorado o Centenário de Morte do General Tibúrcio. Em 28 de março de 1885, aconteceram algumas comemorações a respeito dessa data, dentre elas, lançamento de edição especial da biografia lançada anos atrás, em 1937 no Centenário de nascimento: “Tibúrcio – O Grande Soldado e Pensador”; Sessão solene, realizada no Instituto do Ceará, no dia 20 de março de 1885; Ato Cívico-militar promovido pela Décima Região Militar, na Praça General Tibúrcio; Lançamento da plaqueta “Tibúrcio- Soldado e Pensador”, de autoria da Professora Maria do Nascimento Silva, no Palácio da Abolição. Todas essas informações estão listadas no prefácio da Edição Especial da biografia, páginas 5 e 6.

que isto. Nos campos de batalha ele era um guerreiro de qualidades superiores; no gabinete de estudos era, podemos afirmá-lo, um sábio”.³²⁹

Esse capítulo trata de como foi recebida a notícia da morte daquele sujeito:

Aos 28 de março de 1885, Tiburcio deixou de existir. Morreu em Fortaleza, na capital da província que lhe serviu de berço, justamente a que trinta e quatro anos atrás, o recebera jovem mancebo ainda, com o indiferentismo natural à humildade de seu nome, longe de supor que, alguns lustros mais tarde, havia de honrar a terra que ele queria demais e que nunca a esqueceu.³³⁰

E o teor da narrativa seguia elogiando esse lado patriota do Tibúrcio e, além de exaltar o lado guerreiro que havia tido, vinha afirmando que ele era um “partidário sincero da democracia”. Quando um trecho traz a ideia de prova: “O governo distinguiu-o sempre com as maiores honras, e as medalhas, que lhe ornavam o peito, são a prova mais eloquente de sua bravura e heroicidade”.

Nesse capítulo, foi descrito também como ele havia encarado a sua morte eminente. Ele morreu do coração e, segundo a biografia, nesse momento fatal, ele quis abraçar a todos aos quais ele dirigia palavras de consolação e de encorajamento. “Nenhuma lágrima, nenhuma queixa!” Essa passagem traz um sujeito que mesmo na morte, soube ser forte.

A todo momento, esse capítulo busca provar e evidenciar que aquele sujeito, forte em vida, mereceu e merecia ser lembrado após sua morte. O que vai ficando evidente na escrita de Eusébio.

Foi também ressaltado que aquela morte havia sido notícia na imprensa. O autor cita a edição do dia 29 de março de 1885, do jornal Constituição. Dele destacamos esse trecho:

Militar aos mais verdes anos, o heróico soldado cearense foi exemplo raro do estoicismo e coragem. Como Caxias e Osório ele fez-se, nos campos de batalhas, o terror do inimigo. Inteligência vigorosa e cultivada, ele reunia a essas qualidades inquebrantável e uma força de vontade pouco vulgar. Merecidas homenagens foram tributadas pelos cearenses ao seu digno comprovinciano por ocasião de ser levado à sepultura. Todas as classes sociais - afirmam os jornais da época - se apressaram em render ao ilustre morto as manifestações de sua estima e saudade, e o povo, de cujo seio ele saíra para tornar-se um dos brasileiros mais distintos, pagou-lhe também, na eloquência sublime das lágrimas, o tributo maior da admiração.³³¹

³²⁹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 111.

³³⁰ *Ibidem*.

³³¹ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 113.

Nessa passagem, podemos destacar algo que pareceu comum na análise das várias narrativas sobre o herói: que ele era herói de todos. Essa ideia vinha no sentido de evidenciar a ampla admiração por parte de todas as classes sociais.

Fato curioso com relação a essa questão e que nos mostra como a memória está envolvida em um processo de disputas de poder é que, após essa ressalva, Eusébio traz com desprezo a atuação de um jornal da cidade que não havia dado importância à morte do General Tibúrcio. Em suas palavras:

Pretenderam, no entanto, empanar a grandiosidade das homenagens póstumas prestadas pelo povo cearense ao inolvidável comprovinciano, no dia de seu sepultamento.

Um jornal citadino, que não comungava das idéias políticas do grande morto, dois dias após, estampava a lâconica notícia: "A antigos padecimentos sucumbiu no dia 28 e sepultou-se do nia 29 do passado o sr. brigadeiro Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa, que se achava netsa capital no carácter de inspecionador do 11º batalhão".

E só.³³²

Para Eusébio, era inadmissível, o jornal (O Cearense, como é dito posteriormente) ter noticiado de forma tão simplista aquele acontecimento. Segundo ele, essa atitude tinha motivos: “Resquícios da política de campanário, ódio que votava o órgão de uma das facções liberais dos tempos, seu adversário de dias anteriores”.

Eusébio mostra que “os protestos, porém, foram imediatos”, quando cita outro jornal, este que veio em defesa da memória do falecido.

Revidou a Constituição o grande atentado:

A capital da província acaba de assistir, indignada, a um grande atentado da imprensa soi-disant liberal. No dia em que transpôs os umbrais da Eternidade o grande espírito do benemérito cearense - o bravo general Tibúrcio, nesse mesmo dia o jornal, que se diz órgão do seu partido, teve a suprema coragem de tripudiar sobre seu cadáver!³³³

Percebemos o tom de defesa por parte do jornal Constituição, em 1885, e de Eusébio em 1937, ao tratar daquela contenda. Mesmo sem esclarecer de forma mais aprofundada quais injúrias eram essas, Eusébio conclui o capítulo em postura de defesa: “Ninguém, longe da província, ousará acreditar que a notícia dada pelo Cearense referia-se ao desaparecimento do bravo general Tibúrcio, um dos mais ilustres desta terra, uma glória nacional”.³³⁴

Sobre a estátua, encontramos dois capítulos dentre os últimos da biografia, são: “A Estátua do General (histórico)” e “Ainda mesmo concretizado no bronze”. No primeiro, a ideia

³³² Ibidem.

³³³ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 114.

³³⁴ Ibidem.

foi relembrar todo o processo que resultou na existência da homenagem em praça pública. Bem semelhante às narrativas feitas outrora no jornal *Libertador*, contemporâneo à ereção da estátua, em 1887 e 1888.

Nesse momento, em 1937, essa narrativa de gênese é reatualizada. Porém, seguindo as mesmas ideias: pessoas envolvidas, primeiras ideias de homenagem e a decisão por ser estátua em praça. O interessante é que também ressalta a participação de fora de Fortaleza: “Referida ideia não se restringiu somente a Fortaleza. Repercutiu em muitos pontos do Império, de onde afluíram donativos”.³³⁵ Fato que procura demonstrar que a importância desse sujeito não era restrita aos seus conterrâneos.

Após essa introdução, o monumento é descrito com as mesmas palavras com que fora descrito no jornal na época da inauguração, de fato, uma transcrição. Ainda falando da estátua, um resumo da ocasião em que a estátua foi derrubada e passou por uma reinauguração, sendo então descrita a nova configuração do monumento. Sobre esse assunto, o autor foi breve, pois o capítulo seguinte seria apenas para tratar desse assunto.

O que aconteceu com a estátua após sua inauguração também entra na biografia. No capítulo “Ainda mesmo concretizado no bronze” é dito que a estátua caiu do pedestal, mas como diz Eusébio, “segundo é corrente, caiu em pé!”.

Na biografia, Eusébio trata de explicar esse caso:

Os atacantes visando o Palácio do Governo ocupam as suas imediações, e quando mais intensa era a fuzilaria, um projétil, lançado sem mira certa, vai ferir em cheio, um alvo não marcado, a estátua do general Tibúrcio, erguida no centro da praça que tem justamente o seu glorioso nome, derrubando-a. O bronze, desapegando do pedestal, cai ao solo, ficando porém, de pé, "como animado pelo espírito que outrora transitou pela terra."³³⁶

A explicação, vem tomando o cuidado de esclarecer que a estátua não era um alvo dos ataques, mas que, por descuido, acabou sendo atingida. O autor continua essa ideia da seguinte forma: “Se alguma coisa o podia fazer retirar-se do lugar, em que tinha posto a admiração dos coevos, era mesmo uma bala de canhão brasileira, pois as estrangeiras lhe lambiam os pés”. Nesse momento, vemos, mais uma vez, a exaltação do Tibúrcio como soldado da guerra.

Em determinada parte, o autor descreve “a atitude do monumento ao cair”. Para Eusébio, a história se forma de mortos. Afirma então que, “mesmo concretizado no bronze, se

³³⁵ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 116.

³³⁶ “Tiburcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 119.

mostrava... herói, resistindo ao balanço que, ocasionalmente, lhe mandara os cadetes da Escola Militar do Ceará”. (SOUSA, 1985, p. 118-120)

Eusébio cita João Brígido no livro “Ceará, Homens e Fatos”, em que essa pequena história também foi contada. “A estátua de Tibúrcio não pôde resistir ao balanço que ocasionalmente lhe mandaram os cadetes da Escola Militar, caindo, porém, de pé, recostada no seu gradil, numa atitude de quem brada: Contenham-se!”. A citação reforçou mais ainda a história e a vivacidade do herói de bronze.

E, ao final, Eusébio conseguiu deixar exposto que aquela história corria na boca do povo: “Isso deu motivos a jocosos comentários. O povo, que não perde a oportunidade para suas finas pilhérias, afirmava ao seu tempo que o bravo soldado, que tanto elevou o nome da pátria na guerra do Paraguai, ainda mesmo concretizado no bronze se mostrava... herói”³³⁷.

Como ressalta Bronislaw Baczko, “a mitologia que nasce a partir de determinado acontecimento sobreleva em importância o próprio acontecimento” (1985, p. 296). Ou seja, não nos interessa buscar determinar se a estátua caiu de pé ou não, mas sim, compreender que existiu uma narrativa que contou uma história sobre aquele fato. Para a história contada, a estátua (ou o próprio general) caiu de pé!

Tanto os homens de letras quanto o povo reconheciam a atitude da estátua e a braveza do herói. A repetição da mesma ideia em um capítulo curto, de três páginas, torna evidente a importância conferida àquele episódio pelo biógrafo.

Ao analisarmos esse caso, sobre o cair da estátua, podemos relacionar com um filme brasileiro muito interessante e que, dentre suas temáticas, versa sobre a narração da história. O filme é “Narradores de Javé”³³⁸. Todo o filme é uma aula sobre memória, história e oralidade. Porém, em uma cena específica, o personagem Antônio de Biá, encarregado de escrever “a grande história do vale de Javé”, fala algo muito instigante.

Ao entrevistar um dos moradores antigos da região, em uma discordância sobre como deveria ser escrita a história, ele diz ao senhor entrevistado, que: “uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito. O acontecido tem que ser melhorado no escrito, de forma melhor, para que o povo creia no acontecido”.

Essa fala de Antônio Biá traduz bem o que trouxemos sobre a queda da estátua. Uma coisa é o acontecido, outra coisa é o escrito sobre o acontecido. Na análise sobre as

³³⁷ “Tibúrcio: O Grande Soldado e Pensador”, página 120.

³³⁸ Produção Bananeira Filmes, Co-Produção Gullane Filmes, Laterit Productions, Riofilme. Produtora Vania Catani e Roteiro Eliana Caffé. 2003.

memórias, devemos compreender o acontecido, mas estudar e analisar também o fato escrito, reconhecendo suas intenções.

São dois capítulos curtos, que poderiam ter sido um só. Porém, percebemos a intenção de tratar os dois assuntos separadamente para conferir importância tanto ao histórico da existência da Praça e da estátua como à reinauguração da estátua e, sobretudo, à história da estátua que caiu de pé.

Finalizar essa discussão falando sobre a estátua do General é mostrar como a memória se cria e se recria com base no presente de quem lembra, mas também a partir de um passado, que se quer organizar e delimitar para, então, ser recordado e trazido à tona.

Existe um tanto de tradição no ato de recordar, sobretudo, quando é feito de forma oficial. Não é à toa que percebemos, ao longo dos “trabalhos da memória” aqui discutidos, o uso de documentos oficiais, transcrições e citações, como meio de legitimar o que estava sendo colocado. Falar do herói do Ceará, era mostrar sua validade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O herói nos diz menos sobre si mesmo, do que sobre a sociedade que o produz.
(CARVALHO, 2014, p. 14)

Ao longo da pesquisa sobre esse sujeito que foi denominado herói, General Tibúrcio, foi muito recorrente o surgimento da dúvida: ele foi herói mesmo ou foi somente uma invenção? Essa é uma pergunta muito interessante para responder e iniciar a discussão tratada ao longo da dissertação. Porém, também supus válido iniciar as considerações finais, a partir dessa mesma indagação.

Será que ele foi, de fato, herói? E a resposta sempre vinha no sentido de explicar que, na pesquisa sobre a construção de uma memória em torno daquele sujeito, o que nos interessava não era atestar a veracidade ou validade do herói, colocando-nos como ficais da história ou da memória. Mas sim, compreender como essa ideia de que ele havia sido herói foi instituída, em quais momentos, a partir de quais suportes e por quais grupos e/ou sujeitos.

Dentro da historiografia e também nos cursos de História, existe uma indagação que é, muitas vezes, feita e refeita: para que serve a História? Essa é uma pergunta essencial para o historiador e para aqueles que estudam História em alguma parte da sua vida. Estendendo mais um pouco a ideia, é necessário pensar: o que é, para que serve e como é escrita a História.

Ao longo dessa pesquisa, a ideia geral se pautou na busca desse entendimento. Para compreender a construção dessa História, foi necessário defini-la. A História que trazia à tona, o personagem – General Tibúrcio – como herói e protagonista é a História focada nos grandes homens, e grandes eventos. Muitas vezes, chamada de Mestra da Vida, Positivista, História-Memória. Denominada assim, a partir de muitas perspectivas, mas que buscavam resumir qual era a natureza daquele tipo de História. Dentre alguns tipos de Histórias, aquela era uma.

Pensar a natureza dessa História, nos levou a pensar suas intenções e voltamos para a pergunta do início. Mas, agora, indagamos direcionando para esse tipo específico de História. Para que ou quem, ela serve?

Historiadores que estudam as questões da memória geralmente traçam as diferenças e semelhanças entre: História e Memória. Não podemos deixar de diferenciar também os tipos de escrita da História. A pesquisa histórica, envolvida por um problema histórico (perguntas), feita a partir de fontes e balizada pelos métodos; e a História escrita com o objetivo de narrar a história de uma nação, de um lugar, de um sujeito. São Histórias diferentes, que exigem olhares diferentes.

Foi sobre essa última que procuramos, compreender as suas próprias razões de existência. Quando analisamos as narrativas, estávamos analisando não só o conteúdo, mas a própria existência delas. Afinal, o documento não pode ser naturalizado.

Existe uma necessidade de memória. Não nos referimos à memória como função cognitiva, mas sim aos chamados “trabalhos da memória”. Esse fato é perceptível não só através dos autores que discutem essas questões, como também pela existência dessas fontes em grande número. São muitos os exemplos de biografias, museus (sejam oficiais ou comunitário), ereção de estátuas, escrita de memorialistas.

A memória que privilegiamos nessa pesquisa, foi aquela que quer se fazer histórica, ou também chamada de memória oficial, uma vez que é empreendida de lugares de poder. Lugares de fala legitimada, como: museus, institutos históricos, jornais e escrita de intelectuais.

Joal Candau traz, de maneira muito marcada, as relações entre memória e identidade. Quando ele nomeia um dos capítulos com: “Pensar, classificar: Memória e ordenação do mundo” (2012), vislumbramos essa dimensão de uma memória construída, organizada, seletiva, enquadrada, funcional. Fizemos, de propósito, uma mistura de designações de diversos autores utilizados na dissertação para evidenciar essa característica que marca a natureza da memória como forma de olhar para o passado.

A memória é, portanto, um vestígio do passado. São os rastros dos quais fala Carlo Ginzburg (2007), quando propõe a metáfora do historiador como tecelão, que, a partir da teoria e do seu ofício, liga esses rastros em um emaranhado compreensível.

Porém a escrita da história, além das fontes e teorias, com seus conceitos e pressupostos, necessita também de imaginação. É como conectamos esses rastros.

Imaginar de forma controlada, como aponta Sandra Jatahy Pesavento³³⁹, oferece inteligibilidade ao passado estudado, em outras palavras, ajuda a compreendê-lo. Muitos historiadores chegaram a afirmar essa característica do fazer historiográfico. Porém, mesmo assim, é necessário ressaltar que essa imaginação não é feita de forma indiscriminada. História é ciência, é método.

Antonie Proust (2008) também aponta para essa compreensão. Ele fala em termos de “Imaginação e atribuição causal”. Ao escrever sobre determinado passado, o imaginamos.

³³⁹ “Ela (a História) é uma ficção controlada, e sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado.” (2003, p. 58)

Aliás, ele afirma que a imaginação é essencial para a construção da própria História. Porém, também ressalta a necessidade de um raciocínio, de uma argumentação.

Fizemos esse breve comentário, acerca da imaginação e do ofício do historiador para concluir que, nesse trabalho, foi preciso imaginar o período, os sujeitos e os fatos.

A repetição do tema/assunto “General Tibúrcio” nesses documentos - utilizados aqui como fontes históricas - não evidenciam a importância do tema, mas sim evidenciam que, em determinados momentos, certos grupos desejaram conferir importância a tal tema, no caso, a uma pessoa.

Tibúrcio foi muito adjetivado. Uma enxurrada de adjetivos que buscavam dar conta de resumir a sua significativa figura. Era bravo, intrépido, vivo, sagaz, entusiasta, colérico, vaidoso, valente e herói-soldado. Os adjetivos buscavam delimitar quem era Tibúrcio.

Buscamos fazer, ao longo da dissertação, o que a historiadora Aleida Assmann denomina de “topografia da memória”. Compreendemos que a memória se forma a partir do presente e dos sujeitos envolvidos, em conexão com suas expectativas de futuro.

Mapas são instrumentos de leitura de determinada situação (seja geográfica ou climática). Para o paralelo com a questão da memória, pensamos em mapas construídos a partir, justamente, das demandas de quem constrói e promove uma memória. A vida do militar cearense Tibúrcio Ferreira de Sousa - o General Tibúrcio - foi traçada como um mapa, dependendo de quem o traçou, determinados aspectos ganharam relevância, dependendo de quando se traça também aparecem contornos diferentes.

Além disso, podemos falar também que as memórias são construídas a partir de alguns eixos: sujeitos, suportes e lugares. No caso da memória em torno do “herói cearense”, trouxemos alguns dos muitos sujeitos que estiveram à frente da eleição e perpetuação da memória do general.

Chamamos esses sujeitos de “empreendedores da memória”, já que eles estiveram envolvidos no processo que buscava tornar imperecível a existência do General Tibúrcio.

Podemos chamar atenção para alguns aspectos, que foram concluídos a partir da análise desses sujeitos. Primeiro, os grupos envolvidos em homenagear aquele general, logo após a sua morte, eram sujeitos da elite. Dentre eles, destacamos a presença de muitos intelectuais, mas também uma enorme quantidade de militares.

Porém, a partir da análise das fontes, percebemos que existiu uma intenção de que essa homenagem fizesse parte do cotidiano dos demais cearenses. Concluímos isso a partir das

falas dos sujeitos que já citamos, dos jornais, sobretudo o Libertador, e, também, das comemorações realizadas em praça pública. O intuito era que esse herói fosse reconhecido não somente entre os intelectuais, mas entre o povo em geral.

Além da análise sobre os sujeitos, buscamos conferir um olhar especial para os suportes de memória utilizados. A própria natureza deles diz muito sobre as intenções de quem rememora. Uma das dificuldades de pensar a construção desse personagem foi justamente a enorme quantidade de suportes onde ele foi tema central ou foi lembrado. Elencando de forma mais geral, temos: estátuas, praças, jornais, revistas do Instituto Histórico, peças no Museu Histórico do Ceará e biografias.

São vários tipos de fontes históricas, cada uma com suas particularidades, tanto na forma quanto no seu conteúdo. Porém, ao mesmo tempo em que esse fato surgiu como dificuldade, foi também uma possibilidade de mostrar “os trabalhos da memória” acontecendo a partir de diversos mecanismos e em lugares distintos, além de evidenciar como a memória sobre um mesmo sujeito foi construída através de diversos suportes.

Além dos sujeitos e suportes, também destacamos os lugares. Durante a construção da memória desse sujeito, o seu lugar de nascimento aparece marcadamente nas narrativas tecidas sobre ele. Quando nos referimos ao local de nascimento, falamos no Ceará, mas também em Viçosa do Ceará, seu município natal. Não foi à toa a denominação “filho da pátria”, que utilizamos no título e explicamos na introdução da dissertação. A construção desse herói esteve intimamente relacionada ao Ceará.

Quando se elegem heróis, eles não são escolhidos à toa. Essa é uma assertiva que fomos repetindo em diversas passagens da pesquisa. Nesse caso, repetimos para evidenciar que cearenses elegem heróis do Ceará, brasileiros heróis do Brasil e etc. E isso vale também para os grupos: movimentos feministas elegem heroínas feministas, movimentos dos trabalhadores sem-terra elegem algum trabalhador sem-terra.

Outro fator que não podemos deixar de trazer à tona é que esse sujeito escolhido para ser um dos heróis cearenses (brasileiros) da Guerra do Paraguai também foi fruto de seleções. Como já foi discutido na dissertação, a Guerra contra o Paraguai contou com muito brasileiros e nem todos eram antigos militares do Exército. Em um artigo muito interessante sobre essa guerra na Revista da Biblioteca Nacional³⁴⁰, Leslie Bethell trata da guerra e, dentre as discussões, ressalta como os brasileiros entraram, de fato, nos campos de batalha.

³⁴⁰ Revista da Biblioteca Nacional. Ano 7, número 79, Abril de 2012.

O título do artigo retrata bem a ideia: “Todos contra o Paraguai”. Esse “todos” eram, Brasil, Uruguai e Argentina, mas também toda a população. Segundo ele, o Brasil aumentou o exército regular, o recrutamento obrigatório na Guarda Nacional, o alistamento de escravos, além da formação dos chamados “corpo de voluntários”. Não obstante, os heróis da guerra, nas memórias oficiais e escritas da História, são os militares. O Ceará tinha seus exemplares.

Por mais que o General Tibúrcio fosse um herói militar também, a exaltação de sua figura se dava de uma maneira mais geral, mais abrangente, ao receber a denominação de herói cearense e, por vezes, herói nacional. São, portanto, intenções diferentes, mas que se complementam.

Como tratamos, ao longo dos três capítulos, General Tibúrcio foi exaltado pela sua participação na vitoriosa guerra, porém outros feitos passaram a ser atribuídos a ele com o passar dos anos e o surgimento de novas homenagens. A sua face “herói-militar, soldado” passou a ser uma das faces desse chamado herói, em que encontramos também, o “Tibúrcio Pensador”, o “Tibúrcio Abolicionista”.

Os heróis são polimorfos. Como diz Raoul Girardet, a “figura vai modificar-se ao capricho dos jogos ambíguos da memória, de seus mecanismos seletivos, de seus rechaços e de suas amplificações”. (1989, p. 72). São projeções feitas a partir da vida de um sujeito por outros sujeitos, que olham para o passado a partir do seu presente, e em diálogo com suas expectativas de futuro.

FONTES

Jornais:

“Libertador”:

Anos 1887 e 1888. “Coluna: Monumento Tibúrcio” / “24 de Maio” / “Batalha de Tuyti”.

“Gazeta do Norte”:

9 de abril 1888. Discurso pronunciado por ocasião da inauguração da estátua (6 de abril de 1888.)

24 de abril de 1888. “General Tibúrcio”. João Brígido

“Constituição”:

8 de abril de 1888. Inauguração. Discurso- “Ao pé da estátua do general Tibúrcio” 11 de abril de 1888. – R. Belfort T. Sobrinho.

“Pedro II”:

15 de abril de 1888/ 17 de maio de 1888.

“Gazeta de Notícias”:

Crônica. “General Tibúrcio” – 1929- Eusébio de Sousa. / “Arquivo de João Brígido- 1929- Cartas de Tibúrcio”. / A mobília de Tibúrcio. 1 de outubro de 1933.

“Cearense”:

8 de abril de 1888.

Anos 1889 e 1890: A República/ Para o Povo/ A Nova Era.

“A Rua”:

10 de março de 1933.

“Gazeta Nacional” - Rio de Janeiro:

24 de dezembro de 1887/ 1 de janeiro de 1888/ 22 de janeiro de 1888.

Locais de consulta:

Biblioteca Pública Menezes Pimentel - Setor de Microfilmagem.

Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional) Site: <http://hemerotecadigital.bn.br>

Praças e Monumentos

Praça General Tibúrcio 1887/Monumento Tibúrcio. (Fortaleza-CE) 1888.

Praça General Tibúrcio/ Estátua General Tibúrcio (Viçosa-CE) 1898.

Publicações.

BRÍGIDO, João. Ceará. Homens e Fatos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. 1ª edição 1919.

GALENO, Juvenal. Lendas e canções populares. Fortaleza: Edições UFC, 1965.

SOUSA, Eusébio de. Os monumentos do estado do Ceará. Referência histórico-descritiva. Fortaleza: Secretaria da cultura do Estado do Ceará/ Museu do Ceará, 2006. Páginas 26 a 33 e 80 e 81. (Coleção Outras Histórias, 36) 1ª edição 1932.

_____. “Tibúrcio, O Grande Soldado e Pensador”. Fortaleza, Edições UFC, 1985. Edição Especial. (Livro.) 1ª edição 1937.

_____. Boletim do museu histórico do Ceará. (1935, 1936) Fortaleza, CE: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceara, 2006. Ed Fac-Similar (org.)

STUDART, Guilherme. Datas e factos para a história do Ceara. ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Tomo II. Páginas 352 e 356 a 360. (Biblioteca Básica Cearense)

_____. “Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa (General) - Dicionario bio-bibliographico cearense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1980. Anos 1910, 1913,1915.

Local: Obras Especiais. Biblioteca de Humanas. Universidade Federal do Ceará.

Relatório de Ildefonso Albano, Intendente Municipal de Fortaleza, 1914.

Local: Biblioteca Pública Menezes Pimentel- Setor de Obras raras.

VIANNA, Lobo. “General Tibúrcio de Souza” (Narrativa Histórica) In: Guia Militar- 1897. Site:<< <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242977>.>>

Revista do Instituto Histórico do Ceará.

CD-ROM Revista do Instituto do Ceará. (1887 a 2004)

VIANNA, Lobo. “General Tibúrcio de Souza” (Narrativa Histórica) In: Guia Militar- 1897- Transcrito na Revista do Instituto do Ceará. TomoXXVII-1913.

FONSECA, Júlio Cezar da. - “Discurso pronunciado por ocasião da reinauguração da estátua. Tomo XXXIV-1920.

STUDART, Guilherme. Datas e factos para a história do Ceara.

SOUSA, Eusébio. Monumentos do Estado do Ceará.

_____. “Pela História do Ceará.” Tomo. LI-1937.

“O General Tiburcio. Traços Principaes” Tomo XXXV -1921. (Sem autor definido)
“Ephemérides do Ceará Republicano”

Imagens.

Tela “General Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa”. Pintor: J. Carvalho. 1935
(Acervo Museu Histórico do Ceará.)

Objetos.

Mobília General Tibúrcio. (Acervo do Museu Histórico do Ceará)

Decreto n. 643. Capítulo VI: Do Museu Histórico. 20 de junho de 1932.
Decreto n. 479. 03 de fevereiro de 1932.

Diário Oficial da União - Seção 1 - 23/9/8193, Página 19656 (Publicação Original) /
<<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-472-12-agosto-1937-556369-publicacaooriginal-76206-pl.html>>>

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- _____. **História de uma coleção: Miguel Calmon e o Museu Histórico Nacional**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.2 p.199-233 jan./dez. 1994.
- _____. **Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.7, n.14.1994. (Páginas 205-230)
- ACHUGAR, Hugo. **El lugar de la memoria, a propósito de monumentos**. In: Monumento, memoriales y marcas territoriales. (org) Elizabeth Jelin e Victoria Langland. Madrid. Siglo XXI de España Editores, S.A. 2003.
- ALBIERI, Sara. **História Pública e consciência histórica**. In: ALMEIDA, Juniele. R; ROVAI, Marta. G. (org.) Introdução à História Pública. São Paulo. Letra e Voz. 2011.
- ANDERSON, Benedict R. O'G. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Marcos Pereira. **A retirada da Laguna e seus autores**. In: Uma batalha simbólica: Memória da retirada da Laguna no contexto de profissionalização do Exército Brasileiro (1906-1930). Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Grande Dourados. 2006.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BANN, Stephen. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.
- BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura e Desporto, 2002.
- BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Introdução/ Um Barão no Ceará**. In: “Arquivos de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart. (1892-1938) Tese de Doutorado em História. Universidade Federal do Ceará, 2014.
- BAZCKO, Bronislaw. **“A imaginação social”** In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BETHELL, Leslie. **Todos contra o Paraguai**. Revista da Biblioteca Nacional. Ano 7, nº 79, abril 2012.

BONAFÉ, Luige. **Como se faz um herói republicano. Joaquim Nabuco e a República**. Tese de Doutorado. Defendida da Universidade Federal Fluminense. 2008.

_____. **Um herói em dois tempos: apontamentos para uma história da memória sobre Joaquim Nabuco**. In: Martha Abreu; Rachel Soihet; Rebeca Gontijo. (Org.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

BORDIEUR, Pierre. **Ilusão Biográfica**. In: FERREIRA, Marieta Morais e AMADO, Janaína (org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CAPELTO, Maria Helena. **Imprensa na República: uma instituição pública e privada**. In: SILVA, Fernando Teixeira da; NAXARA, Márcia R. Capelari; CAMILOTTI, Virginia C. *República, liberalismo, cidadania*. Piracicaba, SP: Ed. UNIMEP, 2003.

CARDOSO, Gleudson Passos. **“Adesistas de platão”: O Centro Republicano Cearense e a Eloquent Imprensa “de última hora” durante os primeiros anos do novo regime (1889-1892)**. XXIV Simpósio Nacional de História- ANPUH. 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. 2014.

CASTRO, Celso. **Inventando Tradições no Exército Brasileiro**. In: *Exército e Nação: Estudos sobre a História do Exército Brasileiro*. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2012.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra, 2001. Coleção Opúsculos.

_____. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. Fortaleza: SECULT, Museu do Ceará, 2005.

_____. **Introdução**. In: *O Céu da memória. Cemitério Romântico e Culto Cívico dos mortos. (1756-1911)* Livraria Minerva Editora. Coimbra, 1999. Coleção Minerva-História.

_____. **Ensaio Respublicano**. Lisboa. Portugal. Relógio D'Água Editores. Ensaios da Fundação. 2011.

_____. **Ainda será a História Mestra da Vida.** In: RIOS, Kênia Sousa; FURTADO FILHO, João Ernani. Em tempo: história memória educação. Fortaleza, CE: Imprensa Universitária, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica.** In: A escrita da história. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CEZAR, Temistocles. Prefácio. **A constituição de um panteão de papel.** In: OLIVEIRA, Maria da Glória de. Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2011.

CHERNAVSKY, Analía. **A construção dos mitos e heróis do Brasil nos hinos esquecidos da Biblioteca Nacional.** Biblioteca Nacional. 2009.

DEPAULE, Jean-Charles. TOPALOV, Christian. **A cidade através de suas palavras.** In: BRESCIANI, Maria Stella. (org) PALAVRAS da cidade. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.

ENDERS, Armelle. **Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. **A imprensa em pauta: entre as contendas e paixões partidárias dos jornais Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. 2004.** Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará, 2004.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de Si, escrita da História: a título de prólogo. / Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre.** In: (org) _____. Escrita de Si. Escrita da História. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

_____. **História e historiadores.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **Nação e Civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional.** Rio de Janeiro, Estudos Históricos, n.1, 1988.

_____. **Vendo o passado: representação e escrita da história.** Anais do Museu Paulista. São Paulo. V. 15 n 12 p 11-30. Jul-dez 2007.

_____. **Expondo a História: imagens construindo o passado.** In: GUIMARÃES. Manoel Luiz Salgado. RAMOS, Régis Lopes. (org) Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Expressão Gráfica e Editora, 2010.

HITE, Katherine. **El monumento a Salvador Allende em el debate político chileno.** In: Monumento, memoriales y marcas territoriales. (Org.) Elizabeth Jelin e Victoria Langland. Madrid. Siglo XXI de España Editores, S.A. 2003.

HOLANDA, Cristina Rodrigues. **A construção do templo da história Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932-1942)** Dissertação-História Social. Universidade Federal do Ceará, 2004.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Madrid y Buenos Aires: Siglo XXI Editores. 2002.

_____. LANGLAND, Victoria. (org) **Monumento, memoriales y marcas territoriales.** Madrid. Siglo XXI de España Editores, S.A. 2003.

KNAUSS, Paulo. **As formas da imaginária urbana. Escultura pública no Brasil.** XXII Simpósio Nacional de História- ANPUH, João Pessoa, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. 3ª reimpressão, 2008.

LEJUNE, Philippe. **O Pacto autobiográfico. De Rousseau a internet.** Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** In: Projeto História, n.17. Novembro de 1998.

MALATIAN, Teresa Maria. **A biografia e a História.** In: Cadernos CEDEM. V. 1, n.1 2008.

MENESES, J. N. C. **Memória e historicidade dos lugares: uma reflexão sobre a interpretação do patrimônio cultural das cidades.** In: Flávia Lemos Mota de Azevedo;

João Ricardo Ferreira Pires; Leandro Pena Catão. (Org.). Cidadania, memória e patrimônio. As dimensões do museu no cenário atual. 1ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2009, v. 1, p. 32-45.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público**. Estudos Históricos, 1998 -21.

_____. **Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço Provisório, propostas cautelares**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, nº 45, pp.11-36- 2003.

_____. **O museu e a questão do Conhecimento**. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. RAMOS, Régis Lopes. (Org.) Futuro do Pretérito: Escrita da História e História do Museu. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Expressão Gráfica e Editora, 2010.

MUSEU do Ceará. Fortaleza, CE: SECULT, 2010.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza, CE: NUDOC, 2006.

NOBRE, Geraldo. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Edição fac-similar. Fortaleza, CE: NUDOC, 2006.

NORRA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. In: Projeto História, n.10, São Paulo, PUC-SP. 1993.

_____. **“O retorno do fato”**. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novos problemas. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto do Ceará e a emergência de uma narrativa historiográfica**. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, v. 118, p. 271-280, 2004.

_____. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará- Memória, representações e pensamento social. (1887-1914)** Tese de Doutorado. Pontífica Universidade Católica de São Paulo. 2001.

_____. **Uma Pátria Chamada Ceará: História, Civismo e Republicanismo**. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. História da educação: republica, escola e religião. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2012.

OLIVEIRA, Ana Amélia Rodrigues de. **Juntar, separar, mostrar: memória e escrita da História do Museu do Ceará. (1932-1976)**, Fortaleza. Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A construção do herói no imaginário brasileiro de ontem e de hoje.** In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; RODEGHERO, Carla Simone. História cultural: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. **A questão nacional na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

_____. **As Festas que a República Manda Guardar.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.4, 1989.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista.** Rio de Janeiro. Editora FGV. 2011.

ORIÁ, Ricardo. A História em praça pública. **Os monumentos históricos de Fortaleza (1888-1929).** Primeiros Escritos, nº7- julho de 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Imagem, memória e sensibilidade: territórios do historiador.** In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens na História. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. **Mudanças Epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar.** In: _____. RODEGHERO, Carla Simone. História cultural: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p 3-15.

POMIAM, Krzysztof. História Cultural. **“História de los semióforos”** In: RIOUX, Jean Pierre e SIRINELLI, Jean François (org.). Para uma História Cultural. México. Editorial Taurus, 1999.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História.** Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2008.

RAGO, Margareth. **“O Historiador e o tempo”** In: ZAMBON, Ernesta. (Org.) Quanto tempo o tempo tem! Campinas. SP. Editora Alinea. 2005.

RAMOS, Regis Lopes. **Esquecer para lembrar, lembrar para esquecer.** In: Os Monumentos do Estado do Ceará: Referência histórico-descritiva, Eusébio de Sousa. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará/ Museu do Ceará. 2006 - Coleção Outras Histórias.

_____. **Entre a poeira e o silêncio. Sobre exposições e construções da memória no Museu do Ceará (1932-1997).** Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.19. n.1. p. 165-187. jan.- jun. 2011.

_____. **A Danação do objeto: o museu no ensino de história.** Chapecó, SC: Argos, 2004.

_____. **A poeira do passado. Tempo, saudade e cultura material.** Fortaleza. Imprensa Universitária, 2014.

_____. SILVA FILHO, Antônio Luiz. **Apresentação.** In: (org) Francisco Regis L. Ramos e Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho. Fortaleza. Núcleo de documentação Cultural. UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

RICOUER, Paul. A Memória Exercitada: **Uso e Abuso.** In: A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos. A sua essência e a sua origem.** 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RIOS, Kênia Sousa; RAMOS, Régis Lopes. **O cultivo da lembrança no multiculturalismo: além da memória, mas aquém da História.** In: FUNES, Eurípedes Antônio; LOPES, Francisco Régis; RIBARD, Franck Pierre Gilbert; RIOS, Kenia Sousa. África, Brasil, Portugal: história e ensino de história. Fortaleza, CE: UFC, 2010.

RODRIGUES SILVA, Ana Carolina. **“Nomadismo do Museu do Ceará na Cidade de Fortaleza”.** XII Encontro Estadual de História do Ceará. 2010.

RODRIGUES SILVA, Ana Carolina. **“Nomadismo do Museu do Ceará na Cidade de Fortaleza”.** XII Encontro Estadual de História do Ceará. 2010.

RODRIGUES, Marcelo Santos. **Guerra do Paraguai: os caminhos da memória entre a comemoração e o esquecimento.** Tese de Doutorado. História Social. USP. São Paulo. 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado.** In: _____. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: Trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação.** Anos 90, Porto Alegre, n.6, dezembro de 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Apresentação.** In: ANDERSON, Benedict R. O'G. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. **Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso.** In: HISTÓRIA da vida privada no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. (História da vida privada; v.3)

SILVA E FILHO, Antônio Luiz Macedo e. **Fortaleza: imagens da cidade.** 2.ed. Fortaleza, CE: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceara, 2001.

_____. **A Cidade e o Museu: possíveis encontros.** In: GUIMARAES, Manoel Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes. Futuro do pretérito: escrita da história e história do museu. Fortaleza, CE: Expressão Gráfica e Editora, 2010.

SOUZA, Adriana Barreto. **A República entre Osório e Caxias: celebrações, memória e história.** In: (org) Francisco Regis L. Ramos e Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho. Fortaleza. Núcleo de documentação Cultural. UFC/ Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

SOUZA, Maria Regina Santos de. **Impactos da “Guerra do Paraguai” na Província do Ceará (1865-1870).** Dissertação em História - Universidade Federal, Fortaleza-CE, 2007.

TODOROV, Tzdevan. **Los abusos de la memoria.** Ediciones Paidós Ibérica, S.A. Barcelona. 2008.